UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Entre o acolhimento e os patamares de aprendizagem: o tecer da rede na construção do território CIEJA CL

DIEGO ELIAS SANTANA DUARTE

Presidente Prudente/SP
Outubro/2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Entre o acolhimento e os patamares de aprendizagem: o tecer da rede na construção do território CIEJA CL

DIEGO ELIAS SANTANA DUARTE

ORIENTADOR: PROF. DR. NÉCIO TURRA NETO

Tese de doutorado elaborada junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia - Área de Concentração: Produção do Espaço Urbano, para obtenção do Título de Doutor em Geografia.

Presidente Prudente/SP

Outubro/2023

D812e

DUARTE, DIEGO ELIAS SANTANA
Entre o acolhimento e os patamares de aprendizagem : o tecer da rede na construção do território CIEJA CL / DIEGO ELIAS SANTANA DUARTE. -- Presidente Prudente, 2023
323 p. : tabs., fotos, mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente
Orientador: NÉCIO TURRA NETO

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Projeto Educacional Territorializado. 3. Educação e Território. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Presidente Prudente

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: Entre o acolhimento e os patamares de aprendizagem: o tecer da rede na construção do território CIEJA CL

AUTOR: DIEGO ELIAS SANTANA DUARTE
ORIENTADOR: NECIO TURRA NETO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em Geografia, área: Produção do Espaço Geográfico pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. NECIO TURRA NETO (Participaçao Presencial)
Departamento de Geografia / Unesp/FCT - Campus de Presidente Prudente

Prof. Dr. JOÃO OSVALDO RODRIGUES NUNES (Participaçao Presencial)
Departamento de Geografia / Unesp/FCT - Câmpus de Presidente Prudente

Prof. Dr. EDUARDO DONIZETI GIROTTO (Participaçao Virtual)
FFLCH / USP/São Paulo (SP)

Prof. Dr. DIVINO JOSÉ DA SILVA (Participaçao Presencial)
Departamento de Educação / Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente - FCT/Unesp

Profa. Dra. IRACEMA SANTOS DO NASCIMENTO (Participaçao Virtual)
Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação / Faculdade de Educação / Universidade de São Paulo - USP

Presidente Prudente, 25 de agosto de 2023

wúre àwúre

Bó kún súré àjàlá

Òjísé t'ayó

Olóri nşe èrò èrò

Tradução:

Que baba Ajala, o modelador de cabeças,

0 abençoe nosso Ori com muita calma para que nós alcancemos a felicidade.

Que nosso pai Oxalá nos abençoe no dia de hoje !

Epa Epa Babá

Aho bo boy!

Nasci em 15 de março de 1969 em Itaquaquecetuba. sou descendente de escravos e de indígena. Meu pai é baiano e minha mãe espanhola. Os meus avós de pai eram uma negra descendente de escravos e outro indígena, a minha mãe veio da Espanha em um navio clandestino junto com os meus avós maternos. Ela se casou com meu pai e teve seis filhos. Quando eu tinha dois anos e minha irmã mais velha tinha 12, ela colocou veneno na nossa comida e foi embora, minha madrinha nos salvou. Meu pai nos criou só até os oito anos, eu quis estudar, mas sempre fui muito pobre. Não tinha uniforme para ir à escola. Mas um dia ganhei um uniforme e meu pai me levou para escola, só que eu não tinha sapato e o da minha irmã era muito grande. Eu fui só três dias para a escola, no quarto dia a professora me colocou para fora da escola. Aquele dia eu me senti o resto do resto, chorei muito, fui para casa e contei para o meu pai, ele falou que ia me ensinar a ler o que ele sabia. Daí em diante, trabalhei de tudo e voltei para a escola aos 16 anos. Trabalhava muito e não sentia falta de ler. ***O tempo passou. Quando alguém me chamou de analfabeta eu descobri que precisava estudar e no CIEJA CL tive a cura para as minhas feridas...***

IVANILDE SILVA,
ex-educanda do
CIEJA CL
(relato em trecho de
abertura do PPP do
CIEJA CL).

Aos nossos momentos…

Reconheço que o importante não foram somente as pessoas. Agradeço, portanto, aos momentos que passei ao lado das pessoas às forças sobrenaturais, às forças do lugar, à rua, à encruzilhada, ao beco, à viela, ao palco, à cena, à mesa do bar, a videoconferência, aos jardins, aos corredores, à poesia, ao verso, à crônica ao textos e contextos no entrelaçamento da encruzilhada da vida, todos os elementos convergindo como essenciais no pensar a Educação de Jovens e adultos, tal qual o próprio partilhar a vivência de alguma maneira deste conteúdo.

Agradeço aos infinitos momentos na floresta com seu solo sagrado me curando em meu caminhar, que permitiu ter no presente sempre visitas para pensar no futuro.

Ao Terreiro de Umbanda Caboclo Sete Flexas que em minha primeira experiência espiritual pode me acolher de braços abertos, com o mundo de aruanda, ao Terreiro Ponto de Luz que quando estava em sua presença, desde os momentos de aflição, aos incríveis momentos da espiritualidade coletiva, sentia a necessidade de vivência em um espaço de aprendizado ancestral.

Agradeço ao encontro do Hunkpame Avejida Dan Oyá, mais conhecido como o Candomblé da Roça do Vagedo, com Doné Neide em sua linha de frente matriarcal, que a partir de uma desorientação inicial pude achar o caminho do rio, da terra, da construção coletiva do asè, da territorialização espiritual de Daomé em solo brasileiro.

Ao AJPP- CECA Direção do Mestre Pé de Chumbo e na coordenação da Mestra Dedê, um importante reduto das tradições angoleiras de Mestre João Pequeno de Pastinha, e do próprio Mestre Pé Chumbo em São Paulo. Agradeço a Mestra Dedê que entendeu minhas ausências e me mostrou o seu amadurecimento no maestrar da Capoeira, colocando a necessidade de guardar e espalhar a semente para o continuar da linhagem.

Aos alunos e professores do curso de meio ambiente, que nas quintas insanas, nas quartas terapêuticas, nos trabalhos de campo e no bar do Ed fazem o *ambiente descontraído* de pensar o amanhã na diversidade socioambiental.

Agradeço à Carolina de Paula T. Duarte, minha companheira que me completa nos caminhos geográficos, que me auxiliou para que este trabalho saísse e geradora dos meus descendentes carnais Aruanã T. Duarte e Zuri Elias T. Duarte e espirituais Primogênito e Odara Mariô e ao fato dos quatro segurarem meu corpo e mente em terra olhando para o futuro.

À Marcela Markê que nos diálogos truncados e em seus conselhos me faziam repensar o enfrentar a realidade e tornou possível a calma para produzir este texto.

À todos e todas aqueles guerreiros e guerreiras que fazem ou fizeram parte do projeto CIEJA na cidade de São Paulo, uma rede fértil num lugar único na luta pela Educação de Jovens e Adultos.

Pelo tempo distante carnalmente dos meus pais, vejo o quanto os agradeço por darem a melhor educação para os seus três filhos e o quanto trago no dia-a-dia os seus ensinamentos…esses são para a vida. Agradeço à comunidade CIEJA CL[1] representada na figura dos educandos e seus familiares, nos (as) funcionários (as) do administrativo, aos (as) professores (as), à equipe de apoio, às colaboradoras das empresas terceirizadas, ao pessoal do TEG, à vizinhança, à todos e todas que diariamente vivem, fazem, rezam, oram e lutam pelo CIEJA CL.

[1] Gosto de apontar sempre no coletivo, por entender que todas as pessoas me ajudaram de alguma maneira com suas visões sobre o que é estar e viver o CIEJA CL, por isso expresso aqui a gratidão para às pessoas que já passaram pelo centro, da mesma forma nomeio as pessoas que estão no centro este ano representando o servir a comunidade Ciejenses em 2023: Acacio Batista, Alexandre Amorim, Alexandre Araújo, Alzira Luci, Ana Karina, Ana Lúcia Nogueira, Ana Lúcia, Ana Patrícia, André Moreira, Andressa dos Santos, Antonio da silva, Cristina Fonseca, Dennis Zagha, Diana Sales, Elaine Cristina, Erika, Eliete Barreto, Fabiana de Assis, Flávia Diniz, Fátima, Gabriel Squara, Jair Jorge, Jesuíno Borges, João Nakacima, Kátia Alberisce, Kátia Cris, Kelly Santos, Lorisse Abrahão, Lucas Francisco, Luciana de Jesus, Luiz Rodrigues, Marcela, Maria Eunice, Mario Xavier, Maristela Oliveira, Marta Oliveira, Magali, Paola Russano, Patrícia Garcia, Rodrigo Martins, Rodrigo Pacheco, Rubens Baldini, Samara Annanias, Samira Ferreira, Sandro, Sueli Paula, Tânia Mara, Jaime Reis, Severino Ramos, Edicláudio Costa, Eliana Silva, Cristiano Damaceno, Saturnino, Davi.

Aos parceiros e parceiras das redes e das instituições que com trabalho colaborativo de atendimento à nossa comunidade propagam o nome do CIEJA CL aos quatro ventos do Brasil e do mundo.

À aliança Rebelde que proporciona momentos seguros de escuta e compartilhamento, risadas e admirações, só quem está sabe…

À Rizia Mares que o compartilhar do ser “baiano” e de poder “*mangar e bulir*” com os percalços da pós-graduação que para pessoas negras, periféricas e com nossa ancestralidade africana é necessária/obrigatória uma rede de apoio.

Ao meu orientador Prof. Dr. Nécio Turra Neto que após contribuição incrível na banca de defesa do meu mestrado comprou o meu sonho de continuar a pesquisa. Agradeço sua paciência, aos nossos diálogos que eram verdadeiras aulas de como extrair “leite de pedra”, a sua dedicação em me entender, inicialmente com a incrível estratégia de diálogos por meio de representações gráficas e as compreensões dos prolongados silêncios de minha parte.

Ao Prof. Dr. Divino José da Silva que, em 2006, fez o esforço de orientar o grupo de pesquisadores do Núcleo Negro da Unesp de Pesquisa e Extensão (NUPE), do qual fazia parte, às suas contribuições ao grupo de pesquisa sobre Foucault, à sua paciência com o trâmite burocrático, movimentos que fizeram a diferença em minha trajetória acadêmica e que agora faz parte da avaliação deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Eduardo Girotto[2] que além do partilhar da disciplina *Saberes Docentes, Ensino de Geografia e Formação de Professores,* desenvolvida no primeiro semestre de 2020 na FFLCH no departamento de pós-graduação em Geografia na USP, mesmo sendo realizada à distância durante o primeiro semestre de 2020 na pandemia, me mostrou a importância da escrita do professorado para um movimento de autorreflexão sobre a prática docente, o

[2]A partir da disciplina marquei uma conversa com o Professor Girotto, o mesmo em sorrisos se mostrou instigado a conhecer a história do CIEJA CL a partir da minha narração e nesse momento, logo após vivermos na disciplina relatos de professores em seus processos de pesquisa, tomei a decisão de não desistir do doutorado frente à pandemia e partilhar de maneira textual minhas experiências.

relato do viver nas escolas, assim como a oferecer elementos para a análise coletiva.

Ao Prof. Dr. Roberto da Silva, na disciplina Pedagogia Social ministrada no primeiro semestre de 2020 pela Faculdade de Educação da USP que compartilhou sua incrível história de superação[3], seu campo de pesquisa dentro da pedagogia social, os convênios com países africanos e sul-americanos, assim como seu trabalho interdisciplinar dentro de presídios, ou em outras instituições, demonstrando o quanto a universidade pode estar a serviço dos excluídos.

Agradecimentos especiais aos professores Girotto, Divino, Iracema e João Osvaldo e ao meu orientador Nécio que foram muito generosos, criativos e condutores dos caminhos finais desta tese e que fizeram do momento da banca de qualificação e da defesa uma aula coletiva de orientação, permitindo que minha escrita fluísse como um rio em direção ao mar[4].

Wvy pelo auxílio nos dados da EJA.

Às minhas ancestralidades carnais, em especial meus pais e avôs das duas linhagens, que tinham no estudo admiração distante, pois o trabalho na lavoura ou na feira os distanciava do mundo das letras e dos números.

À minha família e a família da minha companheira que tornaram-se rede de apoio importante para cuidar dos meus filhos na reta final deste trabalho.

Aos “Rolês” de bicicleta que foram meus olhos pelo mundo das “quebradas”.

À Dona Eda, Tia Eda, companheira que viu em mim o que nem eu mesmo via, que acreditou em meus sonhos, na minha vontade de aprender e pode confiar em mim a sua vida, o seu coração que é o CIEJA CL ao longo dos seus últimos 20 anos à frente deste sonho.

---

[3] Ver a reportagem **De interno na Febem a doutor em Educação na USP: conheça a história de Roberto da Silva, *in:*** https://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/09/11/de-interno-da-febem-doutor-em-educacao-na-usp-conheca-historia-de-roberto-da-silva/. Acesso em 26/12/2022.

[4] Em alusão aos momentos de banca com textos implicados, Baitz (2017) nota 04 na p. 29 e p. 41.

À Milena Micose, que mostrou que independente do partido, o legado paulofreiriano deve ser pontuado, estudado e difundido como embasamento da educação de jovens e adultos e que a articulação visando a formação e a prática pedagógica deve ser o horizonte que todos nós temos que ter.

Aos companheiros e companheiras da DIEJA entre 2019/2023, que demonstraram carinho, companheirismo e camaradagem ao potencializar o trabalho nos CIEJA's neste período.

Resumo

Este trabalho tem como intuito estudar o Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos Campo Limpo, situado na zona sul do Município de São Paulo, como alternativa para a EJA na cidade, enquanto potência criativa e inovadora na educação, a partir de uma proposta de educação pública, territorializada, popular, comunitária, social e cidadã. A partir desse contexto inicial temos como questão principal apreender como o Cieja CL sobrevive, como resiste perante os tensionamentos impostos dentro das dificuldades e precariedades enfrentadas cotidianamente, utilizando como recorte temporal a abertura do Cemes, em 1993 até o momento de realização da pesquisa, em 2022. O objetivo geral é identificar como os sujeitos da comunidade Cieja CL (gestão, professores, funcionários, servidores, parceiros) constroem o centro enquanto território educativo (alternativo) de resistência, fazendo com que este se sustente no mundo.

Palavra-chave: Educação de Jovens e adultos, projeto educacional territorializado, educação e território.

ABSTRACT

The objective of this work is to study the Campo Limpo Integrated Youth and Adult Education Center, located in the south zone of the Municipality of São Paulo, as an alternative to EJA in the city, as a creative and innovative power in education, based on a proposal of public, territorialized, popular, community, social and citizen education. From this initial context, the main question is to apprehend how Cieja CL survived, how to resist in the face of tensions imposed within the difficulties and precariousness faced on a daily basis, using as a temporal cut the opening of Cemes, in 1993, and the moment of carrying out the research, in 2022. The general objective is to identify how the subjects of the Cieja CL community (management, teachers, employees, servants, partners) build the center as an educational (alternative) territory of resistance, making it sustainable in the world.

Keywords: Youth and adult education, territorialized educational project, education and territory.

Lista de siglas

COPED - Coordenadoria Pedagógica
DIPED - Divisão Pedagógica
DRE - Diretoria Regional de Educação
DIEJA - Divisão de Educação de Jovens e Adultos
EJA - Educação de Jovens e Adultos
SME - Secretaria Municipal de Educação
MOVA - Movimento de Alfabetização
CEMES - Centro Municipal de Ensino Supletivo
CIEJA - Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos
Unicsul - Universidade Cruzeiro do Sul
USP - Universidade de São Paulo
UNESP - Universidade Estadual Paulista
ETEC - Escola Técnica Estadual
CL - Campo Limpo
CH - Ciências Humanas
LC - Linguagens e Códigos
CN - Ciências da Natureza
MA - Matemática e Artes (ensino lógico matemáticos e artísticos)
NAE - Núcleo de Ação Educativa

Lista de Tabela

Tabela 1 – Analfabetismo na faixa de 15 anos ou mais – Brasil – 1900-2000

Tabela 2 – Fluxo de matrículas – educação de jovens e adultos

Lista de Quadros

Quadro 1 − Entrevistas dos Ciejas − 2020/2021

Quadro 2 − Registros e o reconhecimento da prática pedagógica do Cieja CL – 2022-2023

Lista de Figuras

Decreto de criação do Cemes n. 32.930 de 1992

Figura 2 – Decreto nº 33.894/1993

Figura 3 − Dona Eda, como orientadora pedagógica educacional, e a primeira coordenadora-geral do Cemes, Marilucia Chacon − 1999

Figura 4 − Apostilas de Geografia do CEMES.

Figura 5 − A apresentação do roteiro de estudos com dicas de como interagir com o material

Figura 6 − Sala da Igreja Batista como sala de aula para o Cemes CL − 1999

Figura 7 − Um dos primeiros lanches comunitários − 1999

Figura 8 − O partilhar dos alimentos − 1999

Figura 9 − Primeira formatura do Cemes CL − 1999

Figura 10 − Segunda formatura do Cemes CL − 2000

Figura 11 – Aula-tema sobre localização

Figura 12 − Apostila confeccionada por professores, que complementava a formação dos alunos

Figura 13 − Índice do material confeccionado pelos professores da área de ciências humanas

Figura 14 − Primeiro Jornal do Cemes − 1999

Figura 15 − Uma das primeiras intervenções de contação de história no Cemes CL, com o ator João Acaiabe − 1999

Figura 16 − Sala de aula atual da Igreja Batista Vila das Belezas, que permanece com as mesmas características da época do Cemes Campo Limpo (1998-2001) − Março/2023

Figura 17 − Visita do grupo de professores mais antigos do Cieja CL às primeiras dependências do Cemes (1998-2001) − Março/2023

Figura 18 − Professores Jair (MA), Antônio (LC), Alexandre (CN) e Gabriel (CH) em visita, depois de 22 anos, à Igreja Batista, local de instalação do Cemes (1998-2001) − Março/2023

Figura 19 − Conjunto das principais informações do projeto de lei para a criação do Cieja na cidade de São Paulo

Figura 20 − Capa do projeto maio de 2008

Figura 21 − Escola Sarvodaya Vidyalaya − Kerala/Índia

Figura 22 − Universidade Swaraj − Rajasthan/Índia

Figura 23 − Universidade da Prisão − Jaipur/Índia

Figura 24 − Grupos de WhatsApp em que Dona Eda participa, sobre a diversidade de projetos existentes na Índia

Figura 25 − Questionário aplicado para os gestores dos 16 Ciejas da cidade de São Paulo − 2019/2020

Figura 26 – Mapa de Distribuição espacial dos Ciejas na cidade de São Paulo − 2020

Figura 27 − Mapa de Localização dos Ciejas em relação as 13 diretorias regionais de educação da SME/PMSP

Figura 28 − Mapa Distribuição dos Ciejas a partir do ano de inauguração

Figura 29 − Mapa Distribuição espacial dos Ciejas em relação aos governos municipais − 1996-2016

Figura 30 − Gestores dos centros e da SME/PMSP no I Seminário de Práticas dos Ciejas − 2019

Figura 31 − Foto da mesa principal do I Seminário de Práticas dos Ciejas − 2019

Figura 32 − Encontros formativos dos gestores dos Ciejas da rede municipal de ensino de São Paulo − 13/3/2020

Figura 33 − Reunião do grupo de gestores dos Ciejas em conjunto com a Dieja/SME para a confecção do primeiro livro dos centros

Figura 34 − Material de divulgação e registro da *live* de lançamento do livro *Ciejas na cidade de São Paulo: identidades, culturas e histórias* − 9/12/2020

Figura 35 − Os patamares de aprendizagem do Cieja CL − 2023

Figura 36 − Linha do tempo parte 1, confeccionada por educandos, professores e funcionários com o auxílio do grupo Slow Food da Política − 2018

Figura 37 − Linha do tempo parte 2, confeccionada por educandos, professores e funcionários com o auxílio do grupo Slow Food da Política − 2018

Figura 38 − Linha do tempo parte 3, confeccionada por educandos, professores e funcionários com o auxílio do grupo Slow Food da Política − 2018

Figura 39 − Linha do tempo feita pelos alunos e colocada nas paredes do piso verde − 2018

Figura 40 − Cartaz dos Valores do Cieja CL que fica na sala dos professores

Figura 41 − Certificado de participação no Programa Escolas 2030

Figura 42: CIEJA CL no Global Forum Schools 2030, na cidade de Porto em Portugal

Figura 43 – Grupo focal 1 – servidores(as), funcionários(as) terceirizados(as) e professores(as) do Cieja CL – realizado em 3/3/2023

Figura 44 – Grupo focal 2 – Educandos(as) do Cieja CL – realizado em 10/3/2023

Figura 45 – Grupo focal 3 – Redes de parceiros que têm o Cieja CL como centralidade e ponto nodal no território do Capão Redondo – realizado em 10/3/2023

Figura 46 – Esquema gráfico a partir do grupo focal 1 – professores(as), funcionárias(as) e terceirizadas(as) – questão-chave 1: O que faz o Cieja CL ser a escola que é? (na sua diferença, na sua potência)

Figura 47 – Esquema gráfico a partir do grupo focal 2 – educandos(as) – questão-chave 1: o que faz o Cieja CL ser a escola que é? (na sua diferença, na sua potência)

Figura 48 – Esquema gráfico a partir do grupo focal 3 – parceiros(as) – questão-chave 1: o que faz o Cieja CL ser a escola que é? (na sua diferença, na sua potência)

Figura 49 – Esquema gráfico a partir do grupo focal 1 – professores(as), funcionárias(as) e terceirizadas(as) – questão-chave 2: ocupando um prédio alugado, constantemente ameaçado de ser fechado pela SME no seu processo histórico, o que mantém o Cieja aberto, quais as forças que o sustentam?

Figura 50 – Esquema gráfico a partir do grupo focal 2 – educandos(as) – questão-chave 2: ocupando um prédio alugado, constantemente ameaçado de ser fechado pela SME no seu processo histórico, o que mantém o Cieja aberto, quais as forças que o sustentam?

Figura 51 – Esquema gráfico a partir do grupo focal 3 – parceiros(as) – questão-chave 2: ocupando um prédio alugado, constantemente ameaçado de ser fechado pela SME no seu processo histórico, o que mantém o Cieja aberto, quais as forças que o sustentam?

Figura 52 – Esquema gráfico a partir do grupo focal 1 – professores(as), funcionárias(as) e terceirizadas(as) – questão-chave 3: qual a importância do Cieja CL para o Capão Redondo, o Campo Limpo e a comunidade? E para os(as) estudantes? E para os(as) professores(as), servidores(as) e terceirizados(as)? E parceiros(as)?

Figura 53 – Esquema gráfico a partir do grupo focal 2 – educandos(as) – questão-chave 3: qual a importância do Cieja CL para o Capão Redondo, o Campo Limpo e a comunidade? E para os(as) estudantes? E para os(as) professores(as), servidores(as) e terceirizados(as)? E parceiros(as)?

Figura 54 – Esquema gráfico a partir do grupo focal 3 – parceiros (as – questão-chave 3: qual a importância do Cieja CL para o Capão Redondo, o Campo Limpo e a comunidade? E para os(as) estudantes? E para os(as) professores(as), servidores(as) e terceirizados(as)? E parceiros(as)?

Figura 55 – Visita do grupo de professores que entraram em 2001 às antigas dependências do Cemes CL, na Igreja Batista em Vila das Belezas

Figura 56 – Discurso do prof. Antônio, um dos mais antigos do Cieja CL, para a comunidade do centro nas atividades preparativas para o aniversário de 25 anos

Figura 57 – Prof. Antônio em conversa com a comunidade, explicando sua trajetória e a movimentação do Cieja CL ao longo dos seus 22 anos no centro

Figura 58 – Visita à exposição da trajetória do Cieja CL com especial foco nas ações do Cemes CL, mediada por professores que estão no centro há 22 anos

Figura 59 – Coordenadores(as)-gerais do Cemes/Cieja CL (1998-atualidade)

SUMÁRIO

Andar, viver e aprender, aprender a viver andando: Perambulações …	20
Capítulo 1 – O tema no caminho da ciência	58
1.1 - A EJA como processo de luta histórica	59
1.2 - A importância de Paulo Freire para este tema	67
1.3 - A Pedagogia Social como caminho possíveL	72
1.4 - A cidadania como processo reflexivo;	77
1.5 - Do território a territorialidade: a contribuição da leitura geográfica para a compreensão do fenômeno CIEJA CL;	83
Capítulo 2 – Do CEMES ao projeto CIEJA na cidade de São Paulo	86
2.1 - As diferentes formas de atendimento da EJA no município;	86
2. 2 - Surgimento de um novo projeto na cidade: A semente do CEMES;	90
2. 3 - O CEMES Campo Limpo, o enraizamento de um projeto	100
2.4 - Quem disse que não é possível? A importância de Eda Luiz para o projeto CEMES/CIEJA	114
2. 4.1 - A base de uma vida	115
2. 4.2 - Juntos somos mais fortes: a articulação como estratégia de sobrevivência	120
2. 4.3 - Criatividade como base para o laboratório da vida	127
Capítulo 03 - O universo CIEJA na cidade de São Paulo	131
3.1 - Espacialização dos CIEJA's na cidade de São Paulo	136
3.2 - Ação-reflexão-ação: O pesquisar e construir o fortalecimento do projeto CIEJA	142
3.3 - Diálogo com um grupo de gestores para apreensão da prática pedagógica diversificada do CIEJA na cidade	155
Capítulo 4 – Isto é uma escola? O CIEJA CL como potência na zona sul da cidade de São Paulo, um avanço geográfico!	160
4.1 - Que bom que você está aqui! Seja Bem-Vindo (a)!	160
4.2 - A linha do tempo como identidade e unidade de grupo;	190
4.3 - A concepção pedagógica como chave de um processo	194
4.3.1 - Valores	194
4.3.2 - Assembleias	

4.3.3 - Reuniões de sexta	196
4.3.4 - Extraclasse e diário de bordo	197
4.3.5 - Flexibilidade	198
4.3.6 - Agrupamentos produtivos	198
4.3.7 - Encontros	199
4.3.8 - Tema Gerador	200
4.3.9 - Apresentações de Rodízio	200
4.3.10 - Saídas	201
4.3.11 - Sensibilização	202
4.3.12 - Frase do dia	202
4.3.13 - Metodologia	203
4.3.14 Comissões e eventos	204
4.3.15 - Portão aberto	205
4.3.16 - Mapeamento	205
4.4 - O eco do CIEJA CL vai longe? Pesquisas sobre Centro, prêmios e a participação em redes nacionais e internacionais	
Capítulo 5 - Portões abertos: da entrada no CIEJA CL à resolução em roda, diz aí meu povo!	217
5.1 - A metodologia de grupo focal como estratégia de escuta;	221
5.2 - Descobertas de um caminhar	222
5.3 - A colheita após o grupo focal	252
Conclusão - Aqui não temos ponto final e sim conquistas de uma caminhada!	258
Capítulo: Sem compromisso… fique mais um pouco!	265
Referências	293
ANEXOS:	309

INTRODUÇÃO

ANDAR, VIVER, APRENDER, E APRENDER A VIVER ANDANDO: PERAMBULAÇÕES

Já haviam me dito[1], muitas vezes inclusive, que eu tinha perfil para trabalhar no Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (Cieja) – Campo Limpo (CL). Todavia, como sempre estabeleço vínculos nas escolas em que estou, postergava minha tentativa de fazer parte do grupo de professores daquele local.

Mesmo que me dissessem que eu tinha perfil para trabalhar no Cieja CL, o máximo que relatavam quando questionava o motivo era apontar que eu fazia muitas atividades diferenciadas com minhas turmas e, no Cieja CL, todos os dias as atividades são diferenciadas, consideradas por alguns como ações “malucas” no processo de aprendizagem.

Eu já sabia onde ficava o lugar, mas nunca tinha entrado. Era tarde de primavera, quando passei pelo portão. Fiquei impressionado que ele estava aberto e que não tinha ninguém controlando a entrada, ou mesmo observando a dinâmica da passagem. Fui descendo a rampa e me chamou a atenção a quantidade de plantas. Risadas para um lado, sensação de liberdade para outro, o local foi se abrindo para mim e, ao pisar nas folhas de primavera no chão, fui curiosamente passando pelo jardim, descendo as escadas, olhando o céu interno daquele lugar. Passei pela cozinha até que uma senhora me chamou e me conduziu por um corredor estreito até uma sala, onde pediu para eu me sentar. Já havia outras pessoas ali.

Ouvi o som de um canário belga estridente, de maritacas, de galos e galinhas, olhei e percebi que o terreno da casa ao lado era grande em relação ao padrão das casas do Campo Limpo e do Capão Redondo. Parecia um terreiro de roça, com árvores e plantações. Não imaginava que estava próximo da minha casa, do bairro em que cresci. Sem barulho de trânsito, ou de pessoas gritando, estava curioso para o que viria a acontecer. Tudo me chamava a atenção pela ausência de gritaria,

[1] É importante um alerta ao leitor que neste trabalho ora utilizaremos a primeira pessoa do singular “EU” para explicitar as vivências enquanto experiência de vida, enquanto gestor, pesquisar, ora utilizaremos a primeira pessoa do plural “NÓS” para demonstrar experiências enquanto o coletivo dos gestores dos Ciejas, enquanto coletivo CIEJA CL, ou mesmo no movimento do esforço da pesquisa como orientando e orientador.

correrias e pela sensação de paz que estava ali, quando, de repente, aquela senhora que me conduzira até aquela sala entrou novamente, parecendo uma rajada de vento e, dando risada, disse: “Sejam bem-vindos ao Cieja CL, meu nome é Eda Luiz, diretora”.[2]

Dona Eda[3], ou simplesmente Tia Eda, como os alunos a chamavam, fazia pessoalmente a apresentação do Cieja CL às pessoas que participavam do processo seletivo para compor a equipe de professores, assim como a maioria dos seus visitantes.

Enquanto Dona Eda explicava, naquele momento, de maneira resumida, o funcionamento do Cieja CL, não conseguia prestar atenção, pois o lugar me intrigava: como um espaço escolar pode ser tão diferente, como as pessoas podem apresentar alegria por estarem ali? Ao mesmo tempo, a cada informação exposta, eu tentava fazer conexões com a escola regular, todavia era em vão, pois o que estava sendo apresentado era muito complexo e inovador[4] à primeira vista ao mesmo tempo.

Ao final, Dona Eda disse: “Não se preocupem, vocês não vão gravar nada hoje. Aqui no Cieja CL, para ter entendimento completo, leva tempo”.

Para participar do processo seletivo para professores do Cieja CL, é necessário ser professor concursado do município de São Paulo, fazer uma prova escrita, entregar um projeto e realizar uma entrevista.

No projeto, coloquei toda a minha participação enquanto professor orientador de informática educativa (POIE) e responsável pelo projeto Nas Ondas do Rádio. Em ambos, fazia uma espécie de gestão coletiva de projetos com os desejos de aprendizagem dos educandos.

---

[2] Apesar de frequentemente a Dona Eda se intitular como diretora e as pessoas a reconhecerem como tal, nos Ciejas o nome do cargo é coordenador(a)-geral. No texto, há também a referência à Dona Eda como gestora, partindo da própria tendência dentro do Cieja de chamá-la assim, na perspectiva abrangente de gerir coletivamente o espaço, diferentemente da lógica orquestrada pelos organismos internacionais e a lógica neoliberal dos anos 1990, de acordo com Oliveira (2005) e Hypolito (2011).

[3] A opção política neste trabalho é apresentar os nomes reais, com as devidas autorizações, tendo em vista que a história do centro é tida como processo coletivo, faz parte da memória e contribui para o desenvolvimento da proposta pedagógica. Todas as ações do Cieja CL são feitas com pessoas, que têm suas trajetórias e que merecem ser valorizadas com suas representatividades. É importante frisar que o tópico de como fazem pesquisa no Cieja CL é sempre discutido em reuniões e demonstra que pouco é voltado para a prática pedagógica, e este trabalho representa um esforço coletivo de ação-reflexão-ação em um passo para o seu processo de memória.

[4] O sentido de inovador é pelo Cieja CL ter características diferentes de um espaço e de uma proposta escolar comum. Fazendo com que a pessoas que entram em contato com suas especificidades, constantemente se surpreendem pela multiplicidade de detalhes, mesmo essa proposta tendo 25 anos de modificações.

Lembro-me bem da prova, coloquei minha experiência com jovens e adultos em uma escola próxima de casa e a experiência, enquanto cursava a faculdade, de auxiliar meu pai, minha madrasta e minha tia, que resolveram terminar os estudos depois de 50 anos fora da escola.

Na entrevista, Dona Eda me recebeu com um sorriso largo, me fez poucas perguntas e disse: “Precisamos dos seus projetos aqui no Cieja CL, do envolvimento com os educandos e de ações diferenciadas”. Eu tinha muitas dúvidas de como poderia contribuir para esse projeto e como minha vida se encaixaria na dinâmica do Cieja CL.

Desde a primeira vez que entrei no Cieja CL, ficava pensando, para além do exposto anteriormente (vizinhança, plantas, pessoas), na aproximação das relações, na microesfera de um processo construído ao longo de 17 anos (naquela época), no qual cada um guardava para si uma interpretação do que aconteceu a partir da sua perspectiva. E, em vista de cada conversa com pessoas que fizeram e fazem parte dessa história, um horizonte interpretativo se abria para compreender as origens de decisões e opções feitas para que houvesse a concretização daquela realidade.

O Cieja CL destoa da maioria das realidades escolares por uma infinidade de panoramas, a começar pela discussão e pela construção coletiva de processos do cotidiano escolar, que vai do que fazer com os móveis, o almoço, eventos até a vivência com os educandos, ou a forma de atendimento e as relações cotidianas.

A partir das experiências[5] que tive em outras instituições escolares, seja trabalhando, estudando, ou visitando, destaco algumas características pelas quais os projetos escolares não avançavam,[6] entre elas, o peso no cotidiano da escola,

[5] A partir da Teoria da Implicação, a construção desta parte da tese tem como finalidade demonstrar o meu envolvimento com a pesquisa, no movimento de aproximação entre sujeito e objeto, no processo relacional, no fazer ciência de perto, em conjunto com os interlocutores, ao encontro das perspectivas freirianas da dialogicidade, opondo-me ao conhecimento bancário, frio e sem preocupação com o outro. Trago, para a escrita, minhas *perambulações* no mundo da educação por meio de características que julgava merecerem atenção nas escolas por onde passei, assim como tais pontos terem vários "contrapontos" nos elementos que tratarei adiante pela experiência do Cieja CL. O esforço deste trabalho é possibilitar que, de alguma maneira, este texto possa extrapolar a academia e contribua para o maior número de pessoas em suas ações, seja na escrita, na pesquisa, na análise do cotidiano escolar com seus pares, ou nos movimentos na educação no geral.

[6] Considero que, em muitas escolas estaduais, ou municipais, são desenvolvidos trabalhos de excelência, resultados da parceria com a comunidade escolar como um todo, assim como toda escola é passível de realização de um trabalho propositivo. O sucesso dessas práticas é atribuído, em boa parte, mais a fluidez do esforço coletivo, entre outras especificidades, do que devido às condições ofertadas pela rede escolar ou as condições de trabalho da profissão docente. Corroboramos com Daryrell (1996, p. 136), quando trata da escola como espaço sociocultural, pois, segundo ele, “analisar a escola como espaço sócio-cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes,

das estruturas hierárquicas da burocracia estatal, permitindo o exercício de poderes por meio dos cargos de gestão; a vigilância panóptica do governo para o cumprimento das suas prerrogativas; a crença generalizada, mesmo entre as pessoas que trabalham na educação, na não eficácia da escola pública, por falta de investimentos, ausência de formações significativas. Aliado a isso (o lado talvez mais perverso), o uso do fracasso escolar para justificar a "não" mudança da realidade, culpabilizando as vítimas. Afinal, o fato de a escola estar na periferia é usado como desculpa para dizer que a culpa é da população ou dos problemas sociais vigentes, ou simplesmente pela indisciplina do educando ou da turma. Todo esse panorama tem servido como contenção ao surgimento de projetos inovadores.

Esses apontamentos, do não avanço dos projetos escolares, foram feitos a partir das experiências enquanto professor, quando vivenciava a sala de aula e a tentativa de fazer a diferença no processo educativo das turmas. Todavia percebia que, na sala de aula, as experiências inovadoras têm um potencial de êxito infinito, pois conversava sobre o processo de planejamento de aulas na escola, planos de aulas criativos, experiências exitosas ganhadoras de prêmios, e sempre concluía que tais tentativas não se multiplicavam devido, principalmente, a estrutura escolar composta pelo prédio, política de financiamento da educação, políticas públicas descoladas da realidade, ausência de formações que embasem o processo pedagógico, organização escolar não participativa e desvalorização dos professores.

Após essa verificação, caminhei para o entendimento de uma esfera maior, a mudança das relações escolares para além da sala de aula, em busca do olhar para a unidade escolar. Comecei a perceber que, por mais que cada professor ou professora pudesse dar uma aula maravilhosa e potente para os educandos, se a aula não tivesse diálogo com outras aulas, ou minimamente com a realidade daquela comunidade, assumindo-a como finalidade do processo educativo, a experiência escolar seria fragmentada e, possivelmente, desinteressante.

Fui buscar ajuda nos cursos de gestão escolar,[7] formações avulsas fora do espaço escolar, ao mesmo tempo que iniciei participação ativa dentro da escola a

enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição".

[7] No ano de 2012, fiz especialização em Gestão Ambiental, para procurar elementos diferenciados para trabalhar em sala e por projetos, e, em 2015, especialização em Gestão Escolar, para compreender a escola de maneira ampla.

partir do grêmio, auxiliando os educandos, no conselho escolar. Fazia atividades com várias salas, com diversos professores.

No decorrer do tempo, constatei a importância da comunidade escolar como um conjunto orgânico que necessita ter propósitos, intencionalidades, estratégias e estruturas adequadas para serem desenvolvidas as atividades que potencializam a prática.

Na análise da realidade escolar como conjunto, apreendi que a gestão tem um papel fundamental no cotidiano escolar, administrativo e pedagógico, mas se os professores não estiverem preparados e motivados em relação a carreira e condições dignas de trabalho, se os educandos não souberem qual a real importância de irem para a escola, se os funcionários tiverem somente a repetição dos dias por obrigações salariais e, o principal, se o conjunto dessas relações não estiverem em sintonia entre si, o resultado será o tensionamento de conflitos generalizados no cotidiano.

A partir dessa perspectiva corroboramos com Luck (2016), que ressalta a gestão democrática como orientadora de práticas educativas e revitalizadora dos processos de participação, dentro das perspectivas democráticas, reunindo diretores, professores e funcionários e fortalecendo a construção de um projeto político-pedagógico (PPP) autônomo, no qual cada escola pode repensar o seu papel na construção de cidadãos em busca de uma convivência coletiva, em que a própria escola se torna caminho para refletir a sociedade a qual está inserida.

Ingressei na rede de ensino do estado de São Paulo logo após a saída da universidade. Por isso, nos primeiros anos, rotineiramente conversava com colegas de curso que estavam em várias cidades do interior, do litoral, assim como em diversos lugares da cidade de São Paulo, principalmente em movimentos de mobilizações e atos de greve.[8] Nesses diálogos, conversávamos sobre condições das escolas, formações de professores, experiências na sala de aula, e as conclusões que chegávamos é que, para ter um salário minimamente digno, deveríamos ter dois cargos, que as escolas estaduais, em sua maioria, são prédios antigos, que os diretores eram indicados pelos supervisores e que estabeleciam,

[8] Participei ativamente da greve de 60 dias no ano de 2008 e, semanalmente, seja nas conversas com os familiares, nos atos de greve, nas grandes concentrações na Avenida Paulista e caminhadas até a Praça da República, fazíamos nossos encontros “unespianos” que eram na verdade grandes trocas de experiência sobre prática docente, relações trabalhistas dentro da escola, na profissão, comparações com outras redes de ensino, estudos, ou como conciliar família, trabalho e estudo.

nessa relação, uma subserviência política ao governo do estado, que os professores não tinham plano de carreira, que o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), há mais de duas décadas na gestão do estado de São Paulo, não conseguiu desenvolver política pública que priorizasse o ensino e a aprendizagem dignos, e sim foi responsável pelo avanço neoliberal, com o desmonte da educação a partir do enfraquecimento e cooptação do ensino público aos interesses dos órgãos de financiamento internacionais.

Girotto (2018), a partir dos dados oficiais da Secretaria Estadual de Educação, revela a exclusão geográfica promovida pelo programa São Paulo Faz Escola, desde 2008, assim como constata o fechamento e a precarização de escolas públicas em locais onde há o crescimento de matrícula na periferia e o avanço das escolas de tempo integral (no Programa Escola Integral) em locais com baixa vulnerabilidade social e mais centralizados da cidade.

A primeira escola que lecionei ficava próxima à minha casa e a conhecia desde muito novo. Seu prédio me trazia muitas recordações, da minha primeira experiência de sair escondido de casa para ir em uma “quermesse”,[9] das “aventuras” de meus colegas da rua, que, por lá, terminaram seus estudos, ou pelo fato do meu pai, minha madrasta e minha tia terminarem o ensino médio na educação de jovens e adultos (EJA) nessa escola.

A Escola Estadual Deputado Hugo Lacorte Vitale, inaugurada em 1978, fez parte da minha primeira experiência docente depois de menos de cinco anos que tinha me formado no ensino médio, ou seja, fazia muitas comparações com as experiências de escola que obtive ao longo dos meus 11 anos de educação básica em escolas diferentes na Zona Sul de São Paulo, as vivências durante a faculdade, em estágios e um projeto de desenvolvido com adolescentes na cidade de Presidente Prudente, interior do estado.

A E. E. Deputado Hugo Lacorte Vitale não era muito diferente das demais: prédio antigo, falta de professores, paredes pichadas, barulho, grades, sinal de fábrica, desânimo por parte dos professores pela precarização da profissão, entre outros fatores que homogeneízam as escolas estaduais em sua maioria.

A escola não era considerada de passagem, pelo contrário, as pessoas que estudavam ali eram filhos de ex-alunos e pessoas do bairro que, de alguma maneira,

[9] Nas festividades de São João, tanto as Igrejas Católicas comemoravam a festividade quanto as escolas de grande porte abriam os portões para a comunidade.

tiveram relação com a história do estabelecimento. Está situada no Jardim Maria Sampaio, próximo à divisa entre São Paulo e a cidade de Taboão da Serra.

Tive a oportunidade de lecionar para o ensino médio no período da manhã, para turmas do ensino fundamental II à tarde e para salas da EJA à noite. Com essa experiência, percebi que uma mesma escola pode ser muito heterogênea, de acordo com o tipo de ensino ofertado, o público atendido, o tipo de professores e a proposta pedagógica vigente.

No período da manhã, os adolescentes do ensino médio, com o pensamento envolto nas questões relacionadas a profissão, emprego, discussões com familiares para poderem ter autonomia ou familiares cobrando responsabilidades. No período da tarde, a agitação das crianças e dos adolescentes do ensino fundamental I e II. Por fim, a turma da noite, que se iniciava com alunos de 16 anos em diante, em sua maioria adultos, que já trabalhavam, com família constituída e com a preocupação de retomar o tempo perdido dos estudos ou acessar empregos melhores.

A partir dessas realidades questionava como ofertar um ensino de qualidade, significativo e potente para um público tão diverso? Quais os elementos que poderiam dar o suporte, tanto na parte da infraestrutura escolar quanto na administração, ou o auxílio aos professores que pudessem diferenciar o ensino e a proposta pedagógica de uma escola estadual, na periferia de São Paulo? Como ultrapassar o paradigma da escola enquanto ensino bancário, levando o conhecimento aos alunos de maneira depositária, para qual, segundo Freire (1974, p. 82.), “a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos… refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”?

Outros pontos que demonstravam a fragilidade dos elementos que poderiam indicar respostas aos questionamentos apresentados são a falta de professores concursados; a alta rotatividades dos professores contratados, que não estabeleciam vínculos com a escola ou com as turmas; as formações coletivas não eram formações que subsidiavam o trabalho pedagógico, muito menos que pudessem apontar caminhos reflexivos para o grupo; a falta de assistência por parte

da gestão estadual, desde formação, currículo,[10] propostas pedagógicas ou auxílios no ambiente escolar.

Em contrapartida, ficava admirado pelas vivências proporcionadas em muitas situações, mesmo no cenário da incompletude e das constantes “faltas” cotidianas na escola. O destaque era o grupo de professores concursados, que já estavam juntos há muito tempo, assim como aqueles professores contratados, que já exerciam a docência naquela escola por alguns anos. Experiências desde hortas, saídas, avaliações, apresentações, trabalhos etc., que envolviam os estudantes e potencializavam a experiência escolar.

No intuito de olhar para as boas práticas e aprender com elas, iniciei, além da tentativa de métodos diferenciados dentro de sala de aula, a partir de apresentações musicais, teatrais, um leque abrangente de processos avaliativos, entre outras maneiras de mediações, como o desenvolvimento de experiências científicas no espaço escolar, trabalhos de campo pelo bairro e pela cidade diretamente com as turmas envolvidas.

Outro caminho investido a partir da prática pedagógica foi o trabalho conjunto com outros professores, entre os quais gostaria de destacar a ações desenvolvidas com a professora de sociologia Solânea Horti, que consistia em uma exposição intitulada do Campo Limpo à África, e uma parceria com a Casa da Mulher, em um grande evento de final de semana na escola intitulado Minha Comunidade, Minha Vida.[11]

A exposição teve como objetivo valorizar a história da escola, da comunidade e das ações feitas no bairro e na região, assim como estabelecer elos com o continente africano no período atual, em uma espécie de história compartilhada que nos é negada diariamente. Em relação à escola, foi levantada a história do prédio escolar, do patrono e dos funcionários antigos. Do bairro foi feito o levantamento das informações, do nome, dos acontecimentos e dos movimentos que transformaram e transformam o “viver” diário local, desde o movimento de mulheres, o movimento dos

[10] Para elucidar esse ponto, o currículo da rede estadual de 2008, que se iniciou com os jornais e passou para as apostilas, completou 10 anos em 2018, sem nenhum tipo de avaliação e foi “emendado” nas reformas proporcionadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sem diálogo com a rede. Sobre o currículo da rede estadual de São Paulo e as transformações neoliberais, ver entrevista com a professora Maria Claudia Junqueira em Currículo (2019).

[11] Uma das oficinas do evento foi a confecção de um vídeo orientado pelo jornalista Tony Marlon responsável pelo Escola de Notícias, grupo criado para descentralizar as notícias a partir das informações do cotidiano periférico, que tinha como objetivo disponibilizar câmeras e estimular os educandos a montarem documentários a começar pelo registro do evento em questão. Para o resultado final do projeto, ver Cobertura (2019).

saraus,[12] o movimento cultural da literatura marginal,[13] grandes obras como o rodoanel. Do continente africano, principalmente, foi proporcionada a busca de expressões literárias que pudessem registrar qualquer informação atual.

A parceria[14] com a Casa da Mulher[15] consistiu no oferecimento de oficinas de costura, empreendedorismo, gastronomia, artesanato e a própria explicação do funcionamento da dinâmica das atividades da casa. As apresentações ficaram a cargo das bandas dos educandos, bem como com demonstração da história e dos elementos do *hip hop* por *b-boys* do SampaBreak.[16] A diversão ficou com disputas de pingue-pongue, e foi servida uma feijoada ao longo do dia.

Na avaliação com os educandos no decorrer da semana seguinte, percebemos o quanto os preparativos para o evento anteriormente e a dinâmica no dia foram momentos ricos de aprendizagem. O foco de atenção da comunidade escolar se voltou para a história da própria comunidade, a preocupação com a resolução de problemas diários e de infraestrutura, o apontamento de boas práticas de convivência e, o melhor, aprender de uma maneira descontraída, sem a centralidade da sala de aula, do professor e das relações unidirecionais.

Os educandos destacaram que não dispõem de opções de diversão no bairro, assim como juntar o “aprender” da semana com as vivências que todos podem fazer brincando e pegar para si uma experiência coletiva permitiu colocar a importância da

[12] No dia do evento, em 27/11/2010, houve a participação de convidados especiais, como Binho, do Sarau do Binho, para relatar o seu envolvimento na região e o que realizava para mudar a realidade do local.

[13] Foi proposto para os estudantes fazerem entrevistas com pessoas antigas do bairro, da escola e lideranças como o Ferréz, um dos precursores da literatura marginal e dono da marca 1dasul para serem afixadas nos muros da escola. Para mais informações sobre 1dasul, ver Ferréz (2005).

[14] Esse evento foi um dos primeiros realizados pela Casa da Mulher em parceria com a E. E. Hugo Lacorte Vitale. No ano seguinte, fechou a rua em frente à unidade escolar e, nos anos posteriores, deu origem ao que hoje temos como o Festival Percurso, que reúne, em suas edições, pessoas de todo o Brasil e tornou-se encontro e fomento de arte, cultura e empreendedorismo na periferia. Para mais informações sobre esse evento, ver Festival Percurso (2018). https://cdecultura.com.br/portfolio/festival-percurso-2018-de-jardim-a-jardim/. Acesso em 23/02/2023.

[15] Popularmente chamada no bairro de Casa da Mulher, na realidade, é intitulada oficialmente como União Popular de Mulheres do Campo Limpo e Adjacências, ou UPM. Fundada em 1987 a partir da mobilização de um grupo de mulheres de diversos bairros da região, que, desde os anos 1970, se organizou para reivindicar ao poder público a atenção para os graves problemas que havia em Campo Limpo, como verminoses, desnutrição, mortalidade infantil, falta de creches, postos de saúde, escolas, entre outras carências de serviço público. Para mais informações, ver União Popular de Mulheres de Campo Limpo e Adjacências ([2023]).

[16] Grupo de dança originado no final dos anos 1990 nas proximidades da escola.

escola, dos conteúdos e das relações para a vida como ferramentas[17] essenciais para a transformação da realidade.

Esse evento ocorreu em 27 de novembro de 2010, depois das avaliações de final de ano. Fiquei pensando na repercussão desse tipo de ações no decorrer do ano como potencializadoras da prática pedagógica.

Em 2011, iniciei o ano letivo com o planejamento de experiências diluídas ao longo do ano, por meio da pedagogia de projetos. Identifiquei, com o tempo, que esse era o caminho, os eventos, as ações coletivas, o engajamento e o interesse dos educandos devem ser levados em consideração. O foco na realidade ao redor deve fazer parte do processo pedagógico, e as estratégias devem ser constantemente renovadas de maneira coletiva, para que a construção e os resultados do PPP façam sentido para a comunidade escolar.

Em diálogo com outros colegas de universidade e professores em exercício na rede estadual e em outras redes, percebia a diferença das propostas pedagógicas de cada unidade escolar. O que ficava destacado em cada conversa, em cada relato de experiência era o quanto a prática docente individual é limitada e o quanto ela pode ser potencializada se o PPP for engajado na busca coletiva das aprendizagens significativas, das resoluções dos problemas diários, do envolvimento de sua comunidade. E como esse caminho e esforço coletivo poderiam embasar e fomentar experiências escolares relevantes e transformadoras que, independentemente do lugar no qual a unidade escolar estivesse, representaria um acumulado de vivências profundas em que todos os atores envolvidos seriam impactados e teriam, na escola, um lugar de aprendizagem valorosa e profunda, com possibilidades infinitas de transformação da realidade.

A partir desses diálogos, das experiências e das leituras, somados aos limites de atuação docente identificados na rede estadual, comecei a estudar possibilidades de mudança de rede de ensino, ou alguma forma de complementação da jornada. Nesse momento, estava direcionando meus esforços em dois sentidos: um para saber qual rede de ensino me permitiria condições de seguir com meu planejamento

[17] Neste texto, não é o momento de dissertar sobre isso, todavia os educandos compartilhavam, nas avaliações coletivas, questões pertinentes como: “por que a escola não pode ser divertida?”; “por que o que aprendemos não usamos na prática?”; “por quê o que acontece lá fora não podemos aprender?”; “por que, na periferia, parece que não temos valor e os serviços são de péssima qualidade?”. Esses e outros questionamentos me levaram ao caminho de compreender quais seriam as opções de aprendizagem que pudessem propor outras alternativas para essa população.

familiar e profissional; e outro para vislumbrar uma infraestrutura que me permitisse desenvolver minha carreira profissional da melhor forma.

Para alcançar tais objetivos, utilizei um leque de estratégias para identificar em qual local de trabalho poderia equacionar todas as opções, família, carreira profissional, da mesma maneira, trilhar o caminho acadêmico como meio de entendimento da realidade e prováveis apontamentos de intervenção.

No início de 2011, ingressei no concurso público para atuar na rede das escolas técnicas (Etecs) estaduais por meio da Etec Paraisópolis, inaugurada em 2010, e que, em 2011, passou a se chamar Etec Abdias do Nascimento.[18] Situada em uma das maiores favelas brasileiras, a de Paraisópolis, com mais de 100 mil pessoas em 14 km².

As Etecs estaduais fazem parte da rede do Centro Paula Souza, uma autarquia do governo do estado de São Paulo, criada em 1969, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SDECTI),[19] e tem como objetivo a formação profissional.

Diferentemente[20] da rede estadual de escolas públicas, as Etecs[21] oferecerem os cursos de ensino médio, ensino médio integrado ao ensino técnico, ensino técnico, cursos em EAD e uma nova modalidade, que é o Novo-Tec, na qual o estudante faz o ensino médio integrado ao técnico, todavia dentro do horário em que estuda.

---

[18] A Etec Abdias do Nascimento faz parte de uma série de instituições públicas de ensino para conter o avanço da favela em uma das direções que concentram condomínios de alto padrão na região do Morumbi.

[19] Presente em aproximadamente 300 municípios, a instituição administra 221 Etecs e 68 faculdades de tecnologia (Fatecs) estaduais, ultrapassando o número de 290 mil alunos em cursos técnicos de nível médio e superiores tecnológicos. As Etecs atendem mais de 207 mil estudantes nos ensinos técnico, médio e técnico integrado ao médio, com 140 cursos técnicos para os setores industrial, agropecuário e de serviços, incluindo habilitações nas modalidades presencial, semipresencial, *on-line*, EJA e especialização técnica (CENTRO PAULA SOUZA, [2023]).

[20] Uma das diferenças significativas para a população é que o ingresso dos estudantes na rede de escolas técnicas do estado de São Paulo é feito por processo seletivo classificatório organizado semestralmente, contrapondo-se à rede pública, em que o ingresso é feito pela oferta de vagas abertas ao público.

[21] A estrutura da escola está dividida entre: direção eleita a cada quatro anos e com poderes de gestão de pessoal; secretaria acadêmica, que organiza os documentos que regem a vida acadêmica dos estudantes; secretaria administrativa, que compreende a administração de pessoal, recursos físicos, financeiros e materiais, compras, almoxarifado, limpeza, patrimônio, segurança, zeladoria, manutenção das instalações, equipamentos, entre outras ações pertinentes; a gestão pedagógica fica sob a responsabilidade do orientador pedagógico, que tem como objetivo auxiliar todos os coordenadores pedagógicos diretamente ligados aos respectivos cursos, ou seja, ao ensino médio e a cada curso do ensino técnico; por último, coordenadores de laboratório, com a incumbência de organizar e gerenciar o uso dos respectivos laboratórios.

As escolas são administradas com as verbas oriundas de programa federal, como o Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), e repasses específicos do estado, como a verba para administrar os laboratórios.[22] Todavia a escola é relegada à própria sorte para captar recursos para seu correto funcionamento, seja por ações realizadas pela Associação de Pais e Mestres (APM), envolvimento das parcerias feitas com o comércio local, com empresas, ou divulgação e concorrência de vestibulinho,[23] já que o custo da inscrição serve para cobrir os gastos do processo seletivo e o restante fica para a unidade.

Ao contrário das escolas públicas, o ingresso dos professores na rede das Etecs se dá de duas maneiras: por concurso público, permitindo ao candidato ser contratado em regime celetista, por tempo indeterminado; ou por processo seletivo, no qual o candidato é contratado em regime celetista por tempo determinado, no prazo máximo de dois semestres. Ambos os processos são administrados pela própria unidade.

A Etec Abdias do Nascimento fez parte do plano[24] de expansão da rede de escolas técnicas do estado de São Paulo, que tinha como preocupação aumentar o número de unidades escolares tanto na região metropolitana quanto no interior.

Fazer parte do início de uma Etec me permitiu analisar a sua estrutura de funcionamento, principalmente da relação construída com a comunidade escolar, em sua maioria, também adentrando nas novidades do ambiente desse tipo estabelecimento, assim como da comunidade vizinha.

Para o grupo gestor, funcionários e professores, os desafios eram como conciliar pessoas que nunca haviam trabalhado em uma Etec, com suas regras, normas e procedimentos, com aqueles que já tinham alguma experiência na rede do Centro Paula Souza, assim como interagir com a comunidade, que não sabia bem o que aquele prédio fazia ali.

Outro grande desafio cotidiano para a gestão escolar é que a rede de escolas técnicas sobrevive, em boa parte, de parcerias e dos recursos oriundos das inscrições no processo seletivo. No caso da Etec Abdias do Nascimento, em 2011,

[22] A cada dois meses, R$ 400,00.
[23] Nome dado ao processo seletivo semestral, cuja taxa para o 2º semestre de 2020 foi de R$ 19,00.
[24] A análise crítica feita sobre a expansão está na dissertação de Evandro Santinho (2018), intitulada *O dualismo de novo tipo no processo de expansão das escolas técnicas do Centro Paula Souza no Estado de São Paulo no período de 2004-2016*.

não havia o processo de parceria, pois o prédio escolar estava situado em um local pouco movimentado[25] e sem história de interação com a comunidade.

Ministrei aulas em todas as turmas do ensino médio no período da manhã e no período noturno para o curso técnico em meio ambiente, inclusive exerci a função de coordenador do curso técnico em Meio Ambiente, ao mesmo tempo que exercia o cargo de professor na rede estadual no ano de 2011.

Trabalhos de campo[26] para Paranapiacaba, Cidade Universitária e outros locais da cidade de São Paulo, pontes feitas entre as vivências nos diferentes lugares com leituras de clássicos da geografia, assim como os diálogos com a poesia periférica me levaram a consolidar a visão de que as aprendizagens devem ser significativas e acreditar na cultura e na educação como caminhos viáveis para atingir esta meta.

A proposta de ensino médio realizada na Etec se diferenciava daquela na E. E. Deputado Hugo Lacorte Vitale. Mesmo em seu início, com um público oriundo das escolas particulares, ou depois com a entrada maciça dos estudantes moradores da favela de Paraisópolis, a Etec Abdias do Nascimento conseguia ter uma proposta de ensino focada no vestibular ou no mercado de trabalho.

Os quatros anos de trabalho na Etec Abdias do Nascimento me levaram a concluir que, mesmo pela proposta diferenciada do Centro Paula Souza, havia uma série de fatores que fizeram, e ainda fazem, aquela unidade uma das mais precarizadas da cidade de São Paulo. São eles: o não diálogo com a comunidade; o não entendimento enquanto coletivo escolar, já que muito do corpo docente atua nos cursos técnicos da escola sem ter licenciatura, e, por isso, não se entende participante da proposta pedagógica; a depredação do prédio escolar devido ao estranhamento daquela estrutura; o sucateamento precoce dos laboratórios por falta de parcerias e repasses, de modo que a unidade não consegue mantê-los adequadamente.

---

[25] Em comparação, por exemplo, a história da Etec Takashi Morita, criada em 2009 e situada na região de Santo Amaro, na qual a unidade escolar tem visibilidade, consegue ter grande procura para o vestibulinho, além de conseguir uma diversidade de parcerias institucionais.

[26] Entre as atividades desenvolvidas na Etec Abdias do Nascimento, cito duas para pensar a escola enquanto local de aprendizagem em rede: a primeira ação foi a organização do 1º Seminário – A Educação Ambiental: Teoria *vs*. Prática, Reflexões e Proposições para a Disseminação da Questão Ambiental no Séc. XXI, em parceria entre o Centro Paula Souza, o Instituto de Educação e Qualificação Profissional (Ineq) e a Secretaria Municipal de Educação (SME)/Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP); e a segunda ação foi o plantio de 100 árvores nativas da Mata Atlântica no terreno da escola, em parceria com a Secretaria do Verde e do Meio Ambiente da cidade de São Paulo e orquestrada em conjunto com os estudantes.

No final do ano de 2011, fazendo levantamento das práticas docentes desenvolvidas nos anos anteriores e também das experiência dos eventos e ações conjuntas com outros professores, apreendi que esse contexto de dificuldades no espaço escolar causava muito desgaste individual e coletivo em todos os envolvidos no processo pedagógico e os seus principais motivos se davam pela incompreensão de proposta pedagógica que abrangesse horizontes coletivos, resistências e "entraves" nas inovações das aprendizagens, falta de auxílio e estímulo por parte da direção, fazendo com que a proposta pudesse não ser incorporada pela escola. Esse contexto, somado à falta de apoio pela rede estadual, demonstrava o quanto o espaço e a comunidade escolar dependem de ações internas e externas que possam confluir para um projeto pedagógico autônomo.

No ano de 2011, prestei concurso para a rede municipal, passei e iniciei o meu exercício do cargo de professor no ano de 2012. Como não poderia ficar com três cargos públicos, tive de optar por me exonerar do cargo da rede estadual, pois havia identificado que essa rede, em seu fazer diário, tem uma gama de empecilhos para o desenvolvimento do trabalho profissional e pedagógico.

Sobre a rede de ensino do município de São Paulo, por estabelecer diálogos com conhecidos em exercício, constatei, inicialmente em comparação a outras redes de ensino, que sua estrutura de ensino oferecia um conjunto de possibilidades de atuação para o desenvolvimento pedagógico. Os professores, supervisores, diretores e coordenadores tinham plano de carreira, as escolas recebiam constantemente verbas para desenvolvimento das ações pedagógicas e reformas prediais, bem como os supervisores, diretores e coordenadores eram concursados, fazendo com que não houvesse a política das "subserviências", em comparação com a rede estadual. Os educandos tinham garantida a alimentação e, nos últimos anos, uniforme e material escolar, assim como no ambiente escolar havia a possibilidade de momentos formativos na Jornada Especial Integral de Formação,[27] que abriam caminhos para os trabalhos em conjunto, entre outros fatores.

Quando ingressei na rede municipal, pude identificar todas essas características apontadas anteriormente e, ao passar dos dias, ficava curioso para

[27] No governo de Luiza Erundina, foi promulgado o Estatuto do Magistério Municipal (Lei nº 11.229, de 26 de junho de 1992), cujo objetivo era o de estabelecer as diretrizes para a organização da escola. Entre as consequências, fortalecia a gestão democrática como os conselhos de escola e garantia 1/3 das atividades docentes fora da sala de aula, como trabalho coletivo de formação, preparação de aulas e atendimento a comunidade, compondo a Jornada de Tempo Integral, atual Jornada Especial Integral de Formação (Jeif) (SÃO PAULO, 1992b).

conhecer as possibilidades de atuação dessa rede na sua diversidade de modalidades de ensino, assim como realizar comparações com a rede estadual. Vislumbrei inicialmente que, por mais que nos esforçássemos para as ações diárias no espaço escolar, existiriam também as condições proporcionadas pela rede de ensino.

A rede municipal de ensino tem 4.026[28] unidades de ensino, com um total de 1.078.753 de estudantes matriculados, em sua maioria no ensino fundamental I e II, e um montante de 50.288 educadores no total. Gerenciada pela Secretaria Municipal de Educação (SME), que subdivide a cidade em 13 diretorias regionais de educação (DRE),[29] cujo objetivo maior é descentralizar e acompanhar as ações da SME junto às escolas.

A SME centraliza suas funções em um prédio localizado na Rua Pedro de Toledo, nº 1.082, na Vila Clementino, e está organizada[30] da seguinte maneira: Supervisão de Contabilidade; a gestão das diretorias regionais; e 10 coordenadorias, que são responsáveis pela administração escolar, entre elas, a Coordenadoria Pedagógica (Coped), que abriga as divisões pedagógicas para cada modalidade de ensino.[31]

Diretamente vinculadas à administração das unidades de ensino estão as DREs, gerenciadas pelo(a) dirigente regional, responsável pela gestão direta da sua própria diretoria, de pessoal, verbas, ações pedagógicas, e da supervisão, na qual está o grupo de supervisores(as),[32] que acompanha o cotidiano no espaço escolar.

---

[28] Essa quantidade está dividida em Centro de Convivência Infantil/Centro Infantil de Proteção a Saúde (3), Centro de Educação e Cultura Indígena (3), Centro de Educação Infantil Direto (317), Centro de Educação Infantil Indireto (380), Centro Educacional Unificado (Cemei) (12), Centro Educacional Unificado (CEI) (45), Centro Educacional Unificado (Emef) (46), Centro Educacional Unificado (Emei) (47), Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (16), Centro Municipal de Capacitação e Trein. (2), Centro Municipal de Educação Infantil (18), Creche Particular Conveniada (1762), Escola Municipal de Educação Bilingue para Surdos (6), Escola Municipal de Educação Infantil (512), Escola Municipal de Ensino Fundamental (502), Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio(8), Escola Técnica (3), Movimento de Alfabetização (344) e Centro Educacional Unificado (46) (SÃO PAULO, [2023e]).

[29] DRE Pirituba, DRE Freguesia/Brasilândia, DRE Jaçanã/Tremembé, DRE Penha, DRE São Miguel, DRE Guaianases, DRE Itaquera, DRE São Mateus, DRE Ipiranga, DRE Butantã, DRE Campo Limpo, DRE Santo Amaro e DRE Capela do Socorro.

[30] Para visualizar organograma completo, ver anexos 1 e 2.

[31] As divisões são: Diefem (Ensino Fundamental e Médio), Diei (Educação Infantil), Diee (Educação Especial) e Dieja (Educação de Jovens e Adultos). Além dos núcleos — NTA (Núcleo Técnico de Avaliação), NTC (Núcleo Técnico de Currículo) e NTC (Núcleo Técnico de Formação) — e do CM (Centro de Multimeios).

[32] Cada supervisor(a) tem sob seu encargo imediato um conjunto de diferentes unidades escolares de diferentes modalidades de ensino agrupadas em setores. Para termos uma perspectiva quantitativa, na DRE de Campo Limpo, há um grupo de 55 supervisores.

Iniciei o exercício do meu cargo no município de São Paulo em uma Emef (escola municipal de ensino fundamental I e II) no Parque Maria Helena, no distrito do Capão Redondo (Zona Sul). Escola recém-inaugurada em uma rua tranquila, com parte do seu terreno com árvores e possibilidades de plantio. A escola contava, na época, com 800 educandos, divididos entre os períodos matutino e vespertino, que estavam matriculados da primeira à oitava séries[33] do ensino fundamental.

Ao me deparar com essa estrutura predial e de recursos humanos, ficava instigado para ver os resultados junto aos educandos e a interação a partir da rede de ensino do ponto de vista pedagógico, formativo e de perspectivas futuras. Pois minhas experiências em outras redes eram com prédios antigos, manutenção pendente, poucos funcionários, e a impressão de que sempre faltava algo no cotidiano escolar.

Em relação ao dia a dia da escola, percebia que era muito regrado. Estava junto ao período vespertino com as quintas e sextas séries e, nesse momento, buscava entender como era o funcionamento da aprendizagem das crianças e dos adolescentes nessa faixa etária e como poderia uma proposta pedagógica intervir na periferia, apesar de todas as contradições vivenciadas por essa população.

Identifiquei, assim como no estado, que, geralmente, a preferência de horário pelos docentes de ciclo II, ou seja, da quinta à oitava[34] séries, dava-se para o período matutino, pois eram com as crianças mais velhas das séries finais do ensino fundamental, já que, em síntese, o período da manhã era considerado mais tranquilo por atender adolescentes e a tarde havia maior agitação por serem crianças.

Comecei a participar do conselho escolar e da APM e identifiquei que a quantidade de verba que vinha para a escola permitia traçar estratégias conjuntas de resolução de problemas relacionados a manutenção ou desenvolvimento de uma proposta pedagógica, fazendo com que o prédio, mesmo novo, fosse mantido em dia em relação à estrutura e o trabalho pedagógico tivesse o suporte da compra de materiais. A quantidade alta de pessoas na limpeza[35] fazia com que as salas de aula

[33] A partir de 2013, o município adotou o ensino fundamental de nove anos, mudando a nomenclatura de série para ano.

[34] Em alguns trechos deste texto, refiro-me à oitava série, pelo tempo da narrativa se dar anteriormente ao prazo final da obrigatoriedade da Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. A referida lei determinou que o ensino fundamental obrigatório tenha duração de nove anos, iniciando-se aos seis anos de idade, e os municípios, os estados e o Distrito Federal teriam o prazo até 2010 para implementá-lo (BRASIL, 2006b).

[35] Infelizmente, os contratos das empresas terceirizadas mudam constantemente e, no ano de 2019, o efetivo de todas as unidades escolares foi reduzido em 50%, fazendo com que a precarização na limpeza fosse um processo a ser acompanhado na rede municipal.

e todo o espaço escolar ficassem sempre impecáveis, assim como sempre havia um auxiliar técnico educacional (ATE)[36] para dar o suporte necessário para o grupo de professores, para os estudantes e(ou) familiares que necessitassem.

Já nas atividades iniciais na rede municipal, destacava-se a diferença entre as redes de ensino, pois, enquanto na rede estadual não havia acompanhamento das atividades de manutenção, devido ao número inadequado de pessoas, ou orientação pedagógica, na rede municipal, o acompanhamento era feito de perto, tanto pela coordenação, direção, quanto pela supervisão, e este “estar perto” se refletia em ações pedagógicas, no mínimo, interessantes e diversificadas na maioria dos casos.

As reuniões pedagógicas eram organizadas de maneira diferente, com a presença de alguém da equipe gestora, todos os professores, com pauta a ser seguida, objetivos, metas, ata de registro. Fiquei intrigado com a forma como era estruturada a organização das reuniões e do trabalho pedagógico e acabei me aproximando das coordenadoras para conhecer as funcionalidades do cargo e como era o cotidiano da rede.

Comecei a participar ativamente do dia a dia da escola para entender melhor o seu funcionamento, em reuniões, projetos, conselho, APM etc. Saí da função de professor de Geografia e ingressei,[37] no mesmo ano, na função de POIE[38] no laboratório de informática educativa da mesma unidade escolar.

No laboratório de informática, atendia todas as turmas da escola, da primeira à oitava séries, em uma perspectiva de participação dos educandos na escolha do processo de aprendizagem. Dessa experiência, surgiram projetos de intervenção no espaço escolar, como horta, jardim, compostagem, rádio comunitária, peças de teatro, eventos recreativos, saídas para saraus, assim como outros, tanto dentro das minhas aulas como em parceria com colegas de outras disciplinas em atividades interdisciplinares do fundamental I e do fundamental II, no turno ou no contraturno do atendimento aos educandos.

---

[36] Essa não é a realidade de todas as escolas. Há unidades escolares que têm déficit no quadro de funcionários, o que inclusive atrapalha o andamento do cotidiano escolar.

[37] Para desenvolver a função tanto na sala de leitura, na SRM, quanto no laboratório de informática educativa, deve-se passar por processo de designação que se efetiva com a apresentação de uma proposta de trabalho ao conselho da escola e posterior aprovação. A função é reavaliada ao final do ano letivo pelo conselho, em caso de aprovação permanece no ano seguinte.

[38] No ano de 2019, o laboratório de informática educativa passou a ser chamado de laboratório de educação digital, sob a responsabilidade do professor orientador de educação digital (Poed), também designado.

À medida que avançava nas experiências pedagógicas nos projetos citados, em consonância com os educandos e com o grupo de professores, vivenciava concomitantemente o processo formativo na Jornada Especial Integral de Formação (Jeif).

Os(as) professores(as) que faziam a Jeif[39] e eram remunerados por ela, naquela Emef, representavam cerca de metade do grupo, sendo do período da manhã e do período da tarde, tanto do ensino fundamental I quanto do ensino fundamental II. Os encontros formativos[40] eram de segunda a quinta-feira, das 12 horas às 13 horas e 30 minutos, organizados pelas duas coordenadoras.

Em três anos na unidade, presenciei o trabalho de alternância de quatro coordenadoras pedagógicas, entre elas, três eram concursadas. Destas, duas permaneceram esse tempo na unidade, outra acessou[41] por concurso essa Emef e no ano seguinte se removeu,[42] pois sua residência era a mais de 40 quilômetros da unidade e havia uma professora da escola que, tendo o cargo vago de coordenador(a), logo no início, se candidatou e exerceu durante um ano o cargo.

O Projeto Especial de Ação (PEA)[43] é realizado coletivamente na Jeif e tem o objetivo de discutir processos formativos que possam auxiliar o grupo a trilhar caminhos em busca de soluções para o cotidiano escolar. Experimentamos, na Jeif e no desenvolvimento do PEA, o amadurecer das coordenadoras conjuntamente ao meu, por serem novas e também pela escola ter uma rotatividade grande de professores. Experimentamos uma diversidade de metodologias para que esse

---

[39] A composição de jornada de Jeif é 25 horas-aula semanais com estudantes, 8 horas-aula de formação coletiva, 3 horas-atividade e 4 horas livres, em uma jornada remunerada de 40 horas-aula semanais. Para ter a opção pela Jeif, o docente deve ter atribuída a carga completa de 25 horas-aula com educandos. Aqueles que não conseguirem a totalidade das 25 horas-aula semanais com educandos terão suas aulas atribuídas até a quantidade necessária, e as aulas que faltarem para compor a jornada ficarão à disposição da escola para a complementação de jornada (CJ), com aulas em outras turmas quando necessário ou projetos interdisciplinares, sendo remunerados por 30 horas-aula semanais em uma Jornada Básica Docente (JBD). Existe o docente sem aulas atribuídas que fica à disposição da unidade escolar para cobrir faltas de outros professores e(ou) desenvolver trabalhos interdisciplinares e sua remuneração é por 30 horas-aula semanais pela JBD.

[40] O horário dessa formação é decidido pelo coletivo da escola e organizado pela direção, de acordo com as possibilidades.

[41] Para ser coordenador pedagógico concursado na PMSP é necessário ser professor efetivo da rede municipal e prestar concurso de acesso ao cargo. Todavia caso a escola tenha o cargo vago, é possível ser coordenador pedagógico apresentando uma proposta para o conselho da escola, em caso de aprovação, o exercício se dá por designação até a vaga ser preenchida.

[42] Devido à DRE de Campo Limpo ser a maior do município, assim como a própria Zona Sul ter muitas escolas, muitos ingressos por concurso público, em todas as funções da escola, são realizados, pelo menos, no primeiro ano, nessa região e, no ano subsequente, os interessados escolhem sua vaga no local próximo da sua residência.

[43] O primeiro texto legal do PEA foi a Portaria nº 2.083, de 13 de abril de 1994.

processo de formação fosse a contento dos professores e que fosse refletido na prática docente.

A experiência relevante era debatermos as leituras a partir de casos dos educandos com dificuldades de aprendizagem, indisciplina, questões familiares, entre outras situações.

Todas as vezes que presenciava os projetos, as leituras e(ou) as conversas na unidade em que estava em exercício me questionava como poderia ser o cotidiano em outras unidades. Será que aquelas condições eram as mesmas? Será que os projetos eram diferentes? Como a educação poderia articular com outras áreas em nossa sociedade como os movimentos sociais e culturais? Havia maneiras de articular o "chão" da escola com a produção acadêmico-científica?

A partir desses questionamentos, mergulhei nos processos formativos[44] que me possibilitassem entender melhor as potências da educação como caminhos para as tais respostas. O processo formativo que almejava era aquele que me conectasse a movimentos que pudessem ressignificar e potencializar minha prática pedagógica em busca de uma educação transformadora para mim e para meus educandos. Nesse sentido, elenquei, como caminho, o estudo do espaço escolar no qual estava imerso, enquanto sala de aula, Jeif, projetos interdisciplinares; os cursos que comecei a frequentar da DRE de Campo Limpo; o movimento de cultura periférica a partir de saraus, peças de teatro, danças populares; e, por último, a própria universidade.

Na DRE, frequentei os cursos do laboratório de informática, que reunia Poies de diversas unidades escolares e tinha como objetivo a troca de experiências entre os pares e o conhecimento de novas ferramentas digitais de aprendizagem. Participei dos cursos oferecidos pela Divisão de Orientação Técnica (DOT), principalmente aqueles em diálogo com a cultura periférica.[45]

Como acompanhava as vivências da cultura periférica na Zona Sul desde 2006, através dos saraus, dos teatros e das ocupações culturais, as ações nas escolas, somadas às articulações dos cursos, me fizeram acreditar que não bastava somente ter o diálogo dentro da escola com a comunidade ao redor, seja pelo

[44] Na PMSP, existe o plano de carreira com evoluções funcionais que permitem acréscimos no salário a partir de tempo no cargo e de pontos por títulos, o que, para a maioria dos servidores, o estudo se torna prática permanente para ter aumento salarial.

[45] Entre 2012 e 2016, na gestão Fernando Haddad, a equipe de DOT estava em constante diálogo com os movimentos de saraus, de moradia, de teatro, pensando em ações conjuntas no território.

conhecimento do bairro, ou com a interações de acontecimentos do dia a dia, ou das atividades pontuais do saraus dentro do espaço escolar, emergia a necessidade de pensar a produção da cultura periférica alimentando as aulas, os currículos, as interações, a cultura popular produzida em tempo real com seus autores e artistas caminhando pelas ruas.

À medida que construía essa linha de raciocínio, ao mesmo tempo, amadurecia o processo de pesquisa na pós-graduação. E, em 2012, ingressei no mestrado em Geografia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP),[46] com o objetivo de identificar o impacto do movimento dos saraus na Zona Sul de São Paulo.

Nesse momento de minha prática docente, tentava equilibrar e, ao mesmo tempo, entrelaçar as três perspectivas do processo formativo: o exercício na própria rede municipal como campo de pesquisa, tanto na unidade de ensino quanto em outros espaços; as vivências diversificadas da cultura periférica, principalmente por ela fazer parte de minha pesquisa; e a busca por qualificação acadêmica em um horizonte amplo que é a pós-graduação.

Em 2014, depois de três anos na mesma unidade educacional e a vivência de acompanhar os saraus em muitos pontos da cidade, identifiquei que já era a hora de conhecer outras realidades escolares e iniciei o processo de busca por escolas que desenvolvessem boas práticas e pudessem e(ou) fossem propícias para realizar meu trabalho. Entrei em contato com colegas de diferentes escolas para saber como era o trabalho desenvolvido e as possibilidades de atuação docente.

Em conjunto com a busca por escolas, participei, naquele ano, de uma palestra realizada por minha companheira em um dos eventos do Cieja CL no Centro de Direitos Humanos e Educação Popular de Campo Limpo (CDHEP). Nesse evento, pude ter contato inicial com alunos, professores e com a gestora do centro, Dona Eda.

Por coincidência, na mesma época, um professor que trabalhava comigo na escola da Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP) havia saído há pouco tempo do Cieja CL e comentou que eu tinha o perfil para trabalhar lá. Quando o indaguei sobre como era trabalhar no Cieja, ele disse que era muito diferente da rede e só fazendo parte do dia a dia para conhecer.

[46] O resultado final da pesquisa está em Duarte (2016).

Juntando esses dois momentos, o evento do Cieja CL no CDHEP e o relato do professor, com a minha busca por uma escola composta por uma equipe comprometida, formaram-se os motivos necessários para que eu fosse procurar informações sobre o Cieja CL.

O ano de 2015[47] começou com a garantia de que eu estaria em uma escola diferente, com expectativas de vislumbrar uma nova seara de trabalho na EJA. Mesmo que já tivesse experiência pretérita na EJA, o Cieja CL proporcionaria o universo de ser um centro[48] específico, somente com esse tipo de público.

Iniciei na semana de planejamento escolar com muitas expectativas participando de todas as discussões e atento às diferenças desse projeto. Apreendi que, nas reuniões iniciais de planejamento do Cieja CL, há características específicas, pois são compostas pelas pessoas que desenvolvem o trabalho no centro, desde equipe gestora, professores, funcionários da secretaria, empresas terceirizadas até condutores/monitores do transporte escolar gratuito (TEG), com o intuito de apresentar as pessoas novas ao coletivo.

Nesses encontros, a história do Cieja CL é recontada com novidades alcançadas como publicações, parcerias e(ou) maneiras diferentes de organização para o ano vigente. São realizadas apresentações culturais, pessoas são convidadas para dar o seu depoimento de trajetória de vida, principalmente ex-alunos, entre outras ações. Por meio de dinâmicas, todas as pessoas são apresentadas, especialmente as ingressantes e, na maioria das vezes, é realizado um trabalho de campo para a comunidade ao redor, para conhecer algum projeto e(ou) para conhecer como vivem os alunos do centro.

Os destaques iniciais que tive do Cieja CL foram a sensação de acolhimento proporcionado pela recepção, por me deparar com um clima festivo de encontro, pela renovação para um novo ano letivo através de uma organização participativa e por uma pauta que fosse ao encontro das avaliações feitas nos anos anteriores, assim como da melhoria do atendimento aos educandos.

---

[47] Prestei o processo seletivo para ser designado ao Cieja CL em novembro de 2014, como relato no início do texto. Minha designação, processo pelo qual posso exercer minha função em local diferente da SME/SP em detrimento da unidade de lotação, saiu em fevereiro de 2015 e, um dia após a publicação da autorização em diário oficial, já estava em exercício no Cieja CL.

[48] Utilizo neste trabalho a opção de intitular o Centro Integrado de Jovens e Adultos – Campo Limpo, ora de Cieja CL, ou de centro, pois apesar de fazer parte da SME, não é uma escola regular, não se originou de uma escola regular e não pode ser vista como escola regular, pois é um centro da EJA, no qual tem realidade específica, local específico, documentação diferenciada, organização diferenciada, compondo avanços históricos na cidade de São Paulo em seus 30 anos de luta de projeto.

Com o passar dos dias, ficava curioso em conhecer mais detalhes do projeto, do cotidiano, assim como nas infinitas comparações com as realidades que havia enfrentado em outras redes de ensino. A organização dos agrupamentos produtivos em contraposição à forma seriada/anual da escola regular, a maneira como os professores eram postos nas áreas de conhecimento, a estrutura da EJA realizada em casa adaptada, os tempos dos encontros e toda a dinâmica organizacional.

No meu primeiro ano fiquei com a responsabilidade de exercer a função de educador comunitário.[49] Nela, enfrentei a difícil tarefa, que todos passam no Cieja CL, de entender o funcionamento do centro e a contribuição que poderia fazer ao projeto.

Enfrentar a função de educador comunitário foi desafiador, pois esse processo vinha ao encontro da minha vontade de entender as aprendizagens para além da sala de aula, tal como poder fazer relações com outras disciplinas, professores, salas/turmas, apreender o espaço escolar em sintonia com os movimentos da comunidade, no qual temos o processo educativo dos alunos pulsando.

O Cieja CL, por todos os processos vivenciados desde a sua inauguração, tem a prática de fazer apresentações, palestras, oficinas e vivências, por isso, adotei a estratégia de começar meu trabalho como educador comunitário, além da lida diária com os educandos, a partir da organização de ações em formato de palestras que pudessem atender todos os períodos e os estudantes.

O primeiro grande evento foi para discutir o papel da mulher em nossa sociedade, com as convidadas Suzi Soares e Diane Padial, ambas do Sarau do Binho, Helena Silvestre e Irene, do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), e a poetisa Tula Pilar, com o objetivo de que todas pudessem relatar suas trajetórias

[49] O educador comunitário fez parte do Programa São Paulo é uma Escola, publicado no *Diário Oficial da Cidade de São Paulo* em 24 de fevereiro de 2005, no documento *Educação no Município de São Paulo – uma proposta para discussão*, cujo objetivo era entender a cidade como uma cidade educadora, onde professores das escolas municipais, a partir de curso oferecido pela rede, seriam orientados a realizar atividades dentro e fora do horário de aula em suas unidades de ensino, com a missão de envolver alunos, comunidade escolar e familiares em uma proposta coletiva de interação e aprendizagem para além da sala de aula, juntando cultura, educação, lazer, esporte e saúde. Dona Eda, gestora do Cieja CL, desde 1998, era defensora dessa função e destacava que o papel do educador comunitário era vital para o funcionamento do Cieja CL, pois essa tarefa de juntar a comunidade, sair, relacionar-se, interagir, fazia com que o processo educativo fosse enriquecido, em especial para um público “apartado” dos bens culturais da cidade como a população da EJA. Para saber mais, ver São Paulo (2005b).

como mulheres guerreiras vinculadas à luta social por meio de movimentos culturais, políticos e periféricos.

Nesse evento, quis juntar a *expertise* de fazer atividades fora do espaço da sala de aula, com várias turmas, com o fato de estar próximo ao movimento da cultura periférica. Decidi experimentar fazer a conexão das lideranças femininas, empoderadas, que estavam na linha de frente, com apontamentos necessários para repensarmos o viver da mulher na periferia.

Percebi ambiente fértil para seguir nessa linha de trabalho a partir dessa experiência, com a devolutiva das educandas, apontando a importância dessa discussão no ambiente escolar, explicitando a necessidade de ter um local possível para extravasar, denunciar e debater toda a violência sofrida pelo público feminino, de vislumbrar como a cultura periférica pôde auxiliar no debate e de vivenciar como esse evento reverberou nos planejamentos, em especial nos agrupamentos de alfabetização.

No Cieja CL, a cada início de ano, todas as pessoas escolhem de qual comissão[50] querem fazer parte, para que possa ser feito o planejamento anual das atividades em sintonia com as ações a serem desenvolvidas no centro. Desse modo, entrei na comissão do Seminário Étnico Racial, por afinidade temática. Nas primeiras reuniões de planejamento, percebi que não era apenas uma divisão de pessoas a participar de um grupo temático, era a comissão mais antiga do Cieja CL, composta pelo professor que a fundou em 2004, além de pessoas que estavam há mais de cinco anos no centro.

Essa comissão foi fundada um ano após a promulgação da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, quando o professor Antônio da Silva participou de uma formação, no Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert), sobre a referida lei e levou para o Cieja CL a necessidade da discussão da temática. Desde 2004, a comissão já organizou saídas culturais, palestras, oficinas,

[50] As comissões são compostas por professores, funcionários e alunos. Surgiram da necessidade de organizar, de maneira qualitativa, atividades diferenciadas para a comunidade ciejense a partir de temas importantes para a EJA, para o Cieja CL e para a sociedade como um todo. Cada comissão nasceu de maneira autônoma, por uma demanda posta na realidade e em uma temporalidade diferente. São elas Encontro Indígena, Feira Literária do Cieja Campo Limpo (Flic), Café do Cieja CL, DanCieja, Lanche Comunitário, Sexualidade, Diversidade Sexual, Ética Planetária, Formatura e Seminário Étnico Racial.

formação[51] para o grupo de professores e processos que culminassem com um grande evento em formato de palestras.

Nas reuniões da comissão do Seminário Étnico Racial no primeiro semestre, decidimos realizar o seminário no próprio Cieja CL, com duração de um dia inteiro,[52] sendo composto por atividades que permeassem todos os períodos e dessem a oportunidade para que todos os educandos pudessem participar. Tais atividades eram baseadas na estrutura de palestras, oficinas, intervenções artísticas, desfiles e culminariam em um grande cortejo afro, com o grupo percursionista Umoja, formado por moradores das proximidades.

Até o dia do evento, havíamos preparado um percurso formativo que envolvia palestras que versariam, para os educandos, sobre a situação atual da população negra, mercado de trabalho, questões de gênero e, para o grupo de professores, sobre a importância de implementar a Lei nº 10.639/2003, questões acerca da autodeclaração e sobre racismo, além da confecção de lembrancinhas em formato de oficina para os educandos com o objetivo de distribuírem no dia do evento na perspectiva de resultado de uma trajetória.

Outras ações foram as atividades que ousavam pedagogizar em consonância com o PPP do Cieja CL, são elas: caminhadas culturais com os educandos, vivências sobre paisagem, lugar e território, para apreender o espaço urbano por meio de saídas em trabalho de campo, nos mais variados roteiros, nas mais diversas propostas e em uma infinidade de parcerias.

O itinerário da proposta era de acordo com o tema gerador, a sequência didática escolhida pelos professores ou a partir de alguma sugestão ou crítica, todos atravessados pelas perspectivas de “expedições geográficas” pela (e na) cidade. O roteiro compreendia visitas a estabelecimentos culturais, como centros educacionais

---

[51] Em 2016, a formação proposta pela Comissão Étnico Racial do Cieja CL foi a montagem de um curso para professores da rede municipal de São Paulo, em formato de percurso formativo, em parceria com a DRE de Campo Limpo. O curso foi sediado no próprio Cieja CL, em conjunto das atividades ofertadas para a comunidade ciejense nas ações do 12º Seminário Étnico Racial do Cieja CL – O Negro na Educação: Desconstruindo e Construindo Imagens. Para a programação do curso, ver São Paulo (2016a).

[52] De 2004 a 2014, os eventos da comissão foram realizados nas sextas-feiras no horário de formação coletiva do próprio Cieja CL, todavia sediado em instituições parceiras, no CDHEP– Capão Redondo e no antigo Sacolão das Artes do Parque Santo Antônio. A partir de 2015, a maioria dos eventos foram realizados em dia letivo, na quinta-feira, nas dependências do próprio Cieja CL e em todos os períodos para que o maior número possível de educandos pudesse participar. Não foi produzido um vídeo resumo do 11º Seminário Étnico Racial (2015), porém, para demonstrar esse tipo de evento, temos o vídeo do evento seguinte, o 12º Seminário Étnico Racial do Cieja CL (12º SEMINÁRIO, 2016).

unificados (CEUs), fábricas de cultura, casas de cultura, teatros renomados da cidade, teatros construídos no viés da cultura popular, ocupações urbanas, aldeias indígenas, saraus, museus, exposições, eventos, todos com o intuito de discutir a segregação social e racial na cidade de São Paulo, a produção cultural, o saneamento básico, a disputa pelo espaço urbano, entre outros temas de extrema valia.

No final do meu segundo ano no Cieja CL, fui convidado a exercer função no órgão central da SME. Como havia terminado o mestrado há pouco tempo, via com bons olhos ocupar lugar estratégico para pensar processos educativos em nível municipal.

Sabendo que poderia encontrar resistência da Dona Eda para que eu pudesse sair, realizei uma estratégia de fazer uma análise dos pontos fortes e fracos do Cieja CL em formato de apresentação em agradecimento ao meu tempo no centro. Depois da apresentação pronta, pedi para conversar com Dona Eda e mostrei o que havia organizado.

Meus destaques giravam em torno de como o Cieja CL representava para mim uma escola à frente do nosso tempo, com um trabalho relevante na EJA, sendo ponto de destaque de luta pela educação no Capão Redondo, a forma como os educandos admiravam o projeto, a maneira como era pensado o processo formativo e o quanto seria desafiador, depois de 20 anos, seguir sem a direção de Dona Eda.[53]

Estávamos na secretaria, Dona Eda e eu, nos últimos dias de aula daquele ano. Depois de fazer a apresentação e finalizar com a minha despedida, ela se virou, sorriu e negou[54] minha saída, com o argumento de que precisava de pessoas para manter o Cieja CL em “pé”, já que, no ano anterior, havia anunciado a aposentadoria e estava pensando na organização do centro após sua saída.

Fui para as férias de final de ano e, até o retorno das aulas do ano seguinte, fiquei pensando em muitos pontos que se apresentaram em meu caminho. Entre eles, a valorosa experiência no Cieja CL, o convite feito para trabalhar na SME (pensar processos educativos em nível de cidade), a possibilidade de conhecer

[53] Dona Eda, depois de 50 anos de educação, 30 anos de EJA e 18 anos de Cieja CL, decide se aposentar, na época, estimulada pelo projeto de lei que estabelecia aposentadoria compulsória aos 70 anos de idade. Mesmo com a não promulgação dessa lei, Dona Eda continuou com os planos de aposentadoria.

[54] Eu poderia insistir em minha saída, todavia gostava de trabalhar no Cieja CL e todos os dias era desafiado por algum projeto ou ação instigante.

melhor o funcionamento do órgão central da educação, assim como qual caminho seguir no projeto de pesquisa da pós-graduação.

O início de 2017 representou para mim um processo de amadurecimento, dado que já não estava mais a procura de um local para trabalhar, que meu posto de trabalho me satisfazia em um conjunto de ações, na medida em que compreendia onde estava, em um processo de amadurecimento do que era trabalhar no Cieja CL.

O caminho que imaginava trilhar, naquele momento, era o de investir em um processo que empreendia uma materialidade dos meus anseios pretéritos relacionados a educação, ou seja, de como levar a vida profissional na educação para além da sala de aula, em contexto periférico, em direção a uma escola da vida, no mesmo local em que houvesse o diálogo intenso entre a comunidade escolar, a comunidade ao redor, em sintonia com a transformação social.

Nos primeiros meses após o início do ano letivo, Dona Eda pediu para falar comigo no espaço da Rádio do Cieja CL. Logo após fechar a porta e contar uma história linda sobre a vida, ela me fez o convite para ser o seu sucessor.

Fiquei pensativo. Nessa e nas conversas seguintes, e não foram poucas, neguei o convite, com todos os argumentos imagináveis, tais como família, carreira, estudos, a existência de pessoas mais velhas que eram mais competentes do que eu para dar prosseguimento ao trabalho, o fato de que eu não tinha essa capacidade de levar o projeto adiante, fazendo com que ele perdurasse. Inclusive cheguei a pensar que eu não me perdoaria se o Cieja CL acabasse na minha gestão.

Depois de muitas conversas e argumentos difíceis de combater a partir da insistência da Dona Eda, aceitei o convite, como um desafio profissional e um compromisso político de contribuir, de alguma maneira, com a EJA. A partir do aceite, solicitei a Dona Eda para que eu ficasse, todos os dias no centro, algumas horas a mais da minha jornada, para ser uma espécie de aprendiz. Pois queria saber tudo o que ela pudesse me falar de Cieja como projeto da SME, do próprio Cieja CL, de educação, de relações administrativas, das interações com a comunidade e parcerias, pois, assim, eu aprenderia um pouco de sua *expertise* enquanto gestora do Cieja CL, ainda em movimento, já que eu acreditava que sua melhor qualidade

era a maneira de como ela se relacionava com a comunidade ciejense[55] durante os seus 18 anos.

Mesmo antes do convite para ser o gestor, eu já tinha como compromisso profissional, para além das ações com os educandos, fazer o registro fotográfico do Cieja CL, organizar as informações sobre o centro,[56] manter o diálogo com as instituições parceiras, assim como receber estudantes, estagiários, pesquisadores, professores, visitantes em geral.

As habilidades desenvolvidas ao passar do tempo, somadas às demandas depois de ter aceitado o convite de Dona Eda, me fizeram perceber que, para assumir a gestão, eu tinha de conhecer o universo que era o centro, mais do que nas funções que desenvolvia. Minha primeira decisão nesse sentido foi conversar com todos[57] do Cieja CL e questioná-los sobre como entendiam o centro, como se viam dentro dele e qual seria o caminho promissor a seguir.

Ao mesmo tempo que fazia o percurso de conversar com o máximo de pessoas, elaborei o projeto que compunha a proposta de gestão de estar à frente do Cieja CL com o máximo de informações coletadas, dentro das minhas possibilidades, com os elementos que julgava dar vida longa à modalidade Cieja.

Apresentei o projeto[58] para a comunidade Cieja CL, assumindo o compromisso de continuidade de uma gestão transformadora, preocupada com a EJA e comprometida em levar o nome do Cieja adiante, ressaltando sempre que, se não fosse para ser consensual, vontade da própria comunidade, eu não continuaria com essa intenção.

Superados os trâmites legais, tivemos de aguardar um ano e seis meses, por causa de problemas com a aposentadoria da Dona Eda. Nesse tempo, permaneci

---

[55] Comunidade Cieja CL ou ciejenses são termos cunhados ao longo da história do centro para evocar ideias de como respeitar o espaço, as pessoas, tal como dar o seu melhor para conviver em uma comunidade colaborativa.

[56] Organizar informações para repórteres de canais televisivos ou de *sites*, revistas, jornais, documentaristas, assim como pesquisadores e até a própria SME. *Vide* o texto enviado para o projeto Aprendizagem ao Longo da Vida do programa da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2017) responsável por atualizar sua base de dados com experiências na educação. O Cieja CL passou a integrar tal base em 2017.

[57] Fiz a opção de conversar com todos os funcionários das empresas terceirizadas, da parte administrativa, da Assistência Pedagógica Educacional, professores(as), motoristas e monitores do TEG, vizinhos, parceiros, educandos e muitos colegas da rede.

[58] Os cargos de gestão dos Ciejas, coordenador-geral, assistente de coordenação-geral, assim como o de assistente pedagógica educacional são exercidos em caráter de designação, todavia, para se efetivarem, devem passar por eleição do conselho do centro, mediante apresentação de proposta.

desenvolvendo meu trabalho e com a proposta de ter a jornada de trabalho prolongada para apreender o cotidiano enquanto futuro gestor.

Entre a minha posse, após a aposentadoria da Dona Eda, e o acolhimento da minha proposta pela comunidade Cieja CL, ficava diariamente pensando nos extremos, ora em desistir, ora em potencializar o trabalho do coletivo, tanto ao lado de Dona Eda, em seus afazeres cotidianos, quanto refletindo sobre processos de melhoria para o centro.

Para que eu pudesse entender o Cieja de maneira ampla, desde 2016 até a efetivação da saída de Dona Eda, tive a oportunidade de participar de uma ampla quantidade de ações que envolviam o centro em seu dinamismo, como participar das formações do projeto Escolas Transformadoras,[59] eventos de educação representando o Cieja CL, palestras em escolas, universidades, com destaque para as relações com a própria SME.

Do contato com SME, destaco o conjunto de reuniões entre os anos de 2016, último ano da gestão Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT), e em 2017, primeiro ano do mandato de João Dória, do PSDB, as quais foram propostas para repensar o Cieja e publicar sua reorganização na cidade de São Paulo. Essas reuniões tinham como objetivo atualizar a legislação do Cieja na cidade. Pois, de 1993 a 2002, o Centro Municipal de Ensino Supletivo (Cemes) foi estabelecido para o atendimento à população jovem e adulta no formato semipresencial e apostilado e, em 2002, teve sua proposta modificada e passou a ser o Cieja, que, somente em 2012, teve publicado o seu decreto de funcionamento.[60]

As reuniões de 2016 foram convocadas pela equipe da Divisão de Jovens e Adultos (Dieja) da SME no último ano da gestão Fernando Haddad, com o objetivo

---

[59] O Cieja CL ganhou o título de Escola Transformadora em 2016. O programa foi uma iniciativa da Ashoka com o Instituto Alana. Esta última é uma organização de impacto socioambiental ligada à Fundação Tide Setubal, já a primeira é uma organização sem fins lucrativos, criada, em 1980, na Índia e presente, desde 1986, no Brasil, considerada a quinta organização não governamental de maior impacto social no mundo. Nesse programa, estabeleceram uma rede de 200 escolas com práticas transformadoras no Brasil e na América Latina. A partir do título, o Cieja CL passou a fazer parte da rede com outras escolas, na qual havia cursos, palestras, publicações, trocas entre os participantes e visitas a outras escolas.

[60] De 2002 a 2012, o Cieja é estabelecido na cidade como programa, correndo o risco a qualquer momento de ser fechado por não ser política pública incorporada à SME. Em 2012, após anúncio informal do fechamento dos Ciejas, Dona Eda organiza um movimento de resistência, inclusive com protestos dos educandos no Cieja CL, quando da visita de Alexandre Schneider, secretário da Educação na época. Schneider fica o dia inteiro conhecendo o projeto, conversa com toda a comunidade e vislumbra sua importância na cidade. A partir de então, solicita um grupo de trabalho da SME para publicar a legislação pertinente para regulamentar o projeto Cieja na cidade. O texto resultado desse processo é o Decreto nº 53.676/2012 (SÃO PAULO, 2012a).

de atualizar e publicar legislações e (ou) informações da EJA que incluíssem o trabalho realizado no período de 2013 a 2016. No caso específico, foi elaborado o texto legal[61] para incorporar e detalhar o Cieja na modalidade de oferta da EJA a partir do Decreto nº 53.676, de 28 de dezembro de 2012.

Com a mudança de governo em 2017, após as eleições de 2016, toda a equipe da Dieja/SME foi trocada, assim com o secretário da Educação.[62] Nesse contexto, a nova equipe de SME convoca outra vez reuniões para reformular e especificar o que havia sido publicado no ano anterior.[63]

Independentemente do partido que esteja à frente da PMSP, a conduta da SME, em muitos casos, é criar grupos de estudos e trabalho envolvendo responsáveis da temática para efetivar determinadas políticas. No caso dos Ciejas, foram convocados a equipe da Dieja/SME, coordenadores-gerais e assistentes pedagógicos de cada Cieja, representantes das DREs ligados a EJA, como supervisores e profissionais da Divisão Pedagógica (Diped). Mesmo após esse debate, as ideias passam por análise do setor jurídico para que as propostas estejam dentro do escopo legal, da mesma forma são repassadas ao crivo da orientação de quem está à frente da pasta para posterior aprovação e continuidade.

Participar desse movimento de reuniões em 2016 e 2017 foi enriquecedor, pois vislumbrei a construção de textos que expressavam o debate por aqueles(as) que lidam cotidianamente com o assunto e seriam afetados por tais mudanças. Do mesmo modo, esse movimento me permitiu contrabalancear, expor e discutir concepções diferentes de determinado assunto, mesmo que o argumento posto não seja o do resultado da discussão em si, mas as orientações políticas em questão.

Além de ver a parte burocrática que rege o Cieja na cidade sendo debatida e construída ao vivo, os encontros eram para além de formativos, já que, neles, conhecíamos os representantes da SME, de outras diretorias regionais e principalmente de outros Ciejas. Nessas conversas, tínhamos a possibilidade de ouvir as histórias que eram contadas sobre a trajetória dos Ciejas, desde o Cemes,

[61] O texto oficial com base nas reuniões compõe a Portaria nº 7.834/2016 (SÃO PAULO, 2016b).
[62] Gabriel Chalita (PSDB), seguido de Marcos Rogério de Souza, foram os secretários de Educação na gestão Fernando Haddad (2013-2016). No início de 2017, Alexandre Schneider (PSDB) assume a pasta na gestão João Dória.
[63] O resultado das reuniões do ano de 2017 compõem base da Portaria nº 9.032/2017 (SÃO PAULO, 2017).

as fases de quase fechamento e até de inaugurações de novos Ciejas.[64] Debatíamos sobre a maneira como cada centro enfrentava determinada realidade e(ou) a forma de trabalho pedagógico, ou seja, trocávamos experiências.

No primeiro semestre de 2018, meses antes de assumir o cargo de coordenador-geral, com a incerteza da data exata da aposentadoria da Dona Eda, elaboramos a estratégia de fazer com que sua saída ocorresse em formato de transição, na qual pontuamos ações que compreendiam desde repensar a configuração estética do próprio Cieja CL, deixando-o mais acolhedor, até eventos de despedidas, estudos, diversas maneiras de trazer à tona a história do centro para toda a comunidade ciejense pudesse se apropriar.

Ao pensarmos essas ações de transição, nos demos conta que, naquela época, o Cieja CL completaria 20 anos e nada mais justo do que um grande evento comemorativo das duas décadas, em conjunto com a saída da sua gestora e a recepção do novo coordenador-geral.[65]

Como pano de fundo, além das organizações festivas e reestruturação do ambiente, fizemos o esforço coletivo de construir nossa linha do tempo,[66] ou seja, ao mesmo tempo que trabalhávamos a ideia de deixar o ambiente acolhedor e integrado, fazíamos a organização da festividade, convidávamos todas as pessoas que já haviam trabalhado no Cieja CL e nos Ciejas da cidade, desenvolvíamos ações com educandos, professores, funcionários e debatíamos os pontos relevantes para constarem em nossa cronologia a partir do processo de autorreflexão da linha do tempo.

Realizamos a comemoração das duas décadas de existência no dia 10 de maio, com direito a parabéns, bolo e festa nos seis períodos de atendimento. Recebemos a visita de ex-funcionários, ex-professores, parceiros, admiradores, pesquisadores, jornalistas, supervisores de ensino, equipe diretiva e pedagógica da

---

[64] Em 2016, houve a inauguração do Cieja Perus, assim como todas as pessoas novas de Cieja, toda a equipe de Perus era nova e não tinha vivenciado essa experiência. As reuniões foram possibilidades de trocas sobre o funcionamento do projeto.

[65] Pelo alcance do trabalho do Cieja CL, a preocupação de quem acompanhou a história do centro, principalmente da Dona Eda, era a de não continuação da maneira de ser Cieja CL, uma escola acolhedora, inovadora, transformadora, com práticas voltadas para a inclusão de seu público, por isso, a transição foi pensada como processo reflexivo da importância da história do centro.

[66] A ideia da linha do tempo surge a partir da parceria com o grupo Slow Food da Política, participante do projeto Visionários – Quebrando Muros, que tinha como objetivo potencializar instituições parceiras para concorrerem a um prêmio de R$ 10 mil com a melhor proposta. A intervenção do grupo foi promover o diálogo necessário entre as pessoas do Cieja CL para compor uma narrativa histórica. Ao realizarmos as oficinas, identificamos a riqueza da proposta e assimilamos a ideia ao nosso processo de transição.

DRE de Campo Limpo, assim como do secretário municipal de Educação, Alexandre Schneider[67] e sua assessoria.

Os atos comemorativos no geral e a linha do tempo em particular fizeram com que a história do Cieja CL fosse recontada por todos, desde os momentos difíceis até os momentos de premiação, viagens, publicações, proporcionando avaliações do trabalho e, o principal, apontamentos dos aspectos positivos para projetarmos perspectivas para seu futuro.

Não muito tempo depois da festa dos 20 anos do Cieja CL, Dona Eda se aposenta e eu assumo o seu lugar, com toda as preocupações possíveis do novo cargo, mas confiante na troca de experiências a partir do período de transição.

Concomitantemente aos primeiros meses como novo gestor, fui aprovado no processo seletivo de doutorado em Geografia do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), *Campus* Presidente Prudente, através do edital do Centro Paula Souza para formação de professores, com a proposta de pesquisa *Da "quebrada" dos saraus à construção curricular periférica: uma proposta de diálogo*, que tinha como objetivo identificar a trajetória dos saraus na cidade de São Paulo em diálogo com instituições de ensino, para verificar o enriquecimento do currículo baseado no cotidiano "periférico" nos distritos de Capão Redondo e Campo Limpo, na Zona Sul da cidade de São Paulo, entre os anos de 2003 à 2018.

O segundo semestre de 2018 foi repleto de expectativas, leituras, questionamentos, debates, tanto do lado profissional quanto do lado acadêmico, pois o deslocamento de São Paulo a Presidente Prudente, assim como o ajuste da rotina como gestor e a complexidade em lidar com o universo do centro, frequentemente me levavam a questionar a dimensão de um processo de pesquisa que fosse um apoio à interpretação da realidade vivida e a possibilidade de continuar a trajetória de pesquisa iniciada no mestrado.

Tais comparações foram potencializadas pelas leituras da minha dissertação, que tinha como perspectiva identificar o processo identitário ligado ao movimento de Saraus na Zona Sul de São Paulo, tendo como base os conceitos de segregação de

[67] Alexandre Schneider tem uma proximidade grande com o Cieja CL, desde a sua primeira atuação na SME na gestão Serra/Kassab (2006-2011), na qual foi um dos responsáveis por garantir que o projeto Cieja não fosse extinto, além de proporcionar o atendimento do TEG para o centro, assim como na gestão Dória (2017-2018), quando auxiliou na reformulação da portaria que reorganiza os Ciejas na cidade de São Paulo.

Spósito (1996) e Villaça (2001); de cultura de Lewis (1969); de território de Haesbaert (1997) e Raffestin (1993); de territorialidade de Haesbaert (2005); e de lugar de Carlos (1996, 2001), Damiani (2001), Harvey (2004) e Santos (1994, 2008).

As comparações e análises feitas foram ao encontro de considerar a importância da cultura como campo de batalha da própria sociedade, na disputa por território e na produção de territorialidades, no entroncamento dos espaços segregados e fragmentados da cidade, assim como a realização e a força do lugar como essencial para a população pobre no acirramento do mundo globalizado.

Na dissertação, constatei que o desenvolvimento das ações do sarau e do movimento cultural periférico se demonstraram eficazes para fomentar debates e reflexões potentes para uma série de assuntos, com uma infinidade metodológica em múltiplos espaços, em contraposição à realidade que havia enfrentado nas escolas em que passei, que experimentavam ações diferenciadas pontuais.

Pensar uma pesquisa que colocasse foco na proposta curricular trabalhada em escolas em constante diálogo com o movimento cultural periférico, em especial, o movimento de saraus, era abranger um conjunto de propostas pedagógicas em desenvolvimento que pudessem demonstrar como construir um currículo ou um PPP que se dispusesse ao envolvimento do trabalho na comunidade. Todavia ficaria restrito aos exemplos a serem pesquisados que não necessariamente representariam um caminho concreto em direção a ser trilhada coletivamente, mas sim indícios desse caminho.

Ao enfrentar o envolvimento das disciplinas, da orientação e das tensões do cotidiano de gestor escolar, percebi que a grande interrogação que eu poderia prosseguir em um processo de pesquisa, era a partir da realidade vivenciada, já que me deparava frequentemente com entroncamentos relacionados aos anseios de como construir um PPP que levasse em consideração o território, as práticas do lugar, a cultura popular, a relação com os movimentos culturais e políticos, ao fato de pensar uma educação direcionada ao público jovem e adulto. Questões que se avolumavam no sentido de como pensar uma escola dentro da PMSP que pudesse acumular tais ganhos e que resultasse na busca de uma proposta autônoma, transformadora e potente.

A proposta de uma escola em diálogo com os movimentos culturais periféricos na construção de um currículo territorializado, que fosse aberta para essas possibilidades, articulada à trajetória de 20 anos do Cieja CL me levaram a

modificar o projeto de pesquisa de doutorado para *Tecendo os fios da rede: o Cieja CL como proposta em rede da educação de jovens e adultos no município de São Paulo*, com a preocupação de demonstrar a função social da escola na perspectiva de uma proposta territorializada de currículo nas ações do cotidiano.

Nos anos de 2015, 2016, 2017 e 2018 aprofundei as vivências, as ações e os eventos e aumentei a frequência[68] das atividades internas e externas ao Cieja CL. Após ter realizado o percurso citado, ouvido nossos alunos e realizado autoavaliação e avaliação coletiva de todo o processo, pude fazer múltiplas comparações, desde a experiência na rede estadual (no técnico e no regular) e na Emef da PMSP até mesmo as primeiras ações realizadas no próprio Cieja CL.

Todavia, a partir da experiência do Cieja CL, pude perceber o quanto era importante refletirmos sobre o dinamismo do currículo, a função social da escola, quais as melhores formas de atendimento da EJA em consonância com o debate da cultura, da segregação urbana, das transformações sociais, do movimento da classe trabalhadora, a importância do diálogo do PPP da escola com a comunidade ao redor e com as parcerias, bem como, no caso específico do Cieja CL, com o circuito da produção cultural periférica.

O contexto de trabalhar no Cieja CL, já havia me dado base para colocar o Cieja CL em uma perspectiva de estudo autônomo no que tange ao desenvolvimento do trabalho na EJA, pelo fato de estar no Capão Redondo, na relação com a comunidade, com os movimentos culturais e na perspectiva do impacto nos educandos.

Esse contexto foi enriquecido com as devolutivas dos educandos sobre as ações realizadas, o orgulho de tirar o RG (registro geral), de pegar ônibus, de visualizar a cidade de maneira diferente, de buscar seus direitos, de se formar no Cieja e conseguir eliminar o ensino médio,[69] assim como, no ano seguinte, estar em curso universitário realizando o seu sonho. Experiências que auxiliavam na sobreposição de traumas sofridos[70] em seus percursos escolares.

---

[68] Parte do material produzido está publicado no *blog* do Cieja CL (https://blogdociejacampolimpo.blogspot.com), no canal Diego Elias do YouTube (@diegoelias155) e no PPP do Cieja CL dos respectivos anos.

[69] Ao terminar o ensino fundamental I e II no Cieja CL, os educandos são estimulados a prestar o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja), uma avaliação que possibilita a eliminação do ensino médio.

[70] De muitas histórias, vou escolher duas para que possamos melhor ilustrar esse trecho. Uma educanda, de aproximadamente 50 anos, após se emocionar durante uma intervenção artística, relata que estava daquele jeito porque era a primeira vez que usava lápis de cor em sua vida e que tudo que tinha a ligação com lápis ou material da escola, desde pequena, o pai advertia que não era para

Dessa encruzilhada dos caminhos formativos e da realidade enfrentada, cheguei a alguns apontamentos consideráveis para justificar a busca pela presente pesquisa, são eles:

1) Na unidade escolar, mesmo sendo a SME/PMSP uma das redes de ensino de destaque no Brasil, a figura do diretor, acompanhado da gestão como um todo (assistentes de direção e coordenação), desenvolve papel fundamental para que haja no ambiente escolar relações democráticas e horizontalizadas, que foquem o âmbito da melhora da aprendizagem dos educandos com experiências educacionais significativas. Caso haja uma direção que queira a escola do "seu" jeito ao invés do bem coletivo, esbarrará constantemente em atritos com os profissionais da educação e impedirá práticas transformadoras de aprendizagem de ocorrerem de maneira fluída.
2) Em relação à rede de ensino, constantemente estará sob o comando de um grupo de pessoas que representa uma visão de mundo através de um governo, que formulará o seu currículo, suas orientações, suas formações, terá as indicações aos cargos designados[71] de setores importantes como os do Coped[72] e do Diped[73], no caso da rede municipal de São Paulo, que ora poderão ser progressistas, ora conservadores. Por isso, há a necessidade de luta por políticas públicas estruturantes que possam garantir o direito à educação criativa, participativa, acolhedora etc.
3) Na pós-graduação, constatei que existe um abismo entre a produção científica e o cotidiano do espaço escolar, principalmente na geografia. Por mais que, nas disciplinas e em alguns professores, identificasse a

---

ela, restando somente o trabalho na lavoura. Outra educanda, também por volta de 50 anos, estava em processo de depressão quando entrou no Cieja CL, por causa de acusações injustas de roubo em seu trabalho, e, mesmo depois de provar que não tinha cometido o delito, tinha sido despedida. Depois de dois anos, ela faz o relato em sala de que o Cieja CL fez em sua vida. Segundo suas palavras, "me curou da depressão", já que, no centro, conversava, pensava sobre os problemas das outras pessoas, se fortalecia com as discussões de empoderamento feminino etc.

[71] Os cargos designados são aqueles que os servidores podem ser indicados para ocupá-los no caso citado, as hierarquias diretas têm o poder de fazê-lo sem eleições, diferentemente de cargos designados nas unidades escolares, que devem ser feitos por eleições e aval do conselho de escola ou por serem cargos de confiança (assistente de direção e secretária).

[72] Coordenadoria Pedagógica, responsável pela formulação do currículo, das avaliações e das formações em nível de SME/PMSP.

[73] Divisão Pedagógica, responsável pela formação de acordo com as modalidades de ensino em nível de DRE.

busca por esse caminho, no geral, observava a potência do espaço escolar como possibilidade de transformação social sem o suporte da academia. Isso me intrigava a saber como uma proposta escolar pode ser acolhedora, libertária, autônoma, democrática e criativa com o auxílio da universidade?

4) Como refletir sobre o espaço escolar para além dos muros da escola em um centro de educação de jovens e adultos com muitas particularidades perante a EJA regular institucionalizada?
5) Como identificar o impacto da proposta do Cieja CL, de maneira a pensar o ser cidadão, o envolvimento social, a partir de um PPP territorializado?
6) Como apreender as transformações estruturantes na EJA no momento pós-pandêmico?
7) Como identificar as potências de um currículo territorializado, emancipatório em busca da cidadania e da autonomia e, em seguida, mensurar seu impacto na sua comunidade?

A “corda bamba” entre a potência da educação e a riqueza da cultura popular, esbarrando em possibilidades de ambas se fundirem e se tornarem política pública, com infraestrutura, organização, formação, estímulo, e terem o suporte da produção científica, foram os motivos para que eu procurasse horizontes que pudessem demonstrar alternativas ao processo educativo, principalmente as construídas coletivamente.

Nesse caminho, escolhi estudar o Cieja CL como campo de pesquisa e identificá-lo como alternativa para a EJA no município de São Paulo, enquanto potência criativa e inovadora na educação, a partir de uma proposta de educação pública, territorializada, popular, comunitária, social e cidadã. Pois defendemos que o Cieja construiu, ao longo de sua trajetória, uma proposta de participação popular, em busca da autonomia, atualizando o pensamento de Paulo Freire e fazendo frente à precarização da EJA na cidade.

O esforço dessa vereda está assentado na “encruzilhada” de múltiplas trajetórias, escalas-espaços-temporais e faces do que é o Cieja CL, na formação de uma verdadeira trama, seja dentro do contexto da EJA no Brasil, o percurso no âmbito de SME (criação do Cemes, do Cieja, movimento de fortalecimento), seu rumo no Campo Limpo/Capão Redondo (desenvolvimento de redes locais, nacionais

e internacionais), seja enquanto desdobramentos do processo pedagógico no cotidiano e na sua relação em processo de aprendizagem dentro de salas locadas de uma Igreja e, em seguida, em dois sobrados adaptados.

A descrição dessa trama a partir da tecitura de uma rede é o movimento necessário para dar origem a uma história possível de ser narrada. Por isso, corroboramos com Zusman (2014, p. 145) quando aponta que “a trama não descreve os territórios, os lugares, as paisagens, como supõem as visões clássicas da descrição, mas os constitui. Isto quer dizer que o próprio ato de descrever configura geografias”.

O Cieja CL, ao longo dos seus 25 anos, sempre enfrentou dificuldades para garantir sua existência, seja na sua trajetória dentro da SME, por lidar somente com a EJA, ou por estar no território conflituoso dos distritos do Campo Limpo e do Capão Redondo.

Dentro da SME, as fragilidades se constituíram desde o início, a partir do Cemes, que era apostilado, semipresencial, destinado apenas a plantão de dúvidas e orientação para seu público, funcionando, em sua maioria, em prédios locados e (ou) em parcerias com outros prédios e repartições públicos. Mesmo a migração para o Cieja não resolveu suas precariedades fundamentais, em especial, o processo de formação e orientação dos órgãos competentes e a falta de legislação que correspondesse às suas particularidades, consequência direta do número reduzido de centros pela cidade, frente às outras modalidades de ensino no município, fatos que colocam frequentemente incertezas para a permanência do projeto.

A partir dessas problematizações, esta pesquisa destaca como questão principal apreender como o Cieja CL sobrevive, como resiste perante os tensionamentos impostos dentro das dificuldades e precariedades enfrentadas cotidianamente, utilizando como recorte temporal a abertura do Cemes, em 1993, e o momento de realização da pesquisa, em 2022.

Nossa hipótese, frente a esse questionamento principal é que o PPP do Cieja CL foi tecido ao longo dos 25 anos, enquanto processo de territorialização educativa coletiva, que colocou a escola em diálogo profundo com as geografias que a compõem (dos estudantes, da EJA/SP e dos distritos) e fez com que seus sujeitos e participantes e a própria instituição constituíssem elementos fundamentais de resistência às adversidades enfrentadas em sua história.

O objetivo geral é identificar como os sujeitos da comunidade Cieja CL (gestão, professores, funcionários, servidores, parceiros) constroem o centro enquanto território educativo (alternativo) de resistência, fazendo com que este se sustente no mundo, apesar de todas as precariedades.

Os objetivos específicos são os seguintes: *i)* investigar quais são os elementos estruturais (recursos, infraestrutura, aspectos legais e institucionais) que fazem com que o território do Cieja CL não desapareça; e *ii)* relacionar a EJA dentro do processo de um território de resistência a partir da experiência do Cieja CL no contexto da SME.

Para o desenvolvimento da pesquisa, realizamos questionário estruturado com 58 questões para os 16 Ciejas da cidade de São Paulo, entrevistamos seis coordenadores-gerais, a representante da Dieja/SME da época, a Dona Eda Luiz, articuladora e coordenadora-geral durante 20 anos do Cieja CL, assim como realizamos três grupos focais, com 49 participantes ao todo.

Para cumprir com os objetivos propostos dividimos este trabalho em sete partes. A primeira, “Andar, viver e aprender, aprender a viver andando: perambulações”, cumpre a função de apresentar a minha vivência como trajetória de construção da pesquisa e processo de busca de respostas profissionais dentro do universo da educação, assim como a sua conexão com o tema da pesquisa.

No “Capítulo 1 – Discussão teórico-metodológica”, discutimos questões relevantes sobre a EJA, a importância de Paulo Freire para o tema, as contribuições da pedagogia social, assim como questões importantes sobre o território e a territorialidade.

No “Capítulo 2 – Do Cemes ao projeto Cieja na cidade de São Paulo”, o contexto de construção do projeto do Cemes e sua transformação em Cieja, demonstramos desde o surgimento do projeto na cidade e suas transformações.

No “Capítulo 3 – O universo Cieja na cidade de São Paulo”, o projeto Cieja foi contextualizado e apontado acerca de sua importância para a cidade de São Paulo, de suas resistências, conflitos, assim como de perspectivas de diferenciação de outras modalidades.

No “Capítulo 4 – Isto é uma escola? O Cieja CL como potência na Zona Sul da cidade de São Paulo: um avanço geográfico”, apresentamos a perspectiva de explicitar a contribuição do Cieja CL na sua trajetória para a permanência dos outros Ciejas, tal como exemplificar o seu funcionamento e sua potência.

No “Capítulo 5 – Portões abertos: da entrada no Cieja CL à resolução em roda – ‘Diz aí, meu povo!’”, o objetivo era dar voz para a comunidade Cieja CL para que suas contribuições viessem ao texto elucidar os pontos a serem discutidos.

Na parte da “conclusão: Aqui não temos ponto final e sim conquistas de uma caminhada” tem como intuito demonstrar os avanços proporcionados pelo trabalho, bem como pela trajetória da pesquisa.

Por último o “Capítulo: Sem compromisso… fique mais um pouco!” encerra este trabalho com contribuições de elementos que ajudam a entender o Cieja no geral e o Cieja CL em específico a partir de fotografias, planejamentos, dentre outros elementos, para que o leitor possa complementar suas impressões da leitura.

CAPÍTULO 1

O TEMA NO CAMINHO DA CIÊNCIA

> Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade de ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional.
> (Bondía)[1]

No presente trabalho, corroboramos com Bondía (2002) ao considerar a educação como experiência, como caminho, nas relações humanas no sentido com e a partir das palavras, naquilo que nos acontece, naquilo que nos passa, em detrimento da informação e da opinião.

Na atualidade, o tempo da experiência não é valorizado, o tempo é cronometrado, controlado, acelerado nos cursos de formação, nas escolas. O excesso de trabalho, de afazeres, de metas, de planejamento retira o processo de viver a experiência com significado.

O tempo da experiência deve ser respeitado, por isso, este trabalho tem o esforço de valorizar a experiência do Cieja CL, que, desde 1998, desenvolve práticas alternativas na EJA na Zona Sul da cidade de São Paulo e nos mostrou, durante o trabalho de pesquisa, que as vivências realizadas no cotidiano pedagógico auxiliam na construção de um projeto político-pedagógico territorializado. Para ajudar no entendimento do PPP territorializado do Cieja CL, foram pensados caminhos que contribuíssem para o seu registro e a possibilidade de replicação desse projeto para diferentes realidades.

Este capítulo está dividido da seguinte maneira: na subseção “A EJA como processo de luta histórica”, desenvolveremos o contexto da EJA; na subseção “A

[1] BONDÍA, 2002, p. 26.

importância de Paulo Freire para este tema", traremos a relevância do educador Paulo Freire e sua contribuição para a EJA e para o Cieja CL; na subseção "A Pedagogia Social como caminho possível", discorreremos sobre o campo teórico da Pedagogia Social e sua influência no tema; na subseção "Do território a territorialidade: a contribuição da leitura geográfica para a compreensão do fenômeno Cieja CL", abordaremos os caminhos geográficos do território para o entendimento do processo de educação.

1.1 A EJA como processo de luta histórica

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (Pnad Contínua) 2019, a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos de idade ou mais foi estimada em 6,6% (11 milhões de analfabetos), ao lado de 32,2% das pessoas com mais de 25 anos com o ensino fundamental incompleto (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019). Dados alarmantes quando estamos pensando em um país com dimensões continentais e que representa um país que está entre os 20 mais ricos do mundo.

Quando olhamos para o índice de analfabetismo ao longo do século XX, identificamos dados acentuados, em especial, quando pensamos em números absolutos, como citado anteriormente, um montante comparado a populações de países inteiros.

Tabela 1 – Analfabetismo na faixa de 15 anos ou mais – Brasil – 1900-2000, em milhões

Ano	População de 15 anos ou mais		
	Total[1]	Analfabeta[1]	Taxa de Analfabetismo
1900	9.728	6.348	65,3
1920	17.564	11.409	65,0
1940	23.648	13.269	56,1
1950	30.188	15.272	50,6
1960	40.233	15.964	39,7
1970	53.633	18.100	33,7
1980	74.600	19.356	25,9
1991	94.891	18.682	19,7
2000	119.533	16.295	13,6

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2000) apud Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2002).
Nota: (1) em milhares.

A educação de adultos no Brasil tem início no século XVI, por volta de 1550, quando houve a guerra de conquista política e cultural pelos europeus, em especial, pelos padres jesuítas, para intensificar o processo de dominação cultural, na qual os padres ensinavam leitura, escrita, costumes e atividades laborativas aos indígenas.

O avanço na educação se deu com a independência do Brasil, a partir da primeira Constituição em 1824, que delimitou a instrução gratuita para todos os cidadãos. Todavia, na época, a população negra escravizada, a população pobre e as mulheres ficavam de fora dessa conquista.

No século seguinte, o Decreto nº 16.782-A, de 13 de janeiro de 1925, conhecido como Lei Rocha Vaz, ou Reforma João Alves, estabeleceu a criação do ensino noturno e a sua extensão para a educação de adultos.

Em 1934, é promulgada uma nova Constituição, em meio aos tensionamentos do tenentismo e dos movimentos populares em contraposição às oligarquias conservadoras. Nela, a principal mudança a ser considerada para o tema foi a extensão do ensino primário aos adultos.

Com a maioria da população brasileira acima dos 18 anos na situação de analfabetos, no contexto do avanço do desenvolvimento industrial capitalista e do processo de urbanização, intensifica-se a preocupação com a erradicação do analfabetismo. Segundo Beisegel (1982), enquanto empreendimento global de governos e da União, esse esforço se deu para que todos os habitantes adultos

fossem incluídos no mundo da leitura e da escrita.

Nesse sentido, em 1942, com o objetivo de vincular a EJA ao ensino profissionalizante, é criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). Além disso, foram criadas campanhas de alfabetização em massa em nível nacional: de 1947 a 1950, a Campanha Nacional de Educação de Adolescente e Adultos (Ceaa), em consonância com os esforços da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco); de 1952 a 1963, a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo Rural, com foco na região Nordeste; e, de 1958 a 1961, a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (DI PIERRO, 2001).

Segundo Paiva (2003), as campanhas tinham como foco, para além da alfabetização de crianças, adolescentes e adultos, a preocupação de levar, para a população, valores cívicos em busca do desenvolvimento econômico, contribuir para a ampliação do atendimento escolar e influenciar programas de educação posteriormente.

Dois são os movimentos históricos principais de discussões sobre a educação de jovens e adultos que geraram as campanhas nacionais de alfabetização, formas de participação brasileira no cenário internacional desse debate, assim como repercussões que resultaram nos fóruns nacional e estaduais da EJA, são eles: o primeiro e o segundo congressos nacionais de educação de adultos; e as conferências internacionais de educação de adultos (Confintea).

O I Congresso Nacional de Educação de Adultos teve como objetivo trazer a discussão de como enfrentar os problemas de analfabetismo no Brasil, assim como os princípios de levar ao território nacional as campanhas de alfabetização. O II Congresso Nacional de Educação de Adultos[2] teve como objetivo avaliar as campanhas e o movimento de alfabetização no país, assim como levantar os principais desafios e perspectivas de progresso na EJA.

As Confintea, realizadas a cada 12 anos, têm o objetivo de debater e avaliar as políticas implementadas para a modalidade de educação de adultos. A primeira Confintea aconteceu, em 1949, em Elsinore, na Dinamarca; a segunda, em 1960, em Montreal, no Canadá; a terceira transcorreu, em 1972, em Tóquio, no Japão; a quarta ocorreu, em 1985, em Paris; a quinta se realizou, em 1997, em Hamburgo, na Alemanha; a sexta, em 2009, em Belém (PA), no Brasil; e a sétima foi realizada, em 2022, em Marraquexe, no Marrocos.

[2] CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS, 2., 1958.

Tais eventos problematizaram o conceito de alfabetização para a vida e o combate ao analfabetismo, colocando a discussão da EJA como urgência para o combate às disparidades sociais, e influenciaram consideravelmente a temática no Brasil.

Em relação aos movimentos populares que ganharam destaque nacional após a discussão sobre a EJA, em 1963, ocorre aquele que ficou conhecido como As 40 Horas de Angicos, na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte. Nele, Paulo Freire e sua equipe elaboram intervenções de leitura e escrita através dos círculos de cultura e das fichas de cultura com a população local e criam possibilidades de alfabetização por meio do debate, de situações-problema do cotidiano que levavam o sujeito ao processo de consciência social e, ao mesmo tempo, adentrava no mundo das letras e dos números, sendo alfabetizado. Essa experiência se torna referência quando o assunto é educação de adultos e, ao mesmo tempo, contribui para reflexões profundas sobre a relação professor-aluno, aluno-aluno, aluno-professor, professor-conhecimento-aluno, entre outras perspectivas.

Com a experiência de Angicos, Paulo Freire fica conhecido em nível nacional e é chamado pelo presidente João Goulart para ficar encarregado do Plano Nacional de Alfabetização de Adultos (PNAA). Todavia fica pouco tempo na função, pois, em 1964, acontece o golpe militar e a deposição do presidente João Goulart. Paulo Freire é cassado e preso como subversivo, ficando aproximadamente 70 dias preso. Depois de liberto, vai para o exílio contribuir para a discussão da EJA e da educação no geral em outros países.

Frente à proposta de uma educação democrática, política e participativa, o Estado brasileiro, funda, por meio da Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, o Movimento Brasileiro de Alfabetização, o Mobral, com foco nas noções funcionais de alfabetização somente. Na década de 1970, há a expansão nacional do Mobral através de sua derivação no Programa Educação Integrada (PEI), uma forma compacta de primário.

Na redemocratização, com a extinção do Mobral, é instituída pelo governo a Fundação Educar (1986-1990), cujo objetivo é redefinir os objetivos do programa anterior na perspectiva de educação para todos e, nela, a abrangência para a EJA.

No que diz respeito ao processo das leis de educação para a população jovem e adulta, temos a influências das Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional (LDB), que é responsável por orientar, definir e normatizar a temática da educação no Brasil[3].

A primeira LDB foi promulgada, em 20 de dezembro de 1961, no governo do Presidente João Goulart, por meio da Lei nº 4.024. Esse documento levou 13 anos em discussão para ficar pronto. A LDB foi formulada com o objetivo de ser um instrumento normativo essencial para definir o sistema de educação de maneira autônoma e contrapor ao presidencialismo autocrático da Constituição de 1937. Esse documento traz ganhos relacionados à existência dos conselhos estaduais e federal de educação, estipula gasto mínimo com a educação para o Estado Brasileiro e para os municípios, coloca a obrigatoriedade do ensino nos quatro anos iniciais, entre outros avanços (BRASIL, 1961).

A LDB de 1971, a partir da promulgação da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de daquele ano, durante o regime militar, estabelece a obrigatoriedade do ensino dos 7 aos 14 anos de idade; pela primeira vez, pontua sobre o ensino a distância; estabelece que, tanto para o 1º quanto para o 2º grau, deve haver um núcleo comum para o currículo; estabelece teto mínimo para o orçamento dos municípios (20%), todavia não aborda quanto o Estado brasileiro deve gastar; devido a necessidade de mão de obra, o 2º grau passa a ter como foco o ensino profissionalizante; e, pela primeira vez, a LDB faz referência a EJA, em um capítulo sobre o ensino supletivo (BRASIL, 1971).

Na Constituição de 1988, houve a conquista para a EJA com os princípios da educação enquanto direito para todos os cidadãos brasileiros, expresso no artigo 208, inciso I, o qual define: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de [...] ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria” (BRASIL, [2023a]).

Todavia é na LDB de 1996 que são normatizadas as conquistas da EJA ao colocá-la como modalidade da educação básica, como possibilidade de atendimento para aqueles que não tiveram oportunidade de estudar na idade tida como própria, com base nos princípios da universalização do direito à educação para todos.

No cenário internacional, as discussões sobre as disparidades no processo de educação ganharam destaque no início da década de 1990, em duas direções. A primeira, o destaque para a Unesco, que declara 1990 como o Ano Internacional da

[3] LEI Nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971.

Alfabetização. A segunda, a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, que ocorre, na Tailândia, a partir da reflexão de que:

> - mais de 100 milhões de crianças, das quais pelo menos 60 milhões são meninas, não têm acesso ao ensino primário;
> - mais de 960 milhões de adultos — dois terços dos quais mulheres são analfabetos, e o analfabetismo funcional é um problema significativo em todos os países industrializados ou em desenvolvimento;
> - mais de um terço dos adultos do mundo não têm acesso ao conhecimento impresso, às novas habilidades e tecnologias, que poderiam melhorar a qualidade de vida e ajudá-los a perceber e a adaptar-se às mudanças sociais e culturais; e
> - mais de 100 milhões de crianças e incontáveis adultos não conseguem concluir o ciclo básico, e outros milhões, apesar de concluí-lo, não conseguem adquirir conhecimentos e habilidades essenciais. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 1990).

Ambas as ações fazem com que a EJA não seja perdida de vista pelo governo federal na busca da erradicação do analfabetismo.

No que tange à participação popular, nos anos 1990, destacam-se o Encontro Latino-Americano sobre Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores, promovido pela Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação e do Desporto em cooperação com a Unesco, realizado, em 1993, em Olinda (PE); e o processo de mobilização para a V Confintea, realizada em Hamburgo, na Alemanha, em 1997, com o envolvimento de encontros municipais, estaduais, regionais que culminaram diretamente na organização do I Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos, em 1999, no Rio de Janeiro (FÓRUNS EJA BRASIL, 1999), que teve como consequência a criação dos fóruns nacional e estaduais de educação, responsáveis pela articulação de movimentos populares, sociedade civil e universidades no tensionamento para políticas em atenção ao público jovem e adulto.

Os anos 2000 foram marcados por avanços no governo federal para a EJA, a começar pela aprovação do Parecer CNE/CEB nº 11, de 10 de maio de 2000, que trata das diretrizes curriculares nacionais para a EJA e, em 9 de janeiro de 2001, do Plano Nacional de Educação, criado pela Lei nº 10.172, que ratifica o olhar para a EJA (BRASIL, 2000, 2001).

Em 2003, o governo federal criou o Programa Brasil Alfabetizado, com o compromisso de “não deixar ‘nenhum brasileiro para trás!’” (BRASIL, [2023b]), em 2004, iincorpora a educação de jovens e adultos à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), na qual estavam reunidas as

temáticas de alfabetização e EJA, educação do campo, educação ambiental, educação escolar indígena e diversidade étnico-racial.

Dois programas são criados em atenção à população jovem e adulta, o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem), instituído pelo Decreto nº 11.129, de 30 de junho de 2005, com o objetivo de promover a educação profissional e a qualificação social, atendendo jovens de 18 a 29 anos, e o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja), promulgado pelo Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006, com o objetivo de oferecer o ensino regular em conjunto com a qualificação profissional e/ou curso técnico (BRASIL, 2005, 2006a).

Em relação ao financiamento da EJA, a partir de 2007, foi instituído o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), que consiste em um fundo especial, composto por recursos oriundo de imposto destinado aos estados, e que tem o objetivo de complementar a educação no Brasil.[4]

Na atualidade, em especial após pandemia, a EJA enfrenta diversos desafios, dentre os quais, diminuição considerável do número de matrículas, fechamento de salas, não adequação da estrutura educacional para o atendimento do jovem e do adulto etc.

Com o avanço da pandemia de covid-19, tanto os jovens quanto os adultos, público-alvo da EJA, enfrentavam condições desfavoráveis em relação ao mercado de trabalho. Muitos não conseguiram manter os empregos, outros foram postos na linha de frente de exposição ao vírus para manterem os subempregos e, ainda, aqueles que tiveram, para complementar a renda em casa, fazer “bicos” em qualquer oportunidade de trabalho que aparecesse na frente, seja com ou sem direitos trabalhistas. Esse cenário fez com que o estudo ocupasse outro lugar de prioridade em relação ao sustento da família.

Essa baixa de matrículas foi sentida em toda a EJA, ocasionando diretamente o fechamento de turmas inteiras. Inclusive Emefs que tinham algumas salas de EJA à noite passaram a não mais oferecer essa modalidade de ensino.

Aquelas escolas que conseguiram segurar algumas salas da EJA, ainda não

[4] Em 2020, o Fundeb passa por reformulação e terá um aumento gradativo até atingir o percentual de 23%, que formarão o fundo em 2026.

conseguiram fazer com que ocupasse lugar de destaque para o atendimento do seu público, com a cultura da EJA, proposta própria, horários flexíveis ou projetos diferenciados, motivos pelos quais tais salas ficaram fadadas à sorte na demanda por matrículas.

A seguir, o fluxo de matrículas da DRE de Campo Limpo entre os anos de 2019 e 2023.

Tabela 2 – Fluxo de matrículas – educação de jovens e adultos

Unidade Data base	2019 31/10/2019	2020 31/10/2020	2021 29/10/2021	2022 31/10/2022	2023 28/02/2023
CIEJA	1384	1556	1267	944	1043
EMEF	5703	6522	4108	2848	2698
MOVA	1991	1433	1551	1736	1407
Total Geral	9078	9511	6926	5528	5148

Fonte: São Paulo (2023d).
Nota: dados apresentados na reunião de início de ano para as escolas para demonstrar a variação de matrículas nos últimos anos.

Dessa tabela, apreendemos que houve uma diminuição de matrículas nos três locais de ofertas da EJA: no Cieja CL, em números absolutos, um total de 341 matrículas a menos, representando uma queda de 24,64%; nas Emefs, a diminuição de 3.005 matrículas, uma baixa de 52,7%; e, no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (Mova), 584 educandos a menos, uma porcentagem de 29,34%.

A partir dessa tabela, é possível demonstrar que os dois locais com atendimento especializado para a cultura da EJA tiveram relativamente menores baixas na matrícula (Cieja CL, com 24,64%, e Mova, com 29,34%) frente às Emefs (52,7%), que não conseguiram manter os educandos da modalidade.

Várias são as hipóteses para explicar esse cenário, uma delas é que o ambiente que ofereceu uma proposta diferenciada, os horários flexíveis, os projetos voltados para a cultura da EJA puderam dialogar com o seu público, oferecendo estratégias para que não desistissem de estudar, em contraposição à escola regular, que tinha como obrigatoriedade atender crianças e adolescentes em sua maioria, perante algumas salas da EJA no noturno.

1.2 A importância de Paulo Freire para este tema

Conheci a primeira obra de Paulo Freire em 2006, na cidade de Bento Gonçalves (RS), no trabalho de campo da universidade em uma das escolas de formação de lideranças do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Envolvido com o encantamento da mística, da coletividade, da horta, de uma nova proposta de educação, da territorialização dos movimentos sociais, fui à biblioteca e vi a obra que, nas aulas sobre educação, ouvia falar de maneira resumida, o livro *Pedagogia do oprimido*. Percebi que, em conversas, nos materiais impressos e dentro daquela escola como um todo, existia a propagação do nome Paulo Freire, como aquele que contribuiu para o processo educacional.

Após esse episódio, durante o curso universitário e no começo da carreira profissional, ouvia falar de Paulo Freire no processo de formação pedagógica para subsidiar a transformação social pelos movimentos sociais, culturais e periféricos pelo diálogo e, no ambiente escolar, ouvia falar de Paulo Freire como aquele que incentivava a relação democrática do ensino e aprendizagem.

Tanto no ambiente escolar quanto no ambiente dos movimentos populares, sociais e culturais, a importância de Paulo Freire é de repensar a relação do sujeito no mundo, mediado pela aprendizagem, no fato de todos nós sermos produtores e fazedores de cultura e que podemos mudar as relações sociais entre oprimidos e opressores através das reflexões coletivas.

Em 2021, houve o centenário de Paulo Freire e, com essa data, ressurgiu o debate da importância de suas ideias para que pudéssemos repensar as relações sociais vivenciadas no Brasil, que, nesse período, estava em pandemia de covid-19 e envolvo no cenário político das tensões do bolsonarismo.

O principal elemento freiriano a ser trazido ao debate atual é o de pensar a democracia no país *versus* os números ainda assustadores do analfabetismo. Segundo Paulo Freire (1999), ao pensar na democracia, temos de refletir sobre os déficits na educação. Já em 1976, ele havia identificado, 16 milhões de analfabetos. O autor aponta que a população no processo democrático deve ser capaz de opinar e de agir de maneira autônoma, pois o cenário assustador do analfabetismo é empecilho ao desenvolvimento do país.

Devemos elencar as contribuições de uma alfabetização crítica para a modificação do contexto citado. Tal caminho deve ser um processo não mecânico,

que promova a alfabetização enquanto saída da ingenuidade em direção à criticidade focada na democratização da cultura, e isso deve ser algo criativo, que gere outras criatividades. Pois “para uma sociedade em transição democrática é imprescindível o povo caminhar ao processo da diminuição e do fim do analfabetismo para que o conhecimento possa combater as inexperiências democráticas” (FREIRE, 1999, p. 113).

Para exemplificar vida e obra deste autor, Souza (2001) e Gadotti (1996) trazem a contribuição de Paulo Freire (1921-1997) como intelectual pernambucano, filósofo, pedagogo, formado em letras, professor universitário, secretário de Educação de São Paulo (1989-1991), patrono da educação brasileira[5] e um dos grandes nomes da educação do século XX.

Paulo Reglus Neves Freire (Paulo Freire) em seu projeto no Rio Grande do Norte na cidade de angicos ganha destaque por ter alfabetizado 300 adultos em 40 horas por meio dos círculos de cultura, importante ferramenta para trabalhar com o léxico gramatical da própria comunidade em um processo significativo de interação e aprendizagem.

> Estávamos, assim, tentando uma educação que nos parecia a de que precisávamos. Identificada com as condições de nossa realidade. Realmente instrumental, porque integrada ao nosso tempo e ao nosso espaço e levando o homem a refletir sobre sua ontológica vocação de ser sujeito. (FREIRE, 1999, p. 114).

À frente da Comissão de Cultura Popular, Paulo Freire faz o levantamento de 20,4 milhões de analfabetos entre 15 e 45 anos de idade em todo o território nacional. Estrutura com sua equipe o Programa Nacional de Alfabetização e estabelece a meta de alfabetizar 1.834.200 já em 1964, com a criação de 60.870 círculos de cultura.

Com data prevista para o dia 13 de maio de 1964, o lançamento do Programa Nacional de Alfabetização foi interrompido no dia 14 de abril, duas semanas após o golpe militar, ao passo que os militares identificavam Paulo Freire e sua equipe como subversivos e o seu programa de alfabetização como disseminador de ideias comunistas.[6]

---

[5] A Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012, reconhece Paulo Freire como patrono da educação brasileira em homenagem ao seu legado.

[6] Outro medo explícito dos militares era que alfabetizar aquela população seria fazer com que ela adentrasse no processo eleitoral, já que ser alfabetizado era pré-requisito para o voto na época.

Após liberto, exila-se no Chile, onde desenvolveu trabalhos em educação no programa de adultos do Instituto Chileno para a Reforma Agrária. Vai para os Estados Unidos da América (EUA) lecionar na Universidade de Harvard. Exerce o papel de consultor do Departamento de Educação do Conselho Municipal das Igrejas, em Genebra, na Suíça. Viaja por vários países, inclusive ao continente africano para debater e contribuir com ideias sobre educação no geral e o processo de alfabetização em específico.

Nos 15 anos de exílio, Freire tem quatro grandes obras publicadas sobre pontos importantes de se pensar o ensino, a escola, o professor, as relações aluno-professor, professor-aluno e das aprendizagens, são elas: *Educação como prática da liberdade* (1967), *Pedagogia do oprimido* (1974) e *Educação e mudança* (1979).

Educação como prática da liberdade é resultado do esforço de registrar os acontecimentos da luta contra o analfabetismo. Traz a contribuição da análise das forças políticas em disputa no início da década de 1960, os antecedentes do golpe militar, as concepções pedagógicas do autor em detrimento da pedagogia tradicional e, por fim, exemplifica as experiências do método de alfabetização de adultos antes do golpe de 1964 (FREIRE, 1999).

O livro *Pedagogia do oprimido*, originalmente publicado em 1968 em formato de ensaio, quando Paulo Freire estava no Chile, foi proibido no país e teve somente autorizada sua impressão no Brasil em 1974. A obra denuncia a concepção “bancária” da educação na pedagogia tradicional e esta como instrumento de opressão, traz ainda novos elementos para repensarmos a relação entre professor, estudante e sociedade, explicita o debate entre a teoria da ação antidialógica em contraposição à teoria da ação dialógica, sendo esta o caminho para uma Pedagogia da Libertação, na qual o diálogo está assentado como base do processo de aprendizagem através dos círculos de cultura.

Educação e mudança, obra publicada primeiramente em espanhol, traduzida por Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martins e publicada 1979 no Brasil, homenageia Paulo Freire em seu retorno ao país. Esse livro pontua o compromisso profissional com a sociedade, na qual o indivíduo deve estar disposto a agir e refletir em um movimento de consciência de si, da não neutralidade, preparado para se questionar em qual posição ocupa no mundo e na relação com o outro, por meio da solidariedade.

Na referida obra, são colocados pontos relevantes no compromisso enquanto latino-americanos oprimidos e a educação enquanto processo de mudança social através da reflexão e da autorreflexão, transformando cada um no sujeito do seu percurso, e não objeto dele. Por fim, Paulo Freire lança o desafio de pensar a alfabetização de adultos imbricada no processo de conscientização, visto que a formação do sujeito não deve ser para ocupar um lugar no mercado de trabalho, e sim pensar adiante, na relação dialética do sujeito com o mundo.

O livro *Cartas à Guiné-Bissau* (1978) foi um compilado de troca de cartas e informações de Paulo Freire quando ele foi convidado a auxiliar aquele país no combate ao analfabetismo. Comovente pelo tom de criar um método próprio, através do diálogo que correspondesse à realidade daquele país, influenciado diretamente pela sua experiência no Brasil, nessa obra, percebemos o quanto é necessário o envolvimento da sociedade para o combate ao analfabetismo, assim como, para que ele seja erradicado, há a necessidade de construção de um método condizente com a realidade local.

Cartas à Guiné-Bissau é um exemplo da cooperação e projeção internacional[7] que Paulo Freire concretiza e demonstra que é possível pensarmos em comunidade maneiras de funcionar a alfabetização crítica.

O movimento de confecção dessas obras de Paulo Freire foi delineado à medida que ele viajava pelo mundo, conhecendo outras realidades, em diálogo com outros contextos, sendo influenciada por autores e obras, principalmente na perspectiva do movimento pós-colonialista.[8, 9]

Neste sentido, a influência de autores como Frantz Fanon[10] contribui para a análise de como o sistema de exploração e enraizamento colonial fizeram com que o

---

[7] Paulo Freire ganhou, ao longo da sua vida, 40 títulos de doutor *honoris causa* por universidades espalhadas pelo mundo.

[8] Não há consenso em se dizer em uma teoria pós-colonial, o que há são autores que tem na crítica ao colonialismo, seja no processo a partir da descolonização, no final do século XX, ou com os estudos culturais críticos ao processo de colonização produzidos nas universidades inglesas e norte-americanas a partir de 1980. Segundo Hall (2003), a abordagem pós-colonial é uma crítica temporal às antigas teorias e categorias que foram incapazes de explicar o mundo.

[9] A brasileira Luciana Ballestrin (2013), em seu texto “América Latina e o giro decolonial” destaca os principais autores da abordagem pós-colonial são Albert Memmi (1920-2020) escritor e professor, nascido na Tunísia, com o livro *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador* (1947); Aimé Césaire (1913-2008), poeta, negro, nascido na Martinica, com a obra *Discurso sobre o colonialismo* (1950); e Frantz Fanon (1925-1961), psicanalista, negro, nascido na Martinica e revolucionário do processo de libertação nacional da Argélia, com a publicação *Os condenados da Terra* (1961).

[10] A partir da necessidade de entender alguns questionamentos da abordagem pós-colonial, fizemos a resenha do livro *Pele negra, máscaras brancas*, de Frantz Fanon. Ver Duarte (2019).

colonizador estruturasse a dominação psicológica, de modo que não houvesse nenhuma forma de conflito ou enfrentamento com o colonizado, e sim a dominação em diversos níveis e de diversas formas. Fanon pontua a necessidade de (auto)reflexão na construção do processo identitário nacional com base na crítica ao processo colonial e anuncia que este deve ser construído para além das amarras do colonizador.

Em retorno do exílio, leciona na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Em seguida, compõe a equipe do governo municipal de Luiza Erundina (1989-1992), como secretário da Educação.

A gestão de Luiza Erundina tinha como proposta levar o diálogo para a cidade, com vários movimentos de descentralização. Freire, na pasta da Educação, além do diálogo com a rede, conquista para a cidade o estatuto do magistério, jornadas de estudos remuneradas para professores da rede municipal, a municipalização da EJA através das ações do Mova, a implementação dos conselhos escolares etc., ações importantes para repensar a participação na educação municipal, assim Paulo Freire deixa uma herança na SME e no que viria a ser o CIEJA e toda sua concepção filosófica.

Esse breve panorama sobre as contribuições de Paulo Freire demonstra sua relevância para o presente trabalho, no que se refere às práticas na EJA e à descoberta de um processo formativo dialógico, passível de auxiliar no processo de reflexão, autorreflexão, ao mesmo tempo enquanto indivíduo e em relação ao papel exercido na sociedade.

A ideia de cultura presente em Freire nos ajuda a pensar como ela deve ser vista e incorporada na educação no geral, pois considera que cultura é

> o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. A cultura como o resultado de seu trabalho. Do seu esforço criador e recriador. O sentido transcendental de suas relações. A dimensão humanista da cultura. A cultura como aquisição sistemática da experiência humana. Como uma incorporação, por isso crítica e criadora, e não como uma justaposição de informes ou prescrições “doadas”. A democratização da cultura — dimensão da democratização fundamental. O aprendizado da escrita e da leitura como uma chave com que o analfabeto iniciaria a sua introdução no mundo da comunicação escrita. O homem, afinal no mundo e com o mundo. O seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto. (FREIRE, 1999, p. 117).

A ideia de cultura, assim como a ideia de educação, na qual considera a “educação, qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática” (FREIRE, 1997, p. 32), colaboram para pensarmos a realidade do Cieja CL, sua atuação na comunidade e sua prática cotidiana.

A experiência que mais se adequa à análise da importância de Paulo Freire para o Cieja CL, para além do Cemes ter sido oriundo das discussões enquanto era secretário municipal de Educação, são as aproximações que a prática ciejense tem de pensar um ambiente escolar de maneira diferente, de entender que a EJA deve ser contextualizada e a partir da realidade dos educandos, que deve ter boniteza, assim como fazer com que educandos e educadores vivenciem um ambiente de aprendizagem comprometido com a educação no seu aspecto holístico, conectadas na perspectivas que Paulo Frente apontava em direção à educação enquanto defensora dos direitos humanos e se constituir em todos os seus processos enquanto processo dialógico.

1.3 A Pedagogia Social como caminho possível

A partir das obras de Paulo Freire, identifiquei que a corrente teórica que auxiliaria no entendimento da escola para além do espaço escolar, em contato com um projeto social transformador, na perspectiva de sua função social, em especial, após a pandemia, seria o campo da Pedagogia social, devido sua abrangência extender-se para além do espaço escolar, para além do tempo cronometrado da escola regular.

A riqueza de apreender o campo epistemológico da Pedagogia Social a partir de vários olhares, tornou-se mais que necessário e pertinente na conjuntura atual discutir a educação em nossa sociedade como uma das maneiras de pensar o “amanhã”, enquanto avanço civilizatório. Pois a pandemia demonstrou que não estamos preparados socialmente para situações extremas, já que não conseguimos resolver as contradições que nos assolam diariamente, como a fome, o desemprego, entre outros índices de vulnerabilidade social, acentuados em situações adversas aprofundadas pelo avanço mundial do vírus.

É salutar apontar a educação enquanto processo realizado pelos seres humanos para sobrevivência ao longo da história. Desde o início da humanidade até os dias de hoje, a partir da utilização de um conjunto técnicas, saberes, ferramentas

e estratégias de aprendizagens, existiu a busca pela sobrevivência, pela preservação da espécie, seja na defesa do perigo, na busca de comida, na fixação sedentária, na reprodução, ou na vida em sociedade, e, consequentemente, resultando na transformação de si, do outro e da natureza nesse processo.

Corroboramos com Andrade (2014), quando afirma que é importante diferenciar educação de escolarização, pois, ao nos depararmos com a educação enquanto desenvolvimento civilizatório, pontuamos que ela ocorre em todos os lugares e em todos os tempos, pois o processo de pensar, formular, sistematizar, transmitir conhecimento, criar códigos, símbolos e valores para que sejam interpretados por outras pessoas são os elementos que nos tornam seres humanos.

Todavia pensar o processo de escolarização é situar a educação em um tempo, em um lugar, controlada e pensada por partidos no comando nas esferas públicas e como resultado do tensionamento entre diferentes grupos de poder na realidade, seja em embates na esfera econômica (classes sociais), geográfica (centro-periferia, norte-sul, ocidente-oriente), cultural (o que é valorado socialmente), racial (brancos *vs*. negros), de gênero (relações machistas, homofóbicas), religiosa (cristãos *vs.* outros), entre outras.

Portanto, escolarização é o processo de "geografizar" as relações educacionais, delimitando sua atuação a certos espaços e estruturas. Para pensarmos esses espaços escolarizados, devemos contextualizá-los. Ao fazer um exercício simples no quesito "educação brasileira", é necessário pensar que estamos no século XXI da era cristã, que o Brasil foi colonizado pelos portugueses e teve 388 anos de escravidão, que o português como língua oficial é originado do latim e que estamos sob a influência do sistema capitalista, que tem o poder mundial majoritariamente exercido durante séculos pela Europa e, nos últimos 100 anos, pelos EUA.

Quando incorporamos o debate da educação e da escolarização nos textos oficiais, tanto a Constituição brasileira quanto a LDB apontam, segundo Andrade (2014), a amplitude holística da educação. Todavia, considerando a sua oferta, a sua estrutura e o seu orçamento, a questão da responsabilidade do Estado é restringida somente à educação básica, tida como obrigatória para as famílias em relação aos seus filhos, e o que ficou "à margem" da escola, ou seja, outros processos de ensino como movimentos sociais, culturais, religiosos, comunitários e populares, seguem sem estrutura, orçamento, legislação etc.

Ao discutirmos a pretensa universalização do ensino, ou suas possibilidades de concretização no final do século XX, deparamo-nos com uma escola em crise, que está sendo reformulada a partir das questões étnico-raciais, indígenas, quilombolas, para jovens e adultos, como suporte assistencial para boa parte de seu público e toda a gama da diversidade que sempre ficou de fora do espaço escolar.

Discutir a universalização do ensino dentro do espaço escolar é problematizar sua exclusão, em especial, do ponto de vista social e racial, assim como de sua proposta pedagógica. Pois, para além do oferecimento das vagas escolares onde haja demanda necessária, compatível com a proposta de equidade e da melhoria de acesso para a população pobre, a oferta curricular deve possibilitar a aprendizagem a partir da composição plural de nossa sociedade, levando em consideração a formação de cidadãos para uma sociedade participativa.

Com nesses questionamentos, trazemos a discussão da Pedagogia Social com elementos relevantes que possam subsidiar o debate e pavimentar os horizontes para pensarmos a educação enquanto totalidade. Segundo Caliman, Pedagogia Social

> É uma ciência enquanto se propõe a explicar um setor ou dimensão da realidade que se apresenta como problemática e necessita de soluções para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, particularmente dos grupos em situação de risco. É uma ciência porque tende a colocar ordem, sistematizar os conhecimentos obtidos no quotidiano da práxis socioeducativa. Transforma fatos e ocorrências em conhecimento organizado. (CALIMAN, 2010, p. 353).

Caliman (2010) chama a atenção para a Pedagogia Social enquanto caminho científico que possa abarcar e potencializar a discussão acerca da função social da escola, assim como todo o processo educativo fora do espaço escolar ou mesmo da escolarização na perspectiva social.

No Brasil, segundo o autor, a escola assume cada vez mais um caráter social de combate às exclusões sociais, o que deveria ser responsabilidade da família ou da sociedade resolver. A escola que, em tese, teria somente a função pedagógica no espaço escolar passa a ser também pensada como promotora de soluções sociais.

Após a década de 1940, os investimentos na escola pública foram também direcionados à esfera social para sanar déficits de aprendizagem, incorporando, em suas prerrogativas, elementos que garantissem a permanência na escola da população pobre, como a suplementação alimentar e, em outros momentos, a

diminuição das disparidades culturais através de rádio, TV, internet e antena parabólica, assim como a redução das discrepâncias sociais por meio de material didático, uniforme, mochila e tênis.

Ter abrangência na função social significa problematizar as contradições em nossa sociedade. Seguindo na linha de que a escola pública brasileira tem incorporado a função social, os apontamentos que merecem destaque são: pensar na função social da escola a partir dos desdobramentos de eficácia (de onde investir), de formação e de criação de cargos de profissionais habilitados para desenvolver essa função e, por último, de indicadores que possam avaliar esse processo de maneira eficaz, assim como investir na complexidade do equilíbrio da função pedagógica e da função social.

A outra perspectiva da função social, não mais da escola, mas da educação para além dos muros escolares, é como pensá-la em espaços que não têm garantidos a infraestrutura, o pessoal, os recursos e uma política pública para ser desenvolvida diferentemente do ensino regular e obrigatório.

Caliman (2010) salienta que os espaços que desenvolvem a educação social, intitulados como socioeducativos, muitas vezes de orientação religiosa, humanitária, política, ideológica, místicas são, em sua maioria, focados no cuidado e na ajuda para crianças, adolescentes e jovens para suprir as deficiências da escola.

O avanço no debate sobre a função social da educação se dá, entre outros caminhos, também em direção aos questionamentos da sua realização em ambientes tão díspares como aqueles fora do espaço escolar que trabalham as carências da escola, assim como aqueles que estabelecem diálogos com processos ricos que acontecem na escolarização institucionalizada.

Silva (2018) ressalta que pensar o processo de educação enquanto possibilidade de “outras educações possíveis” é fazer frente ao projeto hegemônico da educação e

> Adotar os fundamentos da Pedagogia Social em nossas práxis é inevitavelmente questionar a epistemologia, as ciências e o currículo eurocêntrico que durante séculos têm sido legitimada por uma cultura pretensamente hegemônica. Comprometer-se com as bases da Pedagogia Social é romper com as omissões sobre a verdadeira história da civilização humana e com o silêncio sobre a história dos povos indígenas, africanos e asiáticos e sua relação com os países colonizadores; é mudar significativamente a educação escolar, promovendo a valorização do patrimônio cultural e científico nativo por via da inclusão nos currículos e nas práticas da escola das vozes desses povos que durante anos estiveram

> excluídos; é possibilitar, por meio dessas práticas, que os educandos e suas famílias tenham um novo olhar sobre a sua história e sobre a constituição de suas identidades. (SILVA, 2018. p. 19).

Silva (2009) direciona a riqueza da discussão dos processos citados e destaca a relevância da Pedagogia Social como campo científico para avançar e potencializar os acontecimentos da educação nas perspectivas social, popular e comunitária. Para tal feito, separa as diferentes práticas alternativas de educação em quatro grandes domínios: o *domínio sociocultural*, que são ações expressas pelos sentidos (música, arte, dança etc.) em locais públicos ou privados e que possam dar sentido ao indivíduo, grupo, comunidade ou sociedade em geral; o *domínio sociopedagógico*, que é a garantia de direitos individuais, sociais e políticos como expressão da cidadania, fazendo com que a pessoa em contato consiga romper com as condições de marginalidade; o *domínio sociopolítico*, que são processos que têm o exercício da participação política na vida social por meio de experiências de associativismo, cooperativismo, empreendedorismo, geração de renda e gestão social; e o *domínio epistemológico*, que tem como pensar o próprio exercício de desenvolvimento da pesquisa, da ciência e da tecnologia para que haja o avanço da própria humanidade[11].

Destacar a Pedagogia Social como caminho científico é preponderante para pensar uma educação comunitária, social e popular e poder acrescentar o debate de uma educação holística, em contato com a responsabilidade ao avanço do processo civilizatório humanitário, no qual o homem deixe de ser o lobo do próprio homem e passe a acreditar, assim como Paulo Freire deixou em seu legado, em um mundo da liberdade, da autonomia.

A partir da prática do Cieja CL, identificamos elementos de um conjunto de esforços pedagógicos no sentido do conhecimento ancestral social, popular e comunitário. E demonstra ser de grande relevância colocar nossa análise na perspectiva de identificá-lo dentro de uma rede de ensino rumo ao avanço dessa educação enquanto processo civilizatório. Com esse intuito, identificamos o Cieja CL em diálogo com elementos essenciais da Pedagogia Social por meio dos seus

[11] É importante conectar a expressão da pedagogia social com a ideia da defesa dos direitos humanos para toda a população, para que seja democratizado todo o avanço da humanidade e para que todos tenham acesso ao básico em nosso sociedade, neste sentido ver a importância do tema na experiência no governo municipal de São Paulo in FREIRE, Ana Maria Araújo & MENDONÇA, Erasto Fortes. **Direitos Humanos e educação libertadora** - Gestão Democrática da educação Pública na cidade de São Paulo. 1 edição. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

domínios, sendo eles o domínio sociocultural, o domínio sociopedagógico e o domínio sociopolítico.

Nessa perspectiva, o *domínio sociocultural* é um ponto que demonstra como a cultura pode se entrelaçar na prática pedagógica e ampliar o conceito de escolarização em direção à educação holística enquanto meta. O *domínio sociopedagógico* se insere na proposta da educação enquanto prática, em como encontrar e proporcionar práticas que façam com que os educandos possam identificar a realidade, as contradições de nossa sociedade e se verem nesse processo como modificadores da realidade. Por fim, o *domínio sociopolítico*, talvez o mais amplo e convergente com todos os outros domínios emaranhados na realidade cotidiana de aprendizagem, demonstra caminhos férteis para identificar a potência da EJA enquanto empoderamento na perspectiva de transformação da realidade, frente ao modelo neoliberal, hegemônico, cristão, machista, científico, com base na cultura popular como parte de um currículo com o sentido da vida.

Refletir o Cieja CL com a sua trajetória de 25 anos de atuação coletiva e incorporar as influências e diálogos com as práticas em pedagogia social, aumentou as possibilidades de ações, auxiliou nos registros e colocou o projeto do centro também como contribuinte da EJA em espaços não escolarizados, como no sistema presidiário, ou mesmo para pensar a ponte de um projeto institucionalizado fora dos moldes da escolarização como caminho para a rede de ensino, entre outras possibilidades imediatas.

A partir das contribuições de Paulo Freire, no que se refere a pensar a educação como processo civilizatório, libertador em busca da autonomia, assim como pensar, através da Pedagogia Social que a educação deve ser encarada de maneira holística, em diferentes espaços e com diferentes possibilidades, a seguir, trazemos à luz do debate as contribuições de duas ideias relevantes para a pesquisa: a cidadania e a territorialidade.

1.4 A cidadania como processo reflexivo

Santos (2014) explicita que as mudanças urbanas aceleradas, na segunda metade do século XX no cotidiano brasileiro, foram impactos decisivos na construção de uma cidadania fragmentada em nosso país:

> em nenhum outro país foram assim contemporâneos e concomitantes processos como desruralização, as migrações brutais desenraizadoras, a urbanização galopante e concentradora, a concentração da mídia escrita falada e televisionada, a degradação das escolas, a instalação de um regime repressivo com a supressão dos direitos elementares dos indivíduos, a substituição rápida e brutal, o triunfo, ainda que superficial, de uma filosofia de vida que privilegia os meios materiais e se despreocupa com os aspectos finalistas da existência e entroniza o egoísmo como lei superior, porque é o instrumento da busca da ascensão social. Em lugar do cidadão formou-se um consumidor que aceita ser chamado de usuário. (SANTOS, 2014, p. 25).

Nos apontamentos do autor, ao invés de cidadão, temos a estrutura social baseada na construção de consumidores e no ideal do consumidor eternamente insatisfeito. Nessa estrutura social, os indivíduos buscam modelos de consumo para construir suas personalidades, vão atrás de coisas e não de valores. Muitas vezes reivindicam melhorias no consumo, e não transformações sociais necessárias para que todos tenham acesso aos bens infraestruturais coletivos ou tenham seus direitos sociais básicos garantidos.

O autor destaca as contribuições de François Perroux na visão do homem fabricado para o consumo, e de Herbert Marcuse na forma como a distorção da realidade contribui para esse processo, fazendo com que vivamos diariamente alienados da visão do todo e das possibilidades de mudança, jogados à nossa própria sorte.

Além das questões sociais, outro fator pontuado é a quantidade de informações que nos impedem de ver a realidade, principalmente por tais informações serem de propriedade do Estado e dos grupos hegemônicos. Ambos fazem com que destaquemos somente aquilo que nos separa enquanto consumidores, e não aquilo que nos une enquanto povo e como indivíduos com a cidadania fragmentada.

Quando falamos da garantia de direitos sociais no Brasil, muitas vezes, temos três situações que são constantemente lembradas: uma caracterizando o cidadão como aquele indivíduo com carteira assinada; outra, a lembrança coletiva do ser cidadão em época de eleição, na qual a população é convocada para exercer a cidadania através do voto; e aquela em que ser cidadão se concretiza enquanto pertencente à classe dominante, pois faz valer seu direito pelo dinheiro e(ou) pela influência.

Todas essas situações têm limitações, pois a sociedade não é composta apenas por pessoas com carteira assinada, temos aposentados, desempregados,

autônomos, entre outras relações trabalhistas precarizadas. Também não devemos limitar a cidadania meramente ao ato do voto, pois seria uma falácia o simples depositar na urna a responsabilidade da gestão do Estado aos governantes, eximindo o eleitor de seus deveres na condução da sociedade. Por último, considerar apenas as classes dominantes como detentoras de direitos é desconsiderar o direito enquanto bem social e colocá-lo como mercadoria a ser comercializada de acordo com a proposta política no Brasil.

Devemos pensar quem ou qual grupo ganha a partir das perspectivas citadas, ou melhor, aqueles que usufruem diretamente de um país populoso, com grande extensão territorial, com um governo que não garante os direitos sociais, em razão sermos usuários de serviços, e não cidadãos.

Santos (2014) demonstra que as empresas nacionais e multinacionais encontram no Brasil um lugar permanente de ampliação do capital. As empresas, segundo o autor, têm direitos de instituições, privilégios de isenção fiscal e poderes políticos e usufruem da infraestrutura dos aglomerados urbanos e do ambiente rural para sua espoliação garantida.

Uma das chaves de entendimento dessa subserviência explicitada em Santos (2014) é a contribuição com a perspectiva de que os poderes no Brasil sempre foram para dar unidade nacional e responder a uma demanda externa, seja garantir o poder da Coroa Portuguesa na colônia; no Império, resguardar acordos comerciais externos com a Coroa Portuguesa e seus aliados, ao mesmo tempo, sustentar oligarquias para serem representantes do imperador no território brasileiro; e na República, assegurar o poder das oligarquias nacionais em consonância com o capitalismo mundial. Nesse contexto, as bases dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário brasileiros se consolidaram para ter o controle e não exercer a liberdade, o esforço foi para garantir o poder centralizado, a permanência das oligarquias nacionais, regionais e dos mandatários locais.

A proposta de projeto nacional sempre sofreu influência externa. Para termos um projeto a longo prazo, temos de travar a disputa de forças políticas entre os anseios nacionais e o contexto mundial. Quando há autonomia, o combinado entre o projeto nacional e internacional tem equilíbrio, mas, quando há sobreposição de algum, abre-se espaço para as interferências de forças externas que influenciam o projeto nacional.

No que se refere ao espaço geográfico e ao acesso à cidadania, o autor identifica que, de acordo com o local onde o indivíduo habita, ele tem maior ou menor acesso aos fixos de bens sociais e infraestruturas, seja no território nacional, a exemplo dos aglomerados urbanos e suas respectivas redes urbanas, ou mesmo, especificamente, nas cidades, nas áreas centrais, onde o acumulado de infraestrutura está.

Na discussão do espaço urbano, Milton Santos (2014) problematiza alguns aspectos, entre os quais, a questão da cidade corporativa e o acesso à propriedade como direito são pontos-chave para a especulação imobiliária se concretizar. O autor explicita em tal abordagem como se dá o desenvolvimento urbano no Brasil, pelas segregações do espaço urbano, tendo em vista que a especulação imobiliária acontece na expulsão da população pobre dos espaços centrais em direção às periferias da cidade, ainda sem infraestrutura e com preço da terra reduzido. À medida que ocorre a chegada e a concretização dos serviços públicos, tal população é jogada para longe, pois vende sua propriedade para ter dinheiro e oportunidade de consumo em outros lugares, já que ali não conseguirá sobreviver pelo aumento geral dos preços e do custo de vida. Assim, não só o acesso à cidade é dificultado pelas segregações e pelo alto custo dos serviços, como também a vida urbana dos embates na política e no plano das informações são direcionados e centralizados a partir de locais de poder e de grupos sociais específicos.

O assalariamento e o crédito imobiliário são outras maneiras de camuflar a luta pela cidadania, já que ambos oferecem possibilidades de consumo diversificado e acesso à propriedade como maneira de usufruir da cidade corporativa. Tais aspectos se tornam foco dos movimentos sociais urbanos, pela luta do consumo de bens, através do emprego e da propriedade, por meio do crédito imobiliário, não agindo no ponto central posto por Santos (2014): a conquista do direito à moradia e dos direitos básicos da cidadania.

Segundo Santos (2014), a cidadania e a garantia dos direitos básicos, bem como o direito de uma moradia digna, e não o direito à propriedade, seriam os caminhos para repensar as políticas públicas e a produção do espaço urbano para a vida, em contraposição ao jogo exclusivo do mercado.

Depois de apresentadas as principais problematizações propostas por Santos (2014) sobre cidadania, chegamos ao entendimento de que, para discutirmos a realidade brasileira atual, devemos analisar a trajetória política, econômica, social,

cultural e territorial da luta por direitos sociais e pensar caminhos e contribuições da geografia para mudanças futuras.

Na busca pela cidadania, apontamos a geografia, em especial, as contribuições do raciocínio geográfico e da disseminação dessa leitura da realidade em nossa sociedade como ferramentas relevantes.

Milton Santos (2014) aponta que devemos, no contexto nacional, lutar pela redemocratização do Brasil (eleitoral, política, econômica e social) e redefinir a ordem jurídica, econômica e fiscal em uma política redistributiva em busca da justiça social. O autor afirma que o componente territorial é fundamental como ponto de partida para combatermos as disparidades urbanas e regionais brasileiras, pois o espaço desigual continuará a produzir cidadãos desiguais. O espaço dever ser pensado a partir da estratégia do direito territorial como finalidade, ou seja, o direito ao entorno, a liberdade de poder gozar onde estiver dos bens públicos acumulados socialmente, de ter os direitos sociais a seu alcance, ter a escolha da permanência ou migração como um direito, não como resultado político ou de ações "desenvolvimentistas".

Para as necessárias mudanças em nossa sociedade, temos de pensar nas mudanças individuais. Nesse sentido, devemos caminhar do homem, ser individual (consciência atual), para o homem ser social (a consciência possível), momento propício para o nascer de homens liberados, para o nascer da coragem civil, o florescer do projeto futuro, indivíduos para os quais a libertação se tornou uma necessidade vital. A busca incessante por valores no universo das significações, e não do mundo da aparência.

Como ter indivíduos em busca do ser social, da libertação e comprometidos em identificar as contradições em nossa sociedade? Esse caminho é trilhado através da educação enquanto perspectiva holística, a partir de processos que "descortinam" as contradições de nossa sociedade e apontam horizontes pertinentes para a realização enquanto seres humanos iguais no processo de desenvolvimento civilizatório.

Segundo Paulo Freire (1967, 1974), com as experiências a partir da EJA, temos de pensar a educação como prática de liberdade, em busca da autonomia, e que o indivíduo possa, na relação com o outro, na relação com o mundo, apreender o seu papel, transformar-se e exercer papel decisivo em seu meio.

É importante frisar a diferenciação da educação, da educação básica e de escolarização nesse processo, pois, em todas, há caminhos possíveis e entraves a serem superados. Conforme está na Constituição de 1988 e na LDB (BRASIL, 1996, [2023a]), a educação é um processo de aprendizagem do ser humano, todavia estipula a educação básica como responsabilidade do Estado e considera o processo de escolarização como via de acesso para a educação.

No entanto, quando pensamos fora do espaço escolar, o ser humano também aprende, na família, em sua comunidade ou em outras instituições. Por isso, quando problematizamos educação para além da escola e da universidade, identificamos a educação social, a educação comunitária e a educação popular como práticas de aprendizagens coletivas.

Até agora, identificamos a educação como uma potência na luta por mudanças estruturais futuras, entretanto quem fará esse processo educacional? Qual será sua formação? Em qual ambiente se dará?

Gramsci (2000), marxista, preocupado com a elevação cultural das massas para combater a hegemonia capitalista, identifica o intelectual orgânico com um papel fundamental nessa empreitada. Para Gramsci (2000), o intelectual orgânico é vinculado a um grupo social, no qual se torna também seu representante na esfera política, cultural e social com a tarefa de elaborar e transmitir conhecimento, teorias, doutrinas, ideologias, concepções de mundo ou simples opiniões que acabam formando as ideias de determinada época. Nessa análise, engenheiros, médicos, arquitetos, advogados, profissionais liberais, burocratas, entre outros, são considerados aqueles que fazem consenso espontâneo ou coercitivo a favor das classes dominantes na sociedade.

Partindo do pressuposto que todos os seres humanos são intelectuais, o autor destaca que nem todos exercem a função social do seu pensamento e de suas ações. No caso, a educação, os professores cumprem o papel de intelectual orgânico e têm centralidade no estímulo à autonomia através da problematização da realidade.

Devemos pensar em um projeto educacional, em escala nacional, que efetive a educação como processo holístico do ser humano e que não garanta somente a educação básica escolar, mas que dialogue com a infinidade de processos educacionais que extrapolam os muros da escola e que têm, na mediação democrática, o caminho e a liberdade de vida e de pensamento como fim.

> Uma coisa é a conquista de uma personalidade forte, capaz de romper com os preconceitos. Outra coisa é adquirir os instrumentos de realização eficaz dessa realidade. Sozinhos, ficamos livres, mas não podemos exercitar a nossa liberdade. Com o grupo, encontramos os meios de multiplicar as forças individuais, mediante a organização. É assim que nosso campo de luta se alarga e que um maior número de pessoas se avizinha da consciência possível, rompendo as amarras da alienação. É também pela organização que as pessoas inconformadas se reúnem, ampliando, destarte, sua força e arrastando, pela convicção e o exemplo, gente já predisposta, mas ainda não solidamente instalada nesses princípios redentores. (SANTOS, 2014, p. 103-104).

O desafio à frente é como pensar o projeto Cieja na cidade e o centro enquanto legado freiriano, com uma proposta que extrapola os muros do espaço escolar e impacta diretamente a cidadania de seu público atendido de acordo com o interesse vigente.

1.5 Do território a territorialidade: a contribuição da leitura geográfica para a compreensão do fenômeno Cieja CL

Pensar o Cieja CL dentro das perspectivas territoriais é entendê-lo a partir de sua relação com a comunidade, sua dinâmica interna, assim como ele se constitui nos processos de resistência perante a rede municipal de ensino, na EJA e nas relações com outros agentes do território. Para isso, torna-se necessário analisar o conceito de território e de territorialidade.

O conceito de território, nos últimos anos, está em pauta em diversos campos teóricos, em especial, na discussão de formulações de políticas públicas. Sua abordagem tem sido na direção do ordenamento territorial e para o processo de reivindicações de grupos minoritários.

Nessas perspectivas, entendemos o território como

> um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. [...] o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder. (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Raffestin aborda o território com a ênfase nas concepções do poder na esfera político-administrativa, na qual o poder se dá no jogo da apropriação do espaço, em que os sujeitos, de maneira concreta e abstratamente, territorializam o espaço,

sendo este fruto das relações de poder entre eles, ação sem a qual não se define o território.

Segundo Andrade (1995) o Estado é formado pelo seu território, seu povo e seu governo, fazendo com que exista, a partir da convivência, a consciência de sua participação, dando sentido à territorialidade.

Para Milton Santos (2006), território compreende o chão e o processo de identidade dos sujeitos. Para ele, devemos entender o território como espaço utilizado, local de residência, das relações e das trocas. Assim, Santos (2006, p. 13) registra que “O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência”.

Haesbaert (1997) aponta três abordagens de território: *i)* jurídico-administrativa, na qual o território dá-se a partir do poder estatal; *ii)* cultural(lista), na qual o território se apresenta como dimensão simbólica e subjetiva do imaginário e da identidade social; e *iii)* econômica, na qual o território se expressa a partir das relações de desterritorialização oriundas do embate, de tensionamentos sociais e da dicotomia capital-trabalho.

O território enquanto relação de poder também é composto por sua dimensão simbólica e identitária a partir da relação dos grupos que o constituem (Haesbaert, 1997), tornando-se “imagem” ou símbolo de um território, podendo se inserir eficazmente como uma estratégia político-cultural (Haesbaert, 2006).

Claval (1999) indica a questão da identidade e das relações dos indivíduos e grupos com os lugares. Para o autor, as mudanças atuais dos valores tradicionais e o fato do processo da mobilidade ser intensificado, em especial, pela comunicação, permitem situações novas e redefinem a perspectiva da identidade com os territórios.

Haesbaert (2006, 2007) salienta a necessidade de olharmos para a existência da multiterritorialidade em uma dinâmica múltipla de território e múltiplas territorialidades. Nesse sentido destaca os territórios-zona, que têm como características áreas e limites bem demarcados, como espaço de governança do próprio estado nação; os territórios-rede, como territórios múltiplos e que podem expressar territórios-zona através de redes de conexão; e os aglomerados de

exclusão, que são resultados de mesclas não definidas de território-zona e território-rede.

A partir do entendimento de que território é composto pelas relações de poder, explicitamos que, tanto no local em que o Cieja CL está inserido ao longo de sua trajetória quanto a partir das relações cotidianas, ele se constitui como ponto de resistência no Capão Redondo, do ponto de vista de ser um centro específico para a EJA que atende esse público o dia inteiro, de se constituir oposição às adversidades burocráticas perante o “ser” diferente de uma Emef, bem como de ter suas portas abertas para parcerias e atendimentos em conjunto no território.

Ao resistir às adversidades e às precarizações impostas à EJA, a comunidade ciejense produz sua territorialidade cotidiana, a partir das atividades, dos encontros, dos atendimentos, das saídas, das festas, das visitas, das formações e das ações que tecem o PPP territorializado, de um modelo alternativo de educação que envolve a comunidade e traz o sentido de pertencimento e de defesa coletiva do projeto.

Com base na pesquisa apontamos que o Cieja CL se constitui diariamente em um território de potência no Capão Redondo, tendo suas dinâmicas e suas atividades ao longo da história como processo primordial para a resistência frente às adversidades, e, para entendê-lo, faz se necessário analisá-lo de perto com seus meandros, seus percalços e suas potências.

CAPÍTULO 2

DO CEMES AO PROJETO CIEJA NA CIDADE DE SÃO PAULO

Só nos conhecemos na medida em que
somos postos à prova.
(Wislawa Szymborska)

Para apreender o universo dos Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos (Ciejas) na cidade de São Paulo, é necessário identificar suas origens, seus motivos e suas ações pretéritas. O entendimento da oferta de educação de jovens e adultos (EJA), o surgimento do projeto do Centro Municipal de Ensino Supletivo (Cemes), sua transformação no Cieja, o contexto de defesa do projeto na cidade e a importância de Dona Eda Luiz nesse projeto nos possibilitam entender muitas das características atuais do centro.

2.1 As diferentes formas de atendimento da EJA no município

Para discutirmos o Cieja na cidade de São Paulo e suas origens, faz-se necessário contextualizá-lo perante as formas que o município tem de atendimento da EJA, que compreende o Mova (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos), o Centro Municipal de Capacitação e Treinamento (CMCT), a EJA Regular, a EJA Modular e o próprio Cieja.

O Mova[1] é oferecido em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SME) e organizações da sociedade civil (OSCs). Foi instituído em 1989,[2] por meio de reivindicações populares, e implementado na gestão de Paulo Freire como secretário municipal de Educação. Esse tipo de oferta se dá através de repasse que a SME faz para as OSCs, que estruturam o atendimento do Mova nos seus espaços não escolares, nos locais onde é alta a demanda por alfabetização, em constante

[1] Criado pelo Decreto nº 28.302 de 21 de novembro de 1989 (SÃO PAULO, 1989).

[2] "O Mova-SP, criado em 1989, é um marco dos Movimentos Populares de Alfabetização de Jovens e Adultos implementados em Administrações Populares, após o processo de abertura política, cuja iniciativa foi seguida por outros [municípios] como Porto Alegre, Alvorada, Cachoeirinha e Caxias do Sul (RS); São Paulo, Diadema, Embú, Mauá, Guarulhos, São Carlos, Araraquara, Ribeirão Pires e Santo André (SP); Angra dos Reis (RJ), Belém e Cametá (PA); Chapecó, Rio do Sul e Blumenau (SC); Ipatinga (MG); o Ler-Rio Claro e em Goiânia o AJA-Expansão, entre outros." (FÓRUNS EJA BRASIL, 2005).

diálogo com a comunidade, fazendo com que a educação se aproxime daquele(a) jovem ou adulto(a) que não se alfabetizou.[3] O objetivo do Mova é oferecer a alfabetização, não sendo possível a certificação de série ou qualquer forma de diploma escolar. Desse modo, o seu público é encaminhado, após se alfabetizar, para as escolas da rede municipal. As aulas têm duração de duas horas e meia e são de segunda a quinta,[4] pois a sexta-feira fica destinada à formação dos educadores.

O CMCT[5] foi inaugurado em 1993 com o objetivo de educação profissional, vinculado à Delegacia Regional de Educação de São Miguel Paulista.[6] O centro foi institucionalizado mediante convênio com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai)[7] para formação dos professores para os cursos de Reparador de Aparelhos Eletrodomésticos, Confeitaria e Serigrafia, oferecidos apenas aos alunos da rede pública de ensino que estivessem cursando as duas últimas séries do ensino fundamental (na época, 7ª e 8ª séries). Nesse CMCT, passou a existir um centro de apoio a pesquisa e uma biblioteca para alunos da rede municipal de ensino. Em 1994, o CMCT passou a atender educandos da suplência para os cursos profissionalizantes.[8] Devido ao impacto do projeto na comunidade, em 2005, pelo Decreto nº 45.942, de 1º de junho de 2005, do então prefeito José Serra, criou-se o CMCT Unidade II, Itaim Paulista, com os cursos de Panificação, Confeitaria, Operador de Microcomputador, Assistente Administrativo, Corte e Costura e Instalador Eletricista (SÃO PAULO, 2005). Segundo o documento *Retratos da EJA em São Paulo: história e relatos de práticas*,

---

[3] "Inspirado no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (Mova), existe o Projeto Mova-Brasil que tem como finalidades a inclusão social e a garantia do direito humano à educação, a redução do analfabetismo no Brasil, a geração de trabalho e renda e, com isso, contribuir para a construção de políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A ação pedagógica se desenvolve com base na Leitura do Mundo do(a) educando(a), que busca mapear as situações significativas do contexto em que estão inseridos. Desse processo, surgem os temas geradores que orientam a escolha dos conteúdos. [...]
Abrangência: Nove Polos em 10 Estados: Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Sergipe, Paraíba e Pernambuco. Atualmente, núcleos e turmas em mais de 200 municípios.
Resultado: Mais de 200 mil educandos alfabetizados." (INSTITUTO PAULO FREIRE, [2023]).

[4] Essa é uma grande inspiração para o projeto dos Ciejas 2008: ter aulas de segunda a quinta-feira e na sexta, atividades extracurriculares em formato de projeto extraclasse etc.

[5] Inaugurado em 7 de abril de 1993, pelo Decreto nº 33.073, de 23 de março de 1993 (SÃO PAULO, 1993a), o CMCT Professor Vandyr da Silva se localiza na R. Daniel Bernardo, nº 95, São Miguel Paulista, São Paulo (SP).

[6] Atualmente, Diretoria Regional de Educação de São Miguel Paulista.

[7] Esse convênio não existe na atualidade.

[8] Localizado na R. Jasmim do Imperador, nº 244, Jardim Camargo Novo, São Paulo.

> Os cursos funcionam em três períodos de quatro horas diárias: período da manhã, das 7h30 às 11h30; à tarde, das 13h às 17h e noturno, das 18h às 22h. A carga horária dos cursos é de, no mínimo, 160 horas, duração de dois meses e meio, sendo quatro turmas por ano (as duas unidades atendem cerca de 5000 alunos por ano). As inscrições e matrículas seguem as mesmas condições: os alunos da rede municipal de São Paulo têm a vaga garantida, apenas devem fazer a inscrição e estarem dentro dos requisitos para cada curso como idade mínima de 14 anos e cursando o 9º ano de ensino fundamental; para cursarem o período noturno devem ter, no mínimo, 16 anos completos.
> Existe a excepcionalidade para os cursos de Auxiliar de Eletricista e Reparador de Eletrodomésticos que tem como exigência idade mínima de 18 anos. As vagas remanescentes são oferecidas à comunidade, cujos munícipes se inscrevem nos cursos e concorrem às vagas por sorteio público e, se sorteados, realizam a matrícula no ato. (SÃO PAULO, 2020b, p. 32).

A EJA na modalidade Regular é oferecida nas escolas municipais de ensino fundamental (Emefs), nas escolas municipais de ensino fundamental e médio (EMEFMs) e nas escolas municipais de educação bilíngue para surdos (Emebs). O curso é presencial, em especial, nas Emefs, é oferecido em quatro horas diárias à noite, das 19 horas às 23 horas. O curso está dividido em quatro etapas — alfabetização (dois semestres), básica (dois semestres), complementar (dois semestres) e final (dois semestres) —, e cada uma conta com 200 dias letivos.

A oferta da EJA Regular representa maioria na cidade, e é comum as escolas de ensino fundamentais terem os ciclos 1 e 2 do ensino fundamental nos períodos da manhã e da tarde e salas de EJA à noite, fazendo com que seja uma possibilidade de complementação de jornada dos professores. As salas vivem constantemente as tensões de fechamento, falta de planejamento, ações conjuntas, entre outros problemas, por serem minoria em sua unidade e analisadas frequentemente apenas pela frequência de seus educandos.

A oferta de EJA na modalidade Modular é uma conquista de um grupo de escolas e das divisões de orientações técnicas da rede municipal,[9] em especial, da Diretoria Regional de Educação (DRE) Pirituba/Jaraguá (SÃO PAULO, 2020b), que, ao se depararem com o fechamento de salas da EJA, construíram um grupo de trabalho para, em 2011, apresentarem, para o Conselho Municipal de Educação (CME), estudos, apontamentos e uma proposta necessária para uma nova modalidade de ensino, mais flexível e adaptada, em relação às concepções curriculares de tempo e de organização. Essa modalidade acontece em escolas

[9] Atuais divisões pedagógicas (Diped), que são núcleos pedagógicos das diretorias regionais de educação.

municipais que optaram por esse projeto e anualmente são submetidas ao CME para análise. O ensino acontece em três horas diárias, fazendo com que a carga horária restante seja feita para compensação de presença e atividades extracurriculares. A organização se dá em módulos com dois componentes curriculares, História e Geografia, Língua Inglesa e Artes e Matemática e Ciências Naturais, com 50 dias letivos cada. Os módulos não são cursados em ordem, todavia cada educando tem de obrigatoriamente terminá-los em 18 meses. Cada unidade deve ofertar, como enriquecimento cultural, 10 horas-aula, seja de reforço, ou atividades complementares, que, na maioria das escolas, são destinadas à primeira e à quinta aula diária (também chamado de pré e pós-aula). A divisão curricular é realizada de maneira análoga aos Ciejas, com as etapas de alfabetização, básica, complementar e final, em um total de 200 dias letivos anuais.

Em 2012, o CME publica o Parecer nº 234, que permite o funcionamento da EJA Modular, desde que sob responsabilidade da SME, seja feito um relatório de atividades e apresentado anualmente ao conselho para aprovação e continuação do projeto (SÃO PAULO, 2012c).

O Decreto nº 33.894, de 16 de dezembro de 1993, cria o Cemes, que tem a modalidade da EJA, intitulada de suplência, com o ensino semipresencial, apostilado e com avaliações operatórias (SÃO PAULO, 1993b).

Neste trabalho consideramos que os Ciejas, como transformação do antigo Cemes na cidade de São Paulo, são resultado direto do Mova, assim como, com o objetivo de elucidar, a EJA Modular tem influência direta na maneira como os centros se organizaram ao longo dos anos, para adaptarem uma proposta voltada para a rede regular de escolas em caráter de projeto.

Entre os anos de 2000 e 2002, a partir do primeiro anúncio de fechamento do Cemes no município, é criado um grupo de trabalho para reformular a projeto, torná-lo presencial e vinculado ao mercado de trabalho. A partir desse movimento, é promulgado o Decreto nº 43.052, de 4 de abril de 2003, que cria o Cieja na cidade (SÃO PAULO, 2003). Sua estrutura curricular fica vinculada às etapas modulares (I, II, III e IV) em comparação aos anos do ensino regular, todavia, na modalidade EJA, com 200 dias letivos, carga horária anual de 890 horas, características de qualificação profissional básica e aulas diárias de 2 horas e 15 minutos.

Com novo anúncio de fechamento em 2007, um grupo de gestores, liderados por Dona Eda (ex-coordenadora-geral do Cieja Campo Limpo — CL), consegue

construir uma proposta, que ficou conhecida como Projeto Cieja 2008. Esse projeto é submetido à análise do CME, que o aprova em 2009.

A Lei nº 15.648, de 14 de novembro de 2012, estabelece diretrizes para o funcionamento dos Ciejas na Rede Municipal de Ensino do Município de São Paulo, agora, não mais um projeto dependente de aprovação anual do CME (SÃO PAULO, 2012b).

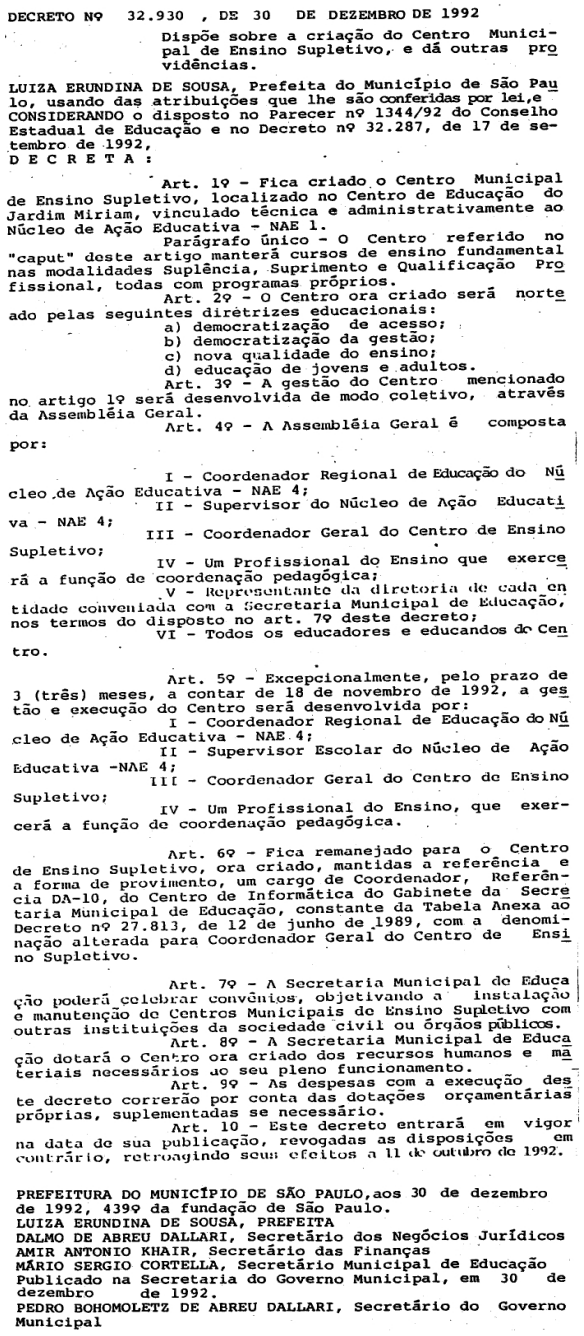
Entre os anos de 2015 e 2017, na SME, é criado um grupo de trabalho composto por todos os gestores e gestoras dos Ciejas da cidade e os responsáveis pela divisão pedagógica ligada a EJA da secretaria, para regulamentar, com maiores especificidades, os centros. O trabalho do grupo culmina com a publicação da Portaria nº 9.032, de 4 de dezembro de 2017, que estabelece normas complementares para o funcionamento dos Ciejas, nos termos da Lei nº 15.648/2012, regulamentada pelo Decreto nº 53.676, de 28 de dezembro de 2012 (SÃO PAULO, 2012a, 2012b, 2017).

Devido ao processo de fechamento de salas na EJA, assim como nos Ciejas, em 20 de agosto de 2021, é promulgada a Lei nº 17.623, que autoriza a oferta do ensino médio nos centros (SÃO PAULO, 2021). A partir dessa lei, foi criado o grupo de trabalho para viabilizá-la, por meio da Portaria SME nº 3.926, de 12 de julho de 2022, no qual gestores dos Ciejas, supervisores, responsáveis técnicos da SME, entre outros colaboradores, reúnem-se periodicamente para analisar a possibilidade de aplicação do ensino médio no centro (SÃO PAULO, 2022b).

2.2 Surgimento de um novo projeto na cidade: a semente do Cemes

> [...] porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem…
> (Paulo Freire)

Figura 1 – Decreto de criação do Cemes



DECRETO Nº 32.930 , DE 30 DE DEZEMBRO DE 1992

Dispõe sobre a criação do Centro Municipal de Ensino Supletivo, e dá outras providências.

LUIZA ERUNDINA DE SOUSA, Prefeita do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,e
CONSIDERANDO o disposto no Parecer nº 1344/92 do Conselho Estadual de Educação e no Decreto nº 32.287, de 17 de setembro de 1992,
D E C R E T A :

Art. 1º - Fica criado o Centro Municipal de Ensino Supletivo, localizado no Centro de Educação do Jardim Miriam, vinculado técnica e administrativamente ao Núcleo de Ação Educativa - NAE 1.

Parágrafo único - O Centro referido no "caput" deste artigo manterá cursos de ensino fundamental nas modalidades Suplência, Suprimento e Qualificação Profissional, todas com programas próprios.

Art. 2º - O Centro ora criado será norteado pelas seguintes diretrizes educacionais:

a) democratização de acesso;
b) democratização da gestão;
c) nova qualidade do ensino;
d) educação de jovens e adultos.

Art. 3º - A gestão do Centro mencionado no artigo 1º será desenvolvida de modo coletivo, através da Assembléia Geral.

Art. 4º - A Assembléia Geral é composta por:

I - Coordenador Regional de Educação do Núcleo de Ação Educativa - NAE 4;
II - Supervisor do Núcleo de Ação Educativa - NAE 4;
III - Coordenador Geral do Centro de Ensino Supletivo;
IV - Um Profissional do Ensino que exercerá a função de coordenação pedagógica;
V - Representante da diretoria de cada entidade conveniada com a Secretaria Municipal de Educação, nos termos do disposto no art. 7º deste decreto;
VI - Todos os educadores e educandos do Centro.

Art. 5º - Excepcionalmente, pelo prazo de 3 (três) meses, a contar de 18 de novembro de 1992, a gestão e execução do Centro será desenvolvida por:

I - Coordenador Regional de Educação do Núcleo de Ação Educativa - NAE 4;
II - Supervisor Escolar do Núcleo de Ação Educativa -NAE 4;
III - Coordenador Geral do Centro de Ensino Supletivo;
IV - Um Profissional do Ensino, que exercerá a função de coordenação pedagógica.

Art. 6º - Fica remanejado para o Centro de Ensino Supletivo, ora criado, mantidas a referência e a forma de provimento, um cargo de Coordenador, Referência DA-10, do Centro de Informática do Gabinete da Secretaria Municipal de Educação, constante da Tabela Anexa ao Decreto nº 27.813, de 12 de junho de 1989, com a denominação alterada para Coordenador Geral do Centro de Ensino Supletivo.

Art. 7º - A Secretaria Municipal de Educação poderá celebrar convênios, objetivando a instalação e manutenção de Centros Municipais de Ensino Supletivo com outras instituições da sociedade civil ou órgãos públicos.

Art. 8º - A Secretaria Municipal de Educação dotará o Centro ora criado dos recursos humanos e materiais necessários ao seu pleno funcionamento.

Art. 9º - As despesas com a execução deste decreto correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 10 - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, retroagindo seus efeitos a 11 de outubro de 1992.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO,aos 30 de dezembro de 1992, 439º da fundação de São Paulo.
LUIZA ERUNDINA DE SOUSA, PREFEITA
DALMO DE ABREU DALLARI, Secretário dos Negócios Jurídicos
AMIR ANTONIO KHAIR, Secretário das Finanças
MÁRIO SERGIO CORTELLA, Secretário Municipal de Educação
Publicado na Secretaria do Governo Municipal, em 30 de dezembro de 1992.
PEDRO BOHOMOLETZ DE ABREU DALLARI, Secretário do Governo Municipal

Fonte: São Paulo (1992).

O decreto[10] que dispõe sobre a primeira criação do Cemes foi um dos últimos decretos realizados pela gestão da ex-prefeita Luiza Erundina (Partido dos Trabalhadores — PT) e foi publicado no diário oficial no último dia de seu mandato, 31 de dezembro de 1992, junto com uma série de decretos que tinham como objetivo deixar instituída as mudanças propositivas do final de sua gestão.

[10] Agradecimentos para Amanda de Lima e para o Memorial da Educação Municipal/Centro de Multimeios/Coped/SME pela disponibilização do texto do decreto.

Para entender o decreto e sua potência, é necessário observar o contexto da gestão municipal de 1989 a 1992, da ex-prefeita Luiza Erundina,[11] em que houve avanços significativos relacionados a habitação, transporte, saúde, educação e processo de urbanização, com destaque para a participação popular como forma de governar a cidade. Patarra (1996) e Singer (1996) pontuam o governo de Luiza Erundina para a cidade de São Paulo como a primeira experiência democrática pós-regime ditatorial e sua vitória representando os esforços e movimentações políticas da esquerda engajada. Pela primeira vez, um governo de esquerda chega à prefeitura de São Paulo, maior cidade da América do Sul.

Na habitação, foi responsável por ligar os pontos de interesse do processo construtivo aos mais necessitados ao apoiar as habitações para pessoas de baixa renda por meio de mutirões, fazendo com que houvesse o barateamento das obras e o envolvimento comunitário/participativo. Também apresentou proposta de diminuição progressiva do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU)[12] na cidade.

Na saúde, a contribuição de pensar nos serviços hospitalares e nos postos de saúde de maneira integrada, em constante diálogo com as necessidades da população e na tentativa de implementação do Sistema Único de Saúde, meta da Constituição de 1988.

No setor do transporte, a renovação da frota da Companhia Municipal de Transportes Coletivos (CMTC), o avanço das discussões sobre logística com a população local e a tentativa de implementar o princípio da tarifa zero no transporte coletivo.

---

[11] “Luiza Erundina nasceu em 30 de novembro de 1934, em Uiraúna, na Paraíba [...] Foi professora primária e, aos 23 anos, em 1958, tornou-se diretora de Educação e Cultura da prefeitura de Campina Grande. Retomou os estudos, em 1966, graduando-se pela Escola de Serviço Social da Paraíba, em João Pessoa [...] Atuou nas Ligas Camponesas de Julião Arruda de Paula. Em 1968, deixou a Paraíba para fazer mestrado em Ciências Sociais na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Regressa a Paraíba em 1970 e é aprovada em primeiro lugar em concurso para professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Não pôde assumir devido a acusação de subversiva.
[...] Em 1982, Erundina é eleita vereadora da cidade de São Paulo. Em 1986, é eleita deputada estadual e, em 1989, torna-se prefeita de São Paulo pelo PT, sendo a primeira mulher a ocupar o cargo na cidade. [...] Foi eleita deputada federal de São Paulo pelo PSB. Em 1999, assumiu o mandato parlamentar na Câmara dos Deputados, onde atua até os dias de hoje [...] Em 2016, Erundina deixou o PSB e se filiou ao Partido Socialismo e Liberdade (Psol), pelo qual disputou as eleições para a prefeitura em outubro do mesmo ano, conseguindo 3% dos votos. Em 2018, foi eleita deputada federal pelo Psol. Em 2020 concorreu à Prefeitura de São Paulo, como vice de Guilherme Boulos, perdendo no segundo turno. Em 2022 foi eleita, aos 87 anos, Deputada Federal pelo Psol.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, [2023]).

[12] Essa proposta foi uma das mais polêmicas, pois a ideia principal era diminuir o IPTU progressivamente até a gratuidade para a população pobre proporcionalmente ao aumento dele para aquela com maior poder aquisitivo e com maiores terrenos.

Na cultura, propiciou reformas nas bibliotecas, doações de livros e profundas discussões sobre o fazer, o propiciar, o questionar o ser cultural na cidade.

No processo de urbanização, a influência do orçamento participativo e o princípio de gestão a partir da descentralização de poder, em especial, a transformação das regionais no princípio de subprefeituras, com poderes e orçamentos para resolução do desenvolvimento local. Procurou também pensar resoluções de saneamento básico, coleta de lixo, entre outras.

Trouxe, à frente da pasta de Educação, o intelectual Paulo Freire, com sua experiência sobre a aprendizagem, desde a transformação de si, do outro e da sociedade, como uma maneira de pensar a potência do processo pedagógico, bem como sua *expertise* na educação de jovens e adultos. Dessa relação com o Paulo Freire, na experiência do governo municipal, resultaram diretamente em ações como: a implementação do Mova; em diálogo entre a SME e instituições sociais,[13] o estatuto do magistério, aumentando a garantia de direitos para os professores; a reforma e a implementação de novos prédios escolares; a implementação de salas de informática e de leitura nas escolas; o fortalecimento dos conselhos escolares; e a readmissão dos professores demitidos por terem participado de greves no governo Jânio Quadros.

A contextualização do governo de Luiza Erundina é necessária para, a partir dele, olharmos para o Decreto nº 32.930, de 30 de dezembro de 1992, e visualizarmos que sua publicação no final da gestão teve o objetivo de institucionalizar a experiência participativa e democrática de um modelo de escola em perspectiva ampliada para um centro que fosse gerido coletivamente, bem como posto em prática o atendimento diferenciado para a EJA (SÃO PAULO, 1992).

Ao analisarmos o decreto,[14] conseguimos compreender muitos dos elementos presentes nos Ciejas na atualidade em relação direta com o movimento de criar e qualificar a educação de jovens e adultos. No primeiro artigo do decreto, no parágrafo único, é pontuado que o curso será de ensino fundamental na modalidade de suplência, com o objetivo de suprimento e qualificação profissional. Ligar educação de jovens adultos ao mercado de trabalho é uma das formas de vincular a

[13] Até então a EJA era responsabilidade da Secretaria de Assistência Social, via convênios e repasses do governo federal através do Programa de Educação de Adultos (EDA). A partir do êxito do Mova em São Paulo, outras prefeituras do Brasil adotaram a ação.

[14] Esse decreto em especial não cria a rede do Cemes, mas sinaliza para a criação de um centro específico vinculado ao Núcleo de Ação Educativa (NAE) 1, localizado no centro de educação do Jardim Mirian.

aprendizagem para a vida, com maiores chances de entrar no mercado de trabalho de maneira digna a partir de um processo de alfabetização é uma forma de mudança social.

No segundo artigo, fica explícito o compromisso que o Cemes deve ter com as diretrizes educacionais de democratização do acesso, democratização da gestão, nova qualidade de ensino e educação de jovens e adultos. Nesse artigo, há a preocupação de propiciar atenção especial para a EJA, ampliando a oferta e vinculando ao processo de gestão democrática.

No quesito gestão democrática, o terceiro e o quarto artigos estipulam que a gestão dos Cemes deve ser coletiva, em formato de assembleia, composta por coordenador regional do núcleo de ação educativa (hoje, dirigente regional de educação), supervisor de ensino, coordenador-geral e pedagógico do centro, representantes dos convênios e todos os seus educadores e educandos.

Para gerir cotidianamente o centro, o artigo sexto institui a função de coordenador-geral com o objetivo de administrar as questões locais em diálogo com a SME e as políticas educacionais em sintonia com a comunidade. É importante destacar que tanto a legislação que institui o Cemes quanto a que cria o Cieja atual estabelecem a função de coordenador-geral, um agente público, designado e referendado anualmente, com o aval da comunidade. Tem o objetivo de ser um articulador do centro no dia a dia, no local estratégico para o seu funcionamento constante, com troca com a comunidade em processos coletivos, no artigo, em formato de assembleia[15] e, hoje, na atualidade, em formato de conselho do centro.

Para ter relação do Cemes com o mercado de trabalho, o artigo sétimo abria a possibilidade de convênios, e o destaque para suas despesas, tanto da proposta pedagógica como do quadro de apoio, dos professores, dos recursos humanos no geral, deveriam ser mantidas pela SME.

Outro aspecto importante a ser salientado é que tanto a função do coordenador-geral quanto o processo democrático idealizado no decreto do Cemes comungam diretamente com os princípios democráticos do governo de Luiza Erundina. Em suas palavras, no evento de 30 anos de governo popular democrático em São Paulo, organizado pelo Centro de Documentação e Memória (Cedem) da

[15] O Cieja CL é reconhecido por decisões coletivas em formato de assembleias, com a participação de todos e todas para decidirem sobre questões pedagógicas, conflitos, saídas, móveis etc.

Universidade Estadual Paulista (Unesp), em 29 de março de 2019, Luiza Erundina aponta que

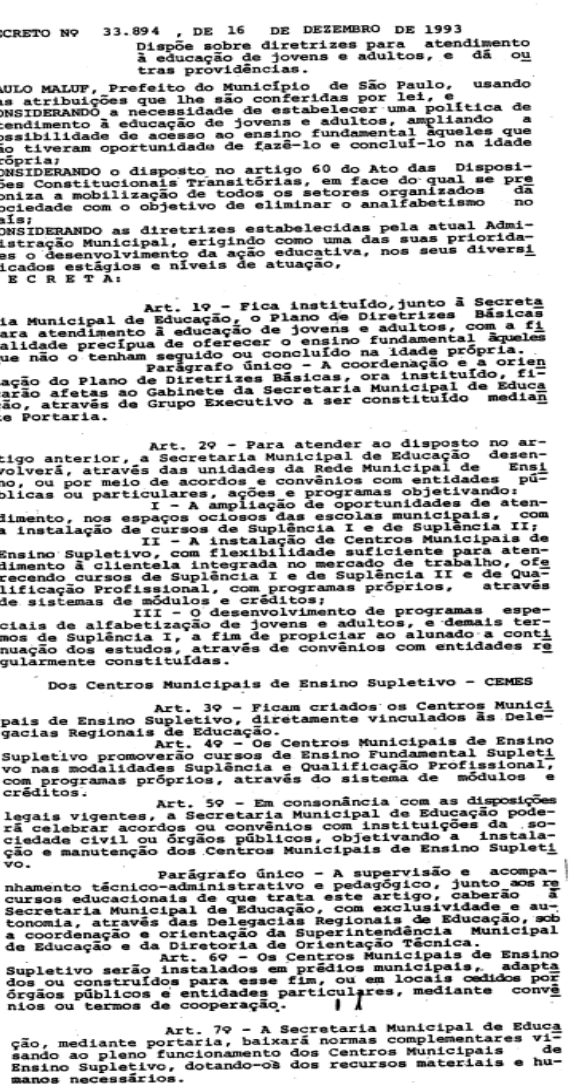
> A experiência a ser discutida é que aquele governo trouxe estratégias democráticas para governar São Paulo para todos mas preferencialmente para a maioria e os mecanismos de participação escuta que o governo criou foram os conselhos gestores dos equipamentos da cidade, escolas, hospitais, postos de saúde, casas de culturas, cada centro de cultura havia uma forma de participação direta na qual um agente público era responsável pela administração local e o diálogo com a administração regional/geral mediando o processo democrático de escuta e participação junto à comunidade. (COMPLETO, 2019).[16]

Todavia há de se ressaltar que o Decreto nº 32.930/1992 foi o último com o tema educação do governo de Luiza Erundina, o que significa que sua implementação dependeria do próximo governo da cidade ser simpatizante ou ver sentido nessa proposição. Nesse ponto, é imprescindível ressaltar, em especial, a partir das entrevistas realizadas com Dona Eda, que, segundo sua opinião, a EJA sempre é vista por último nas candidaturas, assim como na implementação do governo. Pois, no primeiro ano, há a preocupação em entender o funcionamento da cidade, depois, as especificidades de cada secretaria. Na educação, repensar currículo, carreira, avaliação e, no final do mandato, caso ocorram, ações que impactam a EJA.

No ano de 1993, assume o prefeito Paulo Maluf (Partido Democrático Social — PDS), que acrescenta algumas mudanças significativas em relação à EJA. A primeira é a inauguração do CMCT. Outra grande mudança foi a revogação do Decreto nº 32.930/1992 pelo Decreto nº 33.894/1993, que institui novamente o Cemes na cidade, com alguns pontos do decreto anterior, entretanto fazendo a vinculação ao Programa Municipal de Alfabetização de Jovens e Adultos (Proalfa) (SÃO PAULO, 1993b).

O Decreto nº 33.894/1993 tem quatro princípios básicos: revogar o Decreto nº 32.930/1992; lançar elementos para um plano de diretrizes de atendimento da população jovem adulta; instituir o Cemes como proposta de atendimento na cidade e não só de um local específico como o decreto anterior; e, por último, vincular essas ações ao Proalfa.

[16] Outra forma de governar a cidade era através de coordenações com temáticas específicas, como a temática do negro, das mulheres, das pessoas com deficiência, dos idosos, que eram voltadas para o gabinete, tinham um orçamento próprio e instrumentalizavam a luta dessas ações na cidade.



DECRETO Nº 33.894 , DE 16 DE DEZEMBRO DE 1993

Dispõe sobre diretrizes para atendimento à educação de jovens e adultos, e dá outras providências.

PAULO MALUF, Prefeito do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, e
CONSIDERANDO a necessidade de estabelecer uma política de atendimento à educação de jovens e adultos, ampliando a possibilidade de acesso ao ensino fundamental àqueles que não tiveram oportunidade de fazê-lo e concluí-lo na idade própria;
CONSIDERANDO o disposto no artigo 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, em face do qual se preconiza a mobilização de todos os setores organizados da sociedade com o objetivo de eliminar o analfabetismo no País;
CONSIDERANDO as diretrizes estabelecidas pela atual Administração Municipal, erigindo como uma das suas prioridades o desenvolvimento da ação educativa, nos seus diversificados estágios e níveis de atuação,
D E C R E T A:

Art. 1º - Fica instituído, junto à Secretaria Municipal de Educação, o Plano de Diretrizes Básicas para atendimento à educação de jovens e adultos, com a finalidade precípua de oferecer o ensino fundamental àqueles que não o tenham seguido ou concluído na idade própria.

Parágrafo único - A coordenação e a orientação do Plano de Diretrizes Básicas, ora instituído, ficarão afetas ao Gabinete da Secretaria Municipal de Educação, através de Grupo Executivo a ser constituído mediante Portaria.

Art. 2º - Para atender ao disposto no artigo anterior, a Secretaria Municipal de Educação desenvolverá, através das unidades da Rede Municipal de Ensino, ou por meio de acordos e convênios com entidades públicas ou particulares, ações e programas objetivando:

I - A ampliação de oportunidades de atendimento, nos espaços ociosos das escolas municipais, com a instalação de cursos de Suplência I e de Suplência II;

II - A instalação de Centros Municipais de Ensino Supletivo, com flexibilidade suficiente para atendimento à clientela integrada no mercado de trabalho, oferecendo cursos de Suplência I e de Suplência II e de Qualificação Profissional, com programas próprios, através de sistemas de módulos e créditos;

III - O desenvolvimento de programas especiais de alfabetização de jovens e adultos, e demais termos de Suplência I, a fim de propiciar ao alunado a continuação dos estudos, através de convênios com entidades regularmente constituídas.

Dos Centros Municipais de Ensino Supletivo - CEMES

Art. 3º - Ficam criados os Centros Municipais de Ensino Supletivo, diretamente vinculados às Delegacias Regionais de Educação.

Art. 4º - Os Centros Municipais de Ensino Supletivo promoverão cursos de Ensino Fundamental Supletivo nas modalidades Suplência e Qualificação Profissional, com programas próprios, através do sistema de módulos e créditos.

Art. 5º - Em consonância com as disposições legais vigentes, a Secretaria Municipal de Educação poderá celebrar acordos ou convênios com instituições da sociedade civil ou órgãos públicos, objetivando a instalação e manutenção dos Centros Municipais de Ensino Supletivo.

Parágrafo único - A supervisão e acompanhamento técnico-administrativo e pedagógico, junto aos recursos educacionais de que trata este artigo, caberão à Secretaria Municipal de Educação, com exclusividade e autonomia, através das Delegacias Regionais de Educação, sob a coordenação e orientação da Superintendência Municipal de Educação e da Diretoria de Orientação Técnica.

Art. 6º - Os Centros Municipais de Ensino Supletivo serão instalados em prédios municipais, adaptados ou construídos para esse fim, ou em locais cedidos por órgãos públicos e entidades particulares, mediante convênios ou termos de cooperação.

Art. 7º - A Secretaria Municipal de Educação, mediante portaria, baixará normas complementares visando ao pleno funcionamento dos Centros Municipais de Ensino Supletivo, dotando-os dos recursos materiais e humanos necessários.

Figura 2 – Decreto nº 33.894/1993

Do Programa Municipal de Alfabetização de Jovens e Adultos- PROALFA

Art. 8º - Fica instituído, junto à Secretaria Municipal de Educação, o Programa Municipal de Alfabetização de Jovens e Adultos - PROALFA, abrangendo a alfabetização e demais termos de Suplência I, de modo a propiciar ao alunado a continuidade dos estudos.

Art. 9º - Caberá à Secretaria Municipal de Educação adotar as medidas necessárias à execução do programa ora instituído, ficando autorizada, para isso, a celebrar acordos e convênios com entidades regularmente constituídas, nos termos do artigo 3º da Lei nº 7.693, de 6 de janeiro de 1972.

Art. 10 - Poderá ser concedido auxílio financeiro às entidades conveniadas, no valor a ser fixado em termo próprio, por classe a ser instalada.

§ 1º - Os recursos de que trata este artigo destinar-se-ão, exclusivamente, ao custeio das despesas oriundas do funcionamento das classes instaladas, conforme planilha de custos previamente analisada e aprovada pelos órgãos técnicos da Secretaria Municipal de Educação.

§ 2º - A Secretaria Municipal de Educação poderá designar professores do Ensino Fundamental, efetivos ou não, para ministrarem aulas junto às entidades conveniadas.

§ 3º - O auxílio financeiro, no caso em que os professores sejam designados pela Secretaria Municipal de Educação, restringir-se-á ao custeio de instalação e funcionamento das classes, excluída a despesa decorrente do pagamento do salário do professor.

§ 4º - No caso de o professor ser indicado pela entidade conveniada, acrescentar-se-á ao auxílio financeiro o valor correspondente ao seu salário, que será equivalente ao vencimento pago aos Professores da Rede Municipal de Ensino, em jornada básica, exigida a habilitação para o magistério.

Art. 11 - O acompanhamento técnico-pedagógico e a fiscalização da execução dos convênios a que se refere o artigo 9º deste decreto caberão às Delegacias Regionais de Educação, sob a orientação da Diretora de Orientação Técnica - DOT/SUPEME.

Parágrafo único - A coordenação geral das atividades relativas ao Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos - PROALFA fica atribuída ao Gabinete da Secretaria Municipal de Educação.

Art. 12 - Os convênios firmados em conformidade com o Decreto nº 28.302, de 21 de novembro de 1989, que instituiu o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo - MOVA-SP, serão rescindidos a partir de 31 de dezembro de 1993.

§ 1º - Os convênios de que trata o "caput" deste artigo, a critério da Secretaria Municipal de Educação e observadas as diretrizes estabelecidas neste decreto, poderão ser renovados.

§ 2º - A Secretaria Municipal de Educação adotará providências visando a rescisão dos convênios em vigor, mediante aviso escrito e prévio às entidades conveniadas.

Art. 13 - O Programa de Educação de Adultos - EDA, fica absorvido pelo Programa Municipal de Alfabetização de Jovens e Adultos - PROALFA, mantidos os convênios com prazo de vigência em vigor.

Art. 14 - A Secretaria Municipal de Educação, mediante portaria, baixará normas complementares, dentro das diretrizes ora estabelecidas, visando ao desenvolvimento do Programa Municipal de Alfabetização de Jovens e Adultos - PROALFA.

Art. 15 - Para fins de designação de Professores e demais servidores técnicos, administrativos e operacionais, os Centros Municipais de Ensino Supletivo e as classes do Programa Municipal de Alfabetização de Jovens e Adultos - PROALFA serão considerados como unidades escolares da Rede Municipal de Ensino.

Art. 16 - As despesas com a execução deste decreto correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, onerando, especialmente no exercício de 1994, as dotações orçamentárias nºs 16.10.08.42.187.2427.3132.3 - Convênios integrados ao Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos - MOVA-SP e 16.10.08.42.187.2480.3132.3- "Convênio para Operação e manutenção de Classes de Ensino Supletivo".

Art. 17 - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, especialmente o Decreto nº 28.302, de 21 de novembro de 1989, e o Decreto nº 32.930, de 30 de dezembro de 1992.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, aos 16 de dezembro de 1993, 440º da fundação de São Paulo.
PAULO MALUF, PREFEITO
CORNÉLIO VIEIRA DE MORAIS JUNIOR, Secretário dos Negócios Jurídicos
CELSO ROBERTO PITTA DO NASCIMENTO, Secretário das Finanças
SÓLON BORGES DOS REIS, Secretário Municipal de Educação
Publicado na Secretaria do Governo Municipal, em 16 de dezembro de 1993.
EDEVALDO ALVES DA SILVA, Secretário do Governo Municipal

DECRETO Nº 33.894, de 16 de dezembro de 1993
No Art. 10 - Leia-se como segue e não como constou:
.....
§ 4º - No caso de o professor ser contratado pela entidade conveniada,.....

Fonte: São Paulo (1993b).

No decreto em si, na primeira parte nos dois primeiros parágrafos, a preocupação é instituir o plano de diretrizes básicas para o atendimento à EJA e

colocar a possibilidade de adaptação da suplência em espaços e salas ociosos da própria prefeitura, ou em prédios privados, através de convênios, e os Cemes passam a atender, de maneira adaptada, a classe trabalhadora por meio de módulo e créditos.

Na segunda parte do decreto está a criação dos Cemes, com apenas sete artigos: o primeiro[17] estipula a criação do centro; o segundo aponta a necessidade do atendimento por módulos de crédito a serem cumpridos; o terceiro coloca a possibilidade de convênios com a sociedade civil e particular para a manutenção do centro e, em um parágrafo único, pontua a necessidade do acompanhamento das respectivas atividades pela supervisão; o quarto abre a possibilidade de criação e instalação dos Cemes em locais diversos com apoio da iniciativa privada através de convênios e ou parcerias; e, finalizando essa parte, o quinto anuncia que haverá legislação permanente no futuro.

Na terceira e última parte do decreto, estabelecem-se os apontamentos básicos para a constituição do Proalfa. O nono artigo abre a possibilidade de convênios para abertura de salas de suplência. Sobre os auxílios e o controle de convênios, o artigo 10 os vincula à responsabilidade cotidiana na SME e nas delegacias regionais de educação. O artigo 12 traz a rescisão de contratos do Mova no final daquele ano e a sua renovação submetida à análise do gabinete da SME. No artigo 13, há o anúncio da incorporação do Programa de Educação de Adultos (EDA) à nova forma de oferta de EJA no município, o Proalfa. Por fim, o artigo 14 considera, para fins de funcionamento, que o Cemes deve ser tratado como unidade escolar.

Considerando o decreto de Paulo Maluf e partindo do pressuposto que é o primeiro decreto que vigorou para abertura dos Cemes em contraposição ao decreto do governo de Luiza Erundina, temos duas concepções diferentes sobre o mesmo assunto, que é a educação de jovens e adultos, uma na perspectiva de instituir um caminho democrático dentro da SME, talvez em uma experiência a partir do Mova; a outra na preocupação de lançar um programa com diretrizes para atender ao público da EJA e inaugurar os Cemes na cidade.

Na esfera do contexto, temos Luiza Erundina já no segundo ano de governo instituindo o Mova como a primeira experiência de municipalização da educação de jovens e adultos por meio do esforço social e de convênio e a tentativa de inaugurar

[17] Essa não é a numeração dos artigos, e sim a ordem da parte que se está descrevendo.

um centro responsável pela EJA, que fosse adaptado às necessidades desse público em um processo democrático. Já Paulo Maluf identifica o crescimento do Mova na cidade e a necessidade de inaugurar um Cemes proposto no decreto da gestão anterior, assim como ter um mandato inteiro para pensar a EJA. Para esses dois desafios, resolve revogar o decreto e instituir outro que coloca os princípios do Cemes[18] e da própria gestão da EJA no município.

Ao analisar os dois decretos com distanciamento histórico e ao olhar para o Cieja na atualidade, podemos estabelecer parâmetros, ligações e perceber sementes que foram plantadas há 30 anos. Mesmo que o decreto de Paulo Maluf tenha suprimido as diretrizes democráticas em destaque no decreto de Luiza Erundina, conseguimos visualizar que o cargo de coordenador-geral se concretizou como articulador, referendado pela comunidade do centro anualmente; os conselhos constituíram-se em palco para as discussões comunitárias; as parcerias fazem parte do cotidiano pedagógico do centro; a adaptação constante tanto das dependências prediais quanto da proposta pedagógica para se adequarem ao atendimento de jovens e adultos, fazendo com que os esforços sejam direcionados para que esse público possa terminar os estudos e se profissionalizar em um contínuo, bem como que o centro seja um espaço democrático, participativo e responsável para a população.

Outro decreto que muda a configuração do Cemes, antes de sua inauguração de fato, assim como acrescenta elementos importantes para o seu crescimento na cidade é o Decreto nº 35.456, de 30 de agosto de 1995 (SÃO PAULO, 1995). Esse decreto traz especificações do Proalfa, colocando o quesito da teleducação, e, considerando a ociosidade dos prédios escolares, especialmente os de primário,[19] destina-os às suplências I e II, desde que aprovado em conselho.

Esse decreto abre possibilidades para a expansão do Cemes pela cidade. Ele estabelece o atendimento semipresencial no centro, ou seja, educandos poderiam terminar os estudos sem a obrigatoriedade presencial diária. Isso facilita o processo para a matrícula da classe trabalhadora e a concessão de espaços ociosos em escolas da rede municipal, bem como reforça a perspectiva de convênios/parcerias

[18] Vale frisar nessa parte que a gestão de Paulo Maluf inaugura quatro Cemes no seu último ano de mandato, são eles: Cemes Santo Amaro, Cemes Guaianases, Cemes Itaquera e Cemes Cambuci. Na ordem, eles são os atuais Ciejas: Cieja Francisco Hernani Alverne Facundo Leite, Prof.; Cieja Rosa Kazue Inakake de Souza, Profa.; Cieja Itaquera; e Cieja Paulo Emilio Vanzolini.
[19] Atual ciclo I ou fundamental I.

para locação de imóveis, elementos fundamentais para “economizar” com construção de prédios para locais de funcionamento dos centros.[20]

Em 2000, assume o governo Marta Suplicy (PT), que, ao olhar para as características do Cemes, traz o indicativo de que aquele projeto não poderia existir. Dona Eda e outros coordenadores-gerais dos Cemes fazem oposição a essa ideia e chamam os responsáveis pela pasta para conversarem, resultado na formação de um grupo de trabalho para reformular o projeto Cemes na cidade. Com base no esforço do grupo de trabalho é elaborado o projeto-base[21] para o Decreto nº 43.052/2003, que institui o Cieja, a partir do Cemes (SÃO PAULO, 2003).

As ações de relevância desse decreto são basicamente três: a criação do próprio Cieja como centro, no sentido de convergência da cultura jovem e adulta de maneira integrada; a qualificação profissional; e o atendimento presencial.

O início do decreto faz considerações a respeito dos princípios da democratização da EJA, da sua gestão, da sua qualidade social na educação, com o propósito de ampliar as chances de entrar, permanecer e terminar os estudos, assim como o Parecer CME nº 10, de 7 de novembro de 2002, que autoriza a existência do Cieja no município (SÃO PAULO, 2002).

No primeiro artigo, cria o Cieja. No segundo, articula educação e mercado de trabalho, respeitando as especificidades locais. Em seus incisos delimita a composição em quatro módulos, desenvolvidos em oito semestres. No segundo inciso, abre o Cieja para o desenvolvimento de parcerias por meio de convênios.

No terceiro artigo, o decreto estipula que o acompanhamento será realizado pela supervisão e pelos núcleos de ação educativa sob orientação da divisão técnica (DOT). No quarto artigo, trata sobre a possível instalação dos Ciejas em locais cedidos por órgãos públicos ou em formato de convênio. O quinto artigo dispõe sobre os recursos humanos, a equiparação do Cieja a unidade de ensino, o que

[20] É possível visualizar as características de alguns dos primeiros Cemes na cidade: o Cemes Santo Amaro ocupa salas ociosas para, em seguida, incorporar as salas de uma escola; o Cemes Guaianases se inicia a partir de locação de uma casa, para, depois, mudar-se para um prédio comercial; o Cemes Itaquera ocupa as dependências de um antigo sacolão municipal; o Cemes Cambuci ocupa um galpão de uma antiga gráfica municipal, em conjunto com a Secretaria do Idoso; e, por fim, o próprio Cemes Campo Limpo, que inicia suas atividades em um conjunto de salas locadas de uma igreja, para, em seguida, ocupar dois sobrados locados. Lembrando que há outros Cemes/Ciejas nessas condições, os centros anteriores foram citados para elucidar o início do projeto na cidade.

[21] O projeto-base no qual o decreto se apoia foi aprovado pelo CME, no Parecer nº 10/2002, sobre a autorização de funcionamento do Cieja, o qual consta a análise do conselho em cima do projeto, o Regimento Escolar e o Plano de Curso (SÃO PAULO, 2002).

possibilita a vinda de professor designado e do quadro de apoio. O sexto artigo anuncia a troca de nome do Cemes para Cieja. O sétimo artigo coloca a possibilidade futura de normatizações. O oitavo artigo vincula os Ciejas à recém-criada, na época, Coordenadoria de Educação das Subprefeituras. O nono parágrafo pontua sobre a responsabilidade das despesas para a criação e a manutenção dos Ciejas. Por fim, o artigo 10 pontua quando o funcionamento do Cieja entrará em vigor e revoga o decreto dos Cemes (Decreto nº 33.894/1993).

2.3 O Cemes Campo Limpo: o enraizamento de um projeto

O Cemes CL, conforme relato de Dona Eda, em entrevista realizada em São Tomé das Letras (MG), demorou um pouco para se constituir, inicialmente pela disponibilidade das salas e adequações para receberem os primeiros matriculados, fazendo com que, no primeiro ano, 1998, as ações fossem somente administrativas, para dar início ao processo letivo com educandos apenas em 1999.

> Ofereceram pra cada uma dessas delegacias regionais uma sala pra poder fazer um Cemes e aí no Campo Limpo nós tínhamos, agora eu fico até me questionando por que que tudo isso aconteceu. Nós tínhamos o Elon que era ligado à Igreja Batista e supervisor da Delegacia de Ensino e ele sabia que se recebia, podia alugar salas para ter esse projeto que era independente dos prédios públicos, né? E talvez até pra ajudar a Igreja Batista ele alugou ali a Igreja Batista e assim, eles deram um prazo que se a delegacia de ensino até 98 não implantasse ia terminar, não haveria mais licitação, não abriria mais nenhum… então ele começou a perturbar lá a delegada e queria abrir e tudo. Por isso que.. Mas assim, nos outros locais tudo era indicado e aí já não tinha mais dois, me parece que já tinham quatro ou cinco e era indicado, coordenador-geral, enfim, a equipe toda. O assistente, o... Então era meio que um cabide de emprego pra pessoas e eu também acabei conhecendo no Cieja porque cada vez que dava um problema com um professor mandavam pro Cieja, pro Cemes, e eu ficava doidinha. E o que que aconteceu, ele fez isso. E eu tava no Pracinhas da FEB com esse trabalho já diferenciado de nós três fazendo rodízio, de ver que dava certo, a evasão era menor, o aluno entrava em qualquer horário, a gente já tinha feito acordo com todo mundo, já tinha feito todo um trabalho, o meu trabalho em Mova pelo Padre Jaime, daí eu já era conhecida. Na região todo mundo já me conhecia porque além de eu fazer esse trabalho eu também provocava e incentivava as greves, conseguia manter corria as escolas, eu fui mesmo essa pessoa... botar o júnior nas costas e caminhar com ele porque nasceu depois de doze anos, eu já estava com as meninas grandes e eu não tinha com quem deixar, era júnior e as meninas junto nas greves e em tudo quanto é lugar. Então, eu já tinha um certo nome da região, né. E aí o Elon falou assim olha, eu vou chamar pessoas pra poder assumir esse cargo, então já não foi indicado, tentaram indicar, mas politicamente lá a DRE Campo Limpo, agora é DRE Campo Limpo, já era mais politizada. Não, se tem vários modelos, por exemplo, pessoas capazes de assumir, por que quem vai ser indicado por força de política? Aí chamaram os cinco para poder disputar todos os cargos. Primeiro quem foi

> foi a Mariluce e ela foi coordenadora-geral, eu fiquei como coordenadora pedagógica e aí tinha assistente, não tinha assistente, era só o coordenador pedagógico e a coisa porque veio o modelo da Unesp, né? De apostilas. Então, quem voltaram foram os supervisores e a delegada que... era uma japonesa. (DONA EDA LUIZ, 5/1/2021).

Figura 3 − Dona Eda, como orientadora pedagógica educacional, e a primeira coordenadora-geral do Cemes, Mariluce − 1999



Fonte: acervo Cemes/Cieja CL (1999)**.**

A inauguração inicial do centro foi nas dependências da Igreja Batista Vila das Belezas, nº 774, em pequenas salas ao fundo, e seu funcionamento era das 7 horas da segunda-feira até as 17 horas da sexta-feira durante os anos de 1999 a 2001.[22]

Convidada a prestar o processo seletivo para o Cemes, devido a sua atuação na Emef Pracinhas da FEB,[23] Dona Eda consegue ir para o centro e, no primeiro ano, desenvolve a função de orientadora pedagógica educacional.[24] Com suas ideias diferentes, foi chamada, pela primeira coordenadora-geral, cujo nome era Mariluce, para assumir a sua função. Segundo Mariluce, aquela função teria de ser para alguém que mudasse os paradigmas dos projetos, e Dona Eda era a pessoa ideal para a empreitada.

---

[22] Dona Eda, em relato, disse que, das 7 horas da segunda-feira até as 17 horas da sexta-feira, poderiam ser realizadas as atividades do Cemes, após esse período, a equipe do centro deveria esvaziar as salas, tirar cartazes ou qualquer material pedagógico e "amontoar" em uma sala apenas, para entregar as outras salas para o uso das pessoas da igreja. Isso fez com que, assim que o projeto ganhasse fôlego, Dona Eda fosse buscar possibilidades de locação de outro prédio.

[23] A Emef Pracinhas da FEB participou do projeto Interdisciplinar na gestão da prefeita Luiza Erundina, a qual tinha, como Secretário de Educação, Paulo Freire (1989-1992).

[24] Orientadora pedagógica educacional teve a nomenclatura alterada para assistente pedagógica educacional.

No Cemes, o ensino era presencial para o ciclo I e semipresencial para o ciclo II, fazendo com que, para o ciclo II, fosse apostilado. E, para cada disciplina, a quantidade de apostilas era diferente, por exemplo, Inglês tinha 12 volumes, Matemática, 23, Geografia, 20, e história, 15. As apostilas eram desenvolvidas pela Unesp e representavam unidades de estudos. Assim que o(a) educando(a) finalizasse uma quantidade de apostilas, poderia agendar sua avaliação, fato esse que levava pessoas a terminarem mais rápido, devido ao maior tempo para estudar, e outras pessoas a demorarem para terminá-las, pelas dificuldades enfrentadas ou, simplesmente, pela falta de tempo para estudar.

O educando chegava ao Cemes CL, dirigia-se à secretaria improvisada, para ter a presença registrada em uma ficha de acompanhamento,[25] e, depois, nas salas, na parte de baixo, agendava plantão de dúvidas com os professores das respectivas disciplinas, que, por sua vez, tinham agendamentos a cada 15 minutos. Depois de sanada a dúvida, ou caso não as tivesse, o(a) educando(a) subia para o andar de cima, onde havia uma sala específica para cada disciplina, para que pudesse, através de avaliações operatórias, tentar passar ao módulo seguinte.

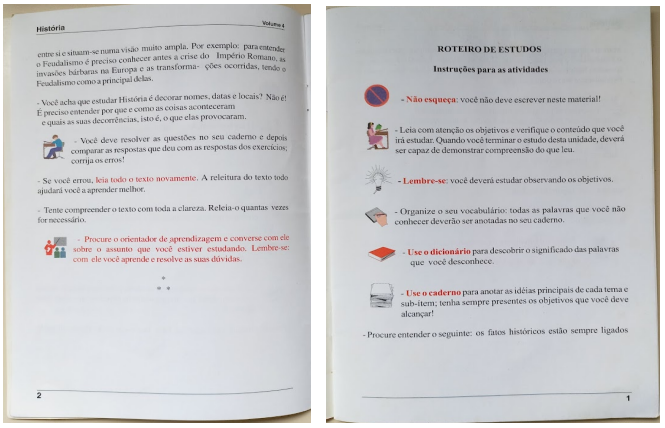
Figura 4 − Apostilas de Geografia



Fonte: acervo Cemes/Cieja CL (1999).
Nota: eram utilizadas para que os educandos da época do Cemes pudessem estudar para realizarem as avaliações e seguirem para o número seguinte da apostila da disciplina/módulo.

Figura 5 − A apresentação do roteiro de estudos com dicas de como interagir com o material

[25] Essa ficha, anos mais tarde, deu origem ao passaporte. Esse documento permite ao educando, na atualidade, frequentar qualquer horário, pois tem a flexibilidade garantida pelo registro de presença no passaporte.



Fonte: acervo Cemes/Cieja CL (1999).

Uma questão importante nessa fase do ciclo II era que não havia intervenção dos professores em formato de aula. Todo o aprendizado dos educandos ocorria de maneira autônoma, onde quer que ele estivesse, mas era obrigatória a sua interação com as respectivas apostilas, já que os professores faziam as avaliações operatórias baseadas em cada uma delas.

Os professores de ciclo I, ao contrário, tinham encontros cotidianos com os seus educandos, mostrando o quanto é importante continuarem os estudos a partir de processo de mediação. A seguir, apresentamos foto de agrupamento de ciclo I.

Figura 6 − Sala da Igreja Batista como sala de aula para o Cemes CL − 1999



Fonte: acervo Cemes/Cieja CL (1999).

Para além da prática da avaliação, ou das ações em sala, foi construído, no Cemes CL, entre os anos de 1999-2001, algumas intervenções que mudaram a configuração do ambiente escolar, são elas: sopões, que se tornam lanches

comunitários; saídas para confraternização; encenações de peças teatrais; aulas-temas; e material pedagógico preparado pelos professores.

Os sopões eram refeições coletivas, que surgiram inicialmente de uma simples sopa colaborativa para enfrentar um dia de frio, para, através da doação de alimentos por funcionários, professores e educandos, se constituir como momento de descontração, apoio das refeições secas, em especial, para uma comunidade precarizada da EJA.

A partir do momento em que a “vaquinha” para a sopa permitiu que fosse feita maior quantidade a ser oferecida para os educandos, e que eles, ao incorporarem o ambiente comunitário de partilha, se dispuseram a colaborar trazendo ingredientes para “engrossar” o caldo, os momentos das sopas viraram momento de refeições coletivas no Cemes.

As refeições coletivas passam para momentos de confraternização coletiva, que retroalimentam as ações do Cemes, responsável pela primeira concepção de acolhimento do projeto, constituindo-se em força para que as pessoas não desistissem, assim como terreno fértil para dar a noção de pertencimento a quem chegava.

Essas confraternizações foram intituladas como lanche comunitário. É a primeira ação envolvente do Cemes e completa, junto com o Cieja CL, em 2023, 25 anos de existência.

Figura 7 − Um dos primeiros lanches comunitários − 1999



Fonte: acervo Cemes/Cieja CL (1999).

Figura 8 − O partilhar dos alimentos − 1999



Fonte: acervo Cemes/Cieja CL (1999).

As confraternizações dos lanches comunitários foram seguidas pelas confraternizações dos professores no encerramento do ano letivo, nas formaturas, que, inicialmente, foram na Igreja Batista, para, depois, serem em outros locais.

Dona Eda relatou que marcar a formatura como ritual de passagem para o mundo “letrado”, a dignidade da leitura e da escrita e o esforço coletivo da conquista era uma das recompensas em ter um projeto em construção com foco no aluno da EJA.

Figura 9 − Primeira formatura do Cemes CL − 1999



Fonte: acervo Cemes/Cieja CL (1999).

Figura 10 − Segunda formatura do Cemes CL − 2000

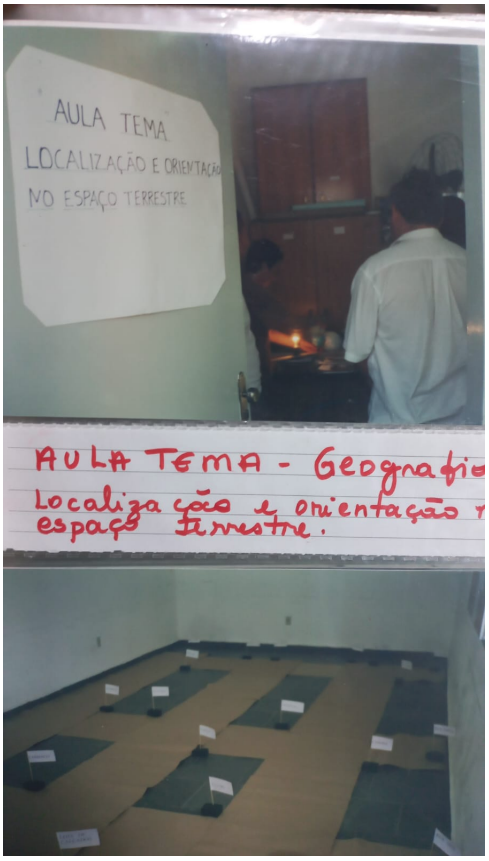


Fonte: acervo Cemes/Cieja CL (2000).

As aulas-temas foram pensadas para complementar a formação a partir das apostilas e serem suporte para aqueles(as) com dúvidas, ou mesmo para atrair mais educandos em processo de discussão. Tais aulas eram feitas pelo professor de cada disciplina,[26] em diálogo com seu colega de área de conhecimento, que as apresentava ao coletivo de professores, nas sextas-feiras, em especial, para a coordenação pedagógica, que sugeria alterações. Depois dos ajustes realizados, elas eram divulgadas. Essas aulas eram realizadas dentro da sala e, ao longo dos anos iniciais no Cemes, constituíram-se como laboratório experimental pedagógico[27] para o ciclo II, pois o objetivo era fazer sensibilizações, experiências e estratégias dos educandos chegarem mais próximo do assunto em questão, como auxílio às apostilas.

Figura 11 – Aula-tema sobre localização

[26] No começo a ideia do Cemes CL era de disciplina, todavia, já em processo inicial de área de conhecimento, os professores levavam a contribuição das suas disciplinas em diálogo com a disciplina do colega de área.
[27] Há relatos de elaboração de experimentos, encenações e sensibilizações pelos sentidos.



Fonte: acervo Cemes/Cieja CL (2001).

O ciclo I como primeira atividade diferenciada, através de uma de suas professoras, realizou encenação teatral como suporte ao que estava sendo trabalhado em sala, fazendo com que os primeiros participantes do teatro fossem colegas, professores e funcionários.

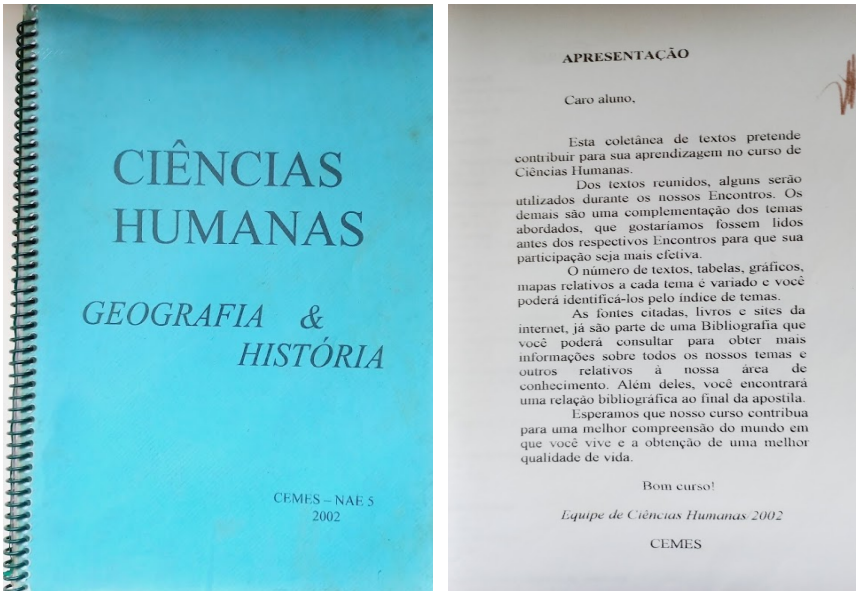
> Eu estava trabalhando e a Célia me pegou de repente vem aqui que você vai ser a dona Benta. Eu falei eu nunca fui nada mulher, nunca fiz teatro nada. Agora vai trabalhar num livro Clara das Neves. [...] Clara das Neves era a Vanessa que estava trabalhando eu joguei um monte de coisa fora, mas foi a Vanessa que estava trabalhando com o texto. (ROSÂNGELA SCIFONE, 21/3/2023).

Tanto as aulas-temas quanto a encenação teatral resultaram diretamente em uma atividade até os dias atuais do centro, o teatro dos professores. O recurso de encenação para os professores, geralmente no piso azul ou no piso verde, é constantemente utilizado como sensibilização de temáticas polêmicas ou para refletir as datas comemorativas/reflexivas, como o Dia Internacional das Mulheres ou o Dia Nacional da Consciência Negra.

Outra ação iniciada no centro foi, após constatar que as apostilas não

davam conta de ser o percurso pedagógico ideal dos educandos, Dona Eda solicita para que os professores fizessem um material de apoio, tanto para as dúvidas quanto para as aulas-temas, com o objetivo de dar suporte às intervenções pedagógicas propostas e mediar o processo de aprendizagem com os(as) educandos(as). A seguir, o primeiro material confeccionado pela área de ciências humanas (CH).[28]

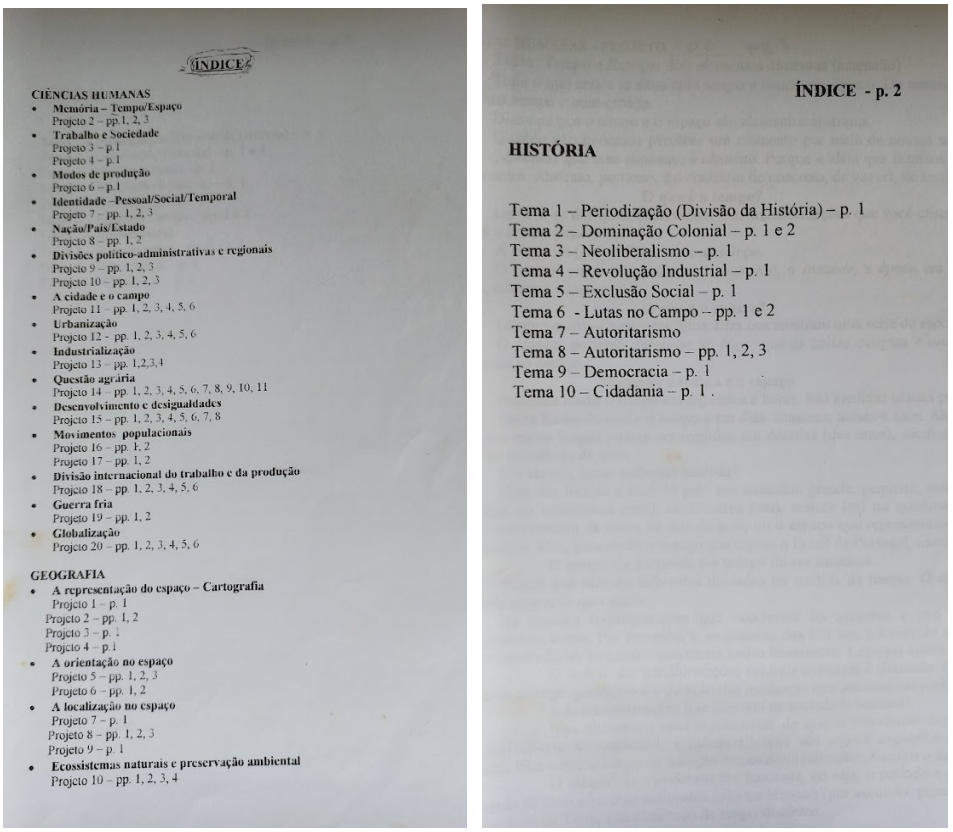
Figura 12 − Apostila confeccionada por professores, que complementava a formação dos alunos



Fonte: acervo Cemes/Cieja CL (2002)**.**

Figura 13 − Índice do material confeccionado pelos professores da área de ciências humanas

[28] É importante frisar que, na época, não havia computadores na escola. Esse material foi feito de maneira artesanal pelos professores da área de conhecimento. Foi a primeira experiência de produto feito pelo grupo de professores em formato da área.



ÍNDICE

CIÊNCIAS HUMANAS
- **Memória – Tempo/Espaço**
  Projeto 2 – pp. 1, 2, 3
- **Trabalho e Sociedade**
  Projeto 3 – p. 1
  Projeto 4 – p. 1
- **Modos de produção**
  Projeto 6 – p. 1
- **Identidade –Pessoal/Social/Temporal**
  Projeto 7 – pp. 1, 2, 3
- **Nação/País/Estado**
  Projeto 8 – pp. 1, 2
- **Divisões político-administrativas e regionais**
  Projeto 9 – pp. 1, 2, 3
  Projeto 10 – pp. 1, 2, 3
- **A cidade e o campo**
  Projeto 11 – pp. 1, 2, 3, 4, 5, 6
- **Urbanização**
  Projeto 12 - pp. 1, 2, 3, 4, 5, 6
- **Industrialização**
  Projeto 13 – pp. 1,2,3,4
- **Questão agrária**
  Projeto 14 – pp. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
- **Desenvolvimento e desigualdades**
  Projeto 15 – pp. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
- **Movimentos populacionais**
  Projeto 16 – pp. 1, 2
  Projeto 17 – pp. 1, 2
- **Divisão internacional do trabalho e da produção**
  Projeto 18 – pp. 1, 2, 3, 4, 5, 6
- **Guerra fria**
  Projeto 19 – pp. 1, 2
- **Globalização**
  Projeto 20 – pp. 1, 2, 3, 4, 5, 6

GEOGRAFIA
- **A representação do espaço – Cartografia**
  Projeto 1 – p. 1
  Projeto 2 – pp. 1, 2
  Projeto 3 – p. 1
  Projeto 4 – p. 1
- **A orientação no espaço**
  Projeto 5 – pp. 1, 2, 3
  Projeto 6 – pp. 1, 2
- **A localização no espaço**
  Projeto 7 – p. 1
  Projeto 8 – pp. 1, 2, 3
  Projeto 9 – p. 1
- **Ecossistemas naturais e preservação ambiental**
  Projeto 10 – pp. 1, 2, 3, 4

ÍNDICE - p. 2

HISTÓRIA

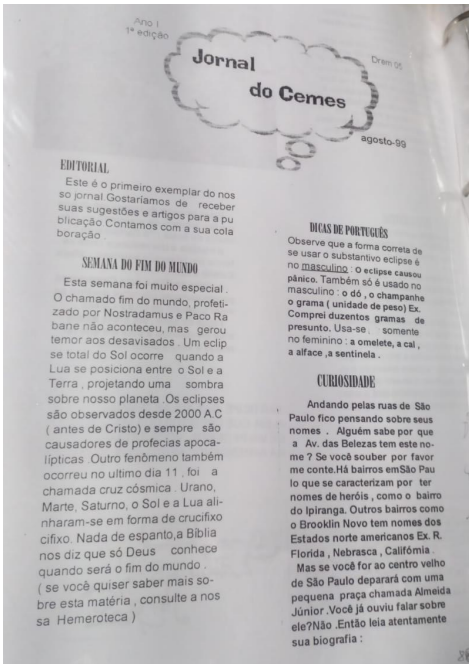
Tema 1 – Periodização (Divisão da História) – p. 1
Tema 2 – Dominação Colonial – p. 1 e 2
Tema 3 – Neoliberalismo – p. 1
Tema 4 – Revolução Industrial – p. 1
Tema 5 – Exclusão Social – p. 1
Tema 6 - Lutas no Campo – pp. 1 e 2
Tema 7 – Autoritarismo
Tema 8 – Autoritarismo – pp. 1, 2, 3
Tema 9 – Democracia – p. 1
Tema 10 – Cidadania – p. 1 .

Fonte:acervo Cemes/Cieja CL (2002)**.**

O material de apoio confeccionado pelos(as) professores(as) tinha várias consequências para o grupo docente. Representava uma nova proposta de ensino, em que, através do material de sua autoria, os(as) educandos(as) poderiam complementar e(ou) apoiar sua formação. Pesquisar, organizar e ver o trabalho com o material na interação com os(as) educandos(as). Foi a primeira experiência de montagem de material que reverbera até a atualidade, nas reuniões de sexta.[29]

Figura 14 − Primeiro Jornal do Cemes − 1999

[29] Momento que ocorre o planejamento para a semana seguinte e que é montado semanalmente a sequência didática com material confeccionado pelo grupo.



Ano I
1ª edição

Jornal
do Cemes

Dram 05

agosto-99

EDITORIAL

Este é o primeiro exemplar do nosso jornal.Gostaríamos de receber suas sugestões e artigos para a publicação.Contamos com a sua colaboração.

SEMANA DO FIM DO MUNDO

Esta semana foi muito especial . O chamado fim do mundo, profetizado por Nostradamus e Paco Rabane não aconteceu, mas gerou temor aos desavisados . Um eclipse total do Sol ocorre quando a Lua se posiciona entre o Sol e a Terra , projetando uma sombra sobre nosso planeta .Os eclipses são observados desde 2000 A.C (antes de Cristo) e sempre são causadores de profecias apocalípticas .Outro fenômeno também ocorreu no ultimo dia 11 , foi a chamada cruz cósmica . Urano, Marte, Saturno, o Sol e a Lua alinharam-se em forma de crucifixo cifixo. Nada de espanto,a Bíblia nos diz que só Deus conhece quando será o fim do mundo . (se você quiser saber mais sobre esta matéria , consulte a nossa Hemeroteca)

DICAS DE PORTUGUÊS

Observe que a forma correta de se usar o substantivo eclipse é no masculino : **O eclipse causou pânico.** Também só é usado no masculino : **o dó , o champanhe o grama (unidade de peso) Ex. Comprei duzentos gramas de presunto.** Usa-se somente no feminino : **a omelete, a cal , a alface ,a sentinela .**

CURIOSIDADE

Andando pelas ruas de São Paulo fico pensando sobre seus nomes . Alguém sabe por que a Av. das Belezas tem este nome ? Se você souber por favor me conte.Há bairros emSão Paulo que se caracterizam por ter nomes de heróis , como o bairro do Ipiranga. Outros bairros como o Brooklin Novo tem nomes dos Estados norte americanos Ex. R. Florida , Nebrasca , Califórnia .

Mas se você for ao centro velho de São Paulo deparará com uma pequena praça chamada Almeida Júnior .Você já ouviu falar sobre ele?Não .Então leia atentamente sua biografia :

Fonte: acervo Cemes/Cieja CL (1999)**.**
Nota: o jornal mostra que, mesmo no ensino apostilado, o Cemes CL teve uma série de atividades diferenciadas para interagir com a comunidade.

A linguagem teatral, as exposições, o material confeccionado pelos professores, as confraternizações, o acolhimento na EJA, no geral e no Cieja CL em específico, formam um leque de acesso ao mundo lúdico dos jovens e dos adultos que não tiveram a oportunidade de terminar os estudos na idade dita certa, demonstrando que a aprendizagem pode ser realizada de diferentes maneiras. O Cemes CL, através dessas atividades, mostrou que, mesmo sendo apostilado, poderia pôr um projeto diferenciado, ter uma EJA acolhedora.

Figura 15 − Uma das primeiras intervenções de contação de história no Cemes CL, com o ator João Acaiabe − 1999



Fonte: acervo Cemes/Cieja CL (1999).

Em comemoração dos 25 anos do Cieja, assim como nas comemorações dos 20 anos, foram utilizadas atividades que remetessem aos momentos históricos vivenciados na trajetória do centro, como sensibilização e estratégia para que todos pudessem conhecer e reconhecer-se na linha do tempo, fazendo com que fosse estimulado o engajamento e a visualização da importância do projeto. Entre as ações, para o aniversário de 25 anos, foi escolhida a visita à Igreja Batista Vila das Belezas, local de inauguração e permanência do centro entre os anos de 1998 e 2001. A visita foi realizada pelo grupo de professores mais antigos em atividade no centro, que representa o elo entre o Cemes Campo Limpo e o Cieja CL, já que os professores que formavam o primeiro grupo que inaugurou o Cemes se aposentaram.

Os professores mais antigos em atividade, por coincidência, entraram todos no ano de 2001, último ano no qual o Cemes estava na Igreja Batista Vila das Belezas, para, em 2002, acompanharem a mudança para o sobrado 1 atual, na Rua Cabo Estácio da Conceição, nº 176.

A pessoa responsável por nos recepcionar na Igreja atualizou as informações de mudanças prediais e os usos atuais das salas, o que auxiliou na reconstrução das lembranças dos professores, como, por exemplo, onde era o estacionamento, a entrada do prédio, a secretaria, as salas de aula etc.

Ao final da atividade, o grupo visitou a professora Rosângela Scifone,[30] que também trabalhou no Cemes Campo Limpo e que, desde aquela época, mora ao

[30] Foi a primeira professora dos educandos surdos e fazia os registros fotográficos de atividades do Cemes.

lado das dependências da Igreja Batista Vila das Belezas.

Tanto a visita à igreja, quanto a visita à casa da professora, para além da emoção histórica de fazer visita a um lugar que o grupo não vai há 22 anos e relembrar uma colega de trabalho já aposentada há muito anos, permitiram a reconstrução coletiva de uma série de fatos históricos já esquecidos, bem como possibilitaram fazer ligações entre acontecimentos e ações que, até os dias atuais, são pilares de sustentação para a prática pedagógica do centro. Entre esses fatos e ações, destacam-se:

a) A dupla docência como prática constitui-se, inicialmente, no Cemes Campo Limpo, pela dinâmica que os professores tinham de aplicar uma avaliação operatória na parte superior da igreja, a partir das apostilas ofertadas pela prefeitura para que os educandos pudessem completar os estudos. Enquanto isso, outro professor ficava tirando dúvidas na parte inferior da Igreja, para aqueles que, ao estudarem as apostilas em casa, antes das avaliações, encontravam alguma dificuldade.
b) As aulas-temas[31] surgiram da necessidade de aproximação dos professores e dos educandos com o objetivo de proporcionar melhoria do processo de aprendizagem.
c) A tradição do teatro dos professores tem duas grandes influências iniciais. A primeira foi uma peça representada por professoras do ciclo I, a partir do texto “Clara das Neves”, com o qual, depois de terem-no trabalhado, fizeram um teatro de improviso. A segunda, as aulas temas de CH,[32] que eram momentos de sensibilizações artísticas, em que eram feitas as ambientações da sala de aula, inclusive com painéis pintados à mão,[33] para realizarem pequenas encenações.
d) A disposição das salas da igreja, em que os dois pavimentos davam para o pátio central, formava uma espécie de teatro de arena, fazendo com que tanto os sopões, que passaram para lanches comunitários, quanto as apresentações artísticas fossem vistas por todos que estavam no pátio, e,

[31] No Cemes Campo Limpo, o curso de ciclo II era semipresencial. Então o educando poderia, se quisesse, ir somente realizar as avaliações. Assim, as aulas-temas surgem da necessidade de repertoriar a prática pedagógica, envolver os educandos no processo de aprendizagem para além das apostilas e do plantão de dúvidas. Uma reflexão interessante é que o processo de aula-tema é a primeira experiência de aula do Cemes.
[32] Proposta liderada pela professora Célia Gama.
[33] O professor Ricardo, aposentado, um dos mais antigos do centro, pintava quadros com representações para as aulas-temas e para as peças teatrais.

da mesma maneira, quem estava no corredor do pavimento superior tinha uma visão privilegiada.[34]

e) Desde a sua fundação, a plasticidade de estar em um prédio alugado, ter de se ajustar à proposta de atendimento a partir de salas pequenas, não ter um ambiente escolar, ter de guardar tudo relacionado ao Cemes Campo Limpo toda sexta-feira para que o prédio fosse utilizado para as atividades da igreja constituíram a prática da transformação pedagógica como mote do centro.
f) Fazer atividades/ações que envolvessem os educandos no processo pedagógico como forma de atrair o público.
g) Ter parceria tanto para atrair mais educandos através da divulgação quanto como maneira de resolver problemas do dia a dia.
h) Pensar em roteiros autônomos.
i) Plasticidade pedagógica.

Figura 16 − Sala de aula atual da Igreja Batista Vila das Belezas, que permanece com as mesmas características da época do Cemes Campo Limpo (1998-2001) − Março/2023



Fonte: Diego Elias (2023).

Figura 17 − Visita do grupo de professores mais antigos do Cieja CL às primeiras dependências do Cemes (1998-2001) − Março/2023

[34] Referências importantes para a constituição do piso azul, amarelo e especialmente o piso verde.



Fonte: Diego Elias (2023).

Figura 18 − Professores Jair (MA), Antônio (LC), Alexandre (CN) e Gabriel (CH) em visita, depois de 22 anos, à Igreja Batista, local de instalação do Cemes (1998-2001) − Março/2023



Fonte: Diego Elias (2023).

2.4 Quem disse que não é possível? A importância de Eda Luiz para o projeto Cemes/Cieja[35]

Conheço Dona Eda há, pelo menos, nove anos, admiro sua postura frente à educação, como mulher e como ser humano preocupado com a humanidade. Desde o primeiro dia que a vi, a sua alegria, a sua ternura, os momentos de descontração, que se misturam à educação ou ao fazer pedagógico. Sua a orientação, o fato de

[35] A justificativa desta subseção é reconhecer que Dona Eda foi importante para a construção do Cieja CL, para o princípio da articulação do Cemes e, depois, para os Ciejas pela cidade, assim como identificar que sua formação carrega princípios democráticos, participativos, inovadores, transformadores, que, em rede, compartilha sua trajetória e tece relações nos projetos atuais.

ser uma pessoa mais velha, a bronca, a maleabilidade, a simplicidade de lidar com diferentes situações, sempre propondo diálogos e movimentos de roda, fizeram-me pensar que todos nós somos educadores e podemos ser educandos nas relações simples da vida.

Já vi sua postura em diferentes momentos, dentro e fora do Cieja, lidando com adolescentes, com os senhores, com as senhoras nos movimentos dos Ciejas na cidade de São Paulo, assim como a vi nos bastidores da política. Em todos os momentos em que ela pôde se mostrar, sempre muito responsável, muito carinhosa, assim o fez de maneira acolhedora, dando soluções que nunca poderia ter pensado.

No momento de transição, após Dona Eda anunciar a sua aposentadoria, eu simplesmente ficava pensando em toda a situação que aparecesse, como ela a resolveria. Fiz um exercício, toda vez que aparecia alguma situação diferente do habitual, congelava a situação por segundos e pensava uma maneira de resolver, de alguma forma abstrata, tentava pensar numa solução para aquele problema. Magicamente, nunca foi a mesma solução que a Dona Eda haveria de ter dado.

Eu sempre olhava para Dona Eda e tentava imaginar como ela havia pensado naquela resposta, como pensou naquela solução, propostas de uma liderança incrível. Hoje, com seus 76 anos, esbanja alegria, demonstra isso com maestria pelo Brasil, no exterior, articulando redes, pessoas, e mostra o quanto a educação pode ser diferente, o quanto as pessoas podem aprender umas com as outras, independentemente da idade, o quanto, em roda, em conjunto, com pessoas, de maneira criativa, podemos propor soluções agregadoras.

Frases como “a educação transforma” e “quem disse que não pode?” são célebres da Dona Eda, ou argumentos de como a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) nos protege são uma constante.

No contexto dos Ciejas, seu nome sempre é lembrando como aquela que defendeu a permanência do projeto na cidade de maneira articulada, coletiva e com a escuta ativa de todos os envolvidos.

Considerando este panorama nesta subseção, escolhemos demonstrar alguns aspectos que colocam Dona Eda como um ponto importante na continuidade dos Ciejas na cidade, para que possamos entender a sua trajetória na educação.

2.4.1 A base de uma vida

A seguir, apresentamos alguns trechos extensos de entrevistas com Dona Eda, também realizadas em São Tomé das Letras, para trazer sua voz ao texto como auxílio na compreensão de elementos importantes da história dos Ciejas na cidade e o seu papel dentro desse contexto.

> Acho que a minha história começa na Escola Rural. Era muito difícil ser professora em São Paulo então quando eu me formei, e eu tinha 16 anos pra 17, eu já trabalhava quando estava fazendo curso normal em algumas escolinhas da região [de Santo Amaro] como auxiliar porque eu sempre me vi muito envolvida com criança, com educação. Mas quando eu me formei mesmo, diploma na mão, o que eu vou fazer? E aí eu fiquei desesperada procurando, queria também ajudar em casa e tudo, e uma... Uma vizinha falou: “Olha, eu tenho uma amiga que tem uma escolinha rural (em Araçoiaba-SP). É diretora de lá. Ela está pra se aposentar.... a escola rural é completamente o oposto de uma escola urbana porque você tem todas as séries, 1º, 2º e 3º ano, na mesma sala. Têm também a coisa de trabalhar técnicas agrícolas, coisa que eu não estava acostumada, eu era urbana, né? Então eu fui aprender tudo isso e tive um respaldo muito grande, mas fiquei muito pouco tempo. Aí eu vim pra Granja Viana, que é em Cotia, dentro de um... Uma… Não era um seminário, né? Era um convento de freiras, de mulheres, e uma escola rural. Aí foi que eu fiquei vários anos, acho que eu fiquei três anos lá. É, foram três anos. E que me mostrou uma porção de coisas, porque eu tinha que cuidar, além de 1º a 3º ano, eu tinha que cuidar da coelheira, eu tinha que cuidar de horta e era bem diferente de tudo, mas isso me trouxe algumas coisas que eu carrego comigo. A educação não tem que ter série e idade, né? [...]
> A gente pode fazer uma educação que atinja a todos, porque eu tinha desde criança pra alfabetizar até crianças que já liam e escreviam. Isso me mostrou que a maneira que se usava tudo isso era para que todos participassem… Eu tinha, a cada dois meses, um inspetor que fazia avaliação [na escola rural]. As crianças todas quietas e vinha o inspetor e fazia perguntas de repente pra uma criança e ela tinha que responder e aí eu via aquele medo da resposta ser incorreta, né? Uma criança que na hora de aprender era alegre, era solta, interessada, mas travava na hora de ver o inspetor. Nós passamos por isso também. Mas isso foi me colocando muitas dúvidas em muitas coisas, como poderia ser uma educação com responsabilidade, respeito, porque, não tinha muito respeito com a criança, era o que o adulto pensava e as coisas aconteciam. Lá na escola rural eu tinha uma pessoa também que era uma freira do convento que descia pra me ajudar quando eu tava muita… É até o nome da minha primeira filha: Andreia. Ela chamava-se Andreia também. E ela era muito humana então eu acho que eu aprendi com ela esse olhar, esse cuidado, sabe? Aí eu já vim efetiva e já vim pra um lugar só e acabei tendo muitas experiências porque eu fui pra periferia, né? E também nesse momento, depois de alguns anos, eu me apaixonei por esse público-alvo e todas as suas questões. (DONA EDA LUIZ, 5/1/2021).

Com experiência de escola rural, trabalho agrícola, salas multisseriadas e o conjunto dessa situação, Dona Eda demonstra que o aprender, seu aprender docente, se constituiu na prática, no envolvimento com os educandos, em situações complexas. Todavia, sempre contou com o auxílio de pessoas que a ajudassem, fazendo com que o pensar a sala fosse extrapolado para as relações externas.

Sobre o seu começo na educação de jovens e adultos, relatou o seu envolvimento com as ações do padre Jaime Crowe.[36]

> Então eu o conheci através da esposa [Vânia] do Jesuíno, - Voluntariamente estava no Padre Jaime… E: No fim de semana, sábado e domingo, eu orientava... Fazia encontro com as professoras e elas eram as alfabetizadoras do Mova... Então falei: “Eu tenho que saber mais, me entrosar mais.”, e foi através da igreja católica também que a gente foi fazer esse curso e eram os encontros aos sábados. Então, a ousadia, tem que ser diferente. A educação de jovens e adultos tem que acolher, tem que colocar dentro dessa... Né? Conhecer por dentro essa comunidade. E aí foi me formando em tudo isso. Comunidades Católicas, que eles falam. Comunidade de Base. E foi que eu conheci e aí teve um grupo forte, né. Tava a Celina, tava um pessoal já aposentado agora, mas continua na luta, do Padre Jaime sustentar essa educação de jovens e adultos. E eu fui várias reuniões e numa dessas reuniões o Padre Jaime me convidou, ele falou: “você não quer ajudar a coordenar essas meninas?” porque que nem... Algumas só tinham até 4º ano e, algumas só tinham até o 8º ano, mas tinha uma vontade incrível de ajudar um ao outro na alfabetização. E aí foi muito bom porque as reuniões que a gente tinha eram fantásticas. Tanto, né, na comunidade de base, porque trazia todo esse olhar mais humano, mais comunitário, mais coletivo. E quando houve as ofertas de mudança, o que fazer? Não, vamos fazer Paulo Freire, e coincidiu com o Pracinhas passar de regular para supletivo e eu ver os professores desesperados querendo cortar conteúdo fiquei sabendo que tinha uma reunião todos os sábados com o Paulo Freire”. Na PUC. Não era bem Paulo Freire, mas eram os alunos. Ele fazia a parte teórica e depois tinha que praticar, acompanhar, e aí o Padre Jaime falou: “Você vai pra poder, em nome da Santos Mártires, frequentar". Eu fazia esse trabalho lá com o Padre Jaime e eu falei: “Padre, eu posso voluntariamente vir aqui uma noite, sábado e domingo pra poder auxiliar as meninas, né? Nas dificuldades, no que elas precisarem saber pra continuar e fiz isso durante dezoito anos. Então foi 88 mesmo, eu fiz durante dezoito anos. Eu ia lá uma vez por semana, às vezes de fim de semana, todo sábado e domingo, acompanhei muito. Eu ia no domingo antes de iniciar, assistia a missa, participei de muitos encontros de jovens com eles, mas, assim, eu era mais ligada à educação. Muito mais. (DONA EDA LUIZ, 5/1/2021).

Dona Eda começou seu vínculo com a EJA no contexto fora da escola, no meio das discussões das comunidades eclesiais de base, em salas multisseriadas de maneira voluntária, no intuito de auxiliar no processo de alfabetização para aqueles e aquelas que estivessem precisando. Ela passou 18 anos em processo colaborativo e participativo na comunidade Santos Mártires.

Com a participação de Dona Eda nas salas de alfabetização e o convite do próprio padre Jaime para que ela fosse representar a comunidade nas reuniões de Paulo Freire, houve o contato sobre o refletir da prática pedagógica com um grupo de pessoas interessadas na temática.

[36] Padre Jaime Crowe, irlandês, líder religioso, ligado à Paróquia Santos Mártires, foi um dos grandes nomes de luta ao lado dos injustiçados, incentivador da Caminhada pela Paz e participante das comunidades eclesiais de base (PIRES, 2023).

Os encontros eram aos sábados na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com o educador Paulo Freire, e traziam muito da proposta da educação libertária, a qual tem como objetivo fortalecer a autonomia dos estudantes.

> Era uns encontros para quem era coordenador dessas escolas, salas de Mova. E então não tinha certificação, mas era a experiência de estar junto e depois levar pras igrejas onde funcionava a grande maioria das salas de Educação de Jovens e Adultos. Mas era fantástico a situação porque sempre começava assim, alguém trazendo uma situação, uma educadora, e elas não eram nem formadas, não tinham feito nem magistério, nem pedagogia era de mais mesmo... Depois que a Erundina começou a oferecer os cursos de magistério para poder essas pessoas que tinham uma experiência, uma prática diferenciada por causa de todos os estudos, todo o acompanhamento, pra poderem se tornar educadoras efetivamente, com certificação. Mas era bem interessante porque aí começamos com uma "olha, aconteceu isso com meu aluno, não sei o que fazer", e aí todo mundo discutia, era um pouco, a intervenção era mínima de quem estava coordenando o grupo, até as vezes de Paulo Freire ele só dava: "Ó, vocês prestaram atenção nisso, presta atenção naquilo...." Durante uma semana essa pessoa aplicava o que foi sugerido que ela sentia mais à vontade a aplicar e ela trazia os resultados, então a primeira parte do encontro, que era sábado o dia inteiro, era contar como é que foi a experiência e o que que a gente aprendia com aquilo. Na segunda parte era outra questão pra gente elaborar, sugestões pra outro aplicar. Então foi muito prático, né. Era no chão da escola. (DONA EDA LUIZ, 5/1/2021).

A discussão no grupo de estudos de Paulo Freire contribuiu para que Dona Eda refletisse sobre a sua prática pedagógica e aprendesse a fazer esse exercício em grupo, compartilhando fatos ocorridos em sua prática, assim como interagindo com a prática pedagógica das pessoas que ali estavam, para refletirem em conjunto sobre como chegar mais perto das aprendizagens dos educandos.

Dona Eda passa no concurso da prefeitura e começa a lecionar na Emef Pracinhas da FEB, que, ao mesmo tempo, começa a ter supletivo à noite e a fazer parte do projeto interdisciplinar na gestão de Paulo Freire como secretário municipal de Educação.

> Quando eu me efetivei na prefeitura e vim pro Pracinhas da FEB, também tive uma diretora que era ousada e junto com a Erundina, no primeiro mandato… quando a Erundina foi prefeita e quis fazer o horário de estudo, a primeira experiência foi feita no Pracinhas da FEB, por isso a gente se encontrava muitas vezes... No Pracinhas, nasce com o horário diferenciado, com essa jornada de estudos — horário coletivo, chamava-se na época —, onze horas aulas, né, pra poder estudar, pra poder fazer, na proposta e com pessoas maravilhosas. Me efetivei no Pracinhas da FEB. Mas no Pracinhas a gente vê que na hora do noturno... Porque nós tínhamos então uma coordenadora pedagógica maravilhosa, mais uma diretora que apoiava, nós já não fazíamos mais o ensino noturno, e colegas fantásticas, né. Nós falamos: “tem que ser assim? Fechar o portão, só chega na segunda aula. E

> a minha sala era na, na… O Pracinhas da FEB foi feito um bequinho, né? Aproveitaram um terreno, aliás é o que o estado faz sempre. E a minha sala ficava rente, acho que a um metro do portão do portão, mas no segundo andar. Então os alunos ficavam lá de baixo: “D. Eda, o ônibus atrasou, o patrão não deixou sair mais cedo, ficar aqui fora…” sabe, as vezes chovendo, eu dava volta pelo estacionamento, abria o estacionamento e eles entravam. Aí no dia seguinte: “Eda, você está desrespeitando as normas”, mas eu falava: “Não tem cabimento”. (DONA EDA LUIZ, 5/1/2021).

Torres (2002), no capítulo “Pedagogia da Esperança e realidades da escola”, aponta a experiência em quatro escolas[37] que se dispuseram a fazer durante a gestão Paulo Freire o projeto interdisciplinar. O projeto consistiu em pensar o processo na educação e não o produto relacionado a aprendizagem, assumindo um caráter coletivo na escola que aceitou a participar do projeto.

> este projeto de reforma tinha como objetivo a transformação não só da forma como o conhecimento estava organizado no currículo ou do conhecimento que era considerado válido para pensar o conteúdo e objetivos de um currículo interdisciplinar construído coletivamente, mas também pretendia transformar a forma como os professores se relacionavam com os outros com seus alunos e com a comunidade envolvente. (TORRES, 2002, p. 166).

A experiência de escola rural multisseriada, o envolvimento com a aprendizagem através das experiências na natureza, o envolvimento da comunidade Santos Mártires em uma movimentação popular para a EJA, a discussão dos grupos de estudos de Paulo Freire e a possibilidade de pensar todas essas experiências dentro da rede municipal fizeram com que Dona Eda extrapolasse nas sensibilizações, nas atividades, nas propostas e nas discussões, para além da sala de aula.

Para fechar o período da vida de Dona Eda antes do Cemes, destacamos o quanto esse contexto é importante para trazermos o lado emocional do processo de aprendizagem, cujas experiências impactantes no ambiente escolar são aquelas que desestabilizam e(ou) reestabilizam por meio das ações. Nesse sentido, Dona Eda relatou a experiência do menino da pipoca:[38]

> No Vicente Leporace, no estado. e todo mundo já me chamava de louca: "Eda o que você vai fazer" e eu dizia: "Olha vocês já condenaram esses meninos, já falaram que eles dão trabalho e que eles não iriam aprender, então o que eu fizer agora é uma experiência, um projeto e eu vou tentar.

[37] Entre estas, o estudo trouxe a experiência da Emef Pracinhas da FEB, inclusive demonstrando uma das práticas de Dona Eda a partir da página 223.
[38] Infelizmente até o término da pesquisa não conseguimos achar a edição do jornal.

> Então, eu lembro de um dia que a Folha de São Paulo foi, uma professora na periferia faz experiências com construtivismo, né. E aí eu falei pros meninos: "nós vamos ter uma pessoa aqui, uma reportagem " e eu recebia meninos agressivos, e tudo. Eu tinha um menino muito agressivo que tinha batido na professora e tinha sido mandado embora. A cabeça baixa na carteira, não queria nada, se recusava a falar com os colegas, comigo, tudo. Mas eu falava esquece, vamos deixá-lo e o tempo dele, tudo. E no dia da reportagem eu falei pros meninos: "que vocês querem mostrar?". "Ah, vamos fazer aula da pipoca", porque no dia da palavra pipoca eu levei um (risos), quase me mataram, um fogareiro e estourei pipoca primeiro, pipoca sem tampa então a pipoca ia pra tudo quanto era canto. As crianças em torno comeram pipoca, sabe? Eu sempre achava… Depois nós vamos chegar no Cieja e é isso que eu fazia lá também nos primeiros dias. Essas coisas pra motivar. Me vestia pra fazer, receber o aluno, sabe isso? Uma motivação, algo que vai ser legal. Então tá tudo ligado, né. Na pipoca eu levei uma panela enorme e deixei a pipoca na sala inteira. Quando era uma palavra, qualquer outra, eu pensava a semana inteira o que fazer pra ser uma surpresa. Ainda era alfabetização pela palavra. E no dia da repórter íamos fazer a aula da pipoca porque é legal e gostosa, então fizemos lá e as crianças vibraram com tudo e na hora ela tira um jornal e fala assim: “vamos ver se”, como já era quase o final de ano, “vamos ver se os meninos estão alfabetizados”, né? Pega a manchete de um jornal e os meninos sentados e eu… Outra coisa, carteira uma atrás da outra eu já tinha abolido há muitos anos. E aí ela vira assim e esse menino, como ele chamou atenção, ele com a cabeça baixa, quieto e ela pôs a manchete em cima da carteira dele e pediu pra ele ler e eu lembro até hoje que como era mês de novembro para dezembro as chuvas né, [a manchete] tava assim: “enchente alaga a cidade de São Paulo”. Qualquer coisa assim. Quando ela foi pra manchete, para ir para a carteira, os coleguinhas fizeram: "E agora?". Ele não sabe ler, nunca mostrou que sabe ler nem nada e eu: "Calma". Pensamos que ele agrediu a repórter e ia ser uma... Ele lê a manchete. menino. quando ele leu 'enchente' levantou todo mundo da carteira e foi em cima do menino, abraçou, beijou e foi aquela festa e aí nós percebemos que ele tava fazendo as coisas, mas não... E aí é por isso que eu me preocupo tanto com o aluno, porque depois nós fomos saber a história, né? E: a repórter, ela viu eu chorando, as crianças aplaudindo, sorrindo e eu chorava que soluçava, não conseguia falar. E aí ela precisou saber da história e essa história tá escrita no jornal folha de São Paulo. (DONA EDA LUIZ, 5/1/2021).

2.4.2 Juntos somos mais fortes: a articulação como estratégia de sobrevivência

A história do Cemes/Cieja só é passível de entendimento a partir do processo de resistência da educação de jovens e adultos e, em especial, dos processos de resistência vividos pelo centro no geral. Resistir a fechamentos, decretos, portarias, instruções normativas ou qualquer forma de tentar disciplinar ou equipar o Cemes/Cieja ao longo do processo com a Emef teve como estratégia de sobrevivência principal a articulação daqueles e daquelas que estavam à frente do projeto.

Dona Eda é um dos pontos-chave no contexto do entendimento da resistência do Cemes/Cieja aos três processos de fechamento, na transição do Cemes para o Cieja, em 2000, 2007 e em 2012.

Desde o começo, os Cemes foram inaugurados, mas não foram acompanhados de maneira sistematizada, assim como não foram orientados a seguir determinadas características. Isso fez com que houvesse de procedimentos diferentes para o processo da prática pedagógica e administrativa.

A falta de funcionários, espaços adequados e orientação fazia com que quem estivesse à frente do projeto tivesse que cotidianamente tomar decisões para o bem do projeto com as características do seu território.

Com o governo da Marta Suplicy, em 2000, o Cemes, com as características de semipresencial e apostilado, e pelo desencontro de informações, estava fadado a acabar. Todavia, ao saber desse fim, Dona Eda organizou, junto a outros coordenadores-gerais, um movimento de reuniões e visitas a outros centros para entender o que estava acontecendo e solicitou providências perante a SME.

Os responsáveis pela educação de jovens e adultos da SME, a pedido da secretaria, propuseram a criação de um grupo de trabalho para discutir as questões permanentes que pudessem unir todos os Cemes em características semelhantes e publicar normatizações para seu funcionamento. O grupo de trabalho atuou entre os anos de 2001 e 2002.

Em 2002, o grupo apresentou texto para aprovação do Conselho Municipal de Educação, com os elementos que os gestores dos Cemes destacavam, assim como as características do projeto ser presencial e de ter qualificação profissional, pontos defendidos pela gestão municipal.

O resultado desse processo está no Parecer CME nº 10/2002, sobre a autorização de funcionamento do Cieja, no qual consta a análise do projeto pelo conselho, o Regimento Escolar e o Plano de Curso (SÃO PAULO, 2002). Tal documento entrou como base para o Decreto nº 43.052/2003, que instituiu o Cieja na cidade, a partir do Cemes.

Figura 19 – Conjunto das principais informações do projeto de lei para a criação do Cieja na cidade de São Paulo



Fonte: acervo Cemes/Cieja CL (1999).

Em relato, Dona Eda disse que tirou cópias dos principais documentos que atestavam o sucesso do Cieja e percorreu todos os andares da Câmara Municipal para entregar nas mãos do máximo de vereadores que encontrasse para que aprovassem o projeto de lei do Cieja.

Outro momento de susto para os integrantes do Cemes foi no penúltimo ano da gestão Serra-Kassab. Dona Eda, em relato, disse que recebeu uma ligação perguntando se o Cieja CL iria fechar, pois a DRE Campo Limpo estava realocando uma quantidade grande de educandos paras as escolas próximas. Então Dona Eda vai na DRE Campo Limpo e faz uma “bagunça” para saber o que estava acontecendo, e explicam que, por ordem da SME, o projeto do Cieja na cidade iria acabar.

As articulações em defesa do Cieja começam, e Dona Eda novamente percorre a cidade para pensar em estratégias de defesa do projeto. Ela fica sabendo da visita do secretário de Educação, Alexandre Schneider, a uma das escolas próximas e planeja uma ação. Sobre esse momento, Dona Eda relatou o seguinte:

> O secretário de educação vinha aí na escola, né? Como é que chama a escola lá... Guarnieri. Porque deu problema na caixa d'água e parece que chamou a população e veio aquele Caruso da Globo, veio toda a turma da DRE..." Ah, é isso que nós vamos fazer. Vamos lá". Em cima da hora, eles vieram de manhã, nós vamos fazer segurança dele à tarde. Primeira faixa que tinha, arranquei e falei que o Cieja não pode parar. O representante de casa, o Billy, tava sozinho, vai embora com eles e pararam na esquina. Mas eu fui cercada de muita gente boa. Alexandre falou: “Desliga a câmera que eu quero ver aquele grupo ali”. Não tinha, ele poderia ignorar, estava no meio da multidão, os puxa saco tudo em volta, o secretário tá lá, a globo tá lá, ele falou "não", não deixou nem a globo ir, falou: "Vocês fiquem aqui que

> eu quero escutar aquele grupo". E a menina que agora por muitos anos foi presidente das pessoas com deficiência na secretaria municipal da educação, da secretaria municipal da pessoa com deficiência, ela falou: "Quem é que me aceitaria estudar? Na minha idade...", porque ela já era adulta, "Minha condição, onde eu iria estudar em outra escola? Por isso que eu não me formei". Aí foi. Aí foi um pai que voltou a estudar pra poder o menino estava envolvido com droga e ele voltou a estudar pra incentivar o menino e acabou se formando como advogado e aí foram essas pessoas, um representante de cada vez. Foi um cego, né, o Ronildo, pra falar que ninguém tinha deixado ele estudar nunca em escola nenhuma havia aceito e aí ele falou: "Tudo bem, agora eu não posso responder. Vocês querem me mostrar, mas eu volto. Pode marcar, terça-feira eu tô aqui". Aí descem eles assim: 'Ah, o que nós vamos fazer? Falou só porque estava na frente de todo mundo, palavra de político". Eu falei: "Bom, o não nós já temos. Vamos nos preparar pra terça-feira. Foi aí que eu escrevi pra todos os Ciejas e falei: "Olha, vai estar aqui". Padre Ticão veio pessoalmente junto. Helena Singer veio, a Sandra Mutarelli, que é filha do filho mais velho do Setúbal que fez o Mão na Massa conosco, né? Eles que cuidavam da Estação Ciência. Eu tive ajuda de muita gente. Vieram e falaram: "Não, nós vamos defender juntos". E aí eu já tinha preparado um roteiro, né? Eu ia puxar a mão dele e ia passar e o assessor passou e falou assim: "A senhora tem 40 minutos pra mostrar pra ele porque a agenda dele está lotada". Aí eu levei ele e entrei pela biblioteca, que era uma sala de aula da Rosieli de alfabetização, fomos pra sala de português que era no mesmo andar, ali mostrou Fund. II, descemos a escadinha caracol e fomos pra coisa, subi na rampa para mostrar que tinha uma sala lá em cima que era do Billy com os deficientes, né? E quando ele desceu, ele falou: "Fecha a minha agenda". Ficou todo mundo olhando e aí nós também tínhamos preparado e cada um defendeu os que foram lá em cima e os que estavam ali pra defender porque que o Cieja era importante. Mas aí também contamos com a sorte, né? Que ele tem um irmão deficiente que nunca tinha estudado e foi estudar só em Curitiba, precisou sair da cidade dele pra poder ser alfabetizado porque ninguém acreditava. Aí ele falou: "Você me escreve o projeto que eu possa apresentar pro novo governo e defender com vocês". (DONA EDA LUIZ, 5/1/2021).

A terceira possível chance de fechamento dos Ciejas teve características inovadoras em relação às outras duas vezes: a participação da comunidade escolar e da comunidade Cieja ampliada; os parceiros, que identificavam o quanto aquele projeto possibilitava que os “excluídos” do sistema escolar tradicional pudessem ter uma nova oportunidade de estudos; a visita de um representante do poder executivo que, ao visualizar na prática a defesa do projeto e perceber o quanto era importante, pode dar o direcionamento para a escrita de sua defesa, tal como estabeleceu o comprometimento em defendê-lo; e, por fim, os representantes da diretoria regional, que, ao acompanharem aquela situação, tiveram prova real da relevância do centro no território.

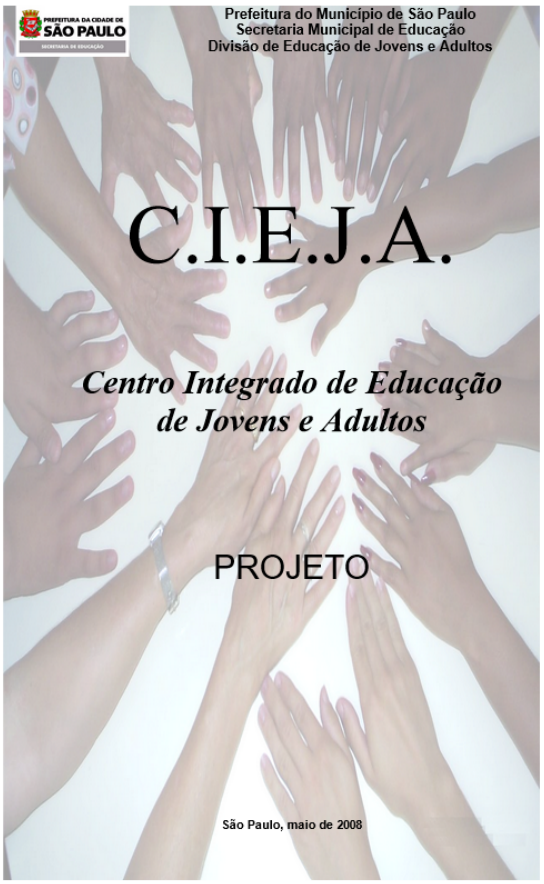
Ao aceitar o desafio de escrever o projeto, Dona Eda partiu do pressuposto que não estava sozinha, chamou todos aqueles e aquelas coordenadores gerais dispostos a comporem a escrita, com as especificidades de cada centro.

Para que esse movimento pudesse ser coletivo, Dona Eda, junto com representantes do Campo Limpo, percorreu a cidade para, o mais rápido possível, escrever o projeto solicitado pelo secretário de educação.

> Nós vamos fazer uma reunião em cada Cieja. Vamos dois dias, um com a comunidade e professores e outro dia com a gestão pra escutar e poder escrever". Teve pau. Credo. "Eda, você é louca." A gente podia mudar muito mais coisas, mas aí tinha que voltar atrás e respirar fundo, sabe? Pensar no próximo encontro qual artimanha de convencimento pra poder aparecer aquilo, sabe? Quando eu falei indo pra dupla docência, quase morri: "Você tá louca. Vou acabar com a gente achando que estamos gastando dinheiro público. Dois professores numa sala." e todo mundo em prédio alugado, né? Com espaço pequeno. Eu falava: "Gente, dá. A gente faz isso". Quando eu falei de acabar com a grade, juntar tudo em outros modelos, outras maneiras, cada um o que quisesse: "Não, nada disso". Abri a escola, acabar com esse negócio de currículo, né? Que na sexta tem que ser isso, modulo três, módulo quatro. Atribuir aula… como era poucas aulas grade, ele tinha que ir manhã tarde e noite. Quase pirou, né? Na segunda ele tava de manhã, na terça à tarde. E aí eu falei: "Gente, nós vamos ter professor. Nós temos que garantir que fique cada um no seu período, porque nós vamos garantir professor e um professor não vai ficar vindo duas três vezes no Cieja. Não pode ter outra carga, em outros lugares". "Não Eda, isso é impossível. Cê não pode nivelar todo mundo, cê não pode dar a mesma aula pra todo mundo. História não pode ter o mesmo que geografia, que ciências, que matemática e português". Eu falei: "Gente, isso não existe". Tudo é importante. Conforme a necessidade do projeto, vamos trabalhar por projeto. A disciplina então, a metodologia então, quase pularam de louco: "Cê tá é louca. Uma situação problema, até construir uma. Para com isso". Ave Maria. E aí ouvindo tudo isso a gente foi escrevendo, o que foi o mais aceitável de todos, né? Teve muita briga, muito choro, muita gente achando ruim. Mas quando foi aprovado, a angústia em 2007, de agosto, que nós entregamos 2007, até 2008, maio de 2008, foi incrível, né? Porque a gente queria saber o que que ia acontecer e quando veio aprovação foi fantástico. Mas ainda tinha a coisa do projeto, né? Qualquer um pode questionar e terminar com o projeto e aí a última coisa, ele me telefona, o Alexandre, e fala: "Olha, tô deixando sobre a mesa, apagando a luz da secretaria e indo embora, mas está aqui. Vocês serão agora programa. (DONA EDA LUIZ, 5/1/2021).

A conquista da aprovação permitiu ao Cieja sair de projeto para programa, deu um fôlego a mais para que não fechasse, bem como permitiu que o grupo de Ciejas pudesse ter, diferentemente da primeira vez, ações autônomas perante a secretaria municipal, em que o diálogo, as reuniões, as visitas a outros Ciejas e a própria escrita do projeto deu unidade para um conjunto de características para que o centro ganhasse identidade legal na cidade. A partir desse momento, surgem ações como a dupla docência, a formação na sexta-feira, a questão da área de conhecimento, os princípios de especificar todas as atividades voltadas para o mundo jovem e adulto, diferenciando-se das escolas regulares de ensino fundamental e constituindo-se um verdadeiro Cieja.

Figura 20 − Capa do projeto maio de 2008



Fonte: acervo Cieja CL (2008).

Através do Parecer nº 151, aprovado em 5 de novembro de 2009 e publicado em diário oficial em 27 de novembro de 2009, o CME concede as atualizações do Projeto Cieja na cidade de São Paulo (SÃO PAULO, 2009).

Com a repercussão do Projeto Cieja na cidade e o seu fazer diferenciado sobre várias questões na educação no geral e na educação de jovens e adultos em específico, como carga horária extracurricular, dupla docência, formação na sexta-feira, entre outros elementos, em 2012, ao final do segundo mandato de Gilberto Kassab (2009-2012), tentam fechar os Ciejas novamente. Nesse momento, Dona Eda, com suas estratégias de articulação, dessa vez, pautadas nos princípios da LDB, faz a defesa:

> E aí passou a ser programa em 2008, aí teve 2009, 2010, 11 e 12. Por que que em 2012 quiseram fechar de novo? Por conta de política, né? Por conta de política. Veio tudo de novo, aí a gente teve que provar que era um

> programa, que não dava pra acontecer tudo isso, né? E aí era assim, eu era chamada, mas parecia uma inquisição, sabe? Eu ficava sentada numa mesa com quatro, cinco pessoas: "Por que você faz isso? Justifica. Onde está escrito?", né? E aí, eu falei, aí foi que eu fui estudar a LDB e vi que era possível uma porção de coisas. Eu ia nos artigos. E outra coisa que eu aprendi também foi que eles não estavam preparados pra conhecer a LDB, né? (DONA EDA LUIZ, 5/1/2021).

Nesse novo momento de conquistas, Dona Eda vincula as transformações feitas no Cieja através do projeto de 2008[39] com um processo maior, ao lado e a partir dos princípios de autonomia, gestão democrática, acesso para todos e inter e transdisciplinaridades presentes na LDB.

Concomitante ao processo de vincular as transformações do Cieja às inovações teóricas da LDB (1996), Dona Eda articula, internamente no Cieja CL, um processo de educação territorializada, que transforma o espaço do Centro em um território de alternativo da educação e no processo de resistência da educação de jovens e adultos. Ela abre as portas para que parceiros e comunidade possam usufruir do espaço interno do centro, durante a semana e aos finais de semana, dando a característica de espaço público de ensino e aprendizagem envolvido com os processos culturais do bairro, para, assim, chamar a comunidade para defender o Cieja CL como necessário ao bairro.

> Fica ali o Réchaud... E dividi no meio, fiz culinária de um lado e costura do outro. Então a economia solidária começou, ficamos dois anos com eles lá, os meninos da USP, organizando cooperativas. Todo mundo que falava assim: "Eda, eu posso?", eu falava: "Vem segunda-feira que o espaço vai estar pronto". E aí eu passava o chapéu. Como é que vamos construir? Passava cartão, não faz mal. Ia nas lojas de tinta, de material de construção: "Posso pagar em duas, três vezes e quando vier o dinheiro eu te pago?" e vinha o material, então eu fui criando confiança, entendeu? Todo lugar. Assim, vai ter tal coisa, precisa do espaço: Cieja. Ah, vai acontecer no domingo, não faz mal, aqui está a chave. "Eda, cê vai deixar?". Cursinho popular, a chave. "Você é louca, e se sumir alguma coisa?". Se sumir é público. Vamos ter que dar conta, não é privado, não é meu. A minha casa eu tranco se eu quiser, se eu não quiser é público. E eu fui construindo essa coisa de público e privado, entendeu? Então tudo que vinha, não importava.: Então as reformas começam a partir do momento, eu fazia. Eu fazia, mas ele [o dono] me deu carta branca quando nós fomos assinar o contrato ele falou: "Olha..." Eu falei: "Vai ser uma escola, tudo". E ele tava tendo muito perda porque eles tavam entrando, invadindo a casa por ser grande e fazendo baile funk, detonando tudo, tinham quebrado muitas coisas. eu falei pra ele: "eu conservo a sua residência, pode deixar comigo" e ele falou: "Pode fazer o que quiser, só não pode vender. De resto eu deixo" , porque é um imóvel, não poços de petróleo no Líbano, "Eu só não quero que o imóvel não seja então..." Várias vezes ele ofereceu pra

[39] Junto com o processo de discussão do projeto e, a partir da visita do secretário de Educação ao Cieja CL, em 2008, é locado o sobrado 2, aumentando a oferta de vagas.

> prefeitura, né? Quase que a gente comprou. Quase que o Alexandre comprou o prédio. Mas aí não tinha as medidas adequadas e aí ele me deu a casa dos fundos. (DONA EDA LUIZ, 5/1/2021).

A entrada da comunidade nas atividades do Cieja, o aluguel do segundo sobrado e o aumento de educandos no centro foram, ao mesmo tempo, realizadas com os processos de mudança das estruturas e dos usos do sobrado, melhor adaptando para cada ação.

2.4.3 Criatividade como base para o laboratório da vida

Com todas as mudanças, havia a participação massiva dos educandos e, através de suas respostas, havia o anúncio das mudanças necessárias. Juntos, eles diziam que queriam maior espaço de decisão, que não viam o que aprendiam como significativo e, por dificuldades do próprio contexto em que se inseriram, eram frequentemente forçados a abandonar os estudos e, por isso, queriam uma escola diferente.

Com essa bagagem formativa, a coordenadora-geral iniciou um processo de reconhecimento dos espaços de mobilização já existentes no bairro onde o centro estava inserido e, com isso, aproximou-se dos moradores, para que as atividades estivessem em diálogo constante com as iniciativas já em curso na comunidade e poder criar parceria. Esse caminho, pouco a pouco, rumava para a discussão e a compreensão do conceito da educação integral, para mobilizar espaços da comunidade, fortalecendo o processo de ensino-aprendizagem.

Para encontrar organizações que pudessem apoiar a escola, Eda Luiz, sua equipe diretiva e o corpo docente realizaram um grande mapeamento em todas as áreas do bairro. Nesse levantamento, foram em busca de lideranças da comunidade, equipamentos comunitários, organizações não governamentais (ONGs), empresas e setores comerciais, buscando identificar onde se localizavam e como colaboravam ou interagiam com a comunidade. Uma vez que todos os equipamentos foram listados e organizados, a gestão e os professores criaram projetos específicos, apresentando possibilidades de integrar escola e comunidade.

Desde o início de sua atuação no antigo Cemes CL, Eda Luiz atuou em três frentes principais, a união de todos os Ciejas na cidade de São Paulo, em ações

com a comunidade e dentro do Cieja CL, a partir das estruturas oficiais da Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).

As diversas dificuldades de organização de tempo e espaço postas nos limites organizacionais do Cemes fizeram com que Eda Luiz criasse, em suas palavras, a “agitação do encontro através dos diálogos”.

Portas abertas, mesas conjuntas, dinâmicas de aulas diferenciadas, apresentações, saídas culturais pelo bairro, a própria maneira de pensar o espaço escolar e os gastos com as verbas são resultados diretos das assembleias conjuntas entre gestão, funcionários, professores e educandos.

Construir um projeto conjuntamente com a comunidade fez com que todos que comungavam do espaço se sentissem pertencentes. Além disso, as práticas a partir da realidade cotidiana permitiam que o ensino fosse visto como necessidade para desatar os “nós” da vida, verdadeira ferramenta para melhorar a inclusão social e também para auxiliar na compreensão de si, do outro, do seu entorno e do mundo. Ademais, o centro representava, para muitos, a última chance de terminar os seus estudos.

A criatividade foi um dos principais elementos para superar a dificuldade diária, como estratégia para enfrentar as possibilidades de fechamento, além de constituir uma proposta integradora de aprendizagem coletiva e territorializada, fazendo com que todos vissem a importância do centro e pudessem melhorá-lo e defendê-lo em conjunto.

Dona Eda, a partir de sua atuação como coordenadora-geral do Cieja CL, ao longo de 20 anos, potencializou todas as suas experiências em construir um local que pudesse agregar e potencializar práticas pedagógicas potentes, transformadoras, compartilhando suas experiências pelo Brasil e pelo mundo. Diante disso, após sua saída do centro, ela decidiu seguir um propósito de educação de jovens e adultos em rede, pois é,

> em rede, que há é uma mudança de paradigmas né? Para uma escola que promete conhecimento em lugares diferentes e onde a inteligência coletiva se desenvolve com a integração e a cooperação das mais diversas ideias e de todos os envolvidos em situações e lugares onde se encontram essas educações de jovens e adultos. Permite também compartilhar espaços para debates e reflexões, conhecimento, proporcionando soluções inovadoras com muita colaboração entre as diferenças, entre os vários desafios que encontramos nos vários espaços e países onde nós temos circulado. (DONA EDA LUIZ, 1/4/2023).

Essa rede pode ocorrer em cada canto, em cada local, em cada cidade e espalhar-se pelo mundo. Sobre suas últimas viagens, em entrevista realizada por telefone, Dona Eda listou as cidades em que participou de projetos alternativos de educação, bem como colaborou com reflexões:

> Delhi, Agra, Ghanerao e Uidapur [...] esses foram as várias cidades e locais da Índia e no Egito nós tivemos no Cairo, tivemos no deserto do Saara [...] nós tivemos na Biodiversidade em Bogotá, Colômbia [...] na Argentina, na Universidade de Buenos Aires. (DONA EDA LUIZ, 1/4/2023)

Figura 21 − Escola Sarvodaya Vidyalaya − Kerala/Índia



Fonte:Acervo Eda Luiz (2023)

Figura 22 − Universidade Swaraj − Rajasthan/Índia



Fonte:Acervo Eda Luiz (2023)

Figura 23 − Universidade da Prisão − Jaipur/Índia



Fonte:Acervo Eda Luiz (2023)

Figura 24 − Grupos de WhatsApp em que Dona Eda participa, sobre a diversidade de projetos existentes na Índia



Fonte: Acervo Eda Luiz (2023)

CAPÍTULO 3

O UNIVERSO CIEJA NA CIDADE DE SÃO PAULO

Para aprendermos as teias de relações, decisões e percursos que fazem de cada centro, um dos 16 Ciejas de São Paulo, resultado particular desta trajetória intricada na luta pela educação de jovens e adultos na e pela cidade ao longo dos 29 anos do decreto do Cemes, transformados depois em Cieja, para a presente pesquisa, deparamo-nos com diversos problemas. Entre os quais, a relação das informações oficiais no *site* da SME e suas respectivas publicações *versus* a dinâmica diariamente modificada da EJA, assim como inúmeras lacunas relacionadas ao desenvolvimento histórico do Cemes e do Cieja na cidade.

Optamos por interagir inicialmente com os coordenadores e as coordenadoras gerais dos 16 Ciejas com um questionário *on-line*, explicado e orientado durante as reuniões coletivas da Divisão de Educação de Jovens e Adultos (Dieja) da SME. A partir dele, escolhemos[1] determinados centros para iniciarmos o processo de visita e a realização de entrevistas semiestruturadas. O objetivo do questionário era identificar os centros a partir das informações de suas equipes gestoras, apreender o cotidiano dos centros e sanar a falta de dados disponibilizados pela SME.

As informações oficiais dos Ciejas restringiam-se, até 2019,[2] a materiais pretéritos produzidos pela SME, no ambiente virtual, no mesmo local que são oferecidas informações das unidades escolares (Emei, Emef, Emefem etc.) dentro do portal da secretaria (SÃO PAULO, [2023a]). Para a obtenção de dados básicos de atendimento, acessamos uma página antiga da prefeitura (SÃO PAULO, 2010) e o novo portal da secretaria (SÃO PAULO, [2023c]), observando o atendimento diferenciado da EJA e do Cieja.

Foram feitas 59 perguntas sobre localização, atendimento, história de fundação, relação com os coordenadores-gerais antigos, diálogo com a SME, dados

[1] Inicialmente, o plano era visitar todos os Ciejas. Todavia, durante a pesquisa, boa parte do tempo estava em processo de isolamento social. Assim, priorizamos momentos oportunos como férias e (ou) recessos letivos para realizarmos a nossa ida a 10 Ciejas e a aplicação de sete entrevistas semiestruturadas.

[2] Em 2020, a Dieja/SME lança o material *Retratos da EJA em São Paulo: história e relatos de práticas*, com as principais informações da EJA no município (SÃO PAULO, 2020b).

sobre educandos, professores, funcionários, salas de aulas, parcerias, processo de formação, projeto político pedagógico e conselho escolar.

Como descrito anteriormente, não havia local no qual estivessem sistematizadas e concentradas as informações dos Ciejas na cidade, seja telefone, endereço, histórico ou mesmo nomes dos centros existentes. Por isso, o intuito do questionário foi reunir dados do Cieja para que outras pesquisas fossem realizadas a partir das necessidades enfrentadas.

Figura 25 − Questionário aplicado para os gestores dos 16 Ciejas da cidade de São Paulo − 2019/2020

01 - Endereço de e-mail
E-mail oficial da unidade
Telefone do CIEJA:
Endereço:
02 - Responsável pelo preenchimento?
03 - Cargo
04 - Registro funcional
05 - Nome do coordenador (a) geral
05 - Caso o seu CIEJA apresenta nome anterior ao atual, qual?
06 - Ano de inauguração
07 - Qual a DRE responsável?
08 - Qual a distância do CIEJA até sua respectiva DRE? (em quilometragem e em tempo gasto normalmente por quem vai em alguma atividade lá)
09 - Qual o CIEJA mais próximo?
10 - O espaço é locado?
11 - Quantas vezes mudou de espaço
12 - número de salas de aula
13- Laboratório de informática
14- Sala de leitura
15 - A escola apresenta espaços alternativos? Quais? (sala de oficina, Ateliê de costura, etc)
16 - A escola oferece alimentação?
17 - Quais parcerias o seu CIEJA apresenta e quanto tempo elas estão atuantes?
18 - As parcerias desenvolvidas no CIEJA são em relação a: (podem escolher mais que uma opção)
Formação do grupo de professores (ONG's, institutos,
Alimentação
Material
Transporte
curso/atividades para a comunidade
A parcerias/atividades com escolas ao redor do
19 - Quantos coordenadores gerais teve o seu CIEJA?
20 - Vocês recebem visitas das pessoas responsáveis
21 - Tempo de exercício do atual coordenador (a)
22 - Qual o tempo de exercício no CIEJA do
23 - O (a) Coordenador (a) Geral era professor do
O (a) Coordenador (a) Geral tinha algum cargo da
24 - A equipe participou das reuniões para a formação das portarias? Sim
25 - O (a) Assistente Pedagógico Educacional era professor do CIEJA?
26 - Existe projeto pedagógico diferenciado (dupla ou tripla regência, outros quais)?
27- Qual a maior dificuldade no trabalho pedagógico
28 - Possui sistematização das informações da unidade, como um levantamento de dados (número de alunos, professores, funcionários, informações que

29 - Tem a publicidade dessas informações?
30 - Essas informações estão no PPP?
31 - Como funciona o itinerário formativo?
32 - Número de professores
33 - Qual horário de formaão dos professores?
34 - A formação ocorre coletivamente ou há grupos
35 - Caso a formação ocorra em grupos quantos
36 -Há projeto de JEX - projetos especiais fora da jornada do professor? Quantos?
37 - Qual a quantidade de JEX - projetos específicos
38 - O trabalho é por disciplina ou por área de conhecimento?
39 - O processo seletivo anual supre a demanda de vagas?
40 - O grupo de professores (as) é rotativo?
41 - Qual o número de ATE's
42 - Qual o número de vigias
Qual o número de pessoas na cozinha?
Qual o número de pessoas na limpeza?
Qual o número de agente escolar?
Qual o número de professores readaptados?
43 - Qual a quantidade de professores em relação ao
0 à 5 anos
6 à 10 anos
11 à 15 anos
16 à 20 anos
21 à 27 anos
44 - Caso ocorra rotatividade esse proceso causa uma defasagem no quadro de professores? Se sim por
45 - Número de funcionários administrativos na secretaria?
46 - Horário de atendimento da secretaria
47 - Qual a quantidade de alunos
48 - Qual a quantidade de alunos com deficiência?
49 - Qual a quantidade de alunos atendidos pelo TEG?
50 - Qual a quantidade de alunos em liberdade
51 - Qual a quantidades de alunos em
52 - Quais as dificuldades encontradas pelo conselho?
53 - Os educandos são da comunidade ou a escola é
54 - Existe algum tipo de problema com os vizinhos?
55 - Horário das aulas
56 - Existem quantas pessoas responsáveis pelo DIPED na frente da temática EJA em sua DRE?
57 - Como o PPP é construído?
58 - O conselho do seu CIEJA é atuante?
59 - Há uma comunicação com a sua DRE em relação a formação de cursos, consultoria, auxílio

Fonte: Elaborado pelo autor (2019/2020)

A partir das respostas, podemos perceber que, das 13 diretorias regionais existentes na cidade de São Paulo, apenas a Diretoria Regional de São Mateus conta com três Ciejas e a Diretoria de São Miguel, nenhum centro, o restante das outras 11 diretorias regionais possuem um Cieja.

Dos prédios em que estão instalados os Ciejas, 50% são públicos — como antiga gráfica da prefeitura, prédio transferido pela Secretaria do Trabalho, antigos sacolões municipais, concessão de escolas da rede a salas da Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (Cohab) etc. — e 50% são espaços locados pela SME, que vão desde prédios com salas comerciais, salões comerciais, antigas escolas particulares até mesmo casas particulares.

Matrículas no CIEJA em São Paulo - 2019/2020	
0 a 500 matrículas	04 CIEJAs
501 a 1000 matrículas	09 CIEJAs
> de 1001 matrículas	03 CIEJAs
12.458 matrículas	Total CIEJAs

Fonte: Questionário aplicado entre 2019/2020 pelo autor.

Em relação ao público, do total de estudantes matriculados nos Ciejas na cidade, 5,39% (ou 672 estudantes) possuíam algum tipo de deficiência, 68,75% (11) dos Ciejas atendem pessoas da comunidade do entorno e pessoas que percorrem grandes distâncias diariamente, tendo o centro como caminho para o trabalho ou para casa; 18,75% (três) atendem majoritariamente o público da comunidade do entorno; e 12,75% (dois) atende predominantemente o público de passagem, no trajeto casa-trabalho.

No quesito de diálogo com a comunidade, 62,50% (10) dos centros estabelecem vínculos com parcerias do território, como equipamentos públicos de saúde; educacionais, como centros educacionais unificados, faculdades, universidades; empresas; organizações não governamentais; associações de bairros; movimentos culturais e sociais, para que possam oferecer atividades diferenciadas para o seu público, assim como fortalecer a luta pela EJA em seu território.

Uma das especificidades dos Ciejas é o atendimento em horários de 2 horas e 15 minutos, para cada período, estendendo-se das 7h30 às 22h30. Apresenta a seguinte configuração: o 1º período é das 7h30 às 9h45; o 2º período, das 10h às 12h15; o 3º período, das 12h45 às 15h; o 4º período, das 15h15 às 17h30; o 5º período, das 17h45 às 20h; e o 6º período. das 20h15 às 22h30.

No questionário, identificamos que 50% (oito) dos centros têm apenas aula no turno da manhã (1º e 2º períodos) e no turno da noite (5º e 6º períodos); 25% (quatro) possuem somente o turno da manhã (1º e 2º períodos), o 4º período no turno da tarde e o turno da noite (5º e 6º períodos); e apenas 25% (quatro) têm atendimento completo, de manhã, tarde e noite, em todos os períodos (1º, 2º, 3º, 4º, 5º e 6º).

O alimento na EJA é uma questão primordial para a melhor adaptação dos alunos, já que o estudo tem o encaixe dentro de uma rotina de trabalho e de cuidado com a família. Nessa perspectiva, todos os Ciejas disponibilizam alimentação, que é fornecida pela prefeitura. Todavia, como há a questão de os prédios serem adaptados, principalmente para o caso daqueles espaços que não foram construídos para serem escolas, incialmente, nem todos possuem infraestrutura de cozinha e/ou refeitório para o oferecimento de todas as refeições. A partir desse contexto, apenas 31,25% (cinco) dispõem de refeições completas (café da manhã, almoço, café da tarde e jantar), os outros 68,75% (11) servem apenas lanche (café da manhã, café da tarde e lanche à noite).

Para avaliar a perspectiva histórica da gestão dos centros, focamos na quantidade de coordenadores-gerais que ocuparam o cargo. Como resultado, identificamos que 25% (quatro) tiveram, ao longo de sua história, de mais de vinte anos, apenas dois coordenadores-gerais; 25% (quatro), três; 25% (quatro), cinco; 6,25% (um), seis; e 6,25% (um), oito. E 12,5 % (dois) não responderam a essa pergunta.

A alternância dos(as) coordenadores(as)-gerais é um quesito a ser observado com atenção por quem assume o cargo. Sobre a maneira como se dá o acesso, neste sentido, verificamos que 31,25% (cinco) dos Ciejas tinham coordenadores(as)-gerais que foram professores do próprio centro. O restante, 68,75% (11), tiveram seu(sua) gestor(a) a convite da própria diretoria regional, apresentado(a) à equipe do seu Cieja pela própria gestão e(ou) na concorrência das propostas.

Para apreender a relação dos centros com suas respectivas diretorias regionais, foi questionado sobre formações e(ou) orientações. Nesse sentido, 56,25% (10) relataram que não há diálogo ou que há pouco diálogo com sua diretoria regional no que tange à formação/orientação específica para o Cieja ou adaptação de ações da rede.

3.1 Espacialização dos Ciejas na cidade de São Paulo

A partir dos questionários, foi possível começarmos a montar um conjunto de quebra-cabeças que possibilitaram o compartilhamento das informações nas reuniões dos gestores dos Ciejas, assim como para seguir os rumos da presente pesquisa. Com base neles, para melhor elucidar a problemática dos Ciejas e suas interrelações na cidade, confeccionamos mapas sobre a localização na perspectiva das diretorias de ensino, das zonas, do ano de fundação de cada centro e em qual gestão municipal foram fundados.[3]

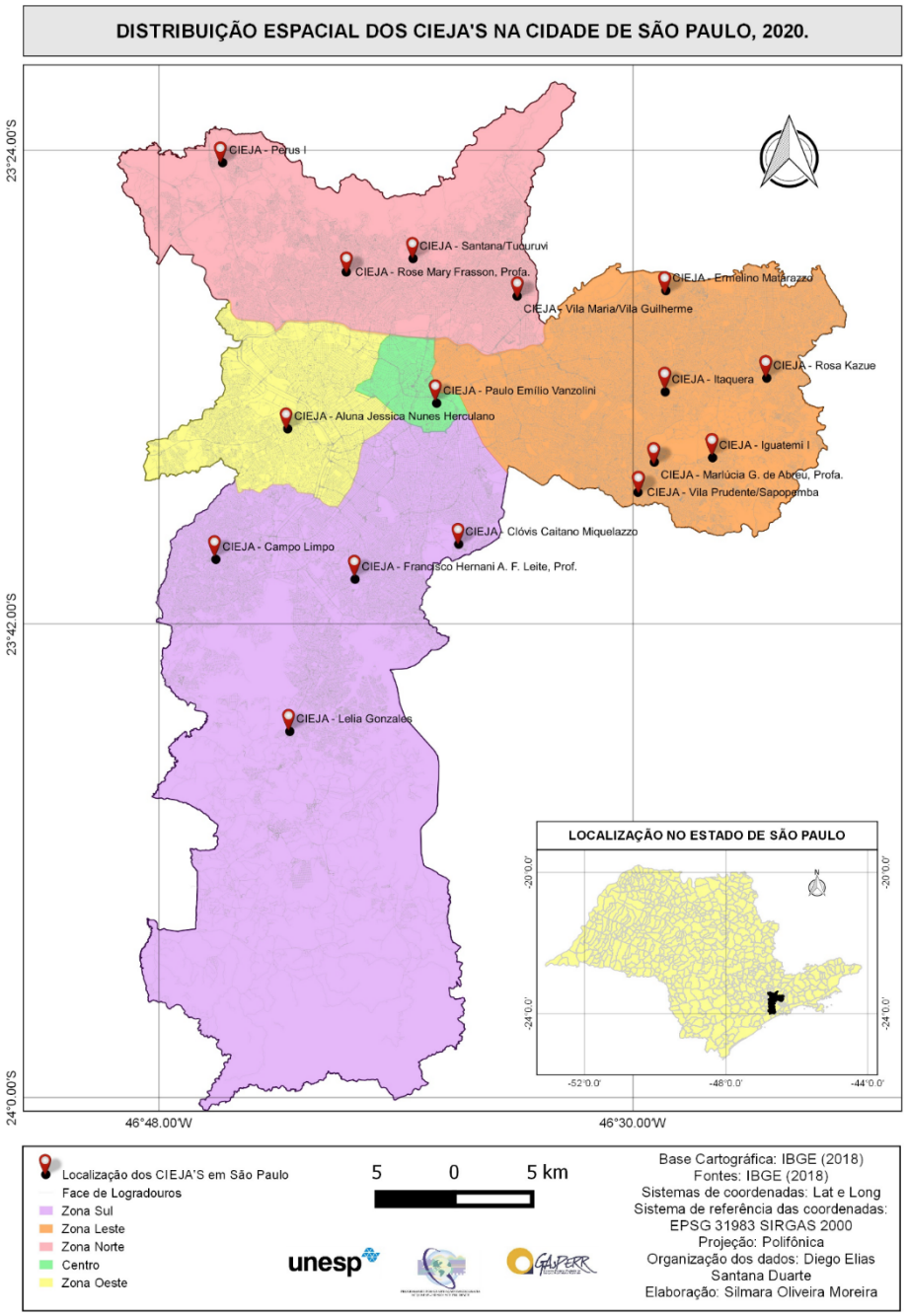
Na figura a seguir, podemos perceber que seis Ciejas estão localizados na Zona Leste, quatro na Zona Sul, quatro na Zona Norte, um na Zona Oeste e um no Centro.

Em linha reta, o centro que apresenta a maior distância em relação ao próximo centro é entre o Cieja Perus I e o Cieja Rose Mary Frasson (11,5 km). Aqueles com a menor distância entre si são os Ciejas Marlúcia Gonçalves de Abreu e Vila Prudente (3 km). O Cieja com a maior distância em relação à SME é o Rosa Kazue (30 km).

De início, percebemos a distribuição espacial mesmo sem sobrepor a quantidade de oferta de vagas no município, ou a relação com a alfabetização. Identificamos que existem poucos Ciejas e que estão espalhados na cidade, em sua maioria, afastados do Centro.

Figura 26 – Distribuição espacial dos Ciejas na cidade de São Paulo − 2020

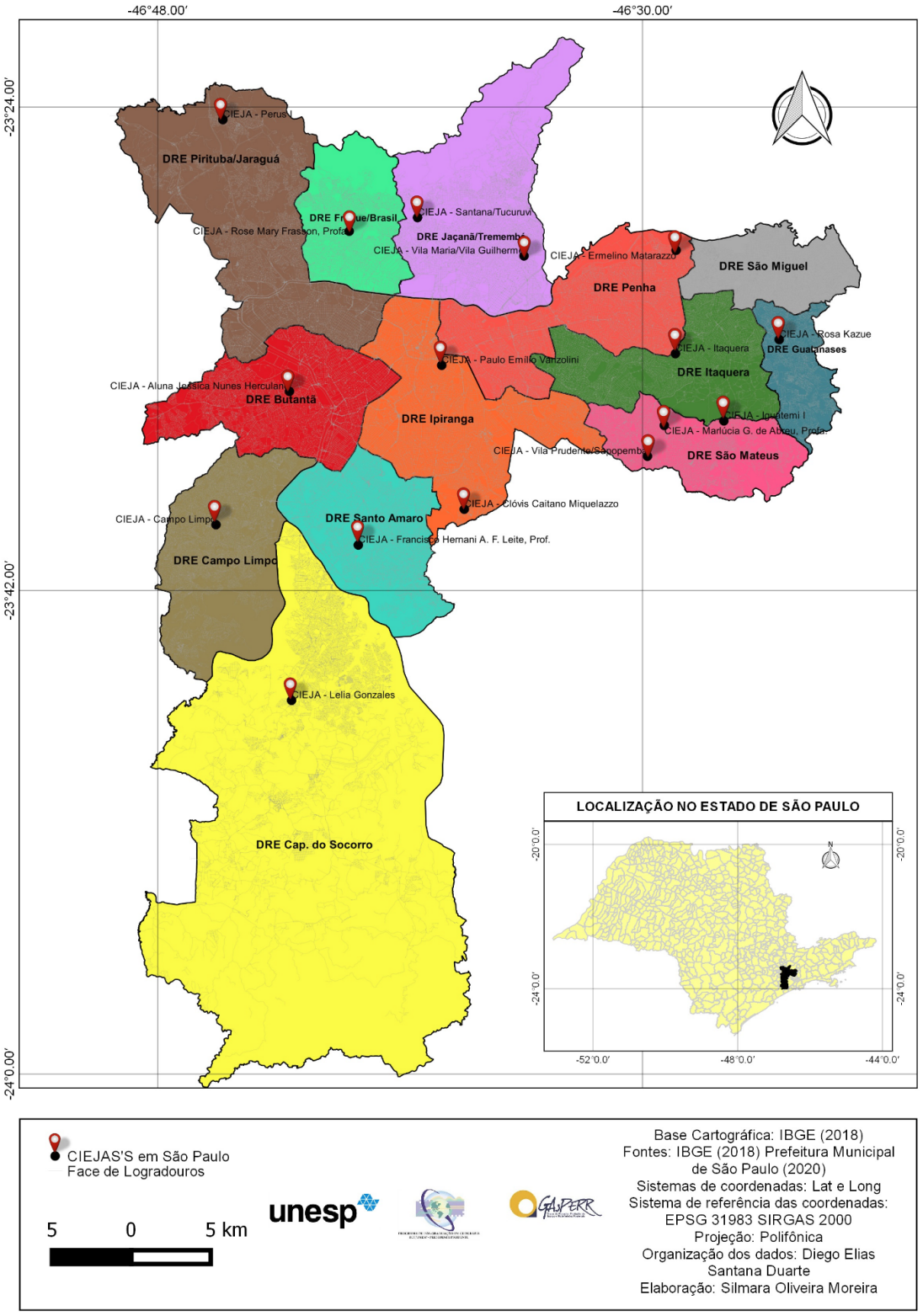
[3] A necessidade de cada mapa é para demonstrarmos qual a relação com a divisão por zonas na cidade, como cada Cieja está situado perante sua diretoria regional, as distâncias entre eles e em qual governo foi fundado.



Fonte: eolgerenciamento.prefeitura.sp.gov.br (2020).

Analisar a espacialização dos Ciejas em sobreposição às suas respectivas diretorias regionais foi um exercício realizado na figura a seguir.

Figura 27 − Localização dos Ciejas em relação as 13 diretorias regionais de educação da SME/PMSP

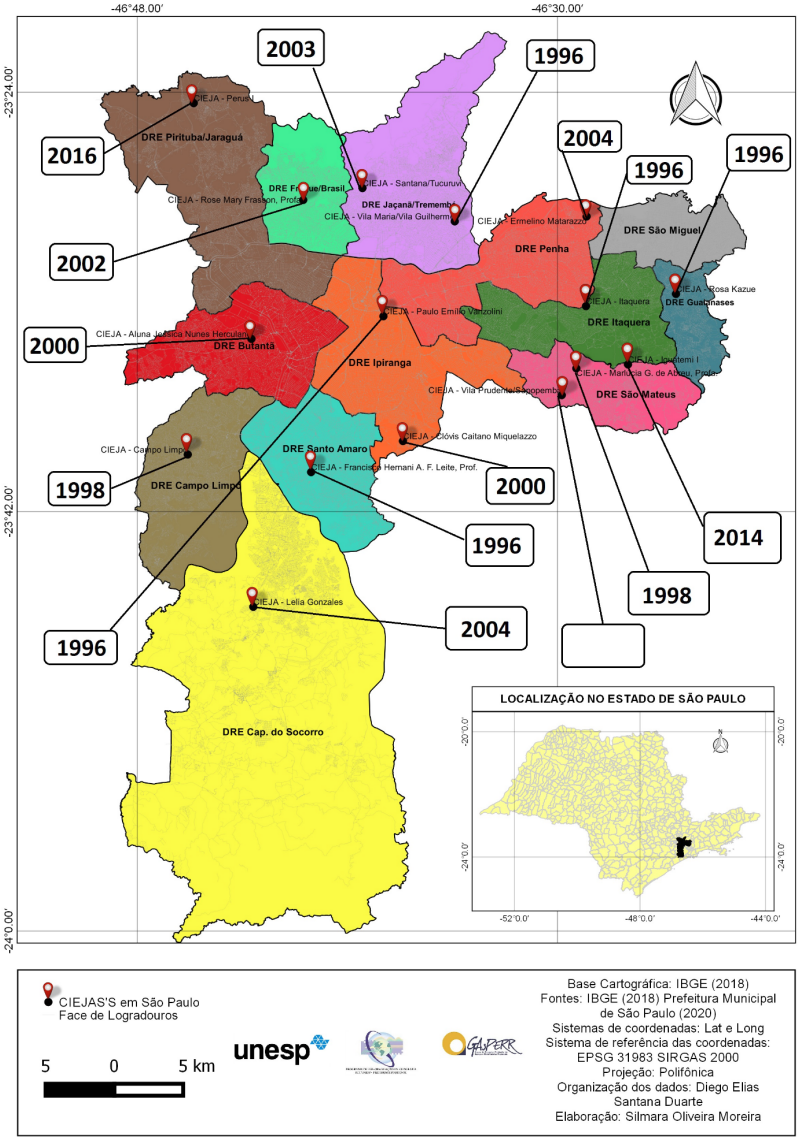


Fonte: eolgerenciamento.prefeitura.sp.gov.br (2020).

Na figura anterior, percebemos os diferentes tamanhos das diretorias regionais e a localização dos Ciejas em face de suas respectivas diretorias

regionais. Pela percepção do mapa somada às respostas do questionário, apreendemos que existe pouca relação entre os Ciejas devido às distâncias, tanto entre os Ciejas quanto entre o prédio central da SME, assim como ao fato de serem poucos e espalhados pelas 13 diretorias regionais, das quais apenas uma não têm nenhum centro em seu território, outra tem três e 11 têm somente um centro em seu domínio.

Figura 28 − Distribuição dos Ciejas a partir do ano de inauguração



Fonte: eolgerenciamento.prefeitura.sp.gov.br (2020).

Dos 16 centros da cidade, apenas 68,50% (10) passaram pelo processo de transição do antigo Cemes para o Cieja. Entre eles, segundo entrevista com Dona

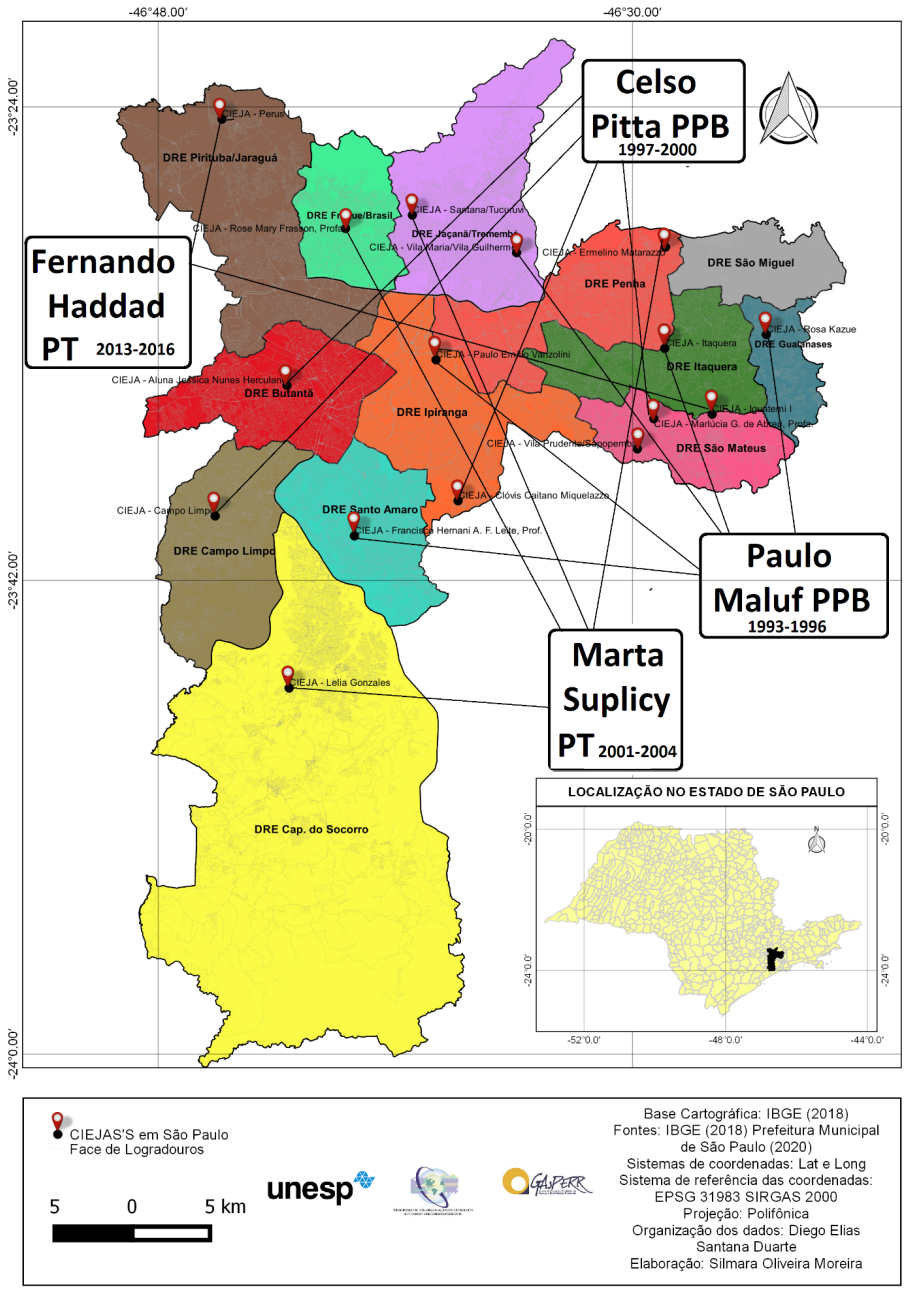
Eda, apenas cinco participaram ativamente das reuniões com os representantes da SME na gestão de Marta Suplicy, para que o Cemes passasse para Cieja, e também do processo de escrita do primeiro projeto,[4] que delimita o Cieja na rede, com as características pensadas para melhor atender à EJA.

Apenas 31,25% (cinco) dos centros foram inaugurados após a fundação do Cieja na cidade. Isso abre a perspectiva de que um terço dos centros têm processos diferentes dos construídos a partir das mudanças do Cemes, desde concepções, assim como buscaram suas respectivas maneiras para resolverem as questões cotidianas.

Na figura a seguir, constatamos que houve a inauguração de cinco (31,25%) Cemes na gestão Paulo Maluf (Partido Progressista Brasileiro — PPB — 1993-1996) e quatro (25%) na de Celso Pitta (PPB — 1997-2000). Já no governo da Marta Suplicy (PT — 2001-2004), a proposta do Cemes foi reformulada para Cieja e, em seu mandato, foram inaugurados quatro (25%) Ciejas. Na gestão municipal de Fernando Haddad (PT — 2013-2016), foram dois (12,5%). Destacamos, nessas informações, que um dos centros não respondeu a essa pergunta e que, entre os anos de 2005 e 2013,[5] não houve inaugurações de novos centros.

Figura 29 − Distribuição espacial dos Ciejas em relação aos governos municipais − 1996-2016

[4] Intitulado Projeto Cieja, de Maio de 2008.
[5] Esse período representa a tendência de fechamento dos Ciejas na cidade, tanto em 2007 quanto em 2012.



Fonte: eolgerenciamento.prefeitura.sp.gov.br (2020).

Ao longo da pesquisa e das trocas com os outros Ciejas, destacamos que a distância, tanto territorial quanto das propostas pedagógicas enfrentadas pela equipe à frente da EJA na diretoria regional, assim como o reduzido número de Ciejas na cidade e as frequentes trocas de pessoas à frente dessa discussão, tanto na SME quanto nas diretorias regionais, contribuem decisivamente para a lacuna de formação e informações sobre essa modalidade de ensino, em especial, nesse tipo de oferta.

3.2 Ação-reflexão-ação: pesquisar e construir o fortalecimento do projeto Cieja

Segundo Rodrigo Pacheco Alves, servidor público e ex-educando do Cieja CL, no grupo focal,

> O Cieja CL faz o que é universal. Então, quando o transportador, a moça da cozinha, da limpeza chegam, sentem uma libertação, que eu posso chamar de interior, porque você passa dentro do Cieja a sentir os sabores do universo, dos valores universais. Isso é muito grande, por isso, eu falo sempre da grandeza. Isso que faz a potencialidade. Então Paulo Freire dizia que o seu fazer seja tão parecido com o seu falar que você seja confundido quando fale com o que faz. O Cieja está nessa pegada. (RODRIGO PACHECO ALVES, 3/3/2023.).

Concomitante ao processo de doutoramento, participava das reuniões na SME, convocadas pelos representantes da Dieja, no intuito de dialogar com a pasta da EJA. Esses encontros contavam com a presença de coordenadores-gerais, assistentes de coordenação e pedagógicos e representantes da Dieja. As pautas das reuniões eram compostas por demandas necessárias, desde a mudança de(no) currículo até atividades a serem realizadas na rede. Sempre a equipe da Dieja era substituída pelo governo que assumia a prefeitura, que colocava pessoas da sua orientação pedagógica.

No início de 2019, a equipe da Dieja convocou uma reunião para se apresentar. Milena Micossi estava inicialmente à frente da gestão pedagógica, depois, ao longo do ano, à frente da própria divisão, como diretora. Foi elemento importante na condução de propostas coletivas na organização no grupo de gestores.

No começo, Milena e sua equipe convidaram o grupo de gestores do Cieja para apresentar uma nova proposta diretiva da SME através de encontros periódicos e formativos, a serem realizados na própria secretaria. O objetivo era criar um canal de diálogo e escuta das demandas do coletivo.

Ao longo das reuniões, o grupo de gestores pontuou, como prioridade, para além da formação proposta pela SME, que deveríamos trocar informações sobre o funcionamento do próprio Cieja, bem como conhecer os projetos desenvolvidos, as maneiras de resolução de problemas, os exemplos de como era o relacionamento

com supervisores e a própria diretoria regional e, o principal, a orientação específica válida para ser utilizada no próprio centro.

O coletivo de gestores, em consonância com a equipe da Dieja, realizou a junção das propostas apontadas, tanto pelo grupo de coordenadores-gerais quanto pela equipe da divisão, ou seja, haveria uma reunião por mês, que aconteceria de maneira itinerante pelos Ciejas. Ela teria duração de um dia inteiro, na parte da manhã, a apresentação do espaço e dos projetos do próprio Cieja e, à tarde, a formação do novo currículo municipal sobre a EJA por um formador escolhido pela SME.

Tivemos a oportunidade de visitar o Cieja Perus e o Cieja Freguesia do Ó e experienciar esse modelo de formação itinerante que, a cada momento, mostrava o seu potencial. Seja na união do coletivo que reconhecia em cada território visitado, na construção de uma proposta pedagógica ao longo da existência do centro em relação a local, público, projetos etc. ou na maneira participativa de relacionamento com a equipe da SME.

Ao longo dessas reuniões, no caminho, durante, no retorno e após, em conjunto com os questionamentos da pesquisa, víamos o quanto era importante criar estratégias de sobrevivência e divulgação do Cieja enquanto processo histórico de luta pela EJA na cidade. Pois, mesmo com mais de duas décadas de existência, o centro era pouco conhecido, sem um padrão a ser seguido, tendo influências a todo momento de agentes externos, e sem orientação específica. A partir dessas lacunas, colocamos, como objetivos específicos da pesquisa, o fomento de ações que pudessem subsidiar possibilidades de registro e divulgação, compondo estratégias de fortalecimento do Cieja na própria rede municipal.

O caminho que visualizamos diretamente foram três possibilidades que pudessem englobar as principais preocupações. Principalmente, a continuação dos encontros formativos, que, a todo momento, sofria resistência para que não ocorressem devido às distâncias dos Ciejas serem um impeditivo. Outro ponto era o fomento e o estímulo de um evento formativo feito pela Dieja com características de curso institucionalizado com certificado, o qual fosse direcionado ao reconhecimento dos Ciejas, em que cada centro pudesse expor o seu trabalho e, do mesmo modo, houvesse discussão reflexiva sobre o rumo da EJA em formato de desafios da rede.

Em conversa com a equipe da Dieja, solicitamos para que, em uma das nossas reuniões, pudéssemos apresentar alguns dos resultados da pesquisa, assim

como problematizar com o grupo alguns dos pontos destacados. A solicitação foi atendida, e, na reunião, que acabou sendo na SME, devido ao grupo solicitar alternância das visitas, apresentamos o mapa de localização dos Ciejas e destacamos os pontos das colunas de informações e estratégias futuras.

O mapa foi recebido com espanto, porque nunca houve um mapa produzido pela SME que apresentasse a localização dos Ciejas e, naquela representação, ficava explícito que éramos poucos na cidade e que estávamos espalhados.

Apresentamos a falta de informações institucionais e específicas de cada Cieja como resultado direto do não reconhecimento e valorização da rede desta modalidade de atendimento, tendo em vista o fato de serem poucas unidades e um público reduzido frente a EJA na cidade.

Por último, lançamos a proposta de dois desafios que pudéssemos nos esforçar enquanto coletivo e com a parceria da própria SME no sentido de sanar as lacunas descritas anteriormente. O primeiro desafio era pensarmos em um evento com características de simpósio, colóquio, seminário, que abrangesse a formação institucional com certificação para pessoas da rede municipal ligadas a EJA, sendo que, em um mesmo evento, pudéssemos expor nossas práticas e divulgá-las para a rede, pudéssemos nos conhecer, as pessoas dos centros pudessem trocar informações e houvesse um momento reflexivo para todos, sobre qual é o futuro da EJA no geral e dos Ciejas em específico. O outro desafio era efetivar uma publicação institucional com a participação de todos os centros, na qual pudéssemos contar a história do Cemes e do Cieja, assim como de cada unidade especificamente.

Os dois desafios foram debatidos pelo grupo, que pontuou que deveríamos somar o máximo de ações para o fortalecimento do Cieja na rede, em especial, sua divulgação. Já que, até para alguns centros, a evasão e a falta de professores era uma realidade constante.

Nas próximas reuniões, Milena Micossi aponta a necessidade de fazer o evento dos Ciejas como uma das prioridades da Dieja no ano de 2019, pois a divisão também tinha de dar conta das outras formas de atendimento da EJA na cidade e não conseguiria pensar na publicação específica.

Nos encontros, a Dieja abre a possibilidade de construir o evento em conjunto, e o coletivo decide por ser um seminário. Na parte da manhã, seria organizado um café da manhã, contaria com uma exposição em formato de *banners*

para que cada centro pudesse trazer o seu cotidiano e uma mesa de abertura, seguida de apresentações culturais feitas por educandos e professores de alguns centros. Após o almoço, o espaço seria das oficinas para mostrar o trabalho de cada Cieja, seguidas de uma mesa redonda composta pela gestora mais antiga do Cieja, Eda Luiz, pela prof. dra. Angélica Kuhn e pelo prof. dr. Roberto Catelli Jr.

Figura 30 − Gestores dos centros e da SME/PMSP no I Seminário de Práticas dos Ciejas − 2019



Fonte: ASCOM/SME (2019).

O evento foi intitulado de “I Seminário de Práticas do Ciejas: a garantia dos direitos e a qualidade na educação de jovens e adultos” (SÃO PAULO, 2019) e ocorreu no dia 9 de novembro de 2019, em um sábado, nas dependências da Uninove, na Rua Vergueiro, nº 235/249, no Bairro da Liberdade.

A materialização do seminário foi uma experiência ímpar, pois nunca houve um momento de troca de experiência da EJA com foco nas práticas desenvolvidas nos Ciejas, assim como sua visibilidade para a cidade.

A apresentação dos educandos foi sensacional. Uma mistura de orgulho, de pertencimento e da necessidade de levar adiante o trabalho do seu centro. A organização dos projetos e as oficinas mostraram as potências que cada um construiu em seu território com uma proposta voltada para a EJA.

Tanto na mesa de abertura, com a contextualização da história dos Ciejas pela Dona Eda, uma das mais importantes lideranças, em especial, para o não fechamento dos centros, quanto na mesa principal, com as contribuições da prof. dra. Angélica Kuhn e do prof. dr. Roberto Catelli Jr., acerca da importância dos

Ciejas na cidade do ponto de vista da oferta de vagas, foi pontuada a necessidade de empreendermos esforços para registrar os acontecimentos dos Ciejas, assim como refletirmos sobre o seu funcionamento para repensá-lo à luz de políticas públicas para a EJA.

Figura 31 − Mesa principal do I Seminário de Práticas dos Ciejas − 2019



Fonte: Diego Elias (2019)
Nota: composta, da esquerda para a direita, por Eda Luiz, a prof. dra. Angélica Kuhn e o prof. dr. Roberto Catelli Jr.

Os desafios foram postos, entre os quais, o de como transformar esse evento em atividade permanente, assim como pensar na garantia de ações que dessem foco aos Ciejas na cidade.

Ter o evento no diário oficial, de maneira institucionalizada, ver a participação de pessoas da rede que não são dos Ciejas, bem como de pessoas de todos os centros, na troca de experiências em um dia inteiro destinado à reflexão do trabalho nos centros, evidenciaram a relevância do encontro, a luta dos direitos e a necessária visibilidade desse tipo de oferta na rede para a garantia de continuidade.

Logo após o seminário de práticas, no final de 2019, quando estávamos em processo inicial de aplicação do questionário para os gestores dos Ciejas, decidimos entrevistar Milena Micossi, diretoria da Dieja da SME, para entendermos como se dava o funcionamento da divisão e quais eram suas perspectivas futuras.

Coordenadora pedagógica de cargo, Milena atuava em escolas de educação de jovens e adultos há cerca de 16 anos, quando foi convidada para trabalhar como formadora de ensino fundamental com atenção voltada a EJA na Divisão Pedagógica (Diped), da diretoria regional da Penha. Em 2019, foi convidada para a

Dieja/SME. Ao iniciar os trabalhos pedagógicos na divisão, o diretor que a convidou retorna para a escola de origem, fazendo com que Milena assumisse o posto de diretora.

Experiente na formação da professores e coordenadores da EJA, Milena explicita as suas concepções de que as diferentes maneiras de oferta da EJA no município precisam entender quais são seus objetivos, de onde devem partir, assim como quais são as melhores formas de atendimento a sua comunidade. Em relação às ofertas, em entrevista na Dieja/SME, pontuou:

> São vivências diferentes. É muito engraçado tecnicamente falando. Conversei com eles e falei: “Gente, quando eu trato da esfera Mova são educadores-educandos”. Por quê? Porque eu tenho toda uma questão de conceito, de construção, de ideologia diferente. Eu não posso tratar todos igual. E é isso que me aflige muito porque na EJA regular é a extensão do fundamental e eles não se percebem. O grande pulo do gato que eu acho que pode ser algo que vá nos ajudar é trazer o resgate da Educação de Jovens e Adultos para esse profissional. Quem é você? De que lugar nós estamos falando? Nós não estamos falando da escola regular fundamental. Nós estamos falando da educação para pessoas que já foram excluídas, que já têm uma identidade constituída, que já tem uma vivência na sociedade, mas que precisam ter a cultura escolar. Mas como é que vai ser isso? Então quando eu falo do Cieja eu não tenho essa preocupação porque eu sei que o meu munícipe já está bem acolhido dentro desses pressupostos, mas a EJA Modular e a Regular não. Eu fico muito preocupada porque lá, é, o que eu vejo na EJA regular, são atividades só simplificadas da Modular para EJA Regular. Não há uma concepção de uma educação de jovens e adultos, há uma minimização da complexidade do regular para aqueles que [pensam]: “ah, ele não consegue mesmo” ou “eles não sabem mesmo”. E que na EJA regular não, ela só continua o fundamental… É isso mesmo. O que já é diferente da EJA modular, na EJA modular surgiu de uma militância de pessoas engajadas na EJA regular que estavam insatisfeitas com aquela situação. Tem que ter um jeito diferenciado para atender esse público porque desse jeito que tá não tá certo. Só que houve um empurrão e aí o projeto ficou. Ninguém mais fez uma formação continuada para que eles pudessem trazer as dificuldades, discutir as práticas exitosas, não. Morreu ali. Então ela está sendo constituída e voltando para as práticas da EJA regular. Não, volta porque esta não é a proposta. Essa flexibilidade, esse entendimento é… A EJA regular e por vezes a EJA modular, como ela traz características deste ensino regular, ela é altamente elitista. Em que aspecto: Quem é o meu aluno? Ah, ele é aquele senhor que deixou a família alimentada em casa que quer estudar. Não é o morador de rua, não é a família que está desestruturada financeiramente e está vivendo na rua, não é o imigrante que está vindo para se apropriar da linguagem. Quer dizer, quando eu olho pra EJA Regular e percebo que a exclusão está gritando, eu fico muito nervosa. O outro lado vocês acolhem, o Cieja acolhe de Braços Abertos. Tanto é que a nossa parceira Fran [Cieja Perus] tem mais de quinhentos estudantes Haitianos. Eles não têm uma língua única, eles têm dialetos e eles se adequam. Então assim, por isso que eu falo sempre, temos que trazer a luz. Professor, professora da EJA você sabe do seu lugar, do que você está falando, do seu papel e da sua importância? Se não souber, eu brinco, vá vender trufas porque o seu lugar não é aqui. (MILENA MICOSSI, 30/1/2020).

É interessante destacar que, mesmo com a imensidão da rede municipal de ensino e sua complexidade, Milena Micossi aponta o caminho formativo de identidade da EJA como fio condutor do seu trabalho e, nele, a crença de que o profissional da EJA, com todas as suas possibilidades de oferta, deve refletir sobre o seu compromisso, o seu papel de acolher da melhor forma o seu público em um ambiente diferente de aprendizado em relação à proposta da escola regular.

Sobre trilhar um processo formativo para a reformulação da identidade da EJA no município, Milena, em entrevista na Dieja/SME, argumentou que:

> Primeira coisa, o que é fundante, resgatar os princípios de Paulo Freire. Principalmente esquecidos na EJA Regular. A EJA regular hoje é uma continuação do Ensino Fundamental. Isso me aflige muito. A EJA regular ainda tem alguma situação mais próxima de um trabalho interdisciplinar, um trabalho mais flexível, mais humanizado? Têm, mas é muito pouco. Ainda também se espelha com uma força muito grande na regular. O Cieja já não. Hoje, pra te falar a verdade, a minha grande preocupação é como trazer uma formação específica e de qualidade pro Cieja, porque o Cieja já tem isso constituído. A questão da educação popular, a questão dos princípios Freirianos, vocês já têm esse princípio muito bem… A minha preocupação agora é como eu posso fazer com que vocês possam ter novas boas experiências, vivências, tendo em vista que eu não tenho o *know-how* que vocês têm e como que eu posso transpor tudo isso também pra EJA Modular e Regular. Eu queria muito que eles tivessem essa vivência, porque a rede não conhece a rede e muitos ainda não sabem que é o Cieja. Tanto que na última segunda-feira eu palestrei na DRE JT e eu falo o tempo todo: "Aqui nós temos dois Ciejas" e o pessoal ficava: "Você sabe o que é Cieja? Sabe o que é EJA Modular?" Aí eu falava assim ó… Olha eu fazendo propaganda da minha divisão (risos). Mas não há. Então eu gostaria muito de trazer itinerários formativos. A primeira coisa, o arcabouço Freiriano. Segunda coisa, eu tenho que trazer quem é o formador, porque quando eu quero formar um coordenador pedagógico eu preciso ter clareza que ele é o formador da unidade. Quem é essa pessoa? Quais são as estratégias que ele vai ter que colocar em campo para poder respeitar a trajetória desse professor, porém trazendo orientações para que ele possa ressignificar a prática dele, mediado pelos nossos pressupostos, que é a EJA. Então: Paulo Freire, a formação do formador e educação popular. São os três grandes pilares que nós vamos desdobrar as nossas formações para todos os segmentos: Mova, EJA Modular, EJA Regular e Cieja. Porém, cada qual dentro da sua esfera e de onde já tenha alcançado. O EJA já tem uma dimensão bacana. O EJA regular não. Tem que começar do chão. O EJA modular nós vamos ajustando. Aí nós vamos mediando tudo isso, mas é um grande desafio. Tô querendo arrumar parceiros. Sabe? Ir lá no Instituto Paulo Freire… Eu quero ver quando o Pedro Pontual pode me ajudar, é nessa linha de pensamento. (MILENA MICOSSI, 30/1/2000).

Após a entrevista, falávamos com frequência com Milena Micossi sobre sua ideia de começar o ano com um evento de abertura dos itinerários formativos, ligando a tradição freiriana, ainda viva na cidade, com as discussões do grupo dos

Ciejas. Nessas conversas, Milena solicita ao Cieja Campo Limpo para sediar o evento e apresenta a sugestão da Dieja de mesa: Dona Eda; Marilene Camargo e Iraci Ferreira Leite, lideranças do Mova; Pedro Pontual, presidente honorário do Conselho de Educação Popular na América Latina; e Roberto Catelli, pesquisador da EJA e coordenador do Programa de Educação de Jovens e Adultos da Ação Educativa. O objetivo dessa discussão era trazer o conhecimento da luta do Mova de pessoas que trabalharam com Paulo Freire, para conectar diretamente com a luta da EJA no município, em especial, nos Ciejas.

O evento aconteceu numa sexta-feira, dia 13 de março de 2022, e recebeu mais de 100 pessoas, com a representação de seis das 13 diretorias regionais, supervisores e equipes técnicas, todos(as) os(as) coordenadores(as)-gerais e assistentes pedagógicos dos Ciejas, a própria equipe da Dieja/SME, assim como pesquisadores da temática.

As falas giraram em torno das dificuldades e do movimento de resistência que compunham o universo da EJA na cidade, em especial do Mova, sobre a influência das ideias freirianas que ecoam nos dias atuais, apesar de sua morte.

Figura 32 − Encontros formativos dos gestores dos Ciejas da rede municipal de ensino de São Paulo − 13/3/2020



Fonte: Daniel Cunha/SME/PMSP (2020).
Nota: realizado no Cieja CL, em 13/3/2020, com a participação de Eda Luiz, coordenadora-geral do Cieja CL, durante 20 anos; Marilene Camargo e Iraci Ferreira Leite, lideranças do Mova; Pedro Pontual, presidente honorário do Conselho de Educação Popular na América Latina; e Roberto

Catelli, pesquisador da EJA e coordenador do Programa de Educação de Jovens e Adultos da Ação Educativa.

O período da tarde foi destinado à reunião entre a equipe da Dieja e os gestores dos Ciejas para afinar os encaminhamentos da confecção do livro dos centros. Inflamados pelas discussões e pelas interações do período da manhã, o grupo pontuou o quanto era importante a confecção desse material para divulgar o projeto na cidade.

Nessa reunião, ficou decidido o formato do livro e, em especial, os relatos que cumpriam o papel de homenagem a todos que participaram dessa luta. As partes da apresentação inicial, abrangendo o histórico do Cemes e a transição para os Ciejas, e a parte final, com uma carta-manifesto na perspectiva de desafios, seriam confeccionadas por representantes de vários centros, no formato de comissões. A "Carta ao leitor" seria feita pela Dieja, o espaço destinado para cada centro relatar sobre o que quisesse seria de 10 laudas e, no final da publicação, haveria uma lista com as principais informações e contatos de todos os Ciejas.

Figura 33 − Reunião do grupo de gestores dos Ciejas em conjunto com a Dieja/SME para a confecção do primeiro livro dos centros



Fonte: Diego Elias (2020)

Ao término da reunião, despedimo-nos da relação presencial, pois tanto o governo municipal quanto o estadual já haviam decretado que, na semana seguinte, adentraríamos no isolamento social por causa da covid-19, situação que perdurou um ano e quatro meses. Fomos pegos de surpresa pelo contexto do avanço avassalador da covid-19, no qual a rotina, os costumes, a maneira de viver foram

profundamente marcados pela necessidade de isolamento social. O que antes era apenas ficar em casa para garantir maior segurança acabou se arrastando para ser a maneira mais eficaz para que não houvesse contaminação por mais de um ano.

Depois de alguns meses, sem a perspectiva de retorno à rotina presencial e com os conflitos/tensões vivenciados no fato de os ambientes escolares se tornarem pontos de apoio para distribuição de cestas básicas e cartões de merenda e a necessidade da equipe gestora continuar presencial, mesmo em estado de insegurança pública, o diálogo entre os coordenadores-gerais do Cieja e a equipe da Dieja demorou a retornar. Ora por desencontro de informações sobre a volta ou não do atendimento presencial, ora por montar uma nova proposta de atendimento, ou por entender o que estava acontecendo.

Em meio a esse caos, foi pontuado, de maneira coletiva, que um dos públicos mais afetados pela pandemia era a população da EJA, assim como a vulnerabilidade dessa oferta de ensino. Pois, em época de corte de gastos, não poderíamos prever o que aconteceria no município, sendo o Cieja alvo de constantes precarizações.

A partir desse contexto, mesmo em situação de conflito social, o coletivo dos gestores dos Ciejas pontuaram a necessidade de nos esforçarmos em fazer o livro. Realizamos encontros virtuais, para que déssemos continuidade ao processo de impressão e lançamento, já que o mandato da gestão municipal acabaria no final do ano, e poderia ser que a próxima gestão e(ou) a equipe do Dieja não priorizasse essa edição. À medida que os grupos de trabalho confeccionavam suas escritas, eram marcadas reuniões de apresentação para que o restante dos gestores aprovassem o conteúdo.

O livro, fruto do esforço coletivo e organizado pela equipe pedagógica do Dieja,[6] ganhou o título de *Ciejas na cidade de São Paulo: identidades, culturas e histórias*. Foi lançado oficialmente pela SME no final de 2020 de maneira virtual, mas, por questões técnicas da gráfica, a versão impressa ficou pronta nos primeiros meses de 2021 (SÃO PAULO, 2020a).

A capa do livro foi baseada em um dos mapas desta pesquisa, que, de maneira assertiva, entrou de comum acordo como a afirmação de identidade do grupo, ao ter o seu Cieja representado ao mesmo tempo que demonstra a necessidade de mais centros na cidade. No prefácio, a equipe da Dieja assina a parte “Carta ao leitor”, que contém os desafios, o compromisso e a luta pelos direitos

[6] Milena Micossi, Thaís Cristiane Padilha, Adriana Fernandes, Cláudio Santana e Willians de Araújo.

à educação de jovens e adultos expressos nessa publicação. Na “Apresentação inicial”, é feita a exposição do funcionamento dos Ciejas a partir do seu histórico como Cemes e suas especificidades de atendimento, assim como a indicação dos cinco objetivos dos Ciejas, que são:

> I - proporcionar instância de mediação, não como único espaço educativo, que utiliza espaços e situações de aprendizagem intra e extraescolares, mas que reconhece e valoriza os conhecimentos que os jovens e adultos trazem da vida em sociedade, do trabalho e de outras circunstâncias;
> II - favorecer o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao contexto profissional e ao saber fazer, saber ser, saber aprender e saber conviver; III - realizar a inclusão configurada no princípio de igualdade, pilar fundamental de uma sociedade democrática e justa: a diversidade requer a peculiaridade de tratamentos para que não se transforme em desigualdade social;
> IV - considerar a diversidade da condição do estudante, atender às dimensões do desenvolvimento, acompanhando e facilitando um projeto de vida, desenvolvendo o sentido de pertencimento;
> V - propiciar meios adequados de acesso e permanência ao Ensino Fundamental e Itinerário Formativo aos Jovens e Adultos, em acordo com o disposto nas Constituições Federal e Estadual, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no Estatuto da Criança e do Adolescente, do Idoso, nas Diretrizes da Secretaria Municipal de Educação – SP, observadas, em cada caso, a legislação e as normas especificamente aplicáveis. (SÃO PAULO, 2020a, p. 7-8).

Em continuidade, há uma exposição da trajetória dentro dos decretos e das portarias oficiais dos Ciejas na seção “Sobre a história”. No tópico “Formação e diálogos”, é ilustrado o processo vivenciado nos itinerários formativos e na conquista do I Seminário de Práticas dos Ciejas. Por último, no subtópico “Fios da memória”, há uma homenagem de destaque para algumas pessoas que vivenciaram o projeto desde o início ou permaneceram durante muito tempo nele.

Os relatos na parte de homenagens ficaram a cargo de Eda Luiz, coordenadora-geral do Cieja CL de 1998 à 2018; Danielle Monello, na gestão do Cieja Aluna Jéssica Nunes desde 1999 aos dias atuais; Luís Carlos Mazzarolo, na gestão do Cieja Rosa Kazue de 1997 à 2002 e de 2005 aos dias atuais; Neide Zamboni, coordenadora-geral do Cieja Rose Mary Frasson de 2001 à 2017; Suely Leite Hatada, na gestão do Cieja Vila Maria/Vila Guilherme de 1996 à 2008 e de 2015 aos dias atuais; e Themis Florentino dos Santos, na gestão do Cieja Sapopemba.

Após os relatos de destaque, há o mapa de cada Cieja por diretoria regional, que culmina na representatividade exposta pelo grupo e que acabou virando símbolo do livro.

Na parte destinada ao desenvolvimento de cada Cieja, a regra era que cada centro optasse por contar a sua história ou relatar processos pedagógicos, atividades, era livre para decidir. A única regra a ser respeitada era sua parte caber em 10 páginas.

Os títulos dos artigo ficaram desta maneira: “Cieja Campo Limpo − um lugar à frente do seu tempo”; “Cieja Clóvis Caitano − um manifesto-história”; “Cieja Ermelino Matarazzo − a ressignificação dos espaços e o compartilhamento de saberes: um novo olhar sobre as práticas pedagógicas na educação de jovens e adultos”; “Cieja Francisco Hernani − práticas e desafios do Cieja Francisco Heranni na perspectiva de educação inclusiva”; “Cieja Iguatemi – histórico”; “Cieja Itaquera – de Cemes a Cieja Itaquera: um caminho repleto de desafios”; “Cieja Aluna Jéssica Nunes Herculano − do tijolo à aula *on-line*: uma história dialógica de construção de saberes”; “Cieja Lélia Gonzales − polo irradiador da educação da diversidade”; “Cieja Professora Marlúcia Gonçalves de Abreu − projeto de conhecimento, autonomia e reflexão: Marlúcia revisita o passado”; “Cieja Perus I − território educativos de lutas e resistência”; “Cieja Professora Rosa Kazue Inakake de Souza − uma comunidade de aprendizagem: construindo sentidos e significados”; “Cieja Professora Rose Mary Frasson − território da diversidade”; “Cieja Santana/Tucuruvi − o que fomos, o que somos e nossas construções para a EJA”; “Cieja Sapopemba − história e memória: anos de luta na construção de uma educação popular”; “Cieja Emílio Vanzolini − diversidade e resistência”; “Cieja Vila Maria/Vila Guilherme − Ciejópolis a metrópole do saber”.

Os “Grandes desafios dos Ciejas” ficaram como parte final do livro, em uma espécie de manifesto-anúncio, no qual se defende que a modalidade necessita ser repensada e defendida como base de seu público que necessita de novas oportunidade acolhedoras para a conclusão de seus estudos. As provocações reflexivas giram em torno dos subtópicos “Ciejas: educação para todos”; “Preparando para o mundo do trabalho: integração a outras etapas e modalidades”; “O exercício da cidadania”; “Pleno desenvolvimento da pessoa: o desafio das metodologias para a EJA”; e “Acesso, permanência e direito à aprendizagem”.

Após as referências bibliográficas, fica a lista de contatos de cada Cieja, com nome do coordenador-geral, telefone, endereço, *e-mail*, redes sociais e de qual diretoria regional cada um faz parte.

Durante a fase de lançamento do livro, ainda estávamos com o isolamento social na cidade e, por isso, não era possível realizar comemorações ou qualquer evento que pudesse valorizar o lançamento com o encontro das pessoas. Nesse sentido, para colocar a divulgação do livro como um momento importante para os Ciejas, foi escolhido a realização de uma transmissão remota ao vivo como marco temporal de novos tempos para os centros na cidade (LIVE, 2020).

Figura 34 − Material de divulgação e registro da *live* de lançamento do livro *Ciejas na cidade de São Paulo: identidades, culturas e histórias* − 9/12/2020



Fonte: Live (2020).

O evento *on-lin*e foi elaborado em reunião coletiva pelos representantes dos Ciejas em comunhão com a equipe da Dieja, na qual a opção vencedora foi a de blocos temáticos, para que essa ação fosse complementar ao processo de escrita do livro, cumprindo o papel de registro histórico em audiovisual dessa trajetória.

Com direito a intérpretes de libras durante o evento, o primeiro bloco temático foi intitulado “A necessidade de um registro histórico impresso”, sendo representado por este pesquisador, à frente do Cieja Campo Limpo; Danielle Monello, coordenadora-geral do Cieja Aluna Jéssica Nunes; Edgar Alves, do Cieja Sapopemba; e Mercy Medeiros, do Cieja Itaquera. O segundo bloco foi “O processo histórico do Cemes ao Cieja” e contou com a participação de Eda Luiz, gestora do Cieja CL durante 20 anos; Luiz Carlos, do Cieja Rosa Kazue; Eli Vancini, do Cieja Iguatemi; Marcos Eça, do Cieja Vila Maria/Vila Guilherme; e Enéias Cavalcante, do Cieja Ermelino Matarazzo. O terceiro bloco foi o “Cieja nos dias atuais”, com Elizabeth, do Cieja Lélia Gonzales; Gisele Mauro, do Cieja Marlúcia Gonçalves; Maria Adélia, do Cieja Paulo Emílio Vanzollini; e Sheila Coelho, do Cieja Perus. O último bloco, “Quais os desafios dos Ciejas”, culminou com o esforço do livro, com Antonia Nogueira, do Cieja Francisco Hernani; Ewerton Menezes, do Cieja Clóvis

Caetano; Flávia de Almeida, do Cieja Rose Mary Frasson; e Patrícia Hypólito ,do Cieja Santana/Tucuruvi.

Mesmo ocorrendo na pandemia, no final do ano e concorrendo com outras *lives* no ambiente virtual, o evento de lançamento do livro contou, no momento da transmissão, com um público de mais de 400 pessoas.[7] Nos comentários, manifestaram-se pessoas de outros estados brasileiros, de escolas municipais, educandos, professores e funcionários dos diversos Ciejas, supervisores, pessoas de diferentes diretorias regionais e pesquisadores da temática. O impacto direto do vídeo foi levado para as suas comunidades de origem, e o indireto é que ambos os materiais, o livro impresso/digital e o vídeo, se constituíram como base divulgadora constante do universo histórico dos Ciejas, servindo para consulta, para pesquisas, tanto para seus participantes quanto para a rede de ensino no geral.

3.3 Diálogo com um grupo de gestores para apreensão da prática pedagógica diversificada do Cieja na cidade

A pandemia de covid-19 modificou consideravelmente a relação com o cotidiano, e com a pesquisa não foi diferente. Mesmo com as relações dentro do ensino sendo conturbadas com a questão remota, a educação à distância e a infinidade de vulnerabilidades sociais vivenciadas, decidimos realizar as entrevistas em ambiente virtual e/ou em momentos de maior segurança nos recessos escolares. Das sete entrevistas, cinco foram presenciais e duas em ambiente virtual.

As entrevistas tornaram-se necessárias devido ao fato de percebermos que, se não houvesse a aproximação com os coordenadores-gerais, no movimento de segurança, as informações seriam comprometidas ou, se fossem realizadas somente em formato de questionário, estariam limitadas; do mesmo modo, o reconhecimento de cada Cieja com sua subjetividade na relação com o seu território, seus funcionários, seus professores e seus educandos.

Tendo em vista esse contexto, realizamos sete[8] entrevistas com foco nos Ciejas, sendo seis para o entender o seu funcionamento, nos seguintes locais: Cieja Freguesia do Ó – Rose Mary Frasson; Cieja Guaianazes − Profa. Rosa Kazue

[7] Em julho de 2022, o vídeo contava com 1.694 visualizações.
[8] Foram entrevistados 07 coordenadores gerais, pois a entrevista que realizei com Dona Eda cumpriu a função de ser a história do Cieja CL e a partir do movimento dos Ciejas pela cidade no movimento de resistência, tendo em vista que ela estava como ex-coordenadora geral e eu como atual gestor.

Inakake; Cieja Butantã − Aluna Jéssica Nunes Herculano; Cieja Cambuci − Paulo Emílio Vanzolini; Cieja Parelheiros − Lélia Gonzales; Cieja Santo Amaro − Francisco Hernani; e Cieja Ipiranga − Clóvis Caetano Miquelazzo. Além dessas, realizamos uma entrevista com a Dona Eda, para registrar o processo histórico da transição do Cemes para o Cieja.

Os Ciejas foram escolhidos a partir das análises do questionário dos Ciejas aplicado em 2019, dos processos históricos vividos na mudança de Cemes para Cieja, de diretorias regionais distantes, da mesma diretoria regional e um dos menores em número de matrículas e por serem representantes de todas as zonas da cidade.

Quadro 1 − Entrevistas dos Ciejas − 2020/2021

Cieja	Diretoria regional a qual pertence	Localização na cidade	Ano de inauguração
Cieja Guaianazes – Profa. Rosa Kazue Inakake	Guaianazes	Zona Leste	1996
Cieja Santo Amaro – Francisco Hernani	Santo Amaro	Zona Sul	1996
Cieja Cambuci – Paulo Emílio Vanzolini	Ipiranga	Zona Central	1996
Cieja Campo Limpo[9]	Campo Limpo	Zona Sul	1998
Cieja Butantã – Aluna Jéssica Nunes Herculano	Butantã	Zona Oeste	2000
Cieja Ipiranga – Clóvis Caitano Miquelazzo	Ipiranga	Zona Sul	2000
Cieja Freguesia do Ó – Rose Mary Frasson	Freguesia/Brasilândia	Zona Norte	2002
Cieja Parelheiros – Lélia Gonzales	Capela do Socorro	Zona Sul	2004

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

As entrevistas cumpriram vários objetivos. Entre os quais, apreender minimamente as relações estabelecidas na história do Cieja, analisar o papel da equipe gestora com o movimento de transição de Cemes para Cieja, especificar

[9] Neste ponto, realizei como gestor do Cieja CL o preenchimento do questionário, auxiliado pela equipe gestora da unidade.

parcerias, verificar a dinâmica do grupo de professores, assim como aferir o diálogo com a diretoria regional.

Expomos inicialmente, por ordem decrescente em relação ao número de alunos, que o Cieja CL está alojado em dois sobrados alugados, com os cômodos adaptados, próximo ao centro do Capão Redondo e da estação do metrô. Ele conta com 1.547 educandos e 44 professores. Suas parcerias estão em torno do ambiente cultural, da assistência social, da saúde, de ONGs, de empresas e de instituições de ensino.

O Cieja Freguesia do Ó – Rose Mary Frasson está em um prédio comercial de três pavimentos, com várias salas pequenas, em uma das grandes avenidas entre a Brasilândia e a Vila Nova Cachoeirinha. Conta com 1.370 alunos e 26 professores, bem como tem parcerias de grupos culturais.

O Cieja Guaianazes − Rosa Kazue Inakake está em um prédio comercial que antigamente era uma grande loja de doces e, desde o Cemes, tem suas salas constituídas por divisórias de *drywall*, no centro de Guaianazes, próximo à estação do trem. Possui 1.100 matrículas e 25 professores. Suas parcerias giram em torno da assistência social, de escolas ao redor e de instituições da área da saúde.

O Cieja Butantã − Aluna Jéssica Nunes está acomodado em uma casa alugada, com os cômodos internos e externos adaptados, às margens da Rodovia Regis Bittencourt. Tem 900 educandos e 25 professores. Suas parcerias são com instituições de ensino, a assistência social e a Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente.

O Cieja Cambuci − Paulo Emílio Vanzolini está localizado nas dependências de uma antiga gráfica da prefeitura, no centro do Bairro do Cambuci e, assim como o Cieja Guaianazes, desde o Cemes, possui divisórias de *drywall* para a repartição das salas. Conta com 670 educandos e 19 professores. Suas parcerias estão concentradas no aumento do vínculo com a comunidade ao redor e a assistência social.

O Cieja Parelheiros − Lélia Gonzales está em região central em Parelheiros, no meio da Praça do Trabalhador, em um prédio da Secretaria do Trabalho, que estava abandonado. Possui 612 matrículas e 18 professores. Suas parcerias são com assistência social, saúde e grupos culturais.

O Cieja Santo Amaro − Francisco Hernani está em um quarteirão composto por escolas e tem o espaço concedido a partir da divisão de uma Emef, atrás do

Shopping Interlagos. Possui 400 matrículas e 20 professores. Suas parcerias são com a assistência social.

O Cieja Ipiranga − Clóvis Caitano divide instalações prediais com a UBS Parque Bristol, ambas nas dependências de um dos antigos sacolões municipais do bairro, próximo ao Zoológico de São Paulo. Conta com 400 e 13 professores. Suas parcerias estão na assistência social, na saúde, em grupos culturais e na associação de moradores.

Apreende-se, desse universo e das especificidades encontradas, que, dos sete Ciejas entrevistados, três adotam o sistema de área de conhecimento; possuem a maior quantidade de tempo dos gestores no centro e a menor quantidade de trocas de coordenadores-gerais; participaram ativamente da construção do processo de transição de Cemes para Cieja, na construção do projeto Cieja em 2008; e estiveram à frente das reuniões no combate ao fechamento dos centros nos anos de 2007 e 2012.

Essas características apresentadas demonstram o que é a cultura do Cieja, em sua subjetividade. Além de ser construída nas relações cotidianas, também é fruto do seu processo histórico, que, em diversos momentos, se estabelece em relações de trocas coletivas e na junção do que cada um desenvolve.

Outra perspectiva que reforça esse panorama é que, dos sete Ciejas, apenas dois responderam que a diretoria regional tem atenção para a especificidade do seu centro. Cinco colocaram que poucos são auxiliados nas demandas específicas, seja em formação da EJA ou nas demandas particulares das questões enfrentadas.

Percebemos que o processo de isolamento social e suas respectivas consequências incidiram de maneira brusca no universo de pesquisa, já que comparamos a queda brutal do número de matrículas, o tensionamento do ensino remoto, a falta de comunicação institucional e a falta de horizontes no ambiente de trabalho. Além das ordens da SME constituindo o ambiente escolar como ponto de apoio das demandas sociais, sendo isso realizado não em processo formativo e/ou de maneira gradual, mas sim dentro das possibilidades que as pessoas dentro da rede conseguiam fazer, a medida em que descobriam formas de superar os desafios cotidianos.

Tendo em vista esse panorama, partimos do pressuposto que o foco da pesquisa passaria pelas relações e como os diversos nós nas múltiplas camadas se

estabeleciam no território enquanto territorialidade constituinte da luta da EJA dentro dos Ciejas, em especial do Cieja CL.

Tendo a relação de pensar o Cieja na cidade desfocada a partir do contexto da pandemia, investimos no diálogo interno, dentro do Cieja CL, com nossa comunidade, para pensar o ambiente escolar enquanto função social e identificarmos, através do Cieja CL, como esse projeto conseguiu sobreviver e se destacar na cidade, como o Cieja CL se constituiu como território de um processo educacional alternativo, assim como convergiram essas energias.

CAPÍTULO 4

ISTO É UMA ESCOLA? O CIEJA CL COMO POTÊNCIA NA ZONA SUL DA CIDADE DE SÃO PAULO: UM AVANÇO GEOGRÁFICO

> Cada vez mais tenho presente em minha mente a imagem de uma escola cujo centro e origem seja algum tipo de atividade verdadeiramente construtiva, em que o trabalho se desenvolva sempre em duas direções: de um lado, a dimensão social dessa atividade construtiva e, de outro, o contato com a natureza que lhe proporciona sua matéria-prima.
>
> (John Dewey)[1]

4.1 Que bom que você está aqui! Seja bem-vindo(a)!

Escrever sobre o Cieja CL necessariamente requer falar sobre os espaços de aprendizado ao longo de sua história,[2] inclusive na atualidade.[3]

Com as coordenadas 23°39’33’’S e 46°45’49’’O, nas vertentes da Microbacia Hidrográfica do Córrego Morro do S,[4] que faz parte da Bacia Hidrográfica do Rio Pinheiros, entrecortado pela Estrada de Itapecerica, Avenida Carlos Caldeira, com ligações para o fundão da Zona Sul, Santo Amaro, Jardim São Luís, na centralidade

---

[1] Dewey ([1894] 1971), em sua trajetória, defendeu que a escola deve ser vista como a relação do processo da vida-experiência e a necessidade de uma teoria da experiência para repensarmos a escola tradicional em busca de uma educação “nova” ou progressista.

[2] Facilitaria muito ter o recurso visual em fotografias para exemplificar o texto nessa parte, todavia o Cieja CL é entendido não somente por palavras, discursos ou imagens, é proposto para quem quer conhecê-lo e vivenciar a sua experiência complexa, e este texto tem a intenção de elencar os pontos principais para a construção de um caminho específico. Nos anexos, há um conjunto de fotos que deverá ser acessado após a leitura desta parte, em conjunto com os relatos de experiências de quem está conectado ao Cieja de alguma maneira, pois escrita, pensamento, ideias, contradições e imagens podem nos aproximar da trajetória de 25 anos do centro, já que, para entendê-lo, requer *tempo.*

[3] Para facilitar, nesse momento, a visualização do centro, ler novamente as primeiras páginas do texto **“**Andar, viver, aprender, e aprender a viver andando: perambulações”, na parte introdutória deste trabalho.

[4] Para maiores informações sobre esse recorte geográfico, ver Fundação Centro Tecnológico de Hidráulica (2016).

do Capão Redondo, com acessos aos municípios de Itapecerica da Serra, Embu das Artes e Taboão da Serra, com a recente ligação com o restante da cidade pelas vias do metrô, o cotidiano do Cieja CL é alimentado pelas informações da cidade, dos apertos do transporte público, do trânsito, do mercado de trabalho, das vivências diárias de diaristas, de pedreiros, de cuidadoras, de babás, de desempregados de pessoas que lutam pela sobrevivência e identificam o centro como alternativa para acessar o mundo letrado de maneira digna e, quando se deparam com as maneiras de acolher a quem chega, têm contato com uma educação da qual foram excluídos.

Hoje, o Cieja CL está situado na Rua Cabo Estácio da Conceição, nº 176, no Parque Maria Helena, no Capão Redondo, próximo à Estação Capão Redondo do metrô, perto da Estrada de Itapecerica, no segundo farol após a estação, sentido Santo Amaro, subindo à direita na Clinisul, na segunda, rua deve-se virar à direita novamente, na rotatória.[5] Em uma rua residencial, de terrenos grandes, em comparação com o restante do Capão Redondo, em um bairro que ainda hoje guarda a lembrança visual de ter feito parte das proximidades da antiga fazenda dos adventistas (HOSOKAWA, 2001). Em uma rua estreita, que teve o sentido do trânsito modificado, em via de mão única, devido a solicitação do próprio Cieja CL junto aos órgãos competentes, para aumentar a segurança na saída dos alunos, inclusive para os alunos com deficiência que utilizavam o transporte escolar gratuito.

Muitas pessoas que vão ao centro e receberam somente a indicação do nome da rua e do número, por buscarem uma escola segundo seu imaginário prévio, um prédio com muro alto e portão grande, e não o encontrarem na rua, normalmente passam mais de uma vez em frente e são obrigadas a perguntarem para pessoas na rua, para, finalmente, encontrá-lo.

É interessante destacar que o Cieja CL se abre a partir da perspectiva que cada um adentra, seja lá qual for o motivo pelo qual foi levado a procurá-lo, como, por exemplo, por indicação na matrícula por alunos, funcionários, professores, pela prestação de serviços, pela procura de emprego (muitas acham que é uma ONG ou uma associação), por convite para participar de alguma atividade como palestrante ou oficineiro, por curiosidade, pois ficou sabendo do trabalho desenvolvido, por foco de pesquisa ou para o desenvolvimento de alguma parceria.

[5] Essa é a clássica indicação para todos aqueles e aquelas que ligam para a secretaria do Cieja CL pedindo informações ou são indicados por amigos e familiares a irem ao centro.

Todos as expectativas são confrontadas com a realidade encontrada, todas as perspectivas *a priori* do imaginário de escola e toda a concepção que vem junto ao termo escola, como barulho, sinal, correria, prédios frios, grandes portões, grades espalhadas por todos os lugares. As pessoas, quando se deparam com a maneira física em que o Cieja CL está representado, fazem, a todo momento, o questionamento sobre o fato de ser uma escola ou não. Depois da entrada, a apreensão e o entendimento dos espaços se dão pelo tempo, pelas experiências vivenciadas e pela constante curiosidade em ir conhecendo cada cantinho e o seu significado histórico. Mas ninguém se furta de se perder pelos espaços nos primeiros dias de convivência.

Cada canto, cor, detalhe, objeto é uma relação direta do processo histórico entre a estrutura construída e o seu tensionamento do uso pedagógico, que ganhou força pelas transformações ao longo do tempo, em uma ação coletiva num bailar entre perguntas e respostas de usos e sentidos de ser.

Hoje, o Cieja CL ocupa dois sobrados alugados pela PMSP, com características totalmente diferentes, que compõem o "viver" no centro.

O sobrado 1, ou casa 1, ou simplesmente parte de cima, está situado dentro de um terreno de 10 metros de frente, que vai se alargando aos poucos por 50 metros de fundo.

A entrada se dá por um portão social marrom da casa ou, dependendo do uso ou da intensidade do fluxo pelo horário, acontece pelo portão que seria a garagem. A primeira porta logo após a entrada, que é no nível da rua, foi adaptada a partir de uma garagem, que já foi sala de aula e secretaria e, desde 2008, com o auxílio da ONG Give (Grupo Itinerante de Voluntariado Elementar), está como a Biblioteca Comunitária Eda Luiz,[6] com 8 mil livros, em que educandos, funcionários, familiares, professores e vizinhos podem retirar livros por empréstimo.

Aconchegante, reformada e com o apoio, a biblioteca desperta curiosidade devido ao fato de, por fora, ninguém imaginar o uso do espaço por detrás da porta. As cores, os móveis, a organização encanta o público no geral. A biblioteca também cumpre a função de passagem de cadeirantes ou pessoas com dificuldade de

[6] No projeto original, não estão previstas bibliotecas para os Ciejas. Contudo, todos conseguiram, com luta em sua comunidade, organizar um espaço para livros e montar suas bibliotecas próprias. Hoje, com uma biblioteca estruturada, o Cieja CL conta com o envio de livros pela PMSP.

locomoção, já que, nos fundos, na antessala, há uma conexão/acesso com as salas de LC e CH, sem precisar descer ao nível da secretaria e subir dois andares.

Quem desce a rampa passa pela experiência de ver um corredor de 3 metros de largura e 20 metros de profundidade, que desemboca no jardim, e sua composição da parte esquerda tem 1,60 m de altura e um formato de degrau conforme a descida. A parede com o fundo verde e cheia de grafites[7] com os nossos valores, e as plantas chamam a atenção.

A parede da direita começa com pedra mineira e, quando chega ao nível da biblioteca, tem janelas de vidro que compõem uma parede de vidro, permitindo que quem estiver dentro da biblioteca possa ver o corredor. Esse corredor de entrada tem o ornamento quase que em sua totalidade de um pergolado de madeira e uma cobertura, em frente à secretaria, de telha colonial com duas caídas, tem seis bancos de concreto de aproximadamente 2 e 3 metros com revestimentos brancos e bases coloridas.

Tanto os bancos quanto os pergolados foram construídos em tempos diferentes, conforme a necessidade. O pergolado mais antigo veio da necessidade de elevar e sustentar as plantas, que já estavam dificultando a passagem das pessoas. Os bancos vieram da necessidade de acolher todos e permitir que, quando estiverem no centro, poderem ficar até mais tarde, chegar mais cedo, esperar alguém, contemplar a natureza, ver o fluxo de pessoas e o pôr do sol, sentir-se bem.

Na estrutura do telhado em frente à secretaria, uma placa recepciona a todos que chegam ao centro com os dizeres: “Que bom que você está aqui”. Ao lado, acompanhado, a inscrição “Cieja CL”, de azulejo, na técnica de mosaico.

Na direita, após a entrada da secretaria, dois grafites especiais, que foram feitos por parceiros e estão ali há muitos anos: uma máscara africana, com a escrita “Falas?”; e, ao lado, “Indaba”, que, no idioma zulu, significa reunião entre guerreiros.[8]

---

[7] A primeira contribuição com grafites no Cieja CL foi proporcionada por Anderson Buiú, do Projeto Viela, que, na época, estudava no centro e contribuía com suas intervenções.

[8] “**indaba** (Xhosa: ǐⁿɖa:ba) é uma grande conferência organizada pelos Zulu e Xhosa izinDuna (‘chefes’) do sul da África. As mesmas práticas existem entre os suazis que usam o cognato *indzaba*. Indabas podem incluir o único izinDuna de uma comunidade, ou podem dizer respeito aos líderes de outras comunidades.

O termo existe nas línguas Zulu e Xhosa. Significa ‘negócios’ ou ‘assunto de interesse’.

O termo é usado hoje no sentido de ‘conferência’. Assim, um *Indaba* acontece todos os anos na África do Sul. É uma reunião de todas as partes interessadas no setor do turismo na África, um dos três principais eventos de marketing turístico no calendário global e o maior da África, atraindo milhares de delegados, visitantes e representantes da mídia de todo o mundo.” (INDABA, [2023]).

O chão em formato de blocos de cimento, que imita a composição de paralelepípedo, e um conjunto de plantas (primavera, espada-de-são-jorge, quebra-demanda, hera, jiboia, samambaia, chifre-de-veado etc.) fazem com que esse corredor seja chamado de um “portal”, que prepara a entrada de todos e os sintoniza com o “vir a ser” dos momentos posteriores, em especial, nos dias ensolarados. A partir das 16 horas e 30 minutos, completam a composição do quadro até o anoitecer, com o pôr do sol, as árvores do Parque Santo Dias, o Morro do S, a vista das comunidades ao redor e uma parte da Estação Capão Redondo.

Uma política colocada em prática por Dona Eda desde o início da locação e sustentada até hoje é manter os portões abertos das 7 horas até as 22 horas e 30 minutos, o que faz com que todos adentrem sem serem direcionados. Vão achando onde é a secretaria ou vão conhecendo o centro diretamente pela espontaneidade, sem restrição, nem grade, campainha ou porteiro.

Desde a entrada, pode-se acessar as dependências da casa 1, o piso amarelo,[9] o jardim, o piso azul, os ambientes construídos no fundo do primeiro terreno, que fazem parte da primeira casa, e as dependências da segunda casa.

A secretaria, que já foi sala de aula, hoje, está dividida por um balcão de atendimento feito de tijolinho à vista e, na parte de cima, por vidro na lateral e uma porta de madeira dividida ao meio, para deixar aberta a parte de cima e aumentar o espaço de atendimento. As laterais são ocupadas pelos arquivos, que, do lado esquerdo, são móveis feitos de ferro e, na direita, são prateleiras de ardósia sustentadas por paredes de alvenaria.[10] A parede ao fundo tem uma árvore artesanal que é símbolo[11] do Cieja CL e foi confeccionada pelas pessoas da secretaria. A disposição dos móveis foi adequada ao fluxo de trabalho, com três computadores e quatro lugares distribuídos em duas mesas grandes entre a passagem no fundo da sala e próxima aos arquivos. Aos fundos, ficam mais duas mesas e o acesso ao chamado arquivo (almoxarifado) da secretaria.

[9] Piso amarelo, piso azul e piso verde foram decididos em assembleias para diferenciar espaços de aprendizagem no centro.
[10] Em fevereiro de 2023, o número de matriculados ao longo dos 24 anos estava em 19.976. O grupo estava pensando na comemoração da matrícula número 20 mil.
[11] A comunidade ciejense, em 2009, discutiu qual seria o símbolo que melhor representa o Cieja CL, a árvore foi escolhida para abarcar uma multiplicidade de significados, como ser fertilizada, ter semente, raiz, tronco, galhos, folhas e frutos, demonstrando as potências do centro.

Na segunda parte do corredor de entrada, à frente, abre-se o espaço que é intitulado de “diagnóstico”,[12] que contém cadeiras individuais com apoio para quem estiver fazendo o processo de matrícula, para preencher a ficha cadastral e realizar o diagnóstico.[13] À esquerda, é a sala de recursos multifuncionais (SRM) que faz o atendimento especializado para os(as) educandos(as) com deficiência.[14] Essa sala já foi almoxarifado, sala de reuniões, sala de reforço, hoje, tem TV 60 polegadas e móveis destinados a pessoas com deficiência. Anexo a essa sala está o *hall*, com ligação para a secretaria, o banheiro desse pavimento e a escada com acesso à parte de baixo, às salas de acolhimento, de Linguagens e Códigos (LC) e CH, à biblioteca e aos banheiros[15] dessas respectivas salas. As salas de LC e CH são muito semelhantes, com mesas sextavadas, piso de madeira e seis janelas, que possibilitam a vista para as laterais, a parte do jardim e o fundo do terreno da primeira casa.

Vale ressaltar que a vista da sala de CH, pelos sobrados estarem em uma encosta, permite uma ampla visão das favelas ao redor do Morro do S, do Parque Santo Dias e da Estação Capão Redondo.

Ao lado da sala de CH, há uma sala pequena, que serve para apoio pedagógico, atendimento e guardar material, e, ao lado, a sala intitulada de “depósito 1”, que guarda todo o material de eventos e pedagógicos.

Entre os andares de LC e CH, existe uma parte da casa especial que extrapola o sobrado em uma curvatura sobressalente, que foi utilizada como jardineira, e uma janela curva, que possibilita ver o corredor de entrada por cima do pergolado, receber iluminação diária e ter uma vista privilegiada da região tanto de dia quanto de noite.

---

[12] Esse é um dos pontos fortes do sucesso do Cieja CL perante sua comunidade, pois toda a matrícula passa por uma avaliação para obter informações sobre aprendizagem do(a) educando(a) para que ele(a) seja matriculado(a) de acordo com suas especificidades e necessidades nos agrupamentos produtivos, fazendo com que jovens e adultos sintam segurança ao voltar a estudar, em um local que acolherá suas dificuldades e potencializará suas facilidades.

[13] Outra conquista do Cieja CL é confeccionar uma ficha cadastral, que, além dos dados individuais da documentação, também realiza perguntas como “qual é o seu sonho” etc.

[14] É importante ressaltar que o trabalho pedagógico relacionado a pessoa com deficiência na fase adulta deve considerar fatores importantes, entre eles, os motivos que a fizeram parar, em sua maioria, o sofrimento de exclusões sofridas na escola regular, a dificuldade de a família fazer o acompanhamento, assim como os tensionamentos do processo de aprendizagem que não conseguia oferecer as especificidades necessárias. Por isso, o Cieja CL, ao longo dos seus 25 anos, constrói conhecimento e alternativas no atendimento para repensar esse cenário.

[15] Os banheiros no Cieja CL não têm divisão de masculino, feminino ou outra divisão por cargo e ocupação. Todos utilizam o mesmo banheiro, fazendo com que todos tenham de cuidar do espaço, sem privilégios. Todos devem partilhar o que o centro oferece.

Após a segunda porta, descendo o corredor de entrada, existe o piso amarelo, e seu acesso se dá por uma rampa. Ele é composto por duas paredes de balaústres e fechado em dias de frio e/ou chuva com toldos de lona amarela e um quadrado transparente no meio. A cobertura de telha de zinco, do tipo sanduíche, faz com que a temperatura do local fique controlada. A parede lateral à direita tem espelhos grandes, que dão a profundidade replicada da natureza, do espaço, dos grafites e coloca quem entra sempre no movimento de, após olhar tudo externamente, poeticamente, se olhar dentro desse contexto. Depois de adentrar o espaço, ser surpreendida pela vista e ficar alguns momentos a contemplá-la, a pessoa se vira e se depara com os grafites de Marielle Franco[16] e Tula Pilar,[17] plantas de origem africana, representação de favelas e grafismos indígenas feitos em oficina pelo artista Alex Zudão,[18] com tinta de terra da região.

A configuração do piso amarelo se torna tanto um terraço de observação do pergolado a partir de cima, com destaque para o crescimento da primavera, o espaço central do jardim, a sala dos professores, a coordenação pedagógica, a cozinha, a direção, a sala de liberdade do terreno dos vizinhos e do Morro do S, quanto um local para o desenvolvimento de atividade pedagógicas, de parcerias, assim como para reuniões ou, simplesmente, para ficar descansando.

Para a comunidade se acomodar, temos 11 bancos que cabem três pessoas cada e deixam o espaço pronto para a realização de qualquer atividade para até 33 pessoas. Ficam fixos no piso os tatames coloridos de EVA, utilizados principalmente

[16] “Marielle Franco é mulher, negra, mãe, filha, irmã, esposa e cria da favela da Maré. Socióloga com mestrado em Administração Pública. Foi eleita Vereadora da Câmara do Rio de Janeiro, com 46.502 votos. Foi também Presidente da Comissão da Mulher da Câmara. No dia 14/3/2018 foi assassinada em um atentado ao carro onde estava. 13 Tiros atingiram o veículo, matando também o motorista Anderson Pedro Gomes.” (INSTITUTO MARIELLE FRANCO, [2023]).

[17] Tula Pilar Ferreira, guerreira, mãe, poetisa, mulher preta, parceira do centro em atividades como Festival Literário do Cieja CL, Seminário Étnico-Racial, encontro com a autora, oficinas de dança, artesanato e desfile. “[...] uma das grandes poetas de São Paulo [...]. [...] Ex-empregada doméstica, babá e cozinheira, não aguentava calada os abusos cometidos pelas patroas que passaram por sua vida, e encontrou na poesia a ferramenta de expressão da sua trajetória e combate às opressões. [...] A artista, que ganhou reconhecimento por participar e organizar saraus na periferia de São Paulo, trabalhava de forma independente com sua poesia e como vendedora da revista Ocas. Além disso, publicou os livros ‘Palavras Inacadêmicas’ (2004), ‘Sensualidade de fino trato’ (2017), e participou do ‘Negras de Lá, Negras Daqui’, lançado em fevereiro deste ano” (CAETANO, 2019).

[18] Artista da cidade de Taboão da Serra, especializado em grafites feitos com terra, carvão e plantas. Sua proposta é trabalhar com matéria-prima da região e, através de oficinas, passar o conhecimento ancestral da importância de onde moramos, vivemos e interagimos.

pela parceria com o Instituto Olga Kos (IOK),[19] que realiza oficinas de *taekwondo* e de artes para educandos com deficiência ou para alguma atividade corporal.[20]

A história do piso amarelo representa o processo dos tensionamentos do processo de juvenilização na EJA e no Cieja CL. Com o aumento de adolescentes no centro, o cotidiano foi modificado por eles, que queriam cabular aulas, brigas, muitas saídas da sala. Assim, Dona Eda faz uma reunião com todos os adolescentes para saber por que eles não estavam interessados:

> — O que vocês querem do Cieja CL? [Dona Eda]
> — Nada! [Adolescentes]
> — Como nada?
> — Nada! Queremos ficar de boa! Mexendo no celular, sem ninguém para encher o saco!!!
> — Nada mesmo? E se eu arrumar um lugar para vocês não fazerem "nada", vocês ficam?
> Um olhou para o outro sem saber ao certo o que estava acontecendo e respondem:
> — Sim!
> — Então me aguardem! (DONA EDA, 2021).

Pouco tempo depois, Dona Eda conseguiu doações de empresários parceiros e fez o terraço, que, hoje, é o piso amarelo.[21]

Descendo o corredor de entrada após o acesso do piso amarelo, no final da rampa, há uma primavera-roxa, plantada por Dona Eda com o pensamento de trazer a cor e a beleza da natureza para o Cieja CL. Quando cheguei ao centro, a primavera estava no processo de crescimento e, como é um arbusto com galhos lenhosos e espinhosos, era frequentemente guiada com cabos de aço para que pudesse se apoiar em algo. No período de transição, quando entrei em contato com a história do centro, tive, como uma das primeiras medidas, solicitar a confecção de um pergolado para que ela tivesse apoio e, hoje, a ideia do prolongamento do pergolado, que vai até a biblioteca, é forrar e apoiar plantas, árvores e arbustos,

---

[19] O IOK realiza atividades no Cieja CL desde 2012, dando apoio aos nossos educandos com deficiência. Fundado em 2007, o IOK "é uma associação sem fins lucrativos, que desenvolve projetos artísticos e esportivos aprovados em leis de incentivo fiscal, para atender, prioritariamente, crianças, jovens e adultos com deficiência" (INSTITUTO OLGA KOS, [2023]).

[20] Desde aquecimentos, oficinas de eutonia a, simplesmente, brincadeiras das crianças.

[21] De tanto Dona Eda contar essa história, em especial no ano de 2016, quando vai no último programa chamado *Esquenta*, da Rede Globo, apresentado por Regina Casé, com a presença de Caetano Veloso, Gilberto Gil, entre outros, em rede nacional, no domingo à tarde, aparecem mais parcerias, como de Carlinhos de Jesus, dançarino, que se comprometeu a equipar o piso amarelo com espelho, barras, telhado e possibilitar aulas de balé para crianças e adolescentes da comunidade, inclusive ele foi ao Cieja CL inaugurar o piso amarelo.

para que se complete o corredor em formato de túnel verde de acolhimento com todas elas.

Virando à direita, encontramos o piso azul e, ao fundo, a sala de acolhimento, que já foi sala de informática e sala de reunião para o grupão. Ao lado, uma porta de ferro que dá acesso para o corredor lateral oposto ao da entrada, para os contêineres de reciclagem e para o local com armário para as “meninas” da limpeza.

O piso azul é um espaço com uma centralidade significativa, pois ele foi, durante muitos anos, o principal espaço de encontro, reuniões, apresentações, assembleias, formaturas, festas, exposições, palestras do Cieja CL. Ele é um patamar com visão da rampa do corredor de entrada, do jardim, da rampa para a liberdade, da rampa e da escada para a cozinha. É o caminho para a cozinha, para a sala dos professores, para a sala da coordenação pedagógica, para a direção e para o acesso a casa 2. Estar no piso azul é estratégico por permitir que todos possam se olhar e dar atenção às atividades desenvolvidas.

Hoje, com a cobertura e a proteção do piso amarelo, o piso azul cumpre a função de abrigo durante a chuva. Com os bancos de alvenaria e de madeira e os apoios das mesas, é parada obrigatória para aqueles que chegam cedo ou estão esperando outras pessoas. É palco para o teatro dos professores,[22] apresentações de final de rodízio, apresentações musicais, intervenções culturais, exposições de artistas locais e visitantes nos dias dos eventos temáticos.

Uma composteira, um reservatório que armazena água da chuva, pinturas dos educandos nas paredes, plantas, palavras como amor, alegria, assim como grafismos negros e indígenas completam o cenário.

[22] No Cemes, existiam apresentações de aulas-temas, que eram o momento em que professores preparam aulas expositivas elaboradas a partir de algum tema das apostilas. Somado ao momento dos sopões e lanches comunitários, era a hora da diversão. Logo se “encorpou” pela necessidade de apresentações artísticas pelos professores e virou momento de teatro, inclusive com a elaboração de cenário. Desde então até os dias atuais, é tradição o grupo de professores encenar peças, muitas autorais, a partir de temas atuais ou que estão ou serão abordados em sala. A peça *Acorda, Raimundo... Acorda!* é encenada há muitos anos e é uma das principais que o grupo encena logo no começo do ano. “Baseado na radionovela de José Ignácio Lopez Vigil e com direção de Alfredo Alves, *Acorda Raimundo...Acorda* é um curta-metragem de 1990, com duração de 16 minutos, aborda as relações de gênero no Brasil. Paulo Betti, Eliane Giardini, Zezé Mota e José Mayer fazem parte do elenco. [...] O filme mostra a inversão de papéis tradicionais na sociedade, com a finalidade de retratar o cotidiano de milhões de mulheres que vivem sob o machismo e a violência. Mostra, por exemplo, Marta chegando em casa tarde, depois de tomar umas cervejas com amigas de trabalho enquanto Raimundo costura peças íntimas!” (GIARDINI, 2015).

São três ações permanentes no piso azul: a captação de óleo de cozinha em troca de cestas básicas;[23] a doação de livros, que o Cieja CL sempre recebe de educandos e parceiros e disponibiliza em uma cesta, com os dizeres “Gostando, leve!”; e a doação de roupas, calçados e bolsas em bom estado, também arrecadados pela comunidade ciejense e disponibilizados para quem quiser pegar.

Ocupando lugar central no maior espaço aberto do Cieja CL, o jardim,[24] como a primeira manifestação de embelezamento do centro, já passou por grandes mudanças, pois foi aumentado, já teve fonte, jardim espiral, já foram retiradas todas as plantas, para, hoje, estar composto por uma diversidade de árvores, plantas e arbustos.[25]

Em entrevista, Dona Eda relatou, embora não se recordando do ano, que a primeira grande mudança foi um projeto da Fundação Telefônica, que, em conjunto com os(as) educandos(as), fez uma fonte e uma casinha e enfeitou o jardim.

Em 2017, o Cieja CL participou do prêmio Desafio de Ativismo Social, da Fundação Arymax, cujo objetivo era o envolvimento de projetos de impacto dos(as) educandos(as) na comunidade, em especial, no centro, para concorrerem a 2 mil reais. O projeto de reformulação do jardim foi foco de um dos projetos e um dos vencedores do desafio.[26]

O jardim centraliza as atenções pelos pássaros, pela diversidade das plantas, que vão desde pé de café, romãzeira, amoreira, palmeira juçara, mamoeiro, cactáceas, plantas medicinais, bromélias a trepadeiras, como jiboia. Duas árvores são especiais, uma é o ipê-amarelo que, em parceria com a Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente, foi plantado na comemoração aos 20 anos do centro e a

---

[23] Projeto em parceria com o Coletivo Dedo Verde, que tem como objetivo tirar de circulação o óleo usado, fazer oficinas de sustentabilidade, plantio, assim como cuidar da Casa de Cultura do Jardim São Luís.

[24] Não tem como falar do jardim do Cieja CL e deixar de apontar Dona Samira, uma senhora de 76 anos que trabalhou 11 anos no centro como agente de apoio e se aposentou no ano de 2021. Sua jornada diária em serviço, além do apoio aos educandos, era de cuidadora do jardim, ação que continua voluntariamente nos dias atuais, somando a de professora de artesanato e costura no ateliê de costura do Cieja CL, atendendo a comunidade.

[25] Durante a pesquisa, o jardim estava em desenvolvimento de um projeto de renovação e adaptação para usos pedagógicos e interacionistas para a comemoração dos 25 anos do centro.

[26] Esse desafio foi uma proposta da fundação para algumas escolas, sendo que cada escola teve, pelo menos, um ganhador. No Cieja CL, dois projetos foram vencedores: o projeto de reformulação do jardim, sob a orientação do prof. Jesuíno Borges; e o projeto de empreendedorismo através de confecção de bonecas negras para educandos com deficiência, realizado pela prof.ª Samara Annanias. Vale ressaltar que ambos os projetos destinaram o dinheiro para compra de produtos que melhorassem suas práticas.

palmeira juçara, que nasceu de maneira centralizada em destaque no jardim, dá o seu ar imponente.

Ao lado do jardim, existe a rampa e a escada, que permitem acesso à parte de baixo do primeiro terreno e ao sobrado 2. A rampa adaptada, com piso antiderrapante, em sua lateral, é enfeitada com desenhos abstratos dos(as) educandos(as) com deficiência, que, ao finalizarem uma oficina de arte com o IOK, propuseram uma intervenção artística no dia de encerramento, com direito a brincadeiras, escorregar pela rampa, lanche e, finalmente, marcar a alegria do grupo no espaço da escola.

A escada recentemente ganhou destaque com azulejos estilizados, coloridos, com plantas desenhadas e com a escrita “Cieja Campo Limpo, lugar de acolhimento desde 1998” e “Nóis é ponte e atravessa qualquer rio”. Por ocupar lugar de destaque, às sextas-feiras, a escada serve também como banco, assim como nas atividades de evento. Agora, com essas escritas, o Cieja CL ganhou mais um lugar para a sua comunidade tirar fotos. A primeira frase tem origem no sentimento de que todos que adentram o centro reconheçam que a convivência ali é diferente da de outras escolas; a segunda é uma homenagem ao poeta Marco Pezão,[27] que, antes do seu falecimento, realizou muitas intervenções poéticas e teatrais no centro.

Essa parte central do piso azul, jardim central e lateral, rampa, escada, bancos, patamar em frente a cozinha, cumprem a função de uma praça pública[28] para quem convive ou visita o centro. Em admiração ao verde,[29] o entrelaçar das cores dos grafites, as texturas, as intensidades da paisagem e a disposição do sol ou da chuva promovem conversas, aulas, encontros, oficinas sobre a temática

[27] Marco Pezão, mecânico de máquinas de escrever, fotógrafo, jornalista, poeta, um dos fundadores do Sarau da Cooperifa, participante do Sarau do Binho, liderança do Sarau A Plenos Pulmões na Casa das Rosas, autor do livro *Nóis é ponte e atravessa qualquer rio* (lançado em 2013 pela Editora Reza Brava). Faleceu em 13 de outubro de 2019. Um pequeno trecho do seu poema “Nóis é Ponte e atravessa qualquer rio…”: “O nóis pra nós / É singular / O nóis pra nós / O plural é pessoal […] / Não se subestime / Mostre força / Encare o real / Deixe de lado o mal / Sem ser bom de todo / Senão o mundo te faz tolo / E ninguém é biscoito / Pra se deixar comer… / Nóis é Ponte e atravessa qualquer rio…” (PEZÃO, 2013).

[28] Estendemos a concepção de espaço público e a questão principal: as escolas públicas, as instituições públicas não são realmente espaços públicos, pois possuem uma forma de delimitar o uso, controlar o fluxo ou outra maneira de controlar os espaços. No centro, a convivência é estimulada e partilhada e levantamos a bandeira de que a escola pública seja também um espaço público, com acesso franqueado a todos e, ao mesmo tempo, em que todos somos responsáveis, para termos a melhor experiência possível, pontuando sempre que o público da EJA merece o melhor da educação, pois já foi privado desse serviço.

[29] Vale ressaltar que Dona Samira é uma das cuidadoras principais, todavia o acumulado de plantas é, de maneira livre, cuidado pela comunidade como um todo. É difícil controlar, pois constantemente muitos trazem vasos, adubos, fertilizantes, mudas, sementes, galhos ou algum arranjo para plantar, e nem sempre conseguimos acompanhar todo o processo.

ambiental, inclusive a percepção de que precisamos cuidar daquilo que é nosso, que podemos ter um lugar de alta qualidade para conviver, assim como entender o poder das plantas e as plantas de poder,[30] que oferecem remédios, conversas sobre tratamento terapêuticos ou simpatias que carregamos da ancestralidade africana e indígena. Esse complexo constantemente é lembrado por membros da comunidade ciejense como um dos elementos terapêuticos do centro.[31]

A passarela do piso azul para a sala da direção foi tomada por um jardim vertical, feito a várias mãos, com doações de plantas, vasos confeccionados a partir de embalagens de produtos de limpeza. Plantas diversas, como quebra-demanda, comigo-ninguém-pode, arruda, guiné, cana-do-brejo, roseira, lírio, antúrio, samambaia, babosa, temperos, ervas medicinais e unha-de-gato completam o ar espiritualista.[32]

Em três anos de Cieja CL antes da aposentadoria da Dona Eda, eu a presenciei usando somente uma vez a sala da coordenação geral, quando ela pulava a janela para pegar algum documento dentro. De resto, sua gestão sempre foi exercida pelo Cieja CL como um todo.

---

[30] Sobre o poder causado por ambientes que priorizam a integração com a natureza dentro do processo educativo, consultar o conceito de *biofilia* em Silva (2018) e, sobre a influência que ambientes integrados com a natureza causam em seus usuários, consultar o conceito de *neuroarquitetura* em Cardeal e Vieira (2021).

[31] A pergunta “aqui é uma escola?”, citada em nota anteriormente, é acompanhada diretamente por outras como “por que toda escola não poderia ser assim?” ou “por que todo espaço público não poderia ser assim?”

[32] A defesa da vida e dos animais é uma parte importante da filosofia do CIEJA CL. Para citar algumas perspectivas, toda a poda do jardim é feita necessariamente acompanhada de maneira minuciosa para que seja entendido o projeto, bem como o que pode ser cortado. Respeitam-se os ninhos encontrados, pois, caso esteja sendo utilizado por pássaro em reprodução, a poda não pode ser realizada. Na última poda, foram encontrados sete ninhos de espécies variadas nas árvores. No telhado da casa 1, existe um ninho antigo de maritacas. O respeito é estendido para as aranhas e suas teias, pois existem mais de 10 teias de aranha, que, além de cumprirem a função de controlar os mosquitos e pernilongos, são mote de pesquisa para os(as) educandos(as) ou motivo de conversa, relembrando alguma história envolvendo a temática.

Hoje, a sala[33] é um misto das lembranças deixadas por Dona Eda, como uma escultura feita por seu pai, mosaicos de azulejos retratando a árvore do Cieja CL, enfeites, mas com os móveis em uma disposição diferente, assim como grafites, que remetem ao empoderamento da população negra por meio da ancestralidade e da religiosidade negra e africana.

Ao subirmos as escadas, somos “cumprimentados” por plantas, que têm a missão ancestral de purificação. No centro, foram trazidas por várias pessoas, em especial, por Dona Samira, que, na sua sabedoria anciã, coloca os elementais de prontidão.

Descendo as escadas para o último patamar do terreno da casa 1, temos uma parte que seria originalmente uma edícula, com a parte debaixo com banheiro e, em cima, com dois cômodos. Ao longo do projeto, já foi local para armazenar lanche seco e distribuí-lo para os educandos; sala de aula, em cima; a primeira sala de coordenação geral. Hoje, temos, na parte de cima, subindo a escada caracol, em meio a jiboias, chefleras, costelas-de-adão, singônios e orquídeas recuperadas,[34] a sala da coordenação pedagógica, onde ficam as assistentes pedagógicas educacionais, e, ao lado, a sala dos professores.

A sala dos professores é diferente de uma escola regular. Já foi sala de aula e, hoje, com desenhos autorais de professores na parede e móveis coloridos, que podem mudar de acordo o uso, seja em dia de festa, reuniões ou, simplesmente, lanches e comemorações. Possui uma pequena copa, que, também em dias de evento, ganha ar de uma segunda cozinha do centro, para receber os convidados,

[33] No processo de transição, Dona Eda e eu não tínhamos lugar exato de estarmos juntos, nossas conversas eram feitas pelo Cieja CL. Quando apontei a necessidade de conhecer a parte burocrática, e necessitava de um local, passei a ocupar uma mesa na secretaria mesmo após a aposentadoria de Dona Eda. Pela necessidade de entender o centro e seus assuntos e ter um local para conversar com as pessoas, seja em reunião ou para resolver algum tipo de problema, fui ocupar a sua sala da coordenação geral. No primeiro dia que entrei, fui escoltado pela Zilda, fiel escudeira de Dona Eda, que me disse que a minha antecessora lhe havia pedido alguns favores: limpar a sala e prepará-la para que eu a tivesse como um presente. Quando me sentei à mesa, Zilda me pediu para pegar uma caixa enfeitada do Cieja CL, que continha uma folha com um poema “Escola é”, de Paulo Freire. Nesse momento, emocionei-me e vi que, a partir daquele momento, Dona Eda não voltaria e que passaria a ter o centro sob o meu comando. Lágrimas desceram dos meus olhos, e, como se fosse hoje, senti as vozes e as energias daqueles e daquelas que foram excluídos do processo de educação e precisam de um lugar que lute pela EJA, para que tenham a última oportunidade garantida de ensino.

[34] No ano de 2019, desenvolvemos um projeto de apoio pedagógico complementar (JEX) ligado à sustentabilidade, cujo objetivo foi recuperar orquídeas a partir dos processos pedagógicos de alfabetização, que recebeu o nome de Pronto-Socorro de Orquídeas. Nele, foram recuperadas mais de 40 orquídeas, das quais algumas foram doadas pelos educandos ao centro.

como uma sala de estar,[35] em um espaço de acolhimento para os visitantes, com lanches o dia inteiro, preparados por funcionários e professores. A sala dos professores já foi palco para reuniões pedagógicas e administrativas e com pessoas no geral, bem como para receber grupos de fora.

Vale ressaltar que, dependendo do ponto desse complexo em que se está, seja a vista da sala dos professores para o jardim e a parte central, do piso azul para sala dos professores, coordenação, direção, cozinha e sala de liberdade, do piso amarelo para sala dos professores, coordenação, direção, cozinha e sala de liberdade ou da sala de liberdade para o piso amarelo, piso azul, sobrado 1 e jardim central, encontramos uma constante retroalimentação do verde, do movimento, da beleza, das cores, dos bancos, compondo um ambiente descontraído.[36]

Na parte da sala dos professores, da coordenação, da direção e da cozinha, conseguimos ver um grafite de uma criança indígena olhando para o futuro, com muitas cores, plantas e uma árvore com as inscrições “Capão”, “Cultura” e “Poesia” nos galhos, abaixo uma representação de favela e, na parede da cozinha, o alfabeto em língua portuguesa, braile e língua brasileira de sinais (Libras), confeccionado pelos(as) educandos(as).

À medida que subimos a rampa para a sala de liberdade, somos agraciados por galhos de uma pitangueira e um pinheiro do terreno vizinho, uma unha-de-gato, que se alastra pelos ferros, uma chapa de zinco que se estende por toda a rampa, grafitada por completo, começando com um desenho de uma criança negra no colo da mãe, a representação de uma favela à noite e, no final, ao lado da porta da sala, um desenho do Mestre Moa do Katendê.[37]

---

[35] A multifuncionalidade dos espaços, assim como dos detalhes, além do bem-estar gerado no cotidiano, proporciona a frequente pergunta: “aqui é uma escola?”

[36] As plantas foram trazidas por muitas pessoas e, pelo fato de os respectivos nomes estarem no trabalho, quem trouxe está sendo representado(a). As plantas são: samambaia, kalonchoe, taioba de jardim, mandacaru, antúrio, mirra, coleus, rabo-de-gato, capim-santo, *Acalypha*, bambu-da-sorte, samambaia-paulista, cravina, erva-cidreira, Manjericão, *Hemerocallis*, espada-de-são-jorge, *Hibisco acetosella*, quebra-demanda, erva-de-santa-maria, dália, zebrina, unha-de-gato, cana-do-brejo fresca, pau-pólvora, orégano, suculentas, tomilho, alecrim, *Pilea*, miniantúrio, ameixa-amarela, *Jasminum azoricum*, antúrio, flor-de-jade, jiboia, *Lippia alba*, bico-de-papagaio, roseira, cafeeiro, *Heliconia rostrata*, romãzeira, arruda, *Tillandsia*, maria-sem-vergonha, samambaia-da-amazônia, lágrima-de-cristo, begônia-asa-de-anjo, dracena-vermelha, primavera, jasmim-árabe, barba-de-serpente, comigo-ninguém-pode, samambaia-agulha, asparago, *Thunbergia erecta*.

[37] “Romualdo Rosário da Costa — o Moa do Katendê [ou Mestre Moa do Katendê] — [...] compositor, percussionista [dançarino, ogã] e artesão baiano, considerado um dos principais mestres brasileiros de capoeira Angola, tinha 63 anos e morava na capital paulista desde 1987. [...] Em 8 de outubro, um dia após o primeiro turno das eleições para presidente, o barbeiro Paulo Sérgio Ferreira de Santana atacou Moa pelas costas e o matou com treze facadas. A agressão, ocorrida num bar de Salvador, resultou de uma discussão sobre política. O mestre tinha votado no petista Fernando Haddad, e o assassino, em Jair Bolsonaro, então candidato do PSL. Treze meses depois, o tribunal do júri

No avanço da subida da rampa, somos bombardeados pela beleza do jardim central sendo mostrado por cima, o grafite feito de tinta de terra na frente da sala de liberdade, com um tronco e, antes de chegar à copa da árvore, está escrito “Cieja CL desde 1998”, ao lado esquerdo muitas mãos puxando, cada uma, uma corda, que vai se unindo em uma única direção, intitulado “Mãos dos trabalhadores”, e suas várias tonalidades da negritude.

A grade ao lado de fora da sala foi uma medida de segurança do beiral, que acabou sendo transformado em um projeto de uma futura estufa. As grades vermelhas, com barras de ferro ⅜ trançadas em todas as direções, ornam a beleza do lugar.[38]

Quando menos se espera, ao olharmos para trás, deparamo-nos com um grafite indígena,[39] de 4 metros de largura e 7 metros de altura, na parede de fora das salas de LC e CH, feito em 2019 por grafiteiros da região, para comemorar o VII Encontro Indígena do Cieja CL. Sua imagem se estende por nossa comunidade, é visto a mais de 4 km de distância, por quem chega pelo metrô, e já é utilizado para referenciar a localização do Cieja CL pelos moradores.[40]

---

condenou o barbeiro a 22 anos de prisão. [...] o cineasta Carlos Pronzato, argentino radicado no Brasil, assinou o documentário *Mestre Moa do Katendê – A Primeira Vítima.* Feito em apenas catorze dias, o média-metragem de 2018 está disponível no YouTube e reconstitui o crime, além de exibir testemunhos sobre a importância cultural do capoeirista.” (ASSIS, 2022).

[38] Essa grade em especial tem influência a partir de uma visita, em 2019, à escola Pluricultural Odé Kayodê, no município de Goiás, a 150 quilômetros da capital Goiânia (GO). Repleta de árvores, cores e formas criativas ligadas à paisagem de uma aldeia indígena e um quilombo, possui uma tenda de circo e um rio ao fundo, uma escola de capoeira angola e um cinema e realiza projetos diferenciados para a comunidade (ESCOLAS TRANSFORMADORAS, [2023a]).

[39] Dois fatos importantes são resultados diretos do grafite, são eles: a visualização a 4 km de distância e da vizinhança como um todo, para quem chega de metrô entre as estações Campo Limpo e Capão Redondo, da Av. Sabim, do Morro do S, da Estrada de Itapecerica. Sua função se torna diversa, como ponto de referência para demonstrar onde se estuda, para divulgar onde é ofertada a EJA ou onde é o Cieja CL, para quem já ouviu falar ou já assistiu algum vídeo com tal imagem, ou a função de guarda espiritual da tradição indígena, dos povos originários, dessa resistência. Outro fato que comprova a divulgação é que o artista utilizou uma imagem da internet para realizar o grafite. Assim, como a exposição do Cieja CL acontece em território nacional, um indígena ficou sabendo do grafite e entrou em contato conosco. O nome dele é Tuwe, do povo Huni Kuin, do Acre, ele disse que ficou sabendo do grafite por amigos, parabenizou a iniciativa e se dispôs a, quando estiver em São Paulo, visitar o centro para conhecer nosso trabalho e dar palestra. Em 2023, o grafite ganhou um jogo de iluminação noturna para funcionar como divulgação do nosso trabalho.

[40] Em 2020, durante a pandemia, realizamos um vídeo de divulgação para trazermos mais educandos para o centro. Nele, foi utilizado um *drone* para fazer um pequeno sobrevoo no nosso território e demonstrar a referência do centro para a região. Agradecimentos especiais ao Rogério Pixote e sua companheira Luciana Dias, por disponibilizarem o aparelho e a confeccionarem o vídeo.

Na frente da sala de liberdade, existe um espaço para sentar e admirar essa composição, que exerce tanto poder no conjunto da obra, piso amarelo, piso azul, jardim central, rampa, horizonte, acompanhar o caminho do sol, os dias de chuva.[41]

A sala de liberdade, que já abrigou a sala de matemática, passou por transformações e melhorias e, hoje, abriga as reuniões coletivas do grupão às sextas-feiras. Muitas vezes escolhida pelas assistentes pedagógicas educacionais (APEs) e professores para realizar os planejamentos dos agrupamentos por ser uma das maiores salas, mais ventiladas, possuir uma vista linda e ter a maior quantidade de lousas de vidro.[42]. A sala de liberdade possui janelas tanto para o jardim central quanto para a parte do telhado do sobrado da casa 2.

O patamar em frente à cozinha e embaixo da escada caracol, desde quando cheguei, sempre exerceu em mim, momentos de parada obrigatória para entender a microesfera do Cieja CL. Pois tem um banco em formato da letra “L”, antigamente um canteiro, que foi cimentado para servir para as pessoas se sentarem, descansarem, conversarem e admirarem a beleza de um tempo em que a sensação é de proteção ao mundo externo, dos pássaros, das galinhas da vizinha, realmente não parece São Paulo, muito menos o Capão Redondo. No dia a dia, por ser em frente à cozinha e aos bebedouros, nas refeições, fica com concentração maior. Em dias de evento/festa e na sexta-feira, serve de palco para os aniversários e confraternizações do lanche coletivo com todo os funcionários e servidores do centro.[43]

A cozinha, ponto central[44] do Cieja CL, foi recentemente reformada para se adequar a uma cozinha escolar, assim como melhoria da iluminação e da ventilação.

---

[41] Os espaços abertos do Cieja CL, em especial, o corredor de entrada e o complexo central do jardim, não possuem cobertura, o que faz com que respeitemos o tempo da chuva em sua admiração ou, em pequenos banhos, sentimos a natureza. Como alternativa, temos guarda-chuvas, que ficam em pontos estratégicos, para que o trânsito possa ser feito em segurança.

[42] Em todas as salas, existem lousas de vidro e projetores. Um registro especial: as lousas de vidro em todos os ambientes foram inspiradas na visita para entrevista, durante as férias de janeiro de 2021, ao Cieja Clovis Caitano Miquelazzo (antigo Cieja Ipiranga).

[43] O lanche de sexta-feira é um dos pontos que causam liga no grupo, pois os horários das formações e os turnos são organizados para que todos possam compartilhar um momento juntos. Cada semana, um grupo é responsável pela alimentação (professores da manhã/tarde/noite, funcionários da secretaria, empresas terceirizadas, gestão e agentes de apoio). A ideia é proporcionar um momento de descontração do grupo e que todo o Cieja CL, independente da função exercida, possa dar risada, falar da família, combinar atividades, decidir festas, comemorar aniversários do mês, da semana ou do dia.

[44] Devido ao público da EJA ser, em sua maioria, de trabalhadores, as refeições cumprem o papel atrativo e de apoio aos educandos para que eles possam voltar a seus estudos e irem trabalhar na sequência, ou irem ao Cieja CL direto para a aula, sem precisar passar em casa ou gastar dinheiro com alimentação no caminho.

No limite do terreno da casa 1, na porta-balcão em que são distribuídas as refeições, há o autosserviço e os bebedouros, um industrializado e outro artesanal, construído de alvenaria, com azulejos verdes quadriculados em duas tonalidades e uma faixa. O bebedouro de alvenaria foi construído pela necessidade de enfrentamento da pandemia de covid-19, por isso, na parte de cima, tem um grafite de uma nascente, para naturalizar e colocar a importância da água para o momento de combate ao vírus, e sua preservação.

Ao olharmos em direção a casa 1, vemos o jardim de outra perspectiva, parte do piso azul, pelas folhagens, o corredor de entrada. Mas o que chama mais a atenção é a escadaria com azulejos decorativos e a curiosidade de olhar para a passagem entre as casas e o que está por vir.

Com o aumento de educandos, no ano de 2007, houve uma reforma na parte inferior, que deixa de virar sala e fica como bebedouro. Em 2008, com o anexo da casa de baixo, foi iniciado o projeto de se efetivar uma cozinha para a preparação de refeições e construída através de parceria, uma sala de aula acima da sala dos professores, com uma rampa que liga o piso azul à atual sala de liberdade, assim aproveitando os espaços e a vinda da coordenação pedagógica.

Em 2007, o número de matrículas estava aumentando constantemente, e Dona Eda percebeu que não seria capaz de receber esse público futuro e planejava resolver essa questão repensando os espaços, ou a mudança da casa 1. Andando pela rua debaixo, Billy, um ex-professor do Cieja CL, vê uma casa para alugar, acha que poderia fazer fundos com o sobrado 1 e conta essa novidade para Dona Eda. Eles fazem um buraco na parede, onde, hoje, é a ligação dos dois sobrados, para conferirem a informação e, quando tem certeza, já começam a pensar na ideia de expansão do Cieja CL.

Ao pensar em locar a casa de baixo, Dona Eda não se importava com como era dividida ou seu tamanho total, mas sim que a comunidade precisava de mais espaço para estudar e ela teria de fazer o possível e o impossível para resolver essa situação. Prevendo a falta de vagas, Dona Eda solicitou providências junto à DRE de Campo Limpo, que não deu solução de imediato. Após um tempo, a DRE ofereceu uma escola que estava sendo construída,[45] mas Dona Eda argumentou que, da maneira como aquela escola estava sendo construída, o projeto Cieja CL perderia suas características centrais. Desse modo, ela conseguiu as informações da casa de

[45] Atualmente, a Emef Prof.ª Anna Silveira Pedreira.

baixo e levou ao setor responsável da DRE/CL, que marcou uma visita para verificar a viabilidade da locação.

Contudo, quando os responsáveis pela locação visitaram o sobrado 2, constataram que esta não seria possível. Devido às características do prédio, para ser um prédio escolar, seriam necessárias muitas adaptações, como rampas, banheiros, refeitório etc.

Dona Eda se chateou com a resposta, pois o que estava em jogo era o aumento da oportunidade de estudos da EJA no bairro. Mas ela não se deixou abater, fez reuniões com a comunidade, saiu pedindo ajuda e levantando argumentos necessários para que a DRE/CL autorizasse a locação de mais um imóvel.

Uma das maiores reclamações dos estudantes era a alimentação ser somente seca. Eles queriam uma refeição que dessa "sustância", para irem ao trabalho ou para quando chegassem dele.

Com os argumentos em mãos, Dona Eda, retornou o diálogo com a DRE/CL expôs seu ponto de vista e disse, na época: "Se eu conseguir transformar e adaptar o prédio para uma escola, assim como se conseguir um espaço para o refeitório, vocês fazem as modificações necessárias para uma cozinha e nos colocam na lista das escolas que servem refeições preparadas?" (DONA EDA, 5/1/2021).

Apesar de não acreditarem muito naquela proposta, os responsáveis pela DRE/CL concordaram com ela, com a condição de que Dona Eda conseguisse cumprir o prometido e reunir a documentação necessária para aprovação final.

Assim, ela reúne os pedreiros da comunidade e, com eles, começa a traçar o plano da obra, quanto material iria gastar etc. Em seguida, procura parcerias para financiar as modificações no imóvel. Para as reformas necessárias, em especial, do refeitório, que, hoje, é o piso verde, Dona Eda conseguiu[46] um cheque de 80 mil reais com um dos empresários. Dessa forma, consegue realizar as modificações e, quando finalizadas, chama novamente os responsáveis pela locação, para, mediante vistoria, autorizarem a abertura da casa 2.

A casa 2, casa de baixo, sobrado 2 ou sobrado de baixo, tem uma história totalmente diferente da casa de cima. Já foi casa de uma família, já se constituiu

[46] Dona Eda é conhecida por buscar soluções para os problemas enfrentados pelos Ciejas em geral e pelo Cieja CL em específico. Por isso, há o bom relacionamento com pessoas que conheceram a história do centro, assim como pessoas que, quando conhecem o trabalho, procuram ajudar de alguma maneira.

como várias casas/cômodos de aluguel, já foi clínica e laboratório. Por ser uma construção antiga, sofreu muitas adaptações hidráulicas e elétricas, de cômodos e de uso, fazendo com que, constantemente, as manutenções tenham de ser realizadas para a melhoria da convivência.

As mudanças significativas, inicialmente, foram fazer uma abertura e colocar um portão que ligasse os dois sobrados. A primeira dificuldade a ser superada foi a altura entre os dois terrenos. Não havia alternativa a não ser usar o quintal da parte de trás do sobrado 2 e colocar um sistema de rampas que conectasse o térreo ao primeiro andar do sobrado 2, com uma escada ao lado dessa ligação que leva ao piso verde, que é a última laje do sobrado 2.

Essa modificação deveria ser pensada para que os ambientes pudessem ser suportados durante o calor e o frio, o sol e a chuva, assim como fosse considerado o fluxo de um público com muitas especificidades na locomoção, como educandos com deficiência e idosos.

Hoje esse *hall* adaptado não demonstra aos seus visitantes iniciais esse processo de adaptação. A demarcação acentuada da arte também transborda com a inscrição “Oxente cê num tá vendo que a gente é Nordeste?” Além de vários grafites feitos por educandos e grafiteiros da região, em formato de oficinas ou para a data comemorativa do aniversário de 20 anos do centro, como o retrato de Dona Eda na parede, com a frase “A educação transforma”. Ao lado do banheiro, uma mandala colorida, uma mulher negra de *black power*, máscaras africanas e um grafite que representou o término de um projeto com adolescentes.

Na rampa de ligação entre os sobrados, grafites em estêncil,[47] de Nelson Mandela[48] e Winnie Mandela,[49] e quadros feitos por jovens educandos em oficinas, demonstrando o quanto gostam do Cieja CL e o quanto é importante voltar a estudar. Nas rampas de acesso ao corredor de saída do sobrado 2, a representação

[47] Feito pelo artista Twilê Jorge, professor de geografia da rede municipal, que, em parceria, realizou essa oficina.

[48] Nelson Rolihlahla Mandela (1918 − 2013) foi o principal líder político da história da África do Sul. Também conhecido como Madiba, Mandela lutou contra o regime racista e segregacionista do *apartheid*, presente em seu país entre 1948 e a década de 1990. Ele se tornou referência mundial na busca por uma sociedade igualitária.” (MELO, 2022).

[49] “Esposa do líder sul-africano Nelson Mandela. Winnie Mandela [...] lutou boa parte de sua vida para acabar com o Apartheid. Este regime se baseava na segregação racial e na opressão da maioria da população, os negros, em benefício da minoria branca. [...] Seu nome original era Nomzano, que significa na língua africana *xossa* “aquela que tenta”. Nasceu em uma vila chamada Mbongueni, no dia 26 de setembro de 1936.” (ARAÚJO, 2018).

estilizada[50] do poeta Augusto Cerqueira,[51] flutuando com sua mochila e um livro na mão, em que está escrito “O livro da vida é encapado com o Coro da Gente”; e, em outra parede, ornamentos africanos feitos em oficinas com educandos surdos,[52] um mural representando casas de uma vila antiga[53] e máscaras e rostos negros e indígenas.[54]

O portão de passagem entre os sobrados permite acesso aos três níveis do sobrado 2, piso verde, corredor do primeiro andar e corredor de saída, com entrada para o térreo.

Quando subimos as escadas do piso verde, somos agraciados com um espaço organizado para alimentação, com capacidade, em dias de evento, para 150 pessoas.

Com um telhado inclinado, com telha canaletão ondulada, tem três paredes laterais de alvenaria acompanhando a inclinação do telhado, com aproximadamente 1,80 m de altura de alvenaria e o restante com elementos vazados para facilitar a ventilação, e toldos de lona preta para escurecer o ambiente quando necessário, como exibições de documentários, filmes, apresentações ou festas.

A maior parede com 20 m², na parte mais alta do telhado, tem o grafite de Paulo Freire,[55] com o nome e as datas de nascimento e falecimento dele, bem como, ao fundo, a imagem da Caatinga nordestina. De tanto se discutir a importância de Freire para a educação no geral e, em especial, para a educação de jovens e adultos, a intenção dessa homenagem foi conectar a luta pela educação e pela

---

[50] Feita pelo grafiteiro Beto Silva, em parceria com o Coletivo Sarau do Binho, em comemoração aos 20 anos do Cieja CL.

[51] “Poeta, agitador cultural e livreiro. Autor de CD Sarau do Augusto e dos livros Na década de 10 – Vol. I e Na Década de 10 – Vol. II, participou de diversas antologias, dentre as quais, O rastilho de pólvora, organizada pela Cooperifa, e Sarau do Binho Vol. 2, organizada pelo Sarau do Binho. Conhecido e respeitado no circuito da literatura periférica, é um dos membros mais ativos do Sarau Clamarte. Fundou o Sebo do Augusto, na Piraporinha, bairro da periferia de São Paulo, onde comercializa livros a preços acessíveis à população local.” (AUGUSTO, 2019).

[52] Feito com o parceiro Romeu, filho de ex-educandos do centro, como preparação para o XVII Seminário Étnico-Racial do Cieja CL.

[53] Esse mural data do início da utilização do 2º sobrado (2008-2009), foi confeccionado pela professora de artes do Cieja CL, Ângela, inclusive com jardineiras para aparentar uma vila.

[54] Feitas pelos artistas Uberê Guelé, Mara Mbhali e Lwazi, em parceria com o Coletivo Sarau do Binho, em comemoração aos 20 anos do Cieja CL.

[55] Esse grafite, em conjunto com o grande do indígena na casa 1, entre outros, no Cieja CL, foram feitos pelo artista Gamão, do RaxaKuka Produções. Morador de Taboão da Serra, articulador cultural, Gamão é liderança do movimento Grafiti contra Enchente, que, desde 2014, realiza ações coletivas de grafite no Bairro do Leme, às margens do rio Pirajussara, na cidade de Taboão da Serra, local que, mesmo ao lado de um piscinão, sofre constantemente enchentes que destroem casas. O RaxaKuka Produções foi criado para representar uma série de artistas, produtores e demais profissionais do bairro onde moram, para executarem eventos, festas, oficinas culturais, entre outras intervenções nas comunidades adjacentes. Mais informações em Redação RBA (2021).

história do público-alvo, da EJA[56] e, em sua maioria, nordestinos, oprimidos, excluídos, que, em vida, o educador colocou como aqueles que merecem a atenção[57] em nossa sociedade.

Na parede oposta ao grafite do Paulo Freire, há outro grafite com caixas de diálogo com a inscrição “meu sonho é”, bem como espaços para que as pessoas possam colocar seus sonhos.[58]

Em outra parede, há o primeiro grafite feito com tinta de terra do Cieja CL, feito em parceria[59] com a Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz (Umapaz),[60] que realizou o encerramento de um dos seus cursos em formato de oficina no centro, e o grafite foi a materialização desse dia e das discussões feitas ao longo do curso. O grafite tem uma representação de uma árvore, cujos galhos e folhas são as marcas das mãos dos participantes do curso e a base da árvore está conectada a pessoas, objetos, construções e natureza.

Ao lado dessa representação há dois bebedouros, um industrial, afixado na parede, e outro feito durante a pandemia, igual ao da frente da cozinha, com azulejos quadriculados em tons diferentes de verde, uma faixa com azulejo artesanal, e, acima do conjunto, a representação de uma nascente, como processo de valorização dos recursos naturais, em especial, da água.

---

[56] Constantemente, no cotidiano, o grafite vira mote de conversas, aulas, observações, reflexões etc. na prática pedagógica.

[57] Todos que visitam o Cieja CL fazem questão de levar o registro fotográfico, pois o centro simboliza o enfrentamento para uma outra educação possível. O grafite, realizado em 2020, foi inspirado em visita ao Cieja Rose Mary Frasson Prof.ª (antigo Cieja Freguesia do Ó) no itinerário formativo entre os gestores dos Ciejas em 2019, promovido pela Dieja/SME.

[58] Dona Eda disse que a história desse grafite é de uma jovem (não se recordou do nome) que transformou o local onde morava, pois, de um ponto degradado de descarte de lixo, a moradora realizou um mutirão na comunidade e fez um grafite semelhante para que todos pudessem projetar seus sonhos naquele ponto, assim podendo preservar o local. Ao entrar em contato com a história do Cieja CL, quis contribuir com essa dinâmica para que quem estivesse no centro pudesse projetar seus sonhos e cuidar dele.

[59] A dependências do Cieja CL também são utilizadas pela comunidade, ou por parceiros para a realização de atividades, neste caso a parceria deu-se por meio da prof.ª Amanda Lima (ciências da natureza), em diálogo com a Umapaz.

[60] “Umapaz – Coordenação de Educação Ambiental e Cultura de Paz, Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz, enquanto órgão gestor da Política Municipal de Educação Ambiental de São Paulo, promove, assegura e fomenta a Educação Ambiental da cidade de São Paulo. Oferece atividades e cursos incentivadores de participação social na melhoria ambiental e na cultura de paz, por meio da educação ambiental, conscientizadora dos cuidados com os recursos naturais e o equilíbrio necessário para uma convivência harmônica entre sociedade e meio ambiente. Os cursos tratam de temáticas e assuntos variados, norteados pela metodologia de livre percurso de aprendizagem, onde cada um trilha seu próprio caminho germinando ideias e florescendo atitudes, fundamentais para a perpetuação de um ambiente sustentável.” (SÃO PAULO, 2020c).

Na maior parede lateral, há o local reservado para afixação da linha do tempo,[61] pois a original teve avarias pelo tempo. A próxima será impressa em material resistente e renovada com as informações dos cinco anos (2018-2023), desde sua confecção inicial.

O mobiliário é composto por mesas circulares e cadeiras verdes. Em dias de evento, elas são sobrepostas, em especial, as mesas, para que seja feita a organização do espaço em formato diferente, seja em semicírculos, em fileiras, sem nenhuma cadeira, cabendo mais pessoas, bem como podendo o ambiente se transformar em refeitório, anfiteatro, salão de festas, pista de dança, local de práticas esportivas.[62]

A plasticidade do ambiente se dá pelo mobiliário que pode se sobrepor, pelo vão coberto e espaçoso; pelo projetor e tela afixados, prontos para serem utilizados; pela possibilidade de juntar os bancos que ficam espalhados pelo centro e montar um palco de 12 m²;[63] ou pelas dezenas de cadeiras plásticas individuais guardadas e empilhadas no vão do elevador,[64] que, prontamente, servem para aumentar a capacidade de pessoas sentadas.

Como proposta pedagógica, desde a inauguração do piso verde, as refeições coletivas funcionam como elo horizontal entre todos os que estão no centro, seja educandos, funcionários, professores, visitas institucionais, pesquisadores. Todos os que chegam ao centro e se alimentam, fazem isso em conjunto, nas mesas coletivas, em processo de conversa, contando experiências de vida, tirando dúvidas, paquerando etc., de maneira que esse seja um momento de troca. A não divisão por cargos, locais não especificados para quem estuda, quem é funcionário ou quem

---

[61] A linha do tempo está diretamente conectada com a comemoração dos 20 anos do Cieja CL, em que havia o processo de transição para a saída de Dona Eda e a preocupação do resgate da história do centro para que todos pudessem lutar pela sua continuidade.

[62] Antes do piso amarelo, as oficinas de *taekwondo* já foram no piso azul e, em dias de chuva, no piso verde.

[63] Em 2019, para aumentar a quantidade de locais para acomodar as pessoas sentadas pelo centro, foi desenhado e confeccionado um conjunto de 16 bancos, que coubessem três pessoas cada e, quando juntos e travados no piso verde, servissem como palco para melhorar a visibilidade das atividades. Ao mesmo tempo, o intuito era que eles não ocupassem, obstruíssem e modificassem nenhum espaço do centro, e sim possibilitassem diferentes usos. Os bancos estão espalhados pelo centro, 11 no piso amarelo, dois no piso azul, um em frente ao primeiro banheiro do sobrado 2 e dois no piso verde, ofertando 48 lugares.

[64] A proposta inclusiva do centro no momento da construção do piso verde fez com que fosse pensado o acesso dos de cadeirantes e daqueles e daquelas pessoas com dificuldade de locomoção, por isso, foi projetado um elevador. Todavia o projeto não foi adiante, devido a à necessidade de adequação técnica. Na atualidade, há um projeto de construção de uma rampa elevatória aguardando aprovação da SME.

está visitando e, da mesma forma, a qualidade do preparo são apontados como o momento de dignidade, em que todos são iguais.

Em especial, o piso verde permitiu uma infraestrutura que pudesse abrigar os educandos e a comunidade do frio e da chuva, pois, no piso azul, com as adversidades temporais, as atividades eram canceladas ou esperava-se a melhora do tempo. Com os educandos mais confortáveis no novo espaço, houve melhora significativa no som, a instalação do projetor e da tela, bem como do bebedouro ao lado, fazendo com que as apresentações de rodízio, encontros, reuniões, festas e eventos fossem potencializadas.

Os eventos, as ações e as atividades permanentes, até 2014, foram desenvolvidos fora do Cieja CL, em espaços de parceiros, como Sacolão das Artes,[65] Centro de Direitos Humanos e Educação Popular de Campo Limpo (CDHEP)[66], CEU[67] Capão Redondo, CEU Campo Limpo e CEU Casa Blanca. Mas, a partir de 2015, com a iniciativa da comissão do Seminário Étnico-Racial, foram transferidos para as dependências do Cieja CL e passaram a ocupar várias salas, e o piso verde cumpriu essa base de reunir características para o desenvolvimento dessas atividades.

O piso verde é também palco para as confraternizações de final de semestre, ano, aniversários, aposentadorias, nascimentos, fazendo com que fossem desde festa à fantasia e almoços a tardes alegres de sábado no DanCieja.[68]

---

[65] Espaço, que existiu durante mais de 10 anos, através de coletivos atuantes do território que forneciam de forma gratuita atividades diversas para crianças, jovens e, adultos moradores da região. Também disponibilizou o espaço para programação de eventos com o intuito de propagar cultura para pessoas da região. As oficinas e, ensaios foram de origami, teatro, dança, circo, escola de samba, inglês e, escola de futebol. Além disso já foi espaço para o primeiro Fórum Social da região e, diversos debates com o intuito da conscientização da população em relação à direitos e deveres (SACOLÃO DAS ARTES, [2023]).

[66] “O Centro de Direitos Humanos e Educação Popular de Campo Limpo (CDHEP) é uma organização popular que tem como objetivo promover estratégias de formação, articulação, comunicação e incidência política para prevenir e superar as diversas formas de violência, sobretudo nas periferias, e contribuir com a construção de um projeto popular, anticapitalista, antirracista e antipatriarcal para o Brasil e para a América Latina.” (CENTRO DE DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO POPULAR DE CAMPO LIMPO, [2023]).

[67] “Os centros Educacionais Unificados, mais conhecidos como CEUs, são equipamentos educacionais implantados em São Paulo pela primeira vez em 2002, como o resultado da reflexão e do desenvolvimento de diversas teses sobre educação no Brasil, desde o modelo das Escolas Parque proposto pelo educador Anísio Teixeira, até chegar ao conceito atual dos centros Educacionais Unificados (CEUs) na cidade. Desde então, os CEUs consolidaram-se como referência na educação e articulação de políticas públicas no território” (SÃO PAULO, [2023b]) . Na cidade de São Paulo, existem 46 CEUs em funcionamento e, no território da DRE/CL, existem oito CEUs.

[68] Em 2008, o professor Billy, dentro das dinâmicas de comissões do Cieja CL, criou o Café Terapêutico, que tinha como principal objetivo auxiliar e problematizar questões importantes com foco nas pessoas com deficiência e seus familiares, em momentos de conversa coletiva, palestras, saídas etc. A balada é uma derivação do Café Terapêutico e surge da necessidade dos(as) educandos(as)

A vista do piso verde merece atenção, pois ela oferece duas possibilidades. Uma como um quadro da realidade, estreito, acima do grafite “meu sonho é”, que permite olhar para a encosta oposta à do centro, na qual casas de alvenaria, árvores, subidas, vielas, escadões formam um retrato digno de observação do entorno da Av. Sabin, comunidade de origem de muitos de nossos educandos. A outra vista faz com que pensemos que não estamos no Capão Redondo, pois conseguimos visualizar, no vizinho do sobrado 2, o alto de um pé de acerola e, nos vizinhos do sobrado 1, um pomar diversificado com laranjeiras, limoeiros, além de plantações de fundo de quintal como pé de mandioca, taioba, alface e um galinheiro, permitindo trazer uma esfera de interior para quem partilha a vivência de estar no piso verde em suas múltiplas atividades.

Ao continuarmos a descida de ligação entre os dois sobrados, temos o acesso a lavanderia, almoxarifados, sala bilíngue, banheiros, ateliê de costura, sala de matemática e sala de oficina. Antes de adentrar esses espaços, há um *hall* com dois bancos, que acomodam seis pessoas, para que as pessoas utilizem para esperar o início dos encontros, o acesso ao banheiro, o almoço em dia de evento ou, simplesmente, o tempo passar.

Nesse *hall*, há um conjunto de grafites que representam momentos importantes do centro, uma mandala, máscaras africanas, uma camiseta escrita “Cieja CL” e uma menina com vários elementos ao seu redor. A mandala foi confeccionada pela equipe gestora logo após os tensionamentos das reuniões durante a pandemia, em que foram propostas algumas reflexões sobre a utilização das mandalas como processo de cura,[69] bem como a iniciativa de fazermos uma como processo de fortalecimento dos vínculos. A base do desenho foi feita em um dia especial em que nos reunimos para partilhar lanches e bebidas, ao som de músicas que nos tocavam, e, depois, pintamos em conjunto o seu interior.[70] No decorrer da atividade, a ideia era partilhar nossas angústias e aflições e projetar o

---

com deficiência terem oportunidades de irem para um espaço de festa como uma “balada”. Essas festas eram temáticas, ocorriam aos sábados e possuíam iluminação de balada. O professor Billy saiu do centro em 2021 e, a partir de 2022, o grupo gestor, professores e, especialmente, pessoas ligadas diretamente à comissão que lida com as questões do universo da pessoa com deficiência institui o Café do Cieja CL, uma nova proposta de intervenção dentro do planejamento, assim como o DanCieja passa a ser as festas aos sábados.

[69] Mesmo que não seja o foco deste trabalho expor sobre a convivência na pandemia, vale ressaltar os tensionamentos das relações institucionais, nas quais houve a garantia de isolamento social para todas as pessoas, menos para a equipe gestora, o que causou muitos momentos de compartilhamento ao vivo do que era conviver na pandemia.

[70] Reflexões especiais ao seu centro.

que nos fortalecia. Como resultado direto dessa atividade, conseguimos mensurar que ficamos mais próximos, íntimos, e aumentamos o grau de confiança.

Ao lado da porta do banheiro, o rosto de uma mulher negra de *black power*, feita pelos participantes do Cursinho Popular do Capão[71] para demonstrar que também fazem parte do centro. Em 2017, uma educanda, ao término de um trabalho com o grupo de jovens,[72] trouxe um desenho em uma folha de caderno com uma menina de *black power* e todos os elementos que representaram as atividades desenvolvidas. Prontamente, a transposição do desenho para a parede foi viabilizada por uma parceria com uma educanda adulta[73] que era grafiteira.

A camiseta escrita Cieja CL representa que todos nós somos um time. Pelo fato de o futebol demonstrar a especificidade do trabalho em equipe, foi o desenho escolhido.

As máscaras africanas foram feitas[74] em homenagem aos 20 anos do Cieja CL.

Adiante, a sala do ateliê de costura e artesanato, que já foi uma SRM[75] e sala de reforço. Esse projeto de ateliê surge no Cieja CL, em 2019, com a proposta de reunir voluntários para trocar experiências de princípios básicos de costura, tricô, crochê, bordado e artesanato em geral.[76]

Em 2022, foram confeccionados enfeites, em formato de vaso de planta, com embalagens reaproveitadas de produtos de limpeza; bolsas; roupas personalizadas;

---

[71] Desde 2017, o Cursinho Popular do Capão é realizado no Cieja CL, de maneira comunitária e gratuita, com o objetivo de auxiliar seu público ao acesso às universidades públicas e aos programas de bolsas das universidades particulares, bem como proporcionar discussões políticas e culturais.

[72] Nesse ano, com o processo de juvenilização da EJA, em especial, pelo fato de que os educandos estavam fora da idade dita "correta", principalmente, os chamados de indisciplinados, eram convidados a se retirarem de suas escolas e eram indicados ao Cieja CL. Ao receber uma quantidade grande desse público, foi destinado um grupo de professores e professoras para fazer um projeto diferente para que eles tivessem a noção sobre quem eram, qual o território que moravam, assim como a proposta da educação de jovens e adultos. Por exemplo, atividades com grafites, saídas culturais, atividades sobre mortalidade juvenil, perspectivas de continuação dos estudos, índices de analfabetismo, mercado de trabalho.

[73] Isaias Graffiti.

[74] Foi realizado, em parceria com o Sarau do Binho, por uma artista do território, Mara Mbhali.

[75] As SRMs são destinadas à oferta do Atendimento Educacional Especializado em caráter complementar ou suplementar para educandos(as) do público-alvo da educação especial, desde que identificada a necessidade desse serviço, após avaliação pedagógica e estudo de caso.

[76] A ideia foi inicialmente concretizada por Dona Samira (agente de apoio aposentada no Cieja CL e, atualmente, voluntária) e colocada em prática pelas Assistente de Vida Escolar da época, Elaine Cristina, Adna e Priscila. Com chá e lanche, enquanto bordavam faziam confissões. Certa vez uma educanda verbalizou que estava pensando em se matar, mas que a ida para o Cieja CL e para o projeto de costura estava dando outro sentido em sua vida e que, agora, não tinha mais esses pensamentos, devido ao acolhimento do centro.

capas de cadernos de tecido. Além disso, foi realizada a exposição dos trabalhos em desfiles como parte de atividades dos eventos[77] do centro.

À direita, há a sala bilíngue, em que se faz o atendimento e o apoio aos educandos e à comunidade surda. A proposta do centro, tendo em vista que a surdez não é e não pode ser considerada como deficiência, e sim um universo a ser trabalhado a partir das discussões sobre a Libras, considera que a linguagem, com suas características e especificidades, deve ser mediada com a língua portuguesa em sistema de comparação e apoio, bem como representar a instrumentalização para o acesso ao mercado de trabalho e a autonomia na sociedade.[78]

Ao fundo do corredor fica a sala de matemática e artes, que já foi de confiança e módulo II, na nomenclatura antiga. Essa sala possui janelas grandes, paredes grafitadas[79] com símbolos matemáticos e formas geométricas, bem como duas entradas, pelo corredor e pela varanda, que dá acesso também à sala de oficina.

Antes da porta de matemática e artes, existe uma antessala com armários de funcionários, um armário com material pedagógico e o acesso para a sala de oficina, com um corredor adaptado para cadeirante, com aspecto de corredor de casa normal, todavia com grafites.[80]

---

[77] Em 2022, nossa ex-educanda Rosa Flor se constitui como voluntária do projeto, agregando valor às ações. A história dessa educanda no Cieja CL é muito importante. Segundo seu relato, disse que chegou do Maranhão tímida e insegura ao centro, mas, depois das atividades de identidade racial, se fortaleceu, em especial, a partir das oficinas de estêncil em camisetas, que, com mulheres de *black power*, percebeu o quanto era importante o empoderamento racial e feminino. Participa de cursos de *design* afro-brasileiro e envereda para a confecções próprias de roupas estilizadas com a temática do empoderamento negro. Hoje, além da venda das roupas, expõe e faz oficinas. Suas roupas já foram até para a França.

[78] Temos, para o atendimento dos educandos e fazer a mediação em atividades variadas em diálogo com as turmas, um instrutor de Libras (surdo) e uma professora de língua portuguesa.

[79] Historicamente, todas as salas do centro foram grafitadas, todavia, no início de 2023, foi feita a pintura de todas as salas. Pelo volume da reforma, não houve tempo para efetivar novamente os desenhos. A proposta é que todos os(as) professores(as) dos respectivos agrupamentos conversem para terem o consenso de desenhos que representem o cotidiano a ser trabalhado, seja algo marcante da área, ou, como a matemática fez questão, que tivesse o desenho do metro quadrado e formas geométricas específicas para poderem exemplificar com os educandos.

[80] Os grafites desse corredor foram confeccionados em parceria com o Centro de Apoio Psicossocial (CAPS) II Infantil Campo Limpo, por meio da artista Lê Nor, que trouxe seus usuários para conhecerem o espaço do centro e poderem ter novamente a vontade de voltar a estudar. “O CAPS II Infantil Campo Limpo é um serviço especializado em saúde mental infanto-juvenil, responsável pelo acompanhamento de crianças e adolescentes (0 a 18 anos) em sofrimento psíquico, e que apresentam dificuldades em manter ou estabelecer laços sociais, implicando um possível prejuízo no desenvolvimento” (SÃO PAULO, 2016).

No final do corredor, ao chegarmos para abrir a porta da sala de oficina, somos surpreendidos com uma colmeia de abelhas jataí[81] sem ferrão, construída dentro de um buraco na parede e, logo em seguida, surpreendidos com os voos de suas guerreiras, verificando quem chega e se oferece perigo à colmeia.

Ao abrir mais uma porta do labirinto do centro, temos a percepção de uma sala ampla, quase um sótão. Essa percepção é intensificada pelos espelhos que cobrem a totalidade da parede mais baixa, o teto inclinado, os grafites feitos em parcerias diversas[82] com coletivos artísticos, ou aparatos públicos do território. A sala tem mesas redondas, que podem ser empilhadas, assim como as cadeiras de plástico, fazendo com que se abra um grande espaço para o desenvolvimento de oficinas.

Nesse ambiente, há lousa, projetor, tela de projeção, dicionários, trabalhos expostos e minimuseu com objetos tecnológicos antigos. Esses objetos foram achados pela escola e, hoje, estão expostos, como fitas cassete, LPs, mimeógrafos, retroprojetores, máquinas de escrever elétrica e mecânica, Atari (o primeiro *videogame* a entrar no Brasil), disquetes, balanças e máquinas fotográficas, além de CDs e DVDs espalhados pelas paredes como decoração.

A sala de oficina é usada para aulas diferentes, vivências, oficinas, exibição de filmes documentários, intervenções artísticas, reuniões, processo seletivo, recebimento de visitas e grupos escolares dos cursos de pedagogia. Geralmente, quando fazemos a apresentação do Cieja CL e saímos da sala de oficina, as pessoas dizem que não sabem mais onde estão, de tanta informação e de tantos lugares diferentes.

Retornando as rampas que fazem o fluxo entre os andares, quando é feita a visita guiada, solicitamos que todos parem e respirem na transição entre o térreo e o

---

[81] “A Jataí é uma abelha social da subfamília dos meliponíneos, de ampla distribuição no Brasil. Essa talvez seja uma das espécies de abelha nativa sem ferrão mais conhecidas entre todos. Seu nome popular mais conhecido "Jataí" e "jati" procedem do tupi antigo îate'i” (ABELHANDO MUNDO AFORA), 2020). Nesse ponto, vale ressaltar outra história: no ano de 2022, em diálogo com a aldeia Tekoa Yvy Porã, Guaranis, no pico do Jaraguá, para o VIII Encontro Indígena, foi solicitada uma colmeia para ser posta no Cieja CL no dia do evento. A ação foi realizada. O remanejamento da colmeia para o centro não deu certo após sua afixação no jardim, mas a colmeia do corredor, continua firme e saudável.

[82] Com o CAPS II Infantil Campo Limpo, em oficinas conjuntas com os usuários e educandos (em um dia diferente daquele em que foram feitos os grafites do corredor pela artista Lê Nor), funcionários do serviço e a artista convidada, Nene Surreal, uma das mais antigas grafiteiras mulheres da cidade de Diadema. Outros foram como resultado de uma oficina de artes promovida pelo IOK, na qual foram confeccionadas telas para exposição do instituto. Por fim, intervenções do Gamão, do Raxakuka Produções.

primeiro andar da casa 2 e observem o ambiente em que todas aquelas transformações foram pensadas para melhor atender a comunidade, de maneira digna, afetiva e responsável. O conjunto da obra ao ser vivenciado permite relações na direção de ressignificação dos ambientes de aprendizagem.

A transição desse jogo de rampas descrito anteriormente para o corredor de saída é realizada por um pergolado. Ele foi feito para sustentar a trepadeira lágrimas-de-cristo, que estava subindo pelas paredes e, hoje, forra o corredor. A planta faz a transição dos espaços de maneira bela, em uma espécie de cortina verde, fazendo com que tanto quem suba quanto quem desça tenha a curiosidade do que vem a seguir.

Após essa cortina verde, no corredor, o que chama a atenção são os grafites na parede, com temática indígena, nordestina, africana. Completam o quadro folhas de plantas, indígenas na posição de caça, guerreiros africanos, mandalas, filtro dos sonhos e valores estilizados, como alegria, sonho, confiança, vida e amor. Ao avançarmos no corredor, vemos um banco feito de tronco de árvore,[83] uma cisterna com captação de água de chuva e um jardim lateral, que avança até a saída para a rua debaixo.

No primeiro acesso desse corredor, temos a sala de ciências da natureza, um banheiro e a sala de informática. No segundo acesso, um almoxarifado. No terceiro acesso, há uma sala de reforço, que já foi SRM, projeto de cozinha experimental.

No quarto acesso, com uma rampa de ferro para garantir a acessibilidade, está, no limite do terreno, a sala de confiança, que já foi uma miniquadra e local de descarte de material durante as obras. Nessa sala há um grafite sobre o universo, que foi pensado para que os educandos reflitam sobre os segredos da ciência.

A sala de confiança e a sala de oficina foram possíveis graças ao empenho dos educandos, do comércio local e dos parceiros, pois foram adaptadas para atividades diferenciadas.

No anúncio em que Dona Eda avisou que iria se aposentar, várias foram as formas de repensarmos intervenções estruturais no Cieja CL. A parte de potencializamos os ambientes de aprendizagem, adaptando-os às necessidades dos educandos, seja com possibilidades de maior claridade, maior segurança, colorir

[83] Esse tronco foi guardado após a árvore, que ficava no jardim, ser derrubada por estar oferecendo perigo.

com mais plantas e grafites, foi destaque para estimularmos a comunidade para o pertencimento e a defesa coletiva do projeto.[84]

Ao final do corredor, a saída para a rua debaixo. Dela, só é permitida a abertura para a retirada do lixo ou algum carregamento ou descarregamento. Torna-se estratégico devido às inclinações dos sobrados.

Na parede externa da casa 2, há um grafite feito por um parceiro (Shock), em 2018, nas comemorações dos 20 anos.

Desde quando cheguei ao Cieja CL, quis me apropriar de sua história com foco nas *nuances* que fizeram com que o centro fosse essa potência. Após estar implicado na experiência e no intuito de contribuir com este texto acadêmico, afirmo que cada pessoa tem uma parcela da realidade vivenciada dentro dessa proposta e que o ambiente é resultado direto desse processo de interação e envolvimento em uma direção harmônica.

Torna-se muito difícil entender o centro na primeira vez. O território vai permitindo possibilidades após longo e importante processo de interação e vivências para compreender as especificidades, a relação de uso e hábitos construídos e como a potência é assimilada e retroalimentada. Ideias como “aqui é lugar de acolhimento, lugar de gente feliz, espaços de cura”[85] podem parecer exageradas, mas são sentimentos verbalizados no cotidiano e materializados na ação do registro da palavra e da composição dos ambientes.

A importância de um lugar como esse é identificada na sensação de que todos que ali chegam expressam admiração pela trajetória histórica. Várias foram as parcerias, ao longo dos anos, com foco nos projetos, para auxiliar, proporcionar trocas, experiências e aprendizados. No decorrer do tempo, a rede de parceiros aumenta e se diversifica em prol da defesa da EJA e do Cieja CL e no intuito de garantir e proporcionar uma educação de qualidade.

Nas paredes, nos corredores, nas plantas, nas artes, nas cores, nos sabores, nas vivências e experiências tem um acumulado de trabalho coletivo em sintonia na trajetória a partir das ajudas, do envolvimento, da participação que fazem com

[84] Agradecimento especial à supervisora Tânia, que já foi nossa APE no passado e, em visita na época das comemorações de 20 anos, andou conosco pelo centro e destacou a importância de melhorias nessas direções para mantermos o projeto por mais tempo possível.
[85] Muitas são as expressões na direção de sintetizar a experiência e o convívio no centro e essas são repetidas com maior frequência.

que o Centro seja uma realidade material e imaterial possível na conformação de um território alternativo da educação de jovens e adultos.

A partir de um corte longitudinal[86] nos dois sobrados, observamos a rua do sobrado 2 em direção à rua de cima, perpassando a saída pelo sobrado 1, ou vice-versa. Seja em dias de sol ou de chuva, apreendemos que o Cieja CL tem 15 metros de elevação em 89 metros de comprimento, que se concretizam em 16,88% de inclinação.

Inicialmente não percebemos tal inclinação, somente na locomoção diária em diversas vezes que o ar chega a faltar, e não entendemos muito bem o porquê, pois a diversidade de novidades, informações, ambientes e pessoas se transforma à medida que avança em qualquer direção.

Pelo fato de os terrenos serem compridos e estreitos, as experiências pelo centro se dão nos seus patamares de aprendizagem. Ao observarmos o desenho a seguir, em conjunto com a descrição dos ambientes feita nesta seção, conseguimos visualizar que os patamares são os pontos-chave do processo e os seus acessos, em formato de labirinto, possibilitam que as experiências, em cada local, sejam realizadas em si, sem interferência visual de outros espaços, exceto no jardim central, que se torna uma verdadeira centralidade visual e energética do centro. Um encontro nos agrupamentos, uma atividade no piso verde ou o próprio ir ao banheiro torna-se uma experiência visual, sensitiva e coletiva, que necessariamente nos coloca em contato com o outro, ou com detalhes que, até então, não tínhamos reparado das outras vezes.[87]

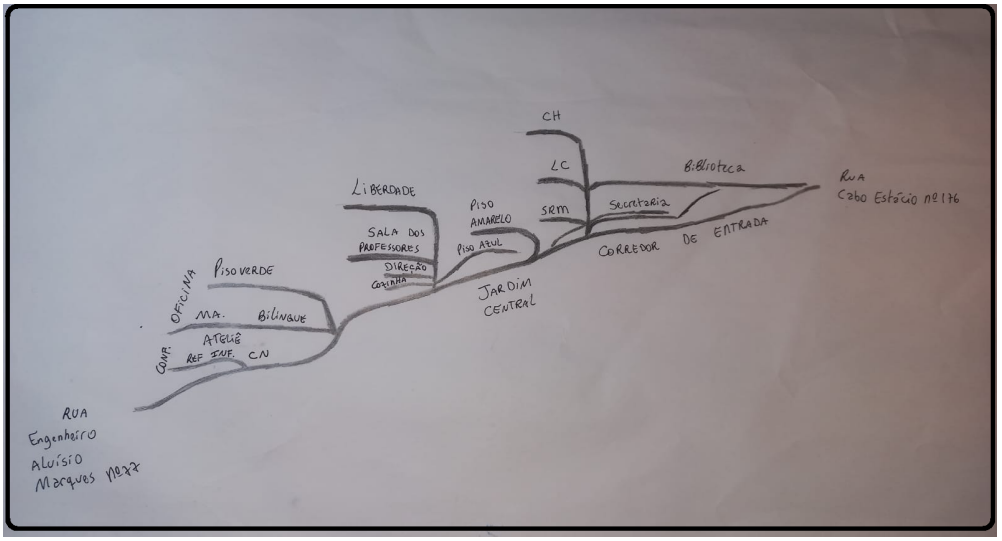
A experiência enquanto o vir a ser e/ou o viver em si, representa momentos únicos de aprendizagem processual que expande a ideia de aprendizagem na sala de aula, ou só no espaço escolar, o “fluir” pelo espaço, o deixar se perder na experiência e no processo, nas plantas, nas cores, nas artes, nos sons e nas vivências proporcionadas que em conjunto promovem um multiverso da aprendizagem que junta conhecimento humano, as experiências, à ancestralidade, à educação popular.

---

[86] Observar o desenho *Os patamares de aprendizagem do Cieja CL-2023*.

[87] Tanto as intervenções artísticas, as exposições ou mesmo a disposição das plantas sofrem alterações constantes por projetos, ideias ou, simplesmente, necessidades em razão de alguma mudança, fazendo com que a perspectiva visual e funcional do centro se transforme **ininterruptamente** e o mote “viva o presente, pois no futuro estará diferente” se dá em uma espiral pedagógica na multiplicidade de experiências, em que cada um leva para si uma parte do processo.

Figura 35 − Os patamares de aprendizagem do Cieja CL − 2023



Fonte: Diego Elias (2023).

4.2 A linha do tempo como identidade e unidade de grupo

Neste trabalho, apresentamos os pontos mais importantes para a análise do processo histórico dos Ciejas na cidade e do Cieja CL, em específico, e a sua totalidade enquanto projeto, resistência e implementação. Todavia destacamos como importante para esta exploração a interação histórica do Capão Redondo e do próprio surgimento, da feitura e da materialização da linha do tempo do Cieja CL.

Quanto ao contexto de criação do Cemes, do ponto de vista territorial, ele foi inaugurado ao lado Estação Vila das Belezas de metrô, local limítrofe entre os distritos de Campo Limpo, Capão Redondo[88] e Jardim São Luís,[89] às margens do leito maior do córrego Morro do S, região que estava passando por grandes mudanças devido ao término da Av. Carlos Caldeira Filho, em 1995. A ocupação do leito do rio como eixo de via pública, assim como passagem para o transporte público como caminho alternativo e retificado em relação à sinuosidade da Estrada de Itapecerica, foi planejada desde 1989, quando Raquel Rolnik, no governo de Luiza Erundina, projetou a Linha Lilás do metrô. Anos depois, as obras para a ocupação do leito são concretizadas pela gestão de Paulo Maluf.

[88] Atualmente, o distrito conta com 268.729 pessoas, em 13,60 km². Somado aos distritos de Campo Limpo, com 211.361 pessoas, em 12,80 km², e ao distrito de Vila Andrade, com 127.015 pessoas, em 10,3 km², forma a Subprefeitura de Campo Limpo, com 590.602 pessoas, em 36,67 km².
[89] Atualmente, o distrito conta com 261.586 pessoas, em 24 km². Junto com o distrito do Jardim Ângela, com 295.434 pessoas, em 37 km, forma o distrito de M'Boi Mirim, com 553.384 pessoas, em 62,10 km².

Quando ocorre a mudança do Cemes da Igreja Batista Vila das Belezas para o atual sobrado, na Rua Cabo Estácio da Conceição, nº 176, o largo do Capão estava completamente mudado, com a inauguração de sua estação em 2002, e com o fluxo alterado, em especial, pela criação do seu terminal de ônibus urbano.

A conexão do metrô com as regiões centrais da cidade,[90] mais terminais de ônibus, assim como os corredores, fizeram com que o fluxo de pessoas da Estrada de Itapecerica aumentasse de volume e a especulação imobiliária chegasse ao Capão Redondo, em especial, com o processo de verticalização da encosta em que o Cieja está localizado.[91]

Com as modificações do sistema de transporte público e a divulgação do Cieja, os educandos passam a ser da cidade, não mais do bairro. Estudam no centro para, depois, irem trabalhar ou retornam do trabalho e, antes de irem para a casa, estudam, pois além da melhoria de oportunidade de transporte houve a conquista do bilhete do estudante.[92]

É importante o processo histórico ocorrido no Cieja CL, assim como a trama de pano de fundo com as transformações que ocorreram no bairro, pelo crescimento do fluxo de pessoas, para entendermos o aumento da quantidade de educandos.

Na esfera interna, vale ressaltar o movimento para a confecção de uma linha do tempo que desse conta de elencar os principais acontecimentos ocorridos desde a fundação do Cemes CL. A linha do tempo do Cieja Campo Limpo não foi pensada, inicialmente, para compor as ações comemorativas do centro. Nas comemorações, em ações de parceiros,[93] que estavam desenvolvendo atividades no centro, sobre identidade e comunicação, uma de suas integrantes deu a sugestão de construir a linha do tempo do Cieja CL de forma coletiva, para que todos pudessem se apropriar das transformações do centro.

Para a elaboração coletiva da linha do tempo, foram escaladas duas professoras novas do centro,[94] que procuraram o grupo maior de professores, funcionários e parceiros para conhecerem as histórias e colocarem-nas no papel.

---

[90] A Linha Lilás ficou, de sua inauguração em 2002 até 2017, como a ligação até a Estação Largo Trezes, para, em 2018, consertar-se a Linha Azul, na Estação Santa Cruz, e a Linha Verde, na Estação Chácara Klabin.

[91] Em 2022, eram quatro condomínios com mais de 350 unidades habitacionais no total.

[92] A gratuidade para estudantes no transporte coletivo em São Paulo teve início com o passe livre, instituído pela Portaria nº 3/15 − SMT/GAB, do governo de Fernando Haddad (PT).

[93] O grupo Slow Food da Política estava participando de um edital de premiação para acelerar projetos na periferia que tivessem grande impacto. Assim, escolheram o Cieja CL para melhorar a comunicação, a identidade e as ações do centro.

[94] Karen Carrero, do terceiro ano, e Paola Russano, atual APE, na época, com dois meses de centro.

Na sua confecção, a linha do tempo ganhou a participação de educandos, de funcionários e de outros professores, pintando, ajudando na compra dos materiais, dando ideias etc. Nesse processo, ao interagirem com ela, puderam perceber a sua importância e aprenderam mais sobre o centro.

A linha do tempo não poderia ser só linha do tempo. Ela gerou vários processos, ou seja, desde a discussão daquilo que seria posto como relevante, também havia elementos que ficaram de fora, pois a ideia era trazer os principais pontos que não poderíamos perder de vista na perspectiva histórica.

No aniversário de 20 anos de Cieja CL, a linha do tempo foi inaugurada nos seis períodos. Todo o centro foi levado a refletir o quanto era importante aquele momento em que nossa história estaria na parede do piso verde, publicizada para todos e todas que ali chegariam.

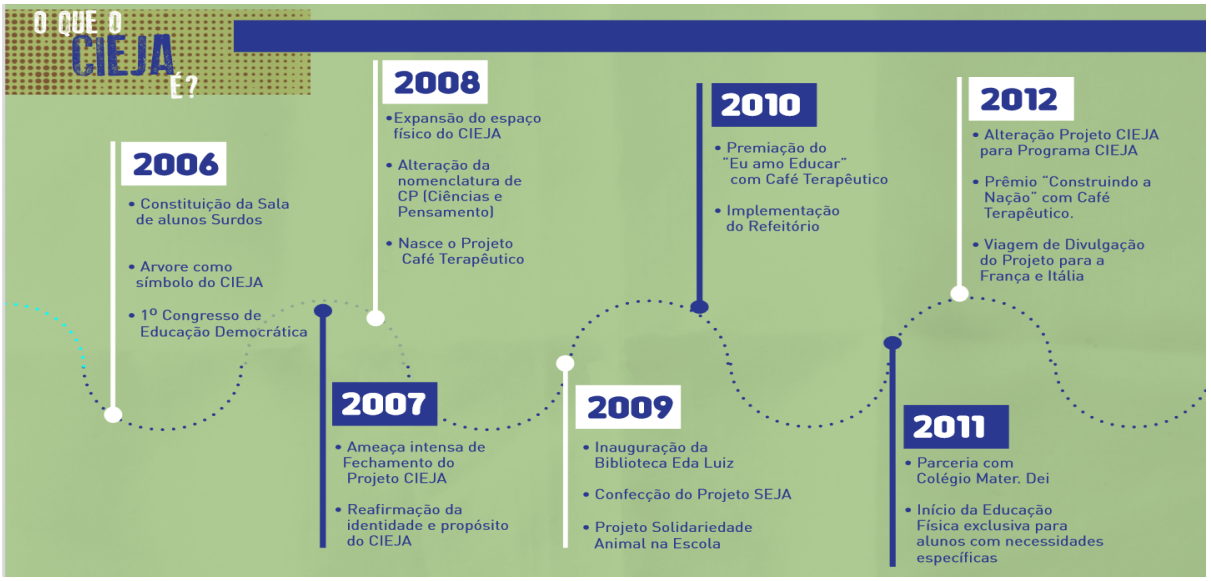
Esse movimento foi importante. Todos começaram a refletir sobre os famosos "por quês" do Cieja CL, os motivos pelos quais algumas coisas são e(ou) estão como estão, bem como a unicidade, a identidade e, o principal, o pertencimento, para a defesa e a luta por esse projeto, mesmo com a saída de Dona Eda.

Figura 36 – Linha do tempo parte 1, confeccionada por educandos, professores e funcionários com o auxílio do grupo Slow Food da Política – 2018



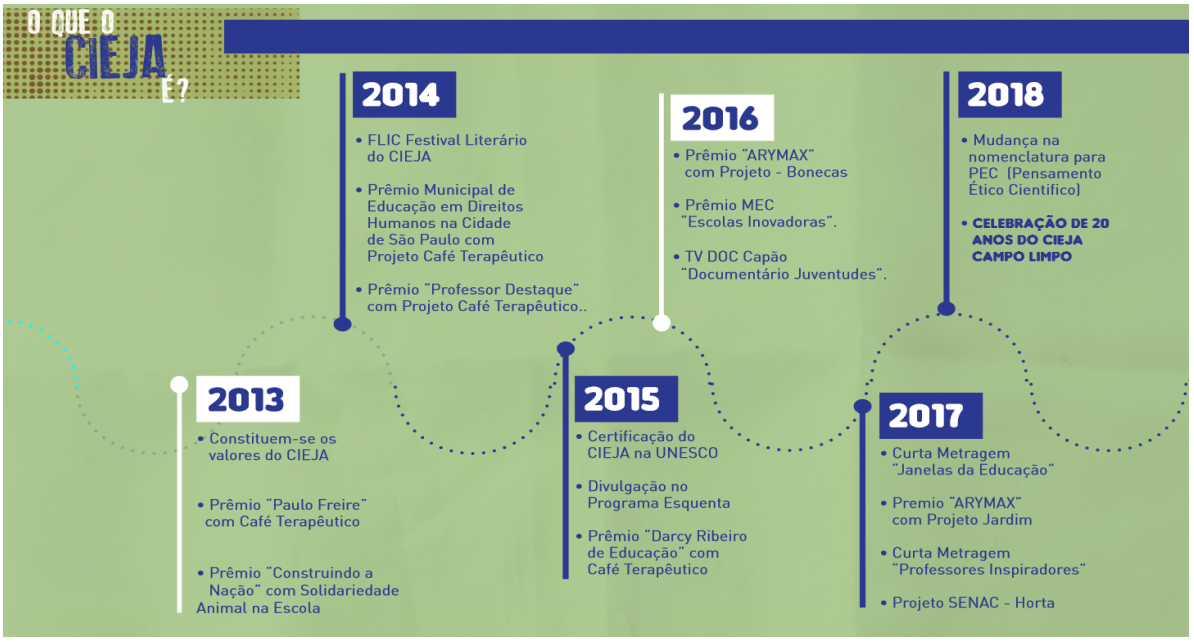
Fonte: FastFood da Política 2018

Figura 37 – Linha do tempo parte 2, confeccionada por educandos, professores e funcionários com o auxílio do grupo Slow Food da Política – 2018



Fonte: FastFood da Política 2018

Figura 38 – Linha do tempo parte 3, confeccionada por educandos, professores e funcionários com o auxílio do grupo Slow Food da Política – 2018



Fonte: FastFood da Política 2018

Figura 39 – Linha do tempo feita pelos alunos e colocada nas paredes do piso verde – 2018



Fonte: Diego Elias 2018

4.3 A Concepção pedagógica como chave de um processo

O cotidiano no Cieja CL foi enriquecido ao longo dos 24 anos a partir da interação coletiva, do auxílio de parceiros, dos cursos, entre muitas contribuições para que o centro como um todo tivesse suas características, ao proporcionar observações como “no Cieja CL é diferente”, “aqui temos o ‘ser’ ciejense, “comunidade Cieja CL”, assim como outras características que tornam a experiência diária diferente de uma escola regular.

Esta subseção tem como objetivo demonstrar essas ações cotidianas para o constituir o caminhar da prática pedagógica no centro, fazendo com que possamos identificar elementos importantes para a formação do Cieja CL como um território de uma educação alternativa. Esses elementos são: valores, assembleias, reuniões pedagógicas de sexta-feira, comissões, eventos, flexibilidade, agrupamentos produtivos, diário de bordo, extraclasse, metodologia investigativa, rodízio e apresentação de final de rodízio.

4.3.1 Valores

Depois do fazer diário, demonstrar que o processo educacional, desde o Cemes, com teatros, aulas-temas, material de apoio, até o novo sobrado, com assembleias, formaturas, palestras, encontros, áreas de conhecimento, ações pelo bairro, constituía elementos diferentes para uma prática pedagógica, que demonstrava, para quem chegava ao centro, que ali estava sendo feito um trabalho diferenciado. Todavia não existia nomenclatura para dizer o que estava sendo feito de diferente. Em 2009, uma parceira[95] do centro estava fazendo um trabalho de fortalecimento de vínculos e propôs que fossem discutidos os elementos que tornavam o Cieja CL o que ele era, como descrever o que estava sendo feito no processo educacional. Assim, depois de discussão com a comunidade, chegaram à conclusão que estava sendo feito um processo educacional através de valores, e não por conteúdo. Os valores eram postos para que cada um, funcionários, gestores, professores e educandos, se posicionasse sobre como poderia fazer diferente.

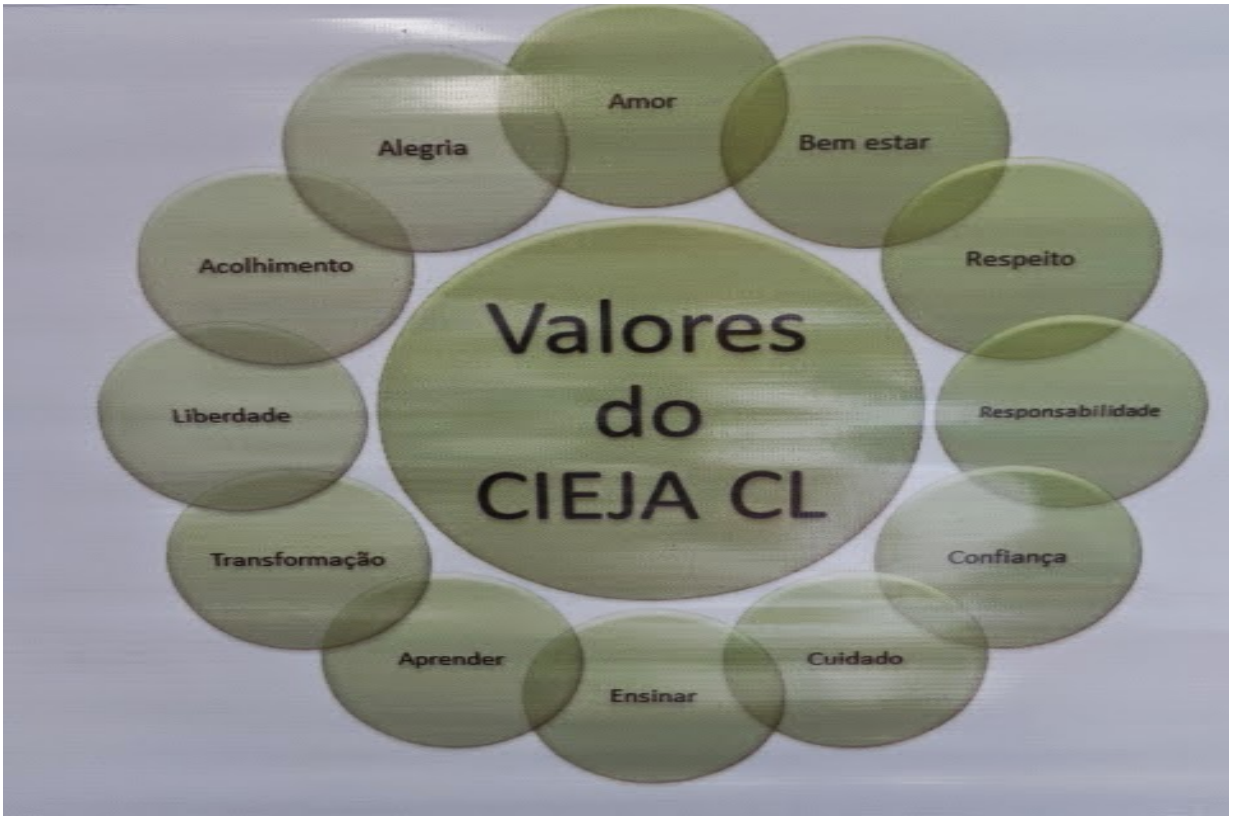
Após as discussões, foram eleitos os 12 valores do Cieja CL: amor, bem-estar, respeito, responsabilidade, confiança, cuidado, ensinar, aprender, transformação, liberdade, acolhimento e alegria.

Com a comunidade se mobilizando para expressar sobre os principais valores, houve a incorporação desse processo no fazer pedagógico do centro. Em sala, nas relações da sociedade e, inclusive, como mediação de conflitos, como resolver determinado problema a partir dos valores do Cieja CL.

Esse movimento repercute nos dias atuais e faz com que cada pessoa em contato com os valores pense o seu papel no centro, nas suas casas, na sua família, no seu bairro e na sociedade.

Figura 40 − Cartaz dos Valores do Cieja CL que fica na sala dos professores

[95] A *coach* Ana Raia. Maiores informações, ver Ar Desenvolvimento Humano ([2023]).



Fonte: blogdociejcampolimpo.blogspot.com

4.3.2 Assembleias

Enfrentar os problemas de maneira coletiva é uma forma de resolução de problemas e conflitos desde o início do Cemes CL, seja pela discussão de como melhorar o atendimento aos educandos, seja dar soluções para o aumento de matrículas, ou procurar outro imóvel. Isso ganha o nome de assembleia no ano de 2001, quando houve a primeira tentativa de fechamento do centro. A ação de discussão coletiva foi proposta por Dona Eda, para que fosse feita a estratégia de fortalecimento coletivo do projeto tanto na cidade quanto internamente.

Foram as assembleias que deram o título de escola democrática com participação popular ao centro. Pois ela considera o território e toda a comunidade escolar como pertencentes ao projeto educacional, seja para a resolução de problemas, ou mesmo para as comemorações e ações diárias. As assembleias não têm periodicidade, são convocadas de acordo com as necessidades que surgem, quando há situações de tensionamento que possam colocar o projeto em risco ou para a resolução de conflitos no fazer cotidiano do centro. Nelas, gestão,

professores, educandos e funcionários se reúnem para contribuírem com o seu ponto de vista sobre determinado assunto.

A última assembleia que ocorreu no Cieja CL foi em 2022 tratou sobre questões de limpeza e segurança do Centro, onde foi deliberado mutirões de limpeza, a gestão se comprometeu em reformar os banheiros e a confecção de abaixo assinado para encaminhamento para as autoridades competentes para aumentar o policiamento nas redondezas, em especial no período noturno.

4.3.3 Reuniões de sexta

As reuniões de sexta-feira surgiram no início com o Cemes, pois o ensino era semipresencial, e, nesse momento, o grupo poderia elaborar estratégias de atuação para a semana seguinte. Esse formato de reunião na sexta-feira teve influência direta da organização do Mova, já que ele possuía esse dia para formação.

Na transição do Cemes para o Cieja, foi estabelecida a organização da carga horária dos módulos e agrupamentos, que teve como principal característica o respeito a esse dia para formação e projetos a serem desenvolvidos com os educandos.[96] Para a garantia de carga horária, foi aprovada a realização de atividades extracurriculares, intituladas de extraclasse.

Na atualidade, a organização da sexta-feira para o grupo de professores está dividida para a formação da cidade,[97] o planejamento coletivo por agrupamento e área de conhecimento, as 25 horas de atividade e a Jornada Especial Integral de Formação.

Esse conjunto de ações fazem com que os professores fiquem na sexta-feira mais de nove horas[98] em função de organização do centro, planejamento dos encontros semanais, organização de eventos, grupos de discussão, formação coletiva, comissões temáticas. Esse movimento é considerado o principal para que o Cieja CL consiga fazer todas as suas ações de maneira territorializada, chamando coletivos do bairro e da região para contribuírem com a prática pedagógica.

Para trazer um exemplo, na reunião de sexta do dia 23/06 foram debatidos assuntos sobre a autonomia da pessoa com deficiência, na qual o instrutor de

[96] Nesta subseção, entra também a 25ª aula do professor para atender aos educandos como plantão de dúvidas.
[97] Carga horária de formação da SME para professores e gestores da rede (SÃO PAULO, 2022a).
[98] Horas inteiras, e não horas-aula.

libras[99] (surdo) e um ex-educando com deficiência visual, fizeram relatos da suas experiências de vida em relação aos seus processos históricos de aprendizagens e suas experiências fora dos muros do Centro e na semana seguinte os grupo de professores realizou uma visita a Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos (EMEBS) Anne Sullivan, para vivenciar a experiência bilíngue no currículo.

4.3.4 Extraclasse e diário de bordo

O diário de bordo surgiu, em 2002, da necessidade de compensação e garantia de horas letivas que o educando é obrigado a fazer. Ele consiste no registro do relato de experiência que cada educando teve relacionado com o encontro daquele dia ou daquela semana, geralmente o que mais chamou a atenção.

O Extra Classe surge, no projeto de 2008, para compor a jornada posta em lei pelo Projeto Cieja de Maio de 2008. É o registro de participação, discussão ou qualquer maneira que o educando relaciona o que aprendeu fora da sala de aula e também fora do Cieja CL, seja ida ao cinema, igreja, terreiro, exposição, movimentações culturais do bairro, não importa o quê, desde que seja feito o registro por escrito.[100]

Ambos os registros permitem o exercício de autoria com os educandos, que, através dessas ações, são convidados a relatar, opinar, pensar sobre o que foi trabalhado e fazer a relação com a sua experiência de vida, com os acontecimentos do bairro, da sociedade, da política, da cultura, e, ao se colocarem como interlocutores, adquirem espírito crítico.[101]

4.3.5 Flexibilidade

A flexibilidade é herança do Cemes, no qual, por mais que o(a) educando(a) fosse matriculado(a) em um horário específico, como era semipresencial, o importante era que ele(a) fosse ao centro realizar a avaliação operatória e pegar

[99] No CIEJA CL existem estudantes surdos em proposta de atendimento de uma educação de jovens e adultos bilíngue.
[100] Semanalmente, como forma de incentivo, os educandos são convidados a lerem seus extraclasse para compartilharem suas experiências com a turma.
[101] Ambos os registros são considerados pelos educandos como promissores para fazer redações no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), eliminarem o ensino médio pelo Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja) ou para passarem em algum curso superior.

novas apostilas. Quando o projeto passa para Cieja, identificou-se que, para o jovem e o adulto, o importante é ter a oferta de atividades no máximo de horários que ele consiga participar, tendo em vista que sempre surgem problemas com o trabalho e(ou) com a família.

A possibilidade de estudar 2 horas e 15 minutos e, quando surgir alguma intercorrência, poder ir em outro horário são os pontos mais importantes destacados pela comunidade ciejense. Esses são apontados como principal motivo para não pararem de estudar, devido à constante troca de emprego, à troca de turno de trabalho, a consultas ou ao cuidado da casa e(ou) da família.

4.3.6 Agrupamentos produtivos

Em relação à organização do Cieja CL, em vez de ser em disciplinas tradicionais, no ciclo II, como matemática, ciências etc., o coletivo, em seu processo histórico, optou por quatro áreas do conhecimento, que englobam as diversas disciplinas tradicionais e incluem outras consideradas fundamentais para a EJA e para o fortalecimento da autonomia do estudante. São elas Linguagens e Códigos (LC), envolvendo as disciplinas de Língua Portuguesa e Inglês; Ciências Humanas (CH), que envolve as disciplinas de Geografia e História; Ensaios Lógicos e Artísticos, que passou a se chamar Matemática e Artes (MA), envolvendo as disciplinas de Matemática, Artes e Ciências da Natureza, que inclui as disciplinas de Ciências e Filosofia. Além dessas, o estudante também participa de aulas de Projetos (JEX) e de atividades de acompanhamento individualizado.[102]

Em cada área de conhecimento, o educando tem atendimento por dois professores durante quatro semanas. Nesses suportes, são desenvolvidos o passo a passo da metodologia investigativa e o desenrolar da sequência didática a partir do tema gerador.

No ciclo I, o atendimento, em sua maioria, é feito por dois professores, que desenvolvem sequências didáticas com vistas ao tema gerador, todavia percorrem o caminhar do ano letivo. São os agrupamentos Acolhimento, Confiança e Liberdade.

É importante frisar que muitos dos educandos que foram excluídos da escola regular chegam ao centro com a documentação dos anos finais do ensino

[102] São atividades no contraturno escolar para auxílio de qualquer educando com dificuldade.

fundamental sem saber ler e escrever. Assim, após a avaliação diagnóstica, constata-se qual a fase de alfabetização em que o ingressante está, bem como o agrupamento produtivo que ele frequentará no centro.

4.3.7 Encontros

Várias discussões sobre o aprender na vida adulta levaram alguns dos elementos do Cieja CL a mudarem de nome, e a aula é um desses. Os educandos relataram que, nas outras escolas, ao chegarem atrasados para o horário de entrada, eles não podiam entrar e, quando entravam, tinham de ficar a aula inteira copiando, mesmo sem entenderem o que estava sendo ensinado. Por esses motivos, a aula no centro passou a se chamar encontro, pois, na vida adulta, este representa o novo, novas ideias, novos hábitos, novas pessoas, abrindo caminho para o aprendizado.

4.3.8 Tema gerador

O tema gerador surge, no projeto, após 2003, com influência freiriana, na qual o aprendizado ganha sentido. Desse modo, ao levantar temas geradores, aqueles que mais incomodavam a comunidade do centro, ao serem debatidos, organizados e trabalhado pelos professores, demonstravam sentido para os educandos. Eles, ao estudarem, por exemplo, sobre a construção do metrô do Capão Redondo, a desapropriação das casas, ou temas ligados à poluição dos córregos, à saúde da população pobre, se colocavam como protagonistas críticos dos problemas sociais e levantavam possibilidades de resolução de problemas.

No centro, houve época em que a turma dos educandos deveria propor soluções para os problemas levantados. Assim, nesse momento, plantio de árvores, manutenção de praças, pontos viciados de descarte de resíduos, visita a asilos, orfanatos, entre outras ações, foram propostas efetivadas na comunidade.

Para a construção dos temas geradores é realizado algumas sensibilizações e organizado momentos para que os educandos possam dar propostas para serem problematizadas em questões a serem postas em primeiro lugar na mesa, para em seguida debatida na sala e ser escolhida uma para ser debatida no período e eleita

uma do período para concorrer com os outros períodos do Centro e no final ser eleita em processo democrático um tema gerador para o CIEJA CL.

A partir da escolha do tema gerador os professores organizam subtemas e montam um mapa conceitual a ser trabalhado no semestre e que podem a partir dele confeccionarem situações problemas a serem discutidas em sala.

4.3.9 Apresentação de final de rodízio

No ciclo II, após quatro semanas desenvolvendo a metodologia investigativa com os agrupamentos produtivos, os educandos devem mostrar, em apresentação pública, para todo o centro, o que aprenderam. Tendo em vista que o assunto poderia ser intervenções no bairro ou avaliações sobre o que acontecia na comunidade, a partir do tema gerador, possibilita-se que, nesse momento, seja compartilhado.[103]

Na última edição do evento os educandos promoveram uma esquete teatral sobre brincadeiras de infância em contraposição ao mundo adulto regrado e o quanto o tempo de infância, a ludicidade é apagada pelo trabalho, pela rotina, outro grupo apresentou “emojis” com expressões que resumiam sentimentos e que auxiliavam a caracterizar como você está, todavia em inglês.

4.3.10 Saídas

O bairro e a cidade passaram a fazer parte das discussões do planejamento, da formação dos professores e da interação com os educandos no início do projeto Cieja. O projeto considerava que, ao terem os educandos o dia inteiro, deveria haver momentos de diálogos entre o que ocorre na sociedade e aquilo que é aprendido no centro, estreitando a possibilidade interpretativa dos fenômenos sociais.

As saídas, até hoje, são vistas como momento fértil, inclusive para a formação de professores às sextas-feiras, para demonstrarem sua riqueza e fazerem-nas como processo de aprendizado profissional.

---

[103] Salienta-se que muitos dos educandos do Cieja CL dizem se sentirem empoderados ao falarem no microfone e abrangem o empoderamento para o fato de falarem em público, na família, na igreja, se sentindo com poder, reconhecendo que sua opinião é importante no contexto social.

Existem as saídas dos educandos que podem ser para centros culturais, fábricas de cultura, para a rede SESC, teatros, parques. Uma das mais solicitadas pelos educandos são as saídas para as Aldeias indígenas pela cidade de São Paulo, que promovem troca cultural, discussão sobre o indígena em contexto urbano, assim como desmistificar preconceitos e estereótipos sobre a temática.

A proposta formativa do Cieja CL é pautada também em saídas formativas que são compostas por professores e funcionários que destacam a cidade como ambiente educador e a visita como proposta de vivenciar o ambiente de discussão de determinado assunto. Uma das saídas que se destacou foi para o Quilombo do Ivaporunduva em 2019, para uma das comunidades tradicionais mais antigas do vale do Ribeira (SP), onde o grupo teve a oportunidade de ouvir histórias, fazer oficinas e vivenciar um dia no Quilombo conversando com os moradores. Assim como essa outras foram realizadas na perspectiva de vivenciar exposições, palestras, eventos, festivais, mostras, etc, pela cidade de São Paulo.

4.3.11 Sensibilização

Ao ter educandos em todos os períodos, foram elaborados, pela gestão e pelo grupo de professores, vários elementos que pudessem chegar mais próximo dos educandos, e as sensibilizações foram heranças das aulas-temas que impactaram a comunidade. Por isso, um dos caminhos para chegar perto da comunidade era através de sensibilizações para o tema.

O teatro dos professores são importantes elementos para sensibilização, onde com textos autorais em pequenas esquetes, são feitas representações que levam ao início do debate para temas como colonização, marco temporal, racismo, violência contra a mulher, etec.

4.3.12 Frase do dia

A frase do dia surge do momento inicial do Cieja CL como forma de repensar as sensibilizações nos encontros. Desse modo, era trabalhado um livro em cada começo de encontro, no qual eram trazidas as contribuições da autora ou do autor para o que estava sendo discutido na ocasião. Como a duração de 2 horas e 15 minutos é um tempo curto para fazer essa ação, somada às atividades de

aprendizagem dos educandos, o movimento passou a ser com frases de impacto para questões diversas, por meio das quais autores e autoras pudessem "alimentar" a aprendizagem dos educandos.

Nesse momento, ideias, teorias, contribuições humanitárias são discutidas como uma maneira possível de sensibilizar para o tema, assim como para incentivar o retorno aos estudos.

São utilizadas frases de vários pensadores, de trechos de histórias populares, avanços científicos e/ou de protesto.

4.3.13 Metodologia

A metodologia empregada em sala nos encontros respeita o tema gerador, as sequências didáticas. Todavia, a partir de um curso chamado de Mão na Massa, realizado por docentes na Estação Ciência, em 2009, foi incorporado à prática do Cieja CL um percurso formativo. Para melhor descrevê-lo, segue trecho do *Projeto Político Pedagógico 2022* do Cieja CL.

> Segue-se para a **Hora de Falar**, em que o(a) docente problematiza o entendimento prévio do(a) estudante a partir de uma palavra significativa para suscitar o tema planejado (*Quando você ouve a palavra... o que vem a sua mente?*). Aqui se explicitarão os valores e saberes da comunidade. A partir dessas vozes, o(a) docente perceberá elementos necessários para serem abordados nas atividades em uma das etapas dessa metodologia que será vivenciada mais à frente.
> Na sequência o(a) docente fará a proposição da **Situação Problema**, a qual apresenta uma provocação que envolve conhecimentos de área e valores da comunidade local, articula ciência e filosofia, pois convida o(a) estudante a refletir sobre algo que possa instigá-lo(a) a pensar em hipóteses de solução. Nesse momento a leitura interpretativa é fundamental para que todos possam compreender a problemática em questão.
> Depois de compreendida em leitura, o próximo momento é **Nossas Ideias**, etapa em que os(as) estudantes farão o registro das hipóteses que ele(a)s acham pertinentes para análise da situação problema em questão, primeiramente de forma individual e em seguida de forma coletiva com socialização em seu grupo. A partir daí, inicia-se o momento do **Procurando Respostas**, quando os(as) docentes planejam atividades para que o(a) estudante possa percorrer sua trajetória de estudos, visando a construção de conceitos que o auxiliará a repensar as hipóteses que foram levantadas. Para isso serão construídas sequências didáticas que proporcionarão repertório de leitura, escrita e oralidade de acordo com a necessidade de cada grupo.
> O momento final do processo é chamado de **Minhas Descobertas**, e é nele que se constitui uma avaliação individual com registro escrito pelo(a) estudante acerca dos conhecimentos construídos neste processo.
> Os percursos são distintos pois temos grupos em diferentes etapas do processo de aprendizagem, que compõem os módulos de alfabetização e

> de pós alfabetização, intitulados de **Acolhimento**[104], **Confiança** e **Liberdade** (de acordo com a fase de alfabetização), os quais vão construir autonomia em relação à leitura e escrita, e ainda os grupos dos módulos intermediário e final, chamados por nós de **Alegria**, **Transformação**, **Respeito** e **Aprender**, que vão construir seus saberes a partir de trajetórias nas áreas de conhecimento, a saber: Linguagens e Códigos, Matemática e Artes, Ciências Humanas e Ciências da Natureza.
> Nas áreas de conhecimento os educandos desenvolvem atividades durante quatro semanas com professores em dupla docência. Neste período trabalha-se a metodologia exposta acima, perpassada por situações problemas e sequências didáticas que permitem com que os (as) estudantes construam uma linha de raciocínio em plena interação no processo de ensino e aprendizagem, potencializando-se assim a construção do próprio conhecimento.
> Ao final deste processo e com a mínima intervenção dos professores, uma vez que certa autonomia foi construída, os (as) estudantes preparam apresentação sobre o que aprenderam para toda a comunidade Cieja CL em seu respectivo período com os objetivos de aprimorar habilidades de comunicação, interagir com as demais turmas e, principalmente, propor possíveis soluções para os conflitos estudados na situação problema, ampliando saberes antes circunscritos a uma área do conhecimento, agora instigando a comunidade a pesquisar os temas abordados em outra etapa da Metodologia Investigativa: **Para Saber Mais**, como desdobramento das pesquisas apresentadas. (PPP do CENTRO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS CAMPO LIMPO, 2022, p. 49.).

Nesse caminho, podemos entender o protagonismo dado à comunidade Ciejense, com os valores, principalmente na resolução de conflitos, fazendo com que a aprendizagem seja coletiva.

4.3.14 Comissões e eventos

Desdobram-se também, a partir das formações, alguns eventos e vivências que abarcam todo o Cieja CL, que é dinamizado por comissões, compostas por professores. São eles: Seminário Étnico-Racial (desde 2014), Encontro Indígena, (desde 2013), Feira Literária do Cieja Campo Limpo (Flic — desde 2014), Café do Cieja (desde 2008), Lanche Comunitário (desde 1999) e Sexualidade e Diversidade Sexual (desde 2014). Essas ações têm um alcance que permite diálogos importantes entre estudantes, docentes e diversos convidados acerca de temáticas atuais e necessárias para a melhoria da qualidade de vida desse público atendido.

[104] Não há referências das turmas dos(as) estudantes como 1ª A, B, ou módulo I, II etc. É pontuado que os estudantes estão em agrupamentos produtivos e seguem dinâmicas diferenciadas de aprendizagem. Daí, os nomes de tais agrupamentos a partir dos valores como referências em todas as ações dentro e fora do espaço escolar e em que são trabalhados cotidianamente com toda a comunidade escolar. São eles: acolhimento, alegria, amor, bem-estar, confiança, cuidado, ensino e aprendizagem, liberdade, respeito, responsabilidade e solidariedade.

Elas evidenciam o importante papel social da educação como transformadora da vida das pessoas, bem como diálogos com movimentos culturais e sociais da comunidade e da cidade.

4.3.15 Portão aberto

O portão aberto para todos[105] que chegam ao centro em pleno Capão Redondo é o destaque para todos os visitantes. Essa prática é defendida desde a época do Cemes até os dias atuais para demonstrar que o ambiente escolar e a própria escola é da comunidade, é um bem público, em que natureza, aprendizagem e alimentação são partilhadas independente de origem ou condição social.

A preocupação em colocar esses elementos nesta pesquisa é para demonstrar o quanto o trabalho do Cieja CL está enraizado na comunidade, na oferta do melhor atendimento da EJA, bem como por considerar a educação como elemento-chave de transformação de si, do outro e da sociedade a partir dos empoderamentos individuais e coletivos no que tange à construção e à defesa do *ser ciejense.*

4.3.16 Mapeamento

Diferente de conselho de classe, o mapeamento é o momento em que cada educando pode debater com a coordenação pedagógica e os professores de cada área de conhecimento sobre a aprendizagem, a partir dos critérios desenvolvidos pela respectiva área.[106]

Assuntos pertinentes desde a sua chegada ao Centro, o percurso no agrupamento, assim como para identificar as habilidades adquiridas durante o processo de aprendizagem, tanto em relação a frequência, quanto referentes a aquisição de leitura e da escrita (subdividida entre produção escrita, oralidade e leitura e habilidades matemáticas).

---

[105] A diferenciação dos espaços públicos com controles de acesso em contraposição aos espaços públicos de portas abertas pode ser embasado na discussão espaço público e cidadania, forma e conteúdo dos espaços e acessibilidade dos espaços públicos presentes em Serpa (2004).
[106] Na perspectiva de leitura, escrita, localização, interpretação, participação, entre outros aspectos.

4.4 O eco do Cieja CL vai longe: pesquisas sobre o centro, prêmios e a participação em redes nacionais e internacionais

Uma das formas de identificar a abrangência de uma temática, de um assunto ou mesmo de uma perspectiva é quantificar trabalhos acadêmicos, reportagens, prêmios, assim como rastrear[107] onde determinada temática está sendo exposta e debatida. Esse é o intuito desta subseção, detectar a abrangência do Cieja CL na academia, nos meios de comunicação, bem como o seu reconhecimento perante instituições públicas e privadas nacional e internacionalmente, o que certamente contribuir para ampliação da visibilidade do projeto e, de forma indireta, para sustentar este território no mundo.

Para que fosse possível visualizarmos a abrangência do Cieja CL, fizemos o exercício de confeccionar um quadro e, a partir dele, expor a relação, na cidade e no Brasil, que o Cieja tece em defesa da educação de jovens e adultos.

O quadro “Registros e o reconhecimento da prática pedagógica do Cieja CL – 2022-2023” foi realizado a partir de consulta nos principais bancos de dados das universidades públicas e privadas, nos buscadores na internet e no próprio acervo do Cieja CL. Todavia, devido ao volume de trabalhos sobre a prática pedagógica do centro, elencamos os principais.

Os trabalhos organizados no quadro representam o volume total de 62 registros diversos sobre o Cieja CL, desde o ano de 2002 até 2023. Estes estão representados em nove artigos acadêmicos, 11 reportagens em revistas e *sites*, um trabalho de conclusão de curso, seis dissertações de mestrado, quatro teses de doutorado, três pós-doutorados, um livro, dois capítulos de livro, 12 prêmios, diversos vídeos[108], um *blog*, duas páginas no Facebook e um perfil do Instagram para divulgação das atividades do centro.

Como o ordenamento do material foi pensado a partir da data que mostra uma crescente divulgação do trabalho do centro, assim é possível sua interpretação por elementos que aconteceram ao longo do tempo que permitiu maior visibilidade.

---

[107] Esse é um esforço inicial que, neste trabalho, é apresentado em formato de quadro. É importante salientar que seria de extrema valia o acréscimo de ações como visitas, participação em eventos ou mesmo palestras. Esse desejado registro de maneira sistematizada é uma prática bem quista pelos ciejenses, mas ainda sem efetiva execução.

[108] Com o avanço da internet, os ciejenses adotaram como prática a criação de canais no YouTube para armazenar os vídeos, sendo que muitas das práticas mais importantes do centro estão nesses canais.

Entre os anos de 1999 e 2001, não encontramos publicações. Nos anos de 2002 a 2006, encontramos somente um artigo acadêmico. Nos anos de 2007 a 2011, ocorreu o aumento para quatro atividades. De 2012 a 2016, foram 24 ações. De 2017 a 2021, 28. Por fim, de 2022 a 2023, são oito movimentações.

Destaque para os anos de 2015 (cinco) e 2016 (oito) que, somados, apresentaram um total de 13 ações de repercussão nacional. Especialmente, a divulgação do Cieja CL pelo prêmio do Ministério da Educação, a composição do banco de dados na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), assim com a participação, em pleno domingo à tarde do final do ano de 2016, no programa *Esquenta*, da Rede Globo, apresentado por Regina Casé.

Esses eventos fizeram com que aumentassem as visitas pedagógicas[109] ao Cieja CL, fosse ampliado o número de vagas,[110] bem como o centro se tornasse foco de pesquisas ou análises de fenômenos pedagógicos de destaque.

Outro destaque, o segundo maior momento de atividades pelo Cieja CL, entre os anos de 2017 e 2021, registramos 28 ações que envolveram a divulgação do centro em vários meios de comunicação e setores universitários, grupos de pesquisa, bem como revistas especializadas.

O Cieja CL, como análise científica, foi foco de 34 trabalhos acadêmicos, desde artigos a trabalhos de conclusão de curso ou pesquisas de pós-graduação. Com temas múltiplos, como papel do gestor, avaliações pedagógicas, pessoas com deficiências ou importância desse modelo para a EJA.

Os prêmios ganhos somam a quantidade de 12. Nesse ponto, vale ressaltar que, para todos esses prêmios, foram enviados materiais para que a prática do centro fosse avaliada pela comissão julgadora dos respectivos processos de concorrência.

Prêmios, trabalhos acadêmicos e reportagens demonstram que a prática pedagógica do Cieja CL adquire visibilidade e relevância para a discussão da EJA no geral. Representa, ainda, uma possibilidade de ter processos que possam contribuir para o sistema educacional brasileiro, que, desde a realidade do Capão Redondo, periferia de São Paulo, pode, ao longo dos anos, resistir às intempéries

[109] Até antes de minha ida para trabalhar no Cieja CL, não tinha conhecimento da existência de um turismo pedagógico, em especial, na cidade de São Paulo. Representantes de várias redes de ensino, professores universitários, pesquisadores ou “curiosos” de todo o Brasil visitam as escolas da cidade que têm visibilidade nacional, fazendo uma espécie de roteiro pedagógico.
[110] Em 2018, o Cieja CL chegou a ter 1.847 educandos(as).

dentro da EJA.

A partir dessa visualização, é importante salientarmos a visibilidade dada pelo prêmio do Ministério da Educação, reconhecendo o Cieja CL como uma das 178 escolas inovadora do Brasil. Ele fez com que o centro fosse convidado a compor o programa Escolas Transformadoras,[111] rede de escolas espalhadas pelo Brasil e pelo mundo que dá visibilidade às boas práticas. Em seguida, passou a integrar a rede das Escolas2030,[112] que, assim como o outro programa citado, tem o objetivo de demonstrar boas práticas, só que com processo de pesquisa-ação e foco nas metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), estabelecidas pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Houve o processo migratório do programa Escolas Transformadoras para o Escolas2030, devido à logística de financiamento deste último. Todavia tanto um quanto o outro possibilitam o diálogo com o maior número de escolas com boas práticas no território nacional e, constantemente, há o processo de visitas, assim como palestras e cursos *on-line* para efetivar a troca da rede.

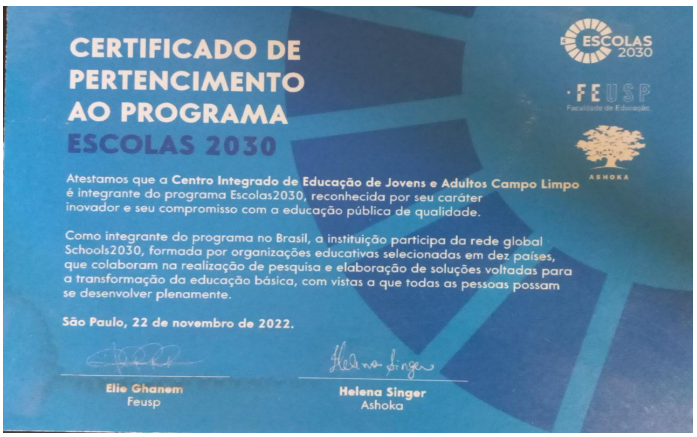
Esse movimento se constitui como elo de uma corrente de escolas com práticas transformadoras, pois ocorre a visibilidade e o enfrentamento de situações que levam ao empoderamento do grupo.

---

[111] "O programa teve início nos Estados Unidos, em 2009, e, de lá para cá, espalhou-se por 35 países. Hoje, conta com uma rede formada por mais de 270 escolas, **sendo 21 brasileiras**. No Brasil, a iniciativa foi lançada em setembro de 2015, em correalização com o Instituto Alana.
Entre 2015 e 2020, o Escolas Transformadoras organizou e fomentou uma comunidade de escolas e ativadores, criou e realizou encontros e parcerias, construiu publicações e produziu uma série audiovisual.
Em 2020, o programa chegou a uma nova fase. A partir desse ano, o Instituto Alana assume um novo papel na iniciativa, passando a fazer parte da comunidade ativadora do programa ao lado de escolas e outros parceiros." (ESCOLAS TRANSFORMADORAS, [2023b], grifo do autor).

[112] "O **Escolas2030** é um programa global de pesquisa-ação que busca avaliar, desenvolver e disseminar boas práticas para a educação de qualidade de crianças e jovens, tendo como referência o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS4).
Com duração prevista de 10 anos (2020 a 2030) globalmente, o programa terá como atores centrais organizações educativas dos 10 países participantes: Brasil, Afeganistão, Índia, Paquistão, Portugal, Quênia, Quirguistão, Tajiquistão, Tanzânia e Uganda. As organizações educativas serão consideradas 'laboratórios de inovação' para a aprendizagem de qualidade ao longo da vida, envolvendo diretamente uma rede de cerca de 50 mil educadores e 500 mil estudantes." (ESCOLAS2030, [2023], grifo do autor).

Figura 41 − Certificado de participação no Programa Escolas 2030



Fonte: Registro do autor, 2022.

Figura 42: CIEJA CL no Global Forum Schools 2030, na cidade de Porto em Portugal, representando o Brasil na rede mundial de escolas inovadoras. Na apresentação (showcase) intitulada “Schools2030 Teacher Showcase: Innovations and alternative pathways to support inclusive learning opportunities for youth”, com a mediação de Halima Shaaban (Schools2030 Kenya), da comentarista Tara Painter (Global Affairs Canada) e dos participantes do continente africano Alfred Sigo (CEP, Pwani Youth Network, Kenya) e da Jamila Mayanja (CEO and Founder of Smart Girls, Kampala, Uganda).



Fonte: Fernando Tavares (2023).

Quadro 2 − Registros e o reconhecimento da prática pedagógica do Cieja CL – 2022-2023

Nº	Nome do trabalho/reportagem/estudo	Autor(a)	Ano	Tipo de material	Local de publicação	*Link* de acesso
1	EJA: entre a reprodução e a educação popular	Vanessa Porfírio de Faria Elsas	Jul, 2002	Artigo na Scielo	*On-line*	http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092012000200037&lng=en&nrm=abn
2	Gestão democrática do conhecimento: sobre propostas transformadoras da estrutura escolar e suas implicações nas trajetórias dos estudantes	Helena. Singer	2008	Relatório de pós-doutorado	*On-line*	https://www.academia.edu/30667612/A_GEST%C3%83O_DEMOCR%C3%81TICA_DO_CONHECIMENTO_SOBRE_PROPOSTAS_TRANSFORMADORAS_DA_ESTRUTURA_ESCOLAR_E_SUAS_IMPLICA%C3%87%C3%95ES_NAS_TRAJET%C3%93RIAS_DOS_ESTUDANTES
3	Imaginário, corpo e caneta: matriz afro-brasileira em educação de jovens e adultos.	Allan Santos da Rosa	2009	Dissertação	*On-line* e dissertação física	https://dedalus.usp.br/F/57PL28MBQVIE17J6XDUV6GU6QL7E35IV9ILLQII3TK3QDCPBJA-04614?func=full-set-set&set_number=003947&set_entry=000008&format=999
4	*Blog* do Cieja Campo Limpo	Billy	2009	Reportagens/ informações diversas	*On-line*	https://blogdociejacampolimpo.blogspot.com/
5	Premiação do “Eu Amo Educar” com Café Terapêutico	Billy de Assis	2010	Prêmio		
6	A volta ao mundo em 13 escolas	André Gravatá, Camila Piza, Carla Mayumi e Eduardo Shimahara	2012	Livro feito para visibilizar escolas com boas práticas pelo mundo	*On-line* e impresso	https://voltaaomundoem13escolas.wordpress.com/
7	Prêmio “Construindo a Nação” com Café Terapêutico	Billy de Assis	2012	Prêmio		
8	Cieja Campo Limpo é um oásis para os excluídos	Tory	2013	Reportagem Carta Capital	*On-line* e impresso	https://www.cartacapital.com.br/educacao/um-oasis-para-os-excluidos/
9	Dona Eda e a escola de todo mundo	Patrícia Gomes	2013	Reportagem	*On-line*	https://porvir.org/dona-eda-escola-de-todo-mundo/
10	Prêmio “Paulo Freire” com Café Terapêutico	Billy de Assis	2013	Prêmio		
11	Prêmio “Construindo a Nação” com Solidariedade Animal na Escola	Billy de Assis	2013	Prêmio		

12	A trajetória do projeto Cieja entre as políticas públicas de EJA na cidade de São Paulo	Vanessa Porfírio de Faria Elsas	2014	Dissertação	*On-line* e dissertação física	https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-10112014-143819/publico/VANESSA_ELSAS_PORFIRIO_DE_FARIA_rev.pdf
13	Cieja Campo Limpo: escola transformadora de estruturas e trajetórias.	Helena. Singer	2014	Artigo na Revista Urbânia	Impresso	Revista *Urbânia*, v. 1, p. 14-20, 2014.
14	Prêmio Municipal de Educação em Direitos Humanos na Cidade de São Paulo com Projeto Café Terapêutico	Billy de Assis	2014	Prêmio		
15	Experiências inovadoras que promovem o desenvolvimento local por meio da ampliação da cidadania: o caso do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (Cieja) em Campo Limpo	Priscilla Corrêa dos Santos	2015	Trabalho realizado dentro de grupo de pesquisa	*On-line*	https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/publicacoes/priscilla_correa_-_experiencias_inovadoras_que_promovem_o_desenvolvimento_local_.pdf
16	Direito à dignidade e ao desenvolvimento solidário na Zona Sul de São Paulo − Brasil	Marcelo Gomes Justo e Cláudia Coelho Hardagh	2015	Colóquio Internacional Epistemologias do Sul: Aprendizagens Globais Sul-Sul, Sul-Norte e Norte-Sul	*On-line* e impresso	https://alice.ces.uc.pt/coloquio_alice/wp-content/uploads/2015/08/Livro_DH.pdf
	Certificação do Cieja na Unesco	Diego Elias	2015	Dados sobre alfabetização no mundo em um projeto intitulado Aprendizagem ao Longo da Vida	*On-line*	https://uil.unesco.org/literacy/effective-practices-database-litbase.
17	Cieja CL como uma das 178 escolas inovadoras na educação do Brasil	Ministério da Educação	2015	Prêmio	*On-line*	http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/32951-selecionadas-178-instituicoes-como-exemplos-de-inovacao.
18	Prêmio “Darcy Ribeiro de Educação” com Café Terapêutico	Billy de Assis	2015	Prêmio		
19	Cieja Campo Limpo	Página do Facebook mantida pela Comissão de Comunicação do Cieja CL	2016	Imagens e informações	*On-line*	https://m.facebook.com/permalink.php?story_fbid=483697335028776&id=317417368323441&locale=pt_BRx
20	TV Brasil − Mães na escola. Mariana Kotscho e Roberta Manreza conversam com mães que foram para escola depois de adultas	Eda Luiz	2016	Reportagem	*On-line*	https://tvbrasil.ebc.com.br/papodemae/episodio/maes-na-escola

21	Esquenta	Regina Casé	2016	Último episódio do Programa de Televisão da Rede Globo	*On-line*	http://blogdociejacampolimpo.blogspot.com/p/videos.html
22	Cieja Campo Limpo: ensino bom e quem decide tudo é a comunidade	Rede TVT	2016	Programa Seu Jornal TVT	*On-line*	https://www.youtube.com/watch?v=0EFwTXKBz8g&t=6s
23	Doutorado informal: uma jornada para a educação fora da caixa	Alex Bretas	2016	Livro feito para compor estudo sobre modelos de educação “fora” da caixa	*On-line*	https://pt.scribd.com/document/360283357/Doutorado-informal-Alex-Bretas-digital-pdf
24	Prêmio da Fundação Arymax com Projeto Bonecas	Fundação Arymax	2016	Prêmio		
25	Pressupostos da educação popular: relato de caso	Mônica de Á. Todaro, Eduardo M. L. Brandão e Jéssica C. D. Augusto	Dez. 2016	Artigo	*On-line*	https://www.ibirapuera.br/seer/index.php/rev/article/download/92/125
26	Canal Diego Elias − @diegoelias155	Diego Elias	Criado em 2016	Vídeos no YouTube sobre desenvolvimento de atividades pedagógicas desenvolvidas pelo Cieja CL	*On-line*	https://www.youtube.com/@diegoelias155/videos
27	Radio Cieja Campo Limpo	Robsoul	Criado em 2017	Vídeos no YouTube	*On-line*	https://www.youtube.com/@radiociejacampolimpo75
28	Janelas de Inovação − Cieja Campo Limpo (São Paulo/SP)	Fundação Telefônica Vivo	Maio 2017	Vídeos no YouTube	*On-line*	https://www.youtube.com/watch?v=VN7oPEAiw3I
29	Prêmio da Fundação Arymax com Projeto Jardim	Fundação Arymax	2017	Prêmio		
30	Reconhecimento por ser uma escola Transformadora	Instituto Alana	2017	Prêmio/ certificação		
31	Direito de ser: formação e experiência na educação de jovens e adultos	Mariana da Mota Medeiros	2018	Dissertação	*On-line* e impresso	https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/21611/2/Mariana%20da%20Mota%20Medeiros.pdf
32	O currículo cultural de Educação Física em ação: efeitos nas representações culturais dos estudantes sobre as práticas	Marcos Ribeiro das	2018	Dissertação	*On-line* e impresso	https://www.gpef.fe.usp.br/teses/marcos_ribeiro_09.pdf

	corporais e seus representantes	Neves				
33	Saberes locais sobre formação de jovens em vulnerabilidade social na região de M'Boi Mirim e proximidades	Tiago Luis Corbisier Matheus e Letícia Daidone Oliveira	2018	Artigo na Scielo	*On-line*	https://doi.org/10.1590/1980-6248-2015-0154
34	Microfone aberto: das quebradas da Sul ao Sarau do Binho 2018	Diego Elias Santana Duarte	2018	Artigo em evento	*On-line*	https://drive.google.com/file/d/1liO7fcW6ygva8FKNANn-h0X1K2V6H7wr/view
35	Ações Permanentes − Cieja Campo Limpo	Página do Facebook mantida pela Comissão de Comunicação do Cieja CL	2018	Imagens e informações	*On-line*	https://web.facebook.com/acoespermanentesciejacampolimpo/?locale=pt_BR&_rdc=1&_rdr
36	Sementes da Educação T1:E3 − Cieja Campo Limpo	TV Futura	2018	Minissérie	*On-line*	https://globoplay.globo.com/v/10466747/?s=0s
37	A escola que revolucionou a educação de adultos na periferia	Flávia Martinelli	2018	Reportagem	*On-line*	https://mulherias.blogosfera.uol.com.br/2018/08/08/a-escola-que-revolucionou-a-educacao-de-adultos-na-periferia/?cmpid=copiaecola
38	Tecendo os fios da rede: o Cieja Campo Limpo como possibilidade ao processo educacional e as redes de ações no território	Diego Elias Santana Duarte	2019	artigo em evento	*On-line*	https://docplayer.com.br/storage/102/153377762/1680439865/CT-wban0mfmWFMoa3dJFtg/153377762.pdf
39	Instagram	Conta mantida pela Comissão de comunicação do Cieja CL	2019	Reportagens/ informações diversas	*On-line*	https://www.instagram.com/ciejacampolimpo/
40	No fio da memória: o Cieja Campo Limpo e sua linha do tempo	Eda Luiz, Diego Elias, Karen Carreiro e Paola Russano	2019	*Criatividade mudar a educação, transformar o mundo* − Livro organizado pelo programa Escolas Transformadoras, realizado no Brasil pela Ashoka e pelo Instituto	*On-line*	https://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2019/04/CRIATIVIDADE_mudar_a_educacao.pdf

				Alana		
41	Finalistas do Prêmio Professor em Destaque	SME	2019	Prêmio		
42	VII Encontro Indígena − Indígenas em Contexto Urbano ganha o 2º Lugar no Prêmio Paulo Freire	SME	2019	Prêmio		
43	Letramento digital na EJA com a utilização de AVA: possibilidades de um aprendizado significativo	Rubens Baldini Neto	2020	Monografia de conclusão de curso	*On-line*	https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/24305/1/CT_TCTE_III_2020_46.pdf
44	Tecnologias digitais na educação matemática com jovens e adultos um olhar para o Cieja/Campo Limpo	Jonson Ney Dias da Silva	2020	Tese de doutorado	Impresso e *on-line*	https://unesp.primo.exlibrisgroup.com/discovery/search?query=creator,exact,Silva,%20Jonson%20Ney%20Dias%20da&search_scope=MyInst_and_CI&vid=55UNESP_INST:UNESP&facet=creator,exact,Silva,%20Jonson%20Ney%20Dias%20da&offset=0
45	Como podemos recriar a escola pós-pandemia: programa que deu certo	Eda Luiz	2020	Reportagem	*On-line*	https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/opiniao/2020/12/06/como-podemos-recriar-a-escola-pos-pandemia-programa-que-deu-certo.htm?cmpid=copiaecola
46	Sem professor ou carteira	Eda Luiz	2020	Reportagem	*On-line*	https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/causadores-eda-luiz/#cover
47	O movimento identitário de gestores de escolas inovadoras da cidade de São Paulo: investigação e ensinamentos para a sua formação	Alcielle dos Santos	2021	Tese	*On-line* e tese física	https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/23664/2/Alcielle%20dos%20Santos.pdf
48	Deficiência e educação de jovens e adultos: ingresso e progressão de alunos do Cieja-Campo Limpo, da Rede Municipal de Ensino de São Paulo	Kelly Almeida Santos	2021	Dissertação	*On-line* e dissertação física	https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/24228
49	Avaliação na Educação de Jovens e Adultos: os professores especialistas e suas concepções sobre a avaliação da aprendizagem e seus desafios na EJA	Welington dos Anjos	2021	Dissertação	*On-line* e dissertação física	https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/23869/1/Welington%20dos%20Anjos%20Silva.pdf
50	Ciejas na Cidade de São Paulo: identidades, culturas e histórias.	Coletivo Gestores/Gestoras dos Ciejas da Cidade de São Paulo	2021	Livro	Impresso e *On-line*	https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/06/LIVRO_Ciejas-na-Cidade_WEB.pdf
51	LIVE − Ciejas na Cidade de São Paulo − lançamento do livro: Ciejas na Cidade de São Paulo: identidades, culturas e histórias	Dieja/SME/PMSP	2021	Live	*On-line*	https://www.youtube.com/watch?v=yE5Y77Zlg6g&t=35s
52	“Na pandemia, acolhemos para manter o vínculo”, afirma Diego Elias, coordenador-geral do Cieja Campo Limpo	Fundação Telefônica Vivo	2021	Reportagem	*On-line*	https://www.fundacaotelefonicavivo.org.br/noticias/na-pandemia-acolhemos-para-manter-o-vinculo-afirma-diego-elias-coordenador-geral-do-cieja-campo-limpo/
53	Aprendendo a sonhar com Cieja Campo Limpo: a inclusão escolar através de uma metodologia na perspectiva freiriana	Martha Milene Fontenelle Carvalho e Rosane	Nov. 2021	Artigo na Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp	*On-line*	https://unesp.primo.exlibrisgroup.com/discovery/fulldisplay?docid=cdi_crossref_primary_10_34024_olhares_2021_v9_12587&context=PC&vid=55UNESP_INST:UNESP&lang=pt&search_scope=MyInst_and_CI&adaptor=Primo%20Central&tab=Everything&query=any,contains,Cieja%20campo%20limpo

		Santos Gueudeville				
54	Escolas inovadoras e criativas e a educação matemática: caminhos possíveis para a inclusão escolar	Erica Aparecida Capasio e Rosa Ivete Maria Baraldi	Maio 2021	Artigo na Scielo	*On-line*	https://doi.org/10.1590/1980-4415v35n70a01
55	Imprensa Sempre Jovem Cieja Campo Limpo	Rubens Baldini	2022	Vídeos no YouTube	*On-line*	https://www.youtube.com/@imprensasemprejovemciejaca9109
56	Cieja Campo Limpo (SP) | De volta às aulas	TV Futura	2022	Minissérie	*On-line*	https://www.youtube.com/watch?v=pwzBYzQCefY
57	Reconhecimento por ser uma escola Inovadora na meta dos ODS para 2030	Fundação Ashoka	2022	Prêmio/ certificação		
58	#Jeduca2022 − TED Dona Eda: uma história na EJA	Jeduca	2023	*Live*	*On-line*	https://www.youtube.com/watch?v=MqImDBtuBXA
59	Centro educacional na Zona Sul de São Paulo oferece estudos para adultos e idosos	TV Cultura	2023	Reportagem	*On-line*	https://www.youtube.com/watch?v=hBanRxjQ17s
60	Social outcomes of education: experiences of three innovative schools aligned with the integral education approach in Brazil.	Aline Zero Soares	2023	Tese de doutorado em Filosofia da Educação na University of California, Los Angeles (Ucla)	*On-line* e impresso	Em vias de publicação
61	Reconhecimento de experiências matemáticas em políticas educativas para adultos no Brasil e em Portugal	Carla Cristina Pompeu	2023	Pós-doc na Faculdade de Educação (USP) em Conjunto com a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Porto − Portugal	*On-line* e Impresso	Em vias de publicação
62	Centros exclusivos de educação de jovens e adultos: reflexões sobre a organização do trabalho pedagógico e contribuições para se pensar políticas.	Alessandro Augusto de Azevêdo	2023	Pós-Doc Faculdade de Educação da USP	*On-line* e impresso	Em apreciação pela Comissão de Pesquisa da Faculdade de Educação da USP

Confeccionado pelo autor (2023).

A partir do quadro anterior, acrescentamos, nessa parte, informações sobre o processo de internacionalização do Cieja CL em viagens coletivas ou individuais para a divulgação do projeto.

Na primeira viagem realizada pelo grupo para destacar os ganhos de um novo processo que estava nascendo na prefeitura de São Paulo, Dona Eda leva o grupo de professores e do quadro de apoio para o Congresso de Pedagogia em Havana, Cuba, em 2002. Já em 2012, Dona Eda vai sozinha representar o Cieja CL na França e na Itália. Em 2017, vai, com mais dois professores, para a Universidade do Chile dar seu depoimento sobre o conviver com a EJA. Em 2018, Dona Eda se aposenta e faz uma viagem para Tamera (Portugal), para uma comunidade alternativa, demonstrar o quanto a EJA é importante no contexto educacional.

Dona Eda, após sua aposentadoria, já representou o Cieja CL no Egito, na África do Sul, Argentina, Colômbia, Alemanha e na Índia, tanto para falar da EJA no geral quanto para levar o Cieja CL para fazer parcerias.

As reportagens, as pesquisas acadêmicas, os prêmios e as viagens internacionais contribuíram para aumentar a relação de divulgação que o Cieja CL tem na comunidade ao redor, em nível nacional, bem como internacional, para demonstrar o quanto precisamos de uma educação alternativa e o quanto temos que conectá-la ao processo em rede de aprendizagem.

CAPÍTULO 5

PORTÕES ABERTOS: DA ENTRADA NO CIEJA CL À RESOLUÇÃO EM RODA – "DIZ AÍ, MEU POVO!"

> E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. [...] Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação.
>
> (Paulo Freire)[1]

O título deste capítulo traz duas ações do centro que são essenciais: as portas abertas e a solução em roda. Seu objetivo é apreender como as pessoas são impactadas pela proposta político-pedagógica de um currículo territorializado que promove uma educação alternativa e coletiva.

A política de manter as portas sempre abertas, desde o início do Cemes CL, em 1998, até os dias atuais, é uma das bandeiras levantadas pelos ciejenses como forma de incluir todos(as) que chegam ao centro e demonstrar para a sociedade que o ambiente escolar deve ser considerado como espaço público, de acesso livre para que todos(as) possam usufruí-lo da melhor maneira.

No início, as portas abertas faziam parte do fluxo contínuo de matrículas no Cemes CL, pela característica de ensino semipresencial, em que não havia rotinas fixas com horários demarcados de entrada e saída. Esses elementos foram preponderantes para criar a necessidade de manter as portas abertas, seja para sempre ter matrículas e demonstrar o ambiente acolhedor para que as pessoas permanecessem, ou, ao mesmo tempo, para indicar a plena liberdade ir e vir das pessoas, adaptando horários de estudo às suas rotinas de trabalho e familiares.

[1] FREIRE, 1999, p. 115.

Quando da mudança do local da escola para ocupar um sobrado alugado pela prefeitura, na Rua Cabo Estácio da Conceição, nº 176, onde o centro permanece até hoje, a manutenção dos portões abertos é também defendida. O objetivo é que todos e todas possam entrar, conhecer o projeto e ser recebidos(as) por um atendimento acolhedor, em um ambiente aconchegante, verde e artístico, que passa a sensação de casa, cuja produção é parte do projeto político-pedagógico da escola.[2]

Derivado da política das portas abertas, o espaço do Cieja CL não lembra uma escola (tal como a conhecemos hoje) à primeira vista, pois além da falta dos portões, também não há grades de ferro ou outra forma de enclausuramento, que, na maioria das escolas, compõem o ambiente escolar, em nome da segurança.[3]

As portas abertas e a ausência de grades chamam a atenção de todos que conhecem o centro, ou dos visitantes que estão a conhecê-lo, por estranharem como é possível esse tipo de ação no Capão Redondo, tido como um dos locais mais violentos da cidade.

Analisando relatos, documentos e entrevistas, temos as palavras mesa, círculo, roda, diálogo, entendimento, conversa, debate, que são frequentemente utilizadas para citar, descrever ou simplesmente analisar a maioria das relações estabelecidas no Cieja CL. Todavia o círculo talvez seja a palavra mais utilizada para definir as relações educativas que acontecem no centro, em seus múltiplos espaços e tempos, seja nas aulas-temas, nas apresentações teatrais, assembleias, nas mesas dos agrupamentos produtivos, na relação em sala, nos teatros, nas reuniões, nos lanches, nas formações, no mapeamento, na escolha dos temas geradores, nas festas ou em conversas informais.

A decisão política de se resolver tudo em roda também faz parte do Cemes desde a sua fundação, tendo em vista que tanto o Cieja quanto o Cemes conviveram com ameaças de fechamento.[4] Por isso, a resolução em roda/círculo foi a estratégia encontrada para o fortalecimento do grupo e a intenção de compartilhar as

---

[2] *Vide* apontamentos no capítulo 4.

[3] Quando há o aumento da criminalidade na região, ou quando o ambiente da escola no geral é atacado por ações violentas como nos casos de assassinato em escola estadual de São Paulo, em abril de 2023, os portões abertos são sempre questionados pelos(as) educandos(as) novos, em especial, nas assembleias. Todavia a gestão, os(as) professores(as) e os(as) educandos(as) antigos reforçam que a característica fundamental do Cieja CL é ter as portas abertas para que todos(as), independentes de quem sejam, possam adentrá-lo e que temos de defender esse modelo de educação, acolhedora e coletiva, sem aprisionamentos, bem como devemos estimular a paz.

[4] Discussão desenvolvida no capítulo 3.

responsabilidades de uma nova proposta pedagógica, de um futuro promissor que não é só a ideia da instituição ou de pessoas de determinado governo, mas sim de um grupo de interessados(as), professores(as), estudantes, servidores(as) e apoiadores(as) que vê sentido nesse projeto educativo. Assim, as portas abertas para a acolhida, o ambiente aconchegante e as relações educativas em círculos são estratégias políticas, espontâneas ou deliberadas, que sustentam o Cieja CL no mundo, constituindo-o como um território de resistência diante das precariedades da política pública de EJA.

Do ponto de vista prático, é importante pensar não só a questão dos temas geradores, as situações-problemas, mas a influência dos círculos de cultura como inspiração para o fazer pedagógico ao longo da trajetória do Cieja CL. Pois, ao considerar que

> os Círculos de Cultura estão fundamentados em uma proposta pedagógica, cujo caráter radicalmente democrático e libertador propõe uma aprendizagem integral, que rompe com a fragmentação e requer uma tomada de posição perante os problemas vivenciados em determinado contexto. Para Freire, essa concepção promove a horizontalidade na relação educador-educando e a valorização das culturas locais, da oralidade, contrapondo-se em seu caráter humanístico, à visão elitista de educação. (DANTAS; LINHARES, 2011, p. 73).

A analogia de processos vividos no centro com os círculos de cultura de Paulo Freire é de extrema relevância. Mesmo não havendo referência direta pelas pessoas do projeto, notamos semelhanças ao nos depararmos com o conceito de círculos de cultura no livro *Educação como prática de liberdade*, em especial no capítulo “Educação e conscientização”, no qual Paulo Freire (1999) relata sua experiência com tais práticas. Freire (1999) aponta que, para uma sociedade em transição democrática, é imprescindível o povo caminhar ao processo do fim do analfabetismo para que sejam municiados com o conhecimento para combater as inexperiências democráticas. Desse modo, o círculo de cultura é um dos movimentos feitos por ele e sua equipe para efetivar o método de alfabetização nesse caminho.

O círculo de cultura consistia na reunião dos interessados no processo de alfabetização, geralmente reunidos nas casas maiores da comunidade, com os coordenadores de debate. Através de pesquisa do universo vocabular daquela população, os coordenadores montavam situações-problemas existenciais típicas a

serem problematizadas em relações horizontalizadas a partir de fichas e roteiros de cultura. Após o debate da função social da palavra, da ação e das relações, eram feitas as decomposições das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores.

Esse processo para além da mecânica da palavra, ao considerar a escrita como função social de comunicação e de percepção do mundo, representou avanço na discussão de temas importantes para a educação como a função social da escola, a relação professor-aluno e aluno-professor e a construção dialógica do conhecimento em detrimento da educação bancária. Demonstrou a experiência frutífera desenvolvida por Paulo Freire no avanço da conscientização na educação em geral e na EJA em específico.

No Cieja CL, mesmo que não intitulados como círculo de cultura, os processos vivenciados nas mesas, dentro dos agrupamentos, a eleição dos temas geradores, as situações-problemas, o envolvimento com o conhecimento enquanto função social, a reflexão do sujeito no mundo, assim como as nomenclaturas diferentes para aula (encontro), salas (agrupamentos), constituem um ambiente educador que não se origina de escola[5], mas sim do ambiente de casa, a partir das experiências da realização da cultura jovem e adulto em dois sobrados locados, na constituição de uma proposta alternativa de territorialidade na educação.

Para apreender esse contexto diferenciado do processo pedagógico no debate resultante sobre as concepções que os participantes carregam sobre o Cieja CL enquanto território e elucidar como o centro se sustenta no mundo, como se fortalece e como gera conexões no território, utilizamos a metodologia do grupo focal com base em Cruz Neto, Moreira e Sucena (2002). Esses autores diferenciam a técnica de grupo focal para o mercado e para a pesquisa social, na qual, nesta última, pode-se definir como

> uma técnica de Pesquisa na qual o Pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico. (CRUZ NETO; MOREIRA; SUCENA, 2002, p. 5).

[5] Mesmo que o ambiente escolar seja diverso, todavia a concepção de escola enquanto prédios públicos grandes, com muito concreto, com muito barulho, sinal, correria, grades, permeiam o imaginário coletivo, quando falamos sobre espaço escolar e a proposta do CIEJA CL em sobrados locados, com área verde, coloridos, com arte espalhada, fazem constantemente as pessoas montarem que estão em uma ONG, projeto social, ou alguma espécie de Centro Cultural.

5.1 A metodologia de grupo focal como estratégia de escuta

O Cieja CL é um eco
que escutamos aos longe,
vem chegando,
chegando,
até que conhecemos
as pessoas,
depois conhecemos o lugar
e a potência do projeto
(Binho)

Neste trabalho, houve a escolha de realizar grupos focais diferentes a partir de um conjunto de questões iguais. O objetivo era fechar, ao máximo possível, assuntos ligados ao território, para responder as duas questões que se tornaram centrais para a pesquisa, ao longo do processo de investigação e de debates nas reuniões de orientação e na qualificação: como é possível a existência do Cieja CL, ou, em outros termos, o que o sustenta no mundo? E, como o Cieja CL se constitui como um nó, um eixo de ligação entre os processos do território do Capão Redondo?

Com o intuito de entender como a comunidade ciejense se apropria do Cieja CL enquanto território, tornando sua existência possível ao longo da história, propusemos três grupos focais,[6] que pudessem captar as vozes de todos aqueles e aquelas que fazem parte, de alguma maneira, do Cieja CL. Um grupo focal com servidores(as), funcionários(as) terceirizados(as) e professores(as), um com educandos(as) e outro com parceiros(as) do Cieja CL, cuja rede tem, no centro, um ponto nodal no Capão Redondo. Os critérios de participação nos grupos focais

[6] A opção política neste trabalho é apresentar os nomes reais, com as devidas autorizações, tendo em vista que a história do centro é tida como processo coletivo, faz parte da memória e contribui para o desenvolvimento da proposta pedagógica. Todas as ações do Cieja CL são feitas com pessoas, que têm suas trajetórias e que merecem ser valorizadas com suas representatividades. É importante frisar que o tópico de como fazem pesquisa no Cieja CL é sempre discutido em reuniões e demonstra que pouco é voltado para a prática pedagógica, e este trabalho representa um esforço coletivo de ação-reflexão-ação em um passo para o seu processo de memória.

foram o envolvimento no projeto, a diversidade etária, o posto de trabalho e atuação, gênero, diversidade sexual e raça.[7]

Em todos os grupos focais, oferecemos lanche, explicamos a metodologia, e, no final, realizamos a avaliação do encontro.

A intenção de aplicar poucas perguntas foi proporcionar que todos(as) pudessem ter as suas vozes presentes nas indagações, permitindo melhor interpretação de como ocorre o diálogo dentro do centro.

A primeira questão-chave — "o que faz o Cieja CL ser a escola que é? (na sua diferença, na sua potência)" — teve como objetivo apreender como a comunidade ciejense caracteriza o centro e aquilo que chama a sua atenção dentro da sua dinâmica geral.

A segunda questão-chave — "ocupando um prédio alugado, constantemente ameaçado de ser fechado pela SME no seu processo histórico, o que mantém o Cieja aberto, quais as forças que o sustentam?" — teve como objetivo identificar as resistências que fazem o Cieja CL se constituir como território de resistência para que as pessoas o defendam.

A terceira questão-chave — "qual a importância do Cieja CL para o Capão Redondo, o Campo Limpo e a comunidade? E para os(as) estudantes? E para os(as) professores(as), servidores(as) e terceirizados(as)? E parceiros(as)?" — teve como objetivo visualizar as formas de resistência e a busca por direitos a partir do processo de alfabetização e vivência no centro e sua reverberação para a comunidade específica e no geral.

5.2 Descobertas de um caminhar

O grupo focal 1 teve a participação de 10 pessoas no total, sendo cinco representantes dos(as) servidores(as) e funcionários(as) terceirizados(as) (auxiliar técnico da educação, auxiliar de vida escolar, auxiliar de limpeza, cozinheira e agente de apoio), um do transporte escolar gratuito e quatro professores(as).

Os(as) servidores(as) e terceirizados(as), com exceção do representante da secretaria, pelo fato de ter sido ex-educando, e do transportador escolar, pelo seu envolvimento com as atividades do centro, foram escolhidos(as) por serem os mais

[7] Para mais especificações sobre a caracterização, ver, nos apêndices, as tabelas sobre os grupos focais.

velhos no seu cargo/função. Os(As) quatro professores(as) foram escolhidos(as) pelo tempo de casa, dois com 22 anos, uma com 16 anos, outra com sete anos e, por fim, uma com um ano e três meses.

No grupo focal 1, vinculamos o início da conversa às comemorações dos 25 anos do Cieja CL, com a exposição da trajetória deste pesquisador, assim como aos 30 anos, em 2023, do decreto que inaugurou o Cemes. Desse modo, a pesquisa foi um importante passo para propor um avanço do processo reflexivo tanto do Cieja CL quanto do Cemes.

A maior dificuldade nesse grupo foi acumular, ao mesmo tempo, a posição de coordenador-geral e pesquisador. Essa dificuldade foi visualizada depois da realização do grupo como possibilidade de também ser facilitador na melhoria das relações de trabalho, a exemplo da questão do tempo de duração, que era de 5 horas. Como pesquisador, havia a tensão com o relógio, todavia, com o desenrolar da conversa, houve a percepção de que aquele momento em roda também estava contribuindo para o fortalecimento do centro através do vínculo entre as pessoas, em especial, pela data comemorativa de 25 anos.

O ouvir histórias, partilhar vivências, vincular trajetórias e destacar o Cieja CL como lugar de acolhimento em roda era o que estava acontecendo. Inclusive o grupo entendeu como momento oportuno para refletir sobre o centro, bem como que poderíamos estender a participação para mais pessoas.[8]

A tabela 1[9], do grupo focal 1 — Servidores(as), funcionários(as) terceirizados(as) e professores(as) do Cieja CL 2023 — reúne as principais informações sobre as pessoas que constituíram o centro, principalmente idade, como conheceu o Cieja CL, em que ano entrou, onde mora e porque foi chamado para o grupo focal.

Do universo de 11 pessoas, nove conheceram o centro por intermédio de pessoas que já trabalharam, estudaram ou conheciam a proposta de perto do Cieja CL; uma recebeu a informação de uma pessoa de outro Cieja, e uma pessoa escolheu na reunião de vagas na empresa.

Essa foi a primeira informação que nos chamou a atenção, pois, mesmo com a potência do trabalho de divulgação do centro, o fator “convite” foi responsável pela

[8] O grupo focal 1 desencadeou a ideia da realização de uma visita, pelo grupo de professores mais antigos do centro, à Igreja Batista em Vila das Belezas, onde tudo começou, há 25 anos.
[9] Para melhor fluidez do texto as tabelas deste capítulo estão nos anexos, ao final do trabalho.

ida das pessoas ao centro. Além disso, foi explicitado pelos participantes que “tem que ter perfil para trabalhar no Cieja CL”, bem como “existe uma permanência de tempo para cada um”.

Com exceção de uma pessoa que percorre 23 km de distância para se deslocar diariamente ao Cieja CL, os demais moram próximos ao centro, em um raio de 30 minutos de distância.

Figura 42 – Grupo focal 1 – servidores(as), funcionários(as) terceirizados(as) e professores(as) do Cieja CL – realizado em 3/3/2023





Fonte: Diego Elia (2023).

O grupo focal 2 contou com a participação de 13 pessoas, das cinco mulheres, seis homens, um homem trans e uma pessoa com síndrome de Down. Com idades variadas, desde o educando mais jovem do centro, com 15 anos, até o mais velho do centro, com 89 anos. Esse grupo respeitou a escolha de, pelo menos, um educando de cada turno.

Nesse grupo focal, a dificuldade maior foi a corrida contra o tempo, já que estava programado para acontecer no período de aula, com duração de 2 horas e 15 minutos, tempo em que se deveria reunir todos, lanchar e, depois, dispensá-los.

Outra característica importante desse grupo focal, foi a valorização dos(as) educandos(as) do centro e da conquista do direito de estudar. Este grupo focal teve a duração de 1 hora e 30 minutos.

Em relação a como chegaram ao centro, duas pessoas conheceram o Cieja CL pela internet; duas, pela necessidade de horário, pois queriam o matutino e, na rede regular, nas escolas próximas às suas residências, ofereciam o turno noturno; uma pessoa porque quem cuidava dela estava doente; uma pessoa era estrangeira, tinha o objetivo de aprender o português e conheceu o centro por indicação de amigos; duas pessoas foram orientadas pelas escolas de origem e pelas características do centro; uma, por indicação de abrigo; uma, por pessoas do bairro; e uma pessoa porque a filha já estava matriculada no centro.

As características de como conheceram o centro giram em torno das necessidades específicas de voltar a estudar, como horário e disponibilidade, da indicação de escolas ou pessoas do bairro e das informações que estão na internet.

Com exceção de um ex-educando que veio ao centro somente para participar do grupo focal, os demais moram próximos, locomovendo-se diariamente para o Cieja CL de transporte escolar gratuito, de ônibus ou a pé.

Figura 43 – Grupo focal 2 – Educandos(as) do Cieja CL – realizado em 10/3/2023



Fonte: Diego Elias (2023).

O grupo focal 3[10] contou com uma diversidade de instituições, sendo que algumas optaram por mandar mais de um representante, fazendo com que tivéssemos o total de 25 pessoas e 18 instituições representadas: duas universidades; dois institutos; um Serviço Social do Comércio (Sesc); dois do Serviço de Assistência Social à Família e Proteção Social (Sasf); um programa internacional; uma arte-guerrilheira, *performer* e atriz; um sarau e produtora cultural; um projeto social; uma voluntária; um centro de convivência infantil; dois órgãos da SME; uma agência de empreendedorismo social; um cursinho popular; e uma educação corporativa.

A singularidade desse grupo foi colocar, na mesma sala e no mesmo horário, todos os(as) nossos(as) parceiros(as) que representassem os laços estabelecidos pelo Cieja CL nos seus 25 anos de existência.

Uma dificuldade enfrentada foi a de trazer as pessoas dessas instituições que conhecessem o Cieja CL na sua parceria e na totalidade, mas, por motivos de férias, outros compromissos ou motivos de força maior, algumas instituições mandaram representantes que conheciam o Cieja CL apenas de ouvir falar. E, ainda, devido a compromisso de participantes em outras ações, já que também são lideranças nos seus respectivos locais de atuação, não foi possível garantir que todos ficassem o tempo inteiro do grupo focal, fato que não ocorreu nos outros.

Nesse grupo focal, é interessante destacar que foi a primeira vez que Dona Eda[11] participou no Cieja CL como parceira, não como protagonista, assim como a presença de ex-funcionárias também como parceiras e voluntárias.

A tabela 3, desse grupo focal, foi elaborada diferente das outras. A intenção era identificar qual coletivo estava sendo representado, a história de vida no

---

[10] Agradecemos imensamente a rede de parceiros do Cieja CL. Se fôssemos convidar todos que fazem parte, que mantemos vínculos e relações, não seria possível organizar na sala de oficina, teríamos de fazer um fórum. Todavia, para a pesquisa, fizemos o convite para aqueles(as) que poderiam exemplificar o tipo de relação em rede que o centro desenvolve há 25 anos, por isso, como acreditamos na potência deste trabalho, nossos(as) parceiros(as) que não puderam comparecer ou não receberam o convite podem se sentir representados(as) nesta iniciativa. Outra ressalva é que o dia de realização do grupo focal com os(as) parceiros(as) antecedeu o projeto Feito por Mim, e contávamos com a presença da Dona Zilda, griô da sustentabilidade, oficineira de produtos sustentáveis e integrante do Coletivo Dedo Verde, que estava expondo no piso verde para a comunidade ciejense.

[11] É importante destacar que Dona Eda foi “mulherageada” na III Feira Literária da Zona Sul (Felizs), a qual articula, durante uma semana, ações de coletivos da cidade, em especial, da Zona Sul, em escolas e em espaços culturais e faz um grande encerramento na Praça do Campo Limpo.

território, como conheceram o Cieja CL, qual o vínculo com ele, de qual rede fazem parte e qual a abrangência da relação com o centro.

Em relação a como conheceram o centro, é interessante destacar que muitas parceiras o conheceram por reportagens, por ouvir falar em alguma conversa, mas visitando-o apenas um tempo depois. Cinco parceiros conheceram o centro de 1998 a 2007; cinco entre 2008 e 2014; quatro entre 2015 e 2021; e quatro entre 2022 e 2023.

O cotidiano do Cieja CL se baseia nessa rede de parceiros, que colabora no desenvolvimento de atividades diversas, como oficinas, ações conjuntas no espaço do coletivo, utilização de salas do centro, atendimento compartilhado da comunidade, desenvolvimento do fazer burocrático-formativo na rede municipal, programa de visibilidade nacional e internacional etc.

Os(As) parceiros(as) estão envolvidos em redes de atuação. São elas: as redes de cultura em geral e cultura periférica em específico; as redes de educação em diferentes níveis, de relação com escolas, com os níveis hierárquicos da SME, com o ensino superior, com a educação privada; a rede da assistência social; e, por fim, a rede da saúde.

O grande ponto de destaque é a abrangência da rede. Ela está expressa no fato de 12 parceiros atuarem nos territórios do Capão Redondo, do Campo Limpo, do Jardim Ângela, do Jardim São Luís e da comunidade ao redor do centro; cinco terem projeção na cidade de São Paulo; e um ter abrangência nacional e internacional.

Durante a atividade, as pessoas estavam trocando telefones e conversando sobre suas respectivas atividades, inclusive perguntando quando aquela roda de conversa poderia acontecer novamente. Nesse momento, vimos o “pulsar” da rede e da potencialidade de articular essas ações, multiplicando potencialidades, já que não existe portal, canal ou manual das redes com todas as informações. Por isso, lugares como o Cieja CL são importantes também nas articulações em rede de coletivos, instituições e indivíduos engajados em projetos de transformação social.

Observando esse conjunto de informações, podemos aferir que o Cieja CL consegue se articular em diferentes escalas. Essa articulação, junto com as atividades propostas em formato de parceria, projetam o “eco” do centro constantemente em diferentes lugares, situações, contextos e redes. Isso faz com

que o centro fique permanentemente reconhecido como defensor da EJA e uma proposta pedagógica territorializada, alternativa e coletiva.

Figura 44 – Grupo focal 3 – Redes de parceiros que têm o Cieja CL como centralidade e ponto nodal no território do Capão Redondo – realizado em 10/3/2023





Fonte: Diego Elias (2023).

A dinâmica do grupo focal[12] como metodologia de pesquisa foi uma das perspectivas mais próximas do fazer cotidiano do centro, pelo fato de resolvermos não só os tensionamentos, mas também as proposições, sempre em forma de diálogo, em roda, com o envolvimento de todos. Com isso, não há apenas uma ideia levada em consideração, sempre ocorre o momento de contextualização do debate, pontos de vistas diferentes para haver os respectivos encaminhamentos.

Como forma de apresentação do grupo focal, escolhemos as tabelas,[13] que nos auxiliaram para identificar o "pulsar das relações", e os esquemas gráficos,[14] que

[12] Nos grupos focais, fiz a reflexão de ocupar a cadeira de pesquisador, de ex-professor e atual coordenador-geral do centro, todavia o que me deixava contente era entender que estávamos, nesse momento, fazendo também um balanço sobre a história do centro, e isso gera pertencimento, identidade, em especial, por partilhar a história e os acontecimentos e projetar o objetivo onde o grupo quer chegar nas atividades dos 25 anos.
[13] As tabelas com maiores informações sobre o grupo focal estão nos apêndices.
[14] Colocamos o nome de esquema gráfico a uma tentativa de síntese das principais respostas dadas por cada grupo às questões-chave colocadas em discussão.

nos possibilitaram visualizar as principais ideias que foram debatidas e em quais perspectivas e direções elas foram.

A complexidade das respostas nos aproxima daquilo que é discutido cotidianamente no centro, das ideias que são debatidas, daquilo que abrange a rotina dos trabalhadores do Cieja CL. Da mesma forma, os outros grupos focais nos possibilitaram identificar o que ocorre do ponto de vista de educandos e parceiros.

No grupo focal 1, o que chama a atenção é a questão-chave 1, para a classe trabalhadora, de professores, servidores e terceirizados, na qual há o destaque para a vida pessoal e a coletividade. Isso foi notado na proposta de dinâmica que, incialmente, foi a apresentação pessoal. No decorrer das apresentações, os relatos ganharam emoção e cada um quis compartilhar o quanto o Cieja CL mudou a sua vida, detalhando cada momento da escolha de vir e permanecer no centro. Essa dinâmica inicial durou 3 horas, até que o conjunto das 11 pessoas se apresentasse.

Por mais que certos parâmetros procedimentais da metodologia dos grupos focais fossem quebrados, a nossa opção foi seguir o fluxo, dando a liberdade para que o grupo tivesse a autonomia para assumir a palavra e o controle da situação. Assim, grande parte dos relatos, nas três primeiras horas do grupo (que durou 5 horas), remete às trajetórias biográficas e sua relação com o Cieja CL, o que acabou por produzir um denso material, que poderá ser arquivado para compor pesquisas futuras e fazer parte do acervo histórico do centro.

Ao observarmos o esquema gráfico da primeira resposta do grupo focal 1, percebemos que a vida pessoal é relevante no Cieja CL, ao mesmo tempo que este é considerado como um lugar de cura, na medida em que proporciona cotidianamente aprendizado que faz as pessoas esquecerem dos problemas. Também é um espaço em que houve um encontro com um coletivo acolhedor e cada um teve liberdade para construir autonomia de ação.

Outra ideia relevante, na primeira pergunta do grupo focal 1, é a de coletividade. A coletividade foi destacada como ponto principal por todas as pessoas, bem como ficou explícito o pertencimento de grupo:

> As meninas têm que estar junto com a gente. Faz parte. Assim... porque tem escolas por aí, que eu já fui trabalhar, que é um grupo dividido. Terceirizado aqui, direção aqui. E aqui não tem isso, aqui todo mundo é acolhido da mesma forma. Isso é muito bom [...] É uma escola em que todo mundo se ajuda a transformar, de gerar um lugar com mais autonomia, não fica aquele clima pesado, só direção para o outro lado [...] não é assim, não

> é separado. A gente faz uma vaquinha e todo mundo compra ou a gente organiza de outro jeito, vota todo mundo, mas não é separado. Eu acho que, para mim que cheguei e já era assim, eu aprendi que está orgânico e, para quem, de repente, está em outra escola e lá é tudo muito... Eu trabalhei em algumas escolas em que as coisas eram mais individualizadas mesmo. Então acho que isso de ser coletivo, e não é fácil manter coletivo. A gente está nadando contra a lógica da sociedade. (Trecho do grupo focal 01, 03/03/2023).

O pensar no coletivo para a resolução de problemas, conflitos e soluções é um dos processos explícitos no centro.

Outro ponto que chama atenção em especial do grupo focal é que foi explicitado que o educando é de todos, ou seja, ele não é só responsabilidade de quem está na sala de aula, mas também é responsabilidade da pessoa da cozinha, da pessoa da limpeza, da pessoa da secretaria, ele é um educando do Cieja CL. Essa é uma das perspectivas de suma importância para se considerar o centro como ambiente educador.

> E outra coisa que a que ela me disse que chamou atenção também, que eu estou dando aula lá em LC e, de repente, eu vejo uma aluna com a porta aberta no banheiro, Aí eu fui dando aula, falando, chegando perto da porta. Aí fui lá fechar a porta, mas ela não queria. “Então está bom. Só vou encostar e fico aqui”. Aí fiquei enquanto a aluna estava no banheiro. Aí aluna desceu. Eu falei: “Helenice, vamos, Ela falou: “É”. Aí ela falou que o que chamou a atenção dela foi que não era minha aluna. E, na nossa cabeça, que já está aqui há muitos anos, nem passa pela nossa cabeça. A gente vê acontecer e reage, e esta reação a gente aprendeu com os mais antigos. Porque a gente chega no Cieja, ele já existe com seus costumes, com a sua maneira de ser. E a gente aprende e começa a reagir organicamente. Isso é naturalizado de um jeito que eu estou pensando que Cieja é meio que um multiverso, como dizem os jovens, porque está fora da lógica da sociedade. Mas é orgânica essa forma de ser no Cieja. (Trecho do grupo focal 01, 03/03/2023).

No fazer cotidiano do centro, foi apontado que, para todas as ações, são propostas rodas, rodas de experiência e convivências práticas de acolhimento, fazendo com que esse espaço se torne receptivo, amigável, familiar através de encontros e reencontros.

O compartilhamento desse espaço comum, de tais práticas, do passado, das histórias foi apontado como um gerador de uma intuição coletiva, de compreensão do eu e do outro na relação com o todo. No fazer do centro, entre o grupo de trabalhadores, isso se demonstra em já saber previamente o que é para ser feito em

determinada situação, saber até onde o outro consegue ir, bem como onde se pode auxiliar enquanto grupo.

Sobre o que faz o Cieja ser aquilo que é, um dos participantes pontuou que, dentro do centro, os educandos sentem o valor de ter o direito universal, o acesso à educação, o respeito, a ética, o acesso à alimentação e os grandes valores universais.

> Quando a pessoa está no Cieja CL sente o gostinho do ser humano ser bem tratado, de ter um espaço com qualidade, de ter acesso à direitos universais" faz o que é universal. Então, quando o transportador, a moça da cozinha, da limpeza chegam, sentem uma libertação, que eu posso chamar de interior, porque você passa dentro do Cieja a sentir os sabores do universo, dos valores universais. Isso é muito grande, por isso, eu falo sempre da grandeza. Isso que faz a potencialidade. Então Paulo Freire dizia que o seu fazer seja tão parecido com o seu falar que você seja confundido quando fale com o que faz. O Cieja está nessa pegada. (Trecho do grupo focal 01, 03/03/2023).

Foi destacado ainda que muitas atividades acontecem ao mesmo tempo, muitas energias, muitos processos, ações. Esse movimento foi chamado pelo grupo de multiverso, uma universidade, um universo de multidinâmicas, multiatividades, multiações. Também destacaram o fato de todas as atividades ganharem conotação de festividade, sendo imprescindível o processo de socialização, confraternização, alegria de estar, conviver e aprender em grupo.

Um espaço em que acontecem muitas atividades, com muitas pessoas e em diferentes momentos, necessita e promove autonomia coletiva. Segundo o grupo focal, há as autonomias individuais, que, adquiridas, promovem a autonomia coletiva, o que facilita e dá sentido ao trabalho, tanto individual quanto coletivo.

Para concluir a análise do grupo focal 1, do ponto de vista da questão-chave 1, relacionada ao que faz com que o Cieja CL seja o que é, as pessoas que trabalham identificam que o centro tem um grande envolvimento na sua própria vida pessoal, tanto como morar perto dele quanto ter sua vida impactada pela dinâmica dele, que tem, no processo da coletividade, caminho importante para o desenvolvimento das atividades.

O grupo focal 2 é interessante porque foi muito representativo. Tínhamos pessoas mais novas, mais velhas, homens, mulheres, transsexuais, pessoas brancas, pessoas negras, estrangeiras, e todos(as) puderam colaborar.

Nesse grupo focal, relacionado aos(às) educandos(as), na primeira questão, destacamos duas ideias: sobre a estrutura física e o tratamento recebido. Novamente veio à tona a questão do acolhimento, acrescida do respeito à diversidade, dimensões fundamentais para que pudessem voltar a acreditar em si mesmos e a sonhar, independentemente de todas as limitações que a sociedade lhes fizera acreditar que possuíssem.

> E aí eu cheguei aqui, e vi uma pessoa que era da escola que eu estudava, e essa pessoa estava aqui, já estava diferente. Eu disse: “o negócio aqui é bom né?”. Ela disse: “eu estou aqui, mulher, faz um ano, já”. Eu falei: “glória a Deus!”. Aí, quando eu retornei no outro dia para escola, estava todo mundo me abraçando, me acolhendo com aquele amor, com aquele carinho, e eu estava passando pelo processo que eu não gostaria que ninguém passasse, e eu me alegrei muito. Eu costumo falar que foi aqui que eu nasci. Eu estou crescendo. Eu cheguei pequena e já estou crescendo. E eu não sabia ler nada, nada, nada. (Trecho do grupo focal 02, 08/03/2023).

Sobre a estrutura física e o aprendizado no Cieja CL, houve destaques:

> Eu até falei para minha filha: meu Deus, sai da escola para fazer uma visita [...] Aí cheguei, estavam reformando na escola, e esqueci meu celular em casa porque estava chovendo. Cheguei aqui molhada e [...] E estavam reformando a escola. Eu voltei para casa como? Pisando alto, gente. Eu voltei para casa emocionada, cheguei e fiz o comercial. E pensei: eu vou voltar para escola, eu vou tirar foto bonita. E eu cheguei aqui e está todo mundo renovado. [...] Eu falo companheiro porque eu fui sem-terra, entendeu? Então, eu aprendi muito. Como alguém falou aqui sobre o orgulho, eu tinha um orgulho tão grande, que eu não bebia água no copo que o outro bebia. Mas hoje eu sei beber. Graças a Deus. Eu aprendi aonde? No Cieja Campo Limpo. Meu orgulho caiu por terra. (Trecho do grupo focal 02, 08/03/2023).

No grupo focal 3, o ponto de destaque foi a representatividade. Foram 18 instituições representadas, muitas delas por mais de uma pessoa. Houve o problema de algumas pessoas ficarem pouco tempo, outras chegarem atrasadas. Todavia, apesar de certa agitação, a qualidade da discussão e das ideias expostas foram essenciais para que pudéssemos pensar a questão do trabalho em rede desenvolvido pelo Cieja CL.

A primeira das principais ideias, para responder à questão-chave 1, é que a própria proposta do Cieja CL o faz ser o que é. A segunda ideia, sobre o que faz o centro se sustentar no mundo, é o impacto da escola na vida das pessoas que passam por ela, capaz de promover um verdadeiro empoderamento social.

Na proposta do centro, foi posto que é um lugar encantador, cheio de potências, que promove vínculos comunitários, seja dos estudantes e professores, dos estudantes entre si, destes com o próprio Cieja CL, ou também com o bairro. É uma proposta que mistura educação e cultura de uma maneira agregada, que promove fala e escuta, assim como a relação entre as pessoas, e todos que chegam no centro são bem recebidos.

> Acho que é porque a gente vê que funciona, vê os resultados. Acho que a primeira coisa é a beleza, a estética, afinal, não é um lugar que a gente vê em outros, não é? É um lugar, uma escola de portas abertas. Além disso, a gente vê os resultados, vê a coisa funcionando e, por isso, fortifica as relações e as parcerias. É um novo motivo. Acho que é o que vocês tentam. Não é só o resultado, mas o fato de que vocês tentam. É diferente de meter o povo na Rede, sabe? Eu sinto que vocês não têm medo de errar. Eu gosto muito da *Pedagogia da Autonomia*, acho que é um dos melhores livros do Paulo Freire. É um livro de cabeceira, ao qual eu sempre retorno. Meu encantamento consciente do Cieja CL veio dessa relação humanizada entre discentes, docentes e funcionários. Isso, para mim, sempre foi algo que saltou aos meus olhos pelo protagonismo e, de fato, autonomia dos estudantes. E ser recebida assim, como fui agora, novamente, não é? A pessoa identifica que você está vindo, que está chegando, e te recebe. Acho isso magnífico aqui. Vocês construíram essa vivência e a autonomia dos sujeitos, das sujeitas e de sujeitos, não é? Também a questão da alimentação, por exemplo, me chamou muito a atenção. Eu sempre compartilhei os momentos de comida com todas as pessoas reunidas, então isso também é para quem passa ou para quem já passou fome. É fantástico você ter uma comida digna e poder compartilhá-la. A pessoa educadora também, às vezes vivencia isso em sala de aula: muitas escolas não têm essa preocupação com alimentação saudável, com um cardápio que é diferente. Então isso é um encantamento para mim: a relação humanizada que vocês têm, desierarquizada, entre docentes, discentes e funcionários. É o pão nosso de cada dia, não é? (Trecho do grupo focal 03, 09/03/2023).

Na parte do empoderamento social e do impacto no sujeito, eles(as) colocam sérios elementos das relações que são desenvolvidas no centro. Através da proposta que faz o centro ser do jeito que é, essas relações impactam diretamente o sujeito e o seu envolvimento social, em razão de uma relação humanizada entre as pessoas que ali estão, da horizontalidade das relações, de um ambiente que oferece aprendizado em qualquer lugar. Cada pessoa que chega ali adquire um projeto de estudo, fazendo com que pense o seu futuro, as lutas pelas causas sociais, a transformação da sociedade. Pensar numa sociedade diferente ou se pensar de uma maneira diferente é uma tônica, de um espaço que promove a saúde mental nas suas relações, que tem acolhimento.

> Uma palavra que ficou muito na minha cabeça, das suas falas, é “possibilidades”. Acho que o EJA cria muitas possibilidades. Lembro muito de quando o Diego me deu aula em outra escola. Ele pegou toda a nossa sala, levou para olhar para a comunidade, e através de uma letra de rap, possibilitou muitas vivências e muitas trocas ali, não é? E aí, quando se fala de EJA – de Cieja, aliás, desculpa. Só para tentar endossar, para mim também chama a atenção essa horizontalização das relações. Tudo muito horizontal, há lugar e espaço para fala, para escuta, e um espaço de convivência. Nesse sentido, não tem hora, não é? É de convivência. Então, mesmo que eu não esteja dentro da sala, estou me relacionando. Então é possível ver o aprendizado acontecendo em qualquer cantinho, em qualquer cena que a gente puder observar aqui dentro. (Trecho do grupo focal 03, 09/03/2023).

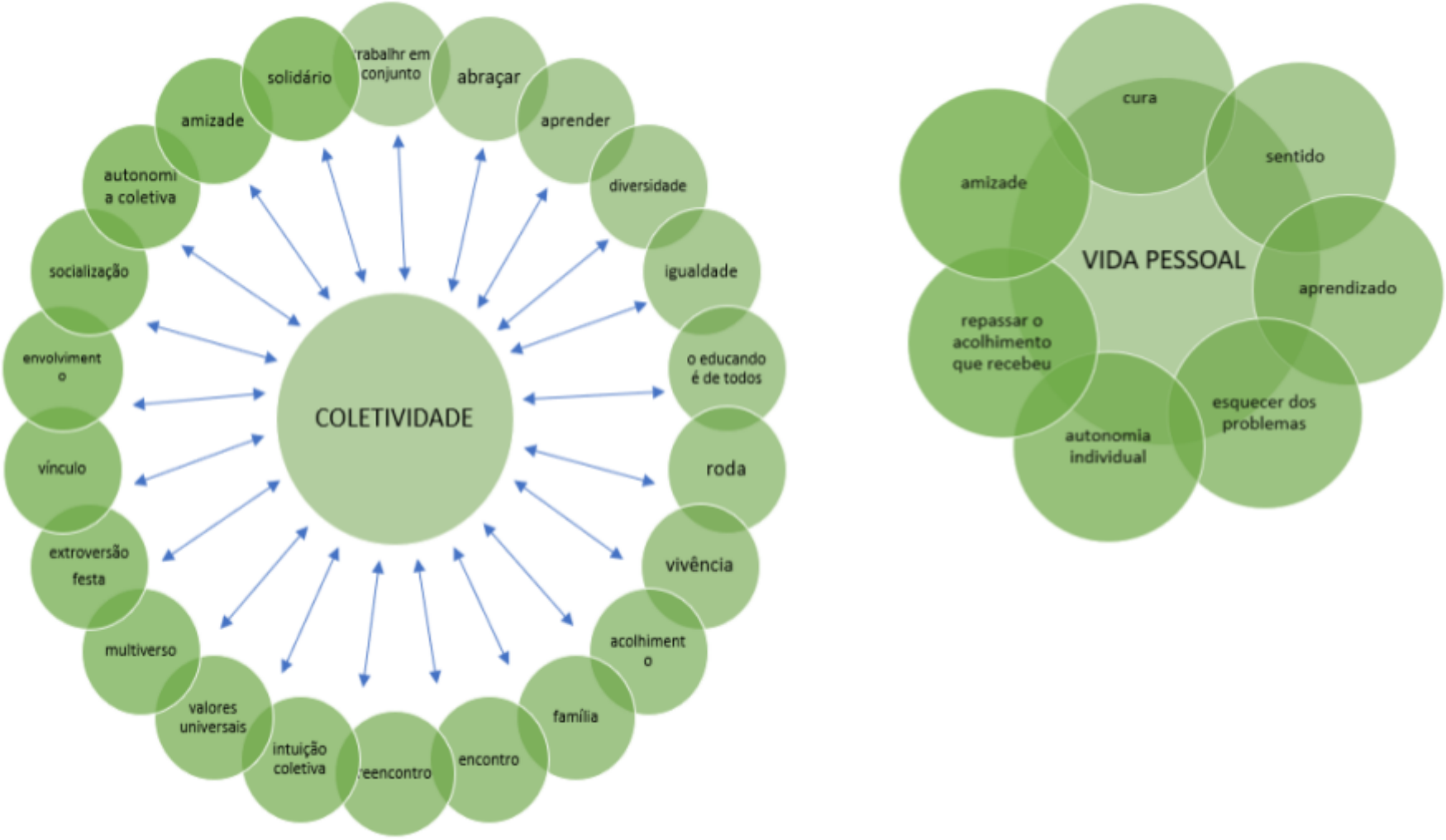
É um espaço que, a partir das suas relações, os(as) educandos(as) conseguem se ver fazendo ensino superior e vão atrás dessas informações. É um espaço que promove a inclusão e as experiências, que cria vínculos com os serviços do território, que abre possibilidades para ações conjuntas e a conquista da cidadania.

> A gente fez esse preâmbulo aí como sobrevivente, não é? Sobrevivente como uma pessoa que conseguiu, de alguma forma, viver a cidade, ir para além do território, com essa roupa... O que eu acho que boa parte de nós fez, não é? Alguns de nós nunca saíram, outros voltaram — seja essa volta simbólica, das pontes... Eu acho que é a possibilidade de se envolver e ser lugar de origem. Para mim, isso é potente. Então, ter uma escola em que eu possa trabalhar na educação que eu acredito, seja em um serviço social, seja na saúde ou no hospital, já é um grande feito histórico, para mim. Acho que nós estamos vivendo esse feito histórico, com várias possibilidades de melhoria, em termos de serviços. A gente sabe que a assistência social e a saúde têm essas questões. As ONGs aqui também têm um papel histórico. A gente pode pensar qual foi o surgimento delas e quais os papéis das transformações pelas quais elas passaram e quais os papéis delas hoje, não é? Já mudaram muito e ainda vêm mudando. Eu vejo aqui como um espaço de potência e de articulação. É uma escola e, por ser diferente, talvez, tem suas zonas, tem seus riscos — que a dona Eda já correu muito. Acho que agora a gente está em um outro momento histórico e social de disputas políticas na cidade. Outros agentes entraram aí e, enfim, agora há agentes que estão, talvez, até disputando a política, e vamos ter que dialogar aí nos territórios. (Trecho do grupo focal 03, 09/03/2023).

Comparando os três grupos focais na questão-chave 1, apreendemos que apresentam elementos particulares que unem seus pontos de vista e suas especificidades, a partir do seu envolvimento com a proposta do centro. O ponto de convergência dos três está no fato de identificarem que aquilo que define o Cieja CL está na sua proposta diferenciada para lidar com o seu público, assim como no ambiente e nas relações que tais propostas ocorrem. O ponto de especificidades de

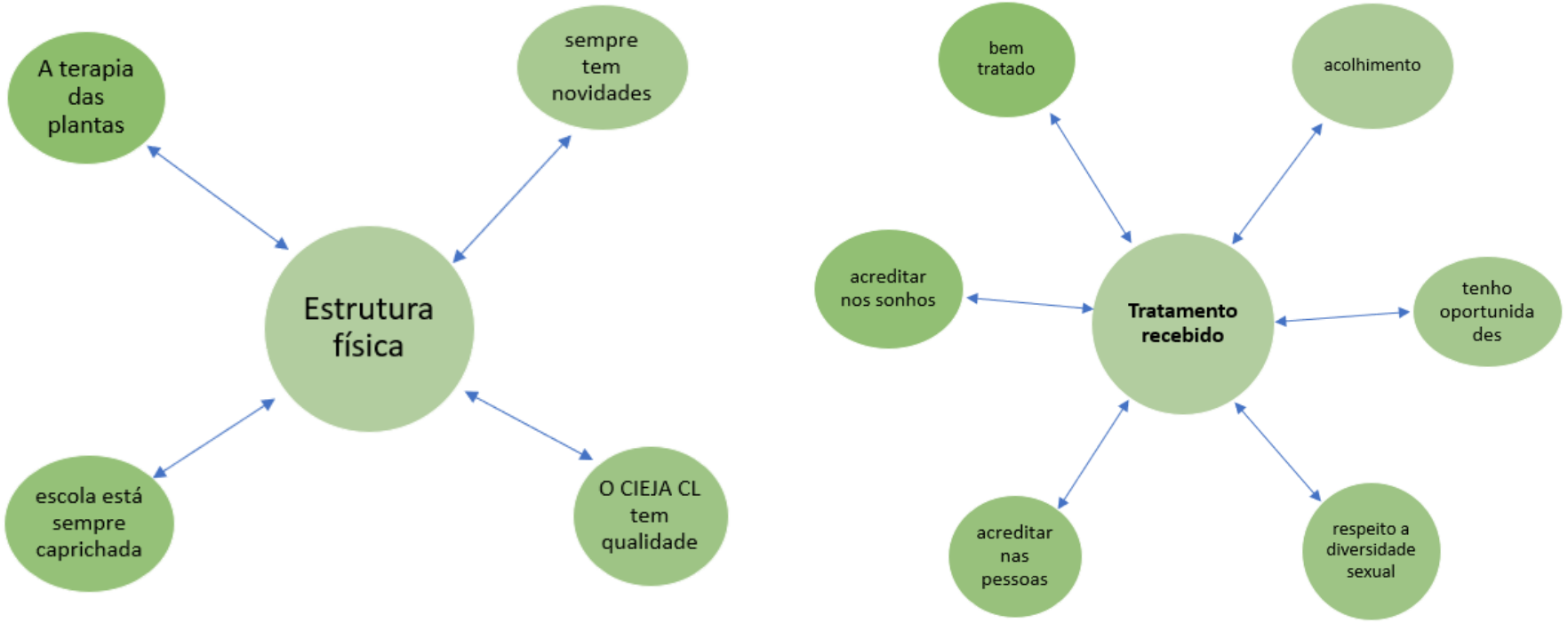
cada grupo focal é entender que essa proposta é recebida e gera impacto diferente em cada um, seja como trabalhador, em sua vida pessoal em busca da vivência em coletividade, como educando, em como são recebidos e onde são recebidos, ou como parceiros, que destacam que o contato com essa proposta gera empoderamento social e falam da importância de fazer parte deste projeto.

Figura 45 – Esquema gráfico a partir do grupo focal 1 – professores(as), funcionárias(as) e terceirizadas(as) – questão-chave 1: O que faz o Cieja CL ser a escola que é? (na sua diferença, na sua potência)



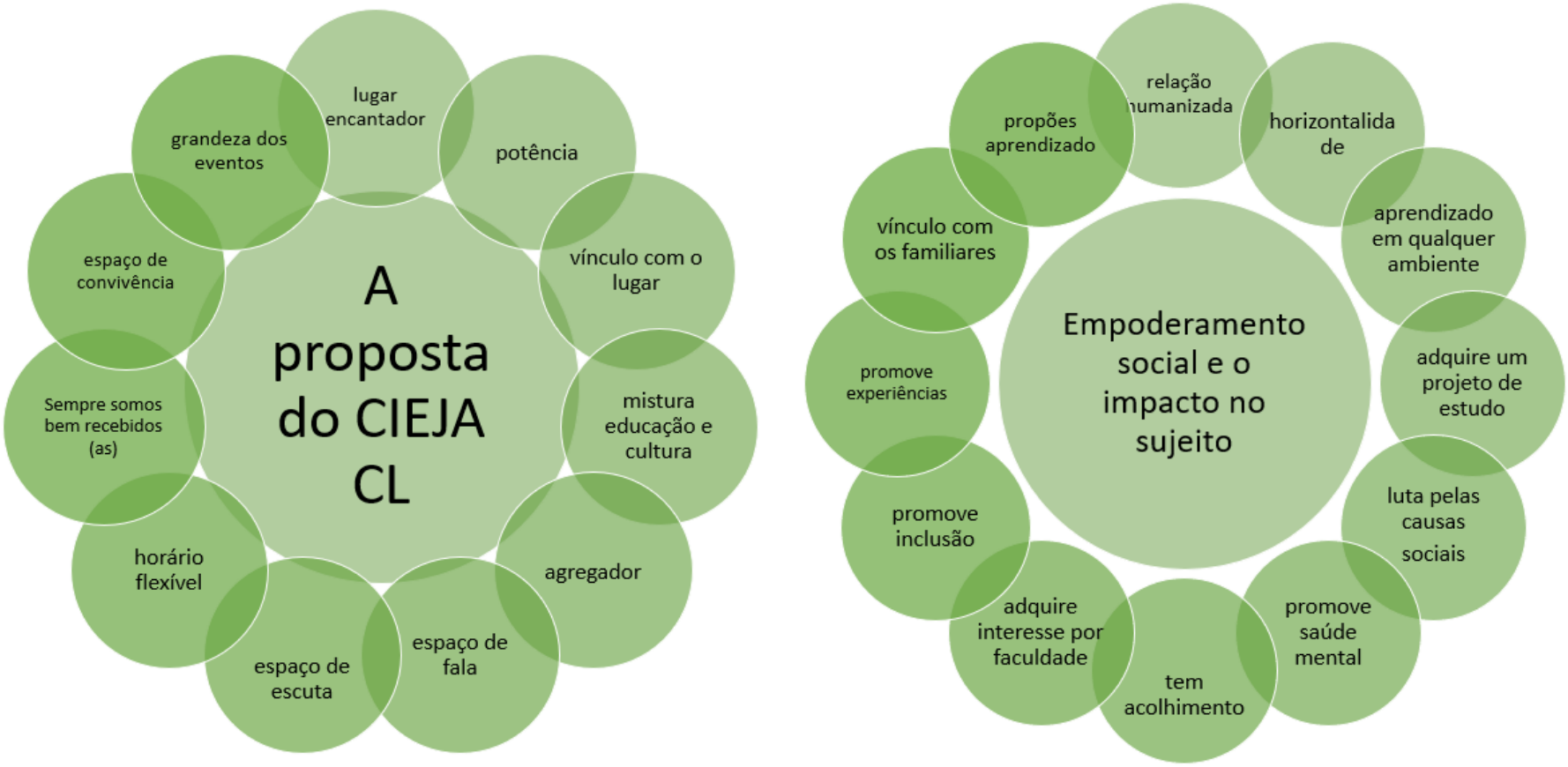
Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Figura 46 – Esquema gráfico a partir do grupo focal 2 – educandos(as) – questão-chave 1: o que faz o Cieja CL ser a escola que é? (na sua diferença, na sua potência)



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Figura 47 – Esquema gráfico a partir do grupo focal 3 – parceiros(as) – questão-chave 1: o que faz o Cieja CL ser a escola que é? (na sua diferença, na sua potência)



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

O interessante da questão-chave 2 — “ocupando um prédio alugado, constantemente ameaçado de ser fechado pela SME no seu processo histórico, o que mantém o Cieja aberto, quais as forças que o sustentam?” — foi que criou um processo de reflexão em todos os grupos, para pensarem quais as estratégias de defesa do projeto, e eles puderam contribuir com a suas opiniões sobre o assunto.

O que chama a atenção nessa pergunta foram as respostas dos(as) educandos(as). Eles(as) tiveram uma percepção muito interessante do processo de resistência e afirmaram que o que mantém o centro aberto até hoje é o fato de promover em toda a comunidade o orgulho de fazer parte do projeto, este seria o ponto-chave.

Segundo os(as) educandos(as), o centro existe porque tem educando(a), e tem educando(a) porque todos que estudam têm o orgulho de fazer parte e fazem questão de convidar toda e qualquer pessoa para fazer parte, tendo em vista que a pessoa será tratada da melhor forma possível.

> As pessoas podem levar a pessoa por acaso, sem saber como aquela pessoa vai ser recebida. Você leva dez e não sabe se os alunos devem ser acolhidos. Agora, quando você sabe que ela vai a algum lugar como aqui, que vai ser bem recebida, com pessoas de noventa, dezessete, dezoito anos, todos tratadas por igual. Então, você não tem medo de fazer, você sabe que a sua palavra valeu [...] Que eu saiba eu já consegui três. Só esse ano. O ano passado eu não consegui ninguém, mas esse ano deu certo. [...] Eu estou vendo meus vizinhos todos. Consegui muitos. (Trecho do grupo focal 02, 08/03/2023).

O Cieja CL, segundo o grupo focal 2, permanece aberto pelo acolhimento que promove, porque representa a segunda casa para muitas pessoas, que sentem orgulho em apresentá-lo para conhecidos, na certeza de que seus amigos e seus familiares serão bem atendidos, ou seja, novamente o acolhimento e o orgulho de fazer parte da escola apareceram.

Tanto o grupo focal 1 quanto o grupo focal 3 elencaram questões relacionadas ao direito, desde trabalhar em rede a pensar numa proposta do direito à educação como uma estratégia que a escola também deve utilizar para fazer sua divulgação.

O grupo focal 1 elencou duas questões importantes que são as estratégias de resistência e as estratégias de divulgação. Na estratégia de resistência, apontou que a principal ferramenta é ouvir as histórias passadas de um para o outro (escuta e fala), criando um processo de pertencimento no grupo. Essas histórias de sucesso, histórias relevantes, histórias de grandes transformações pessoais e coletivas geram

identidade nas pessoas, e é isso que mantém a escola em pé e gera grande engajamento. É uma escola em que as pessoas querem trabalhar, estudar e participar do projeto.

> acolhimento, eu acho que é o que faz e ser o Cieja é essa autonomia, é o acolhimento e a coletividade. Aí o que liga, que eu acho que é muito importante, é a história do Cieja. Ele carrega história e gera uma identidade nas pessoas. Então quando eu chego aqui na primeira semana e escuto a Dona Eda falando do piso amarelo. Por que foi criado? Ah, porque não queria ficar aqui sem fazer nada. Ah, por que a mesa é redonda? Porque os alunos não queriam carteira. E aí é uma autonomia que eu nunca vivenciei. De dar autonomia para o aluno. E também essa coisa coletiva, esse acolhimento. E saber que eu vou conseguir me colocar, vou conseguir propor alguma coisa, e o grupo em que estou vai ter pessoas que vão acolher minha proposta. E, se não for exatamente, não couber em nenhum momento, vai ser conversado, sem você ter uma repressão, alguma coisa maior. Mas eu acho que as coisas da identidade, ou seja, porque isso faz com que se juntem, no mesmo lugar, pessoas que tenham a mesma visão democrática de educação, de coletividade, de recepção, de afeto. O acolhimento aqui é o ponto. Como é o apoio, como é acolhido. O Rodrigo falou: eu quero acolher como eu fui acolhido. Então esse é o diferencial, o que poderia ser feito, eu quero ser acolhida, quero acolher assim. Então acho que o acolhimento da Kátia, o principal aqui, o acolhimento tanto do professor sendo acolhido pela gestão quanto o professor acolher o aluno. Então o aluno acolher o professor. Gente, alunos trazem remédio para mim, trazem comida, trazem não sei o quê. Então eu não posso nem dizer que eu estou com uma dor de cabeça que eles vêm com uma água. Então é esse acolhimento, não sou só eu que os acolho. Esse acolhimento é como se fosse um efeito dominó, ele vai tocando em todo mundo. Eu fui acolhida e quero acolher o meu aluno; o aluno que é acolhido quer me acolher. Eu acho que o charme principal é o acolhimento. Isso eu não tenho dúvida, o quanto isso faz diferença. (Trecho do grupo focal 01, 03/03/2023).

Outra ideia principal destacada por esse grupo focal foram as estratégias de divulgação. Nelas, o motivo pelo qual há divulgação são as histórias de superação, que, ao serem contadas de uma maneira empolgada, geram curiosidade nas outras pessoas de entender esse processo e despertam nelas o interesse em fazer parte de um projeto que transforma vidas periféricas.

A panfletagem foi citada como processo recente, de sair, de estender faixa na rua, de estender faixa no farol e de entregar panfletos nas ruas e comércios quando o centro está com número reduzido de educandos(as). A gestão comunica o grupo que, em alerta, pensa em estratégias para que não feche turmas.

> E, sobre o panfleto, muitos chegam com panfleto ao Cieja. Lógico que já é feito um trabalho que eu também estou aprendendo a fazer. Quando o aluno chega, é recepcionado e dirigido para diagnóstico de maneira muito pedagógica e de maneira muito urgente. Através da dona Alzira. E é engraçado, quando ele chega a sua sala, ele já está com a bagagem de

> Cieja, desde o portão à recepção da secretaria, a levada delas para... é uma coisa de louco. A galera aqui é educadora. (Trecho do grupo focal 01, 03/03/2023).

O grupo focal 3 destaca que o trabalho em rede faz com que o Cieja permaneça aberto e três são os pontos nessa perspectiva. Porque o centro sempre anexa pessoas às suas vidas, através das parcerias, do contato, de conhecer alguém, de conhecer uma ideia, uma proposta, uma ação. É um espaço que compartilha redes, que abraça o projeto dos coletivos que atuam no território, dos grupos sociais ou de quem chega para fazer o Cieja.

> Acho que a potência daqui que brilha, é a possibilidade de ser agregador de todas essas experiências, de todas essas potências, de a gente não mais trabalhar fora da caixinha, que é uma possibilidade de agregar gentes de tantas experiências e de tantas potências nesse momento histórico enquanto sobreviventes pela segunda vez, agora de uma pandemia. A gente era sobrevivente do Estado e agora da pandemia. Uma possibilidade que eu vejo — pensando agora concretamente no gosto de cada um dos meus alunos — é que aqui, talvez, seja uma porta de entrada para a cidadania, para o resgate de cidadania. [...] Ele pode estar lá no curso da agência Solano Trindade, é atendido, pode ser o futuro estudante de pedagogia na Zona Sul ou aqui, não é? Eu acho que aqui é uma grande porta de entrada. E que a gente possa apresentar e potencializar, para que ele possa um dia, talvez, trabalhar ou frequentar o Sesc, ver o espetáculo dentro de um teatro, com todas as coisas que o Sesc pode proporcionar. Então eu vejo aqui como um lugar agregador, uma porta de entrada. A gente quer que a mesma pessoa que está aqui circule e tenha essa cidadania plena no território e no mundo. (Trecho do grupo focal 03, 09/03/2023).

A síntese da questão-chave 2 é destacada pelos(as) professores(as) (grupo focal 1) ao apontarem que a força de resistência do Cieja CL está na divulgação do projeto; pelos(as) educandos(as), que a maneira de divulgação em grandes locais de circulação, assim como propagar histórias de superação, fazem com que o projeto seja partilhado de maneira afetiva, que todos que fazem esta propaganda fazem por que querem demonstrar o quanto gostam do Centro, (grupo focal 2) ao colocarem como relevante o orgulho de fazer parte, que se sentem em casa, que tem acolhimento, que tem orgulho de divulgar, assim como consideram que as pessoas do Centro, em relação a comunidade CIEJA CL tem o esforço coletivo para dar certo e pelos(as) parceiros(as) (grupo focal 3) ao enfatizarem a proposta do Cieja CL enquanto projeto de vida de cada um, o trabalho em rede, o projeto pedagógico com uma proposta alternativa, que o Centro possui uma beleza nos espaços de aprendizagem, demonstra que a educação funciona, que as pessoas

voltam para agradecer, que a instituição abraça o projeto dos parceiros, que compartilha suas redes de atuação.

O interessante na questão-chave 2 é que fica explícito o envolvimento da comunidade cieja (professores, funcionários, parceiros), no esforço de defesa e propagação do Centro no território, o comprometimento dos envolvidos em fazer dar certo, assim como ter o entrelaçamento da rede de parcerias para potencializar o trabalho coletivo, nesta pergunta temos indícios dos motivos que fazem com que o CIEJA CL se sustente enquanto proposta pedagógica territorializada alternativa.

Figura 48 – Esquema gráfico a partir do grupo focal 1 – professores(as), funcionárias(as) e terceirizadas(as) – questão-chave 2: ocupando um prédio alugado, constantemente ameaçado de ser fechado pela SME no seu processo histórico, o que mantém o Cieja aberto, quais as forças que o sustentam?



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Figura 49 – Esquema gráfico a partir do grupo focal 2 – educandos(as) – questão-chave 2: ocupando um prédio alugado, constantemente ameaçado de ser fechado pela SME no seu processo histórico, o que mantém o Cieja aberto, quais as forças que o sustentam?



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Figura 50 – Esquema gráfico a partir do grupo focal 3 – parceiros(as) – questão-chave 2: ocupando um prédio alugado, constantemente ameaçado de ser fechado pela SME no seu processo histórico, o que mantém o Cieja aberto, quais as forças que o sustentam?



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

A questão-chave 3 — “qual a importância do Cieja CL para o Capão Redondo, o Campo Limpo e a comunidade? E para os(as) estudantes? E para os(as) professores(as), servidores(as) e terceirizados(as)? E parceiros(as)?” — conectou diretamente a percepção do público e da comunidade do Cieja CL com a importância do centro dentro do seu território.

O grupo focal 1 destacou o universo dos direitos e suas conquistas e a visibilidade no e do bairro do Capão Redondo. Em relação aos direitos, colocou que é uma leitura e uma escrita para a vida. É um projeto que está sempre de portas abertas, promove o interesse da comunidade em relação aos estudos e faz uma ampla defesa das conquistas dos direitos.

Na segunda ideia sobre visibilidade e direitos de uma maneira diversa, aponta que o centro mostra a diversidade cultural presente no bairro, na região e na cidade, assim como projeta a sua maneira diferente em relação às outras escolas, chegando a demonstrar, em nível nacional e internacional, ações desenvolvidas no Capão Redondo.

Por último, o grupo destaca que o Cieja CL é a porta de entrada para a cultura periférica da Zona Sul. Muitos dos alunos moram do lado de uma fábrica de criatividade e de cultura, de uma casa de cultura, e não sabem o que é desenvolvido ali. Quando participam do centro, em que são realizadas saídas monitoradas e há um trabalho importante sendo desenvolvido nesse sentido, começam a conhecer os aparatos públicos e culturais do território.

> Também tem uma articulação muito grande com outros equipamentos do território. Então eu sempre olhei para cá, mas eu conheci a fábrica de cultura aqui do Cieja e acredito que muitos alunos eles se apropriam do território a partir dessas saídas que o Cieja tem, que são bem importantes também. Isso dá um fortalecimento, uma relação de pertencimento, de identidade, de ver que, poxa, o lugar onde eu moro tem tanta coisa, tem outras coisas. Tem essas outras coisas aqui no território. Acho que isso dá uma ampliação da visão que a gente tem aqui do Capão Redondo, por exemplo, para as outras pessoas… Legal, porque ele entra aqui e aí entra por conta daqui em outros equipamentos. Então eu tenho vários alunos que nunca tinham ido na Fábrica de Cultura e moravam do lado dela, mas não tinham contato. Eu não estou dizendo... não vão no parque Santo Dias. Não pensam na faculdade, mas aqui ele quer entrar para ler a Bíblia e, quando sai, quer fazer direito, quer fazer social, quer fazer outra coisa.
> A conquista também de cultura. Nós falamos de cultura, porque aqui é um espaço que visa a todas as culturas, como indígena, o Sarau do Binho também é muito importante, porque tem gente que nunca foi num sarau. Tem gente que tem o papel do Sesc. Esses espaços que o Cieja adentra, tem gente que já me pergunta: “Tia, não vai ter passeio?” Eu falo: “Ainda não sei”. Quando souber, os professores vão avisar vocês. Já ficam todos ansiosos, porque, às vezes, eles não têm condição lá na frente de pegar o

> ônibus. Quantos alunos não chegarem aqui falando que estavam sem condução? Por isso, a importância do bilhete de ônibus. Sempre, quando uma senhora me fala que está com dor, falo: “Vai ao médico, pega o laudo bonitinho, vê como a senhora está passando, volta e vem estudar”.(Trecho do grupo focal 03, 09/03/2023).

No grupo focal 2, os(as) educandos(as) responderam que a importância do Cieja CL no território é o trabalho em rede e que o centro representa uma casa de apoio e um trabalho social com a comunidade. Também foi mencionado a conquista de direitos, pois aprenderam a ler para buscar os direitos e não serem mais enganados no serviço, para pegar ônibus, para saber se tem algum tipo de auxílio do governo, para saber como se aposenta, para não ser enrolado pela família, para não pagar mais juros no cartão de crédito, para saber quanto é uma mercadoria, para saber que é melhor juntar dinheiro do que comprar à prestação ou qualquer outro argumento que faz com que a pessoa conquiste seus direitos ou saia da violência doméstica, saia das relações tóxicas.

> Se toda a escola fosse igual a Cieja seria bom. Porque a pior coisa é você não saber ler, se você não sabe ler é cego. Todo mundo passa você para trás. Você não sabe o que é seu direito, para exigir seu direito. Se você tem um pouco de estudo, um entendimento, você pode dialogar com advogado, turista, delegado, presidente, com qualquer cidadão. Você chega e sabe do seu direito. E acho que no Brasil está faltando a humildade de tratar todo mundo igual. No direito é tudo igual, mas só no papel. [...] Vamos dizer que você tem uma casa, aí tem um outro debaixo da ponte, para ele tanta faz como tanto fez, não faz diferença, o problema é dele. (Trecho do grupo focal 02, 08/03/2023).

O grupo focal 3 destaca dois grandes elementos: a garantia de direitos relacionados à importância do Cieja CL e o fortalecimento da rede de parceiros na garantia de direitos.

O grupo apontou que o centro promove a arte, a cultura e a educação de maneira inseparável e consegue chegar aonde os serviços, presentes ali, relacionados à cultura, à saúde e à educação muitas vezes não conseguem chegar.

> Tive a felicidade de conhecer o Cieja por via dessa parceria com a Companhia de Dança Sansacroma para quem não conhece é uma companhia de dança afro-referenciada? Que tem uma base nas danças negras, residida aqui no Capão e fizemos uma homenagem a dona Eda em 2012, se não me falha a memória quem não conhece tem um programa na Companhia chamado de Retratos, onde reverência pessoas aqui do território e a dona Eda é uma dessas pessoas referências aqui e tem uma dança feita exclusivamente para ela. Baseada na história dela, está disponível no YouTube, para quem quiser conhecer esse trabalho isso e aí

> nos anos de nos anos que eu estive na companhia desenvolvemos essas parcerias na época o Diego era o educador cultural, que fazia essas intervenções com os estudantes de levá-los para assistir às nossas apresentações; então estabelecemos essa parceria para o deslocamento dos estudantes até os nossos espaços de dança e alguns momentos também eu voltava aqui para fazer rodas de conversa e fazer essa troca do que é a tal da dança contemporânea e o que é uma prima pobre das artes que é um pouco incompreendida, essa dança de pesquisa que vai pesquisar a identidade negra, é diferenciada vai pesquisar algo relacionado ao racismo estrutural, a violência de gênero, então muitas vezes é uma dança que precisa ser explicada, debatida, e eu era educadora artista que voltava, que após as apresentações para gente fazer esse debate, assim como fizemos também alguns encontro com os educadores locais e vivências da pesquisa e da companhia de dança. Quando se fala do Cieja, acho que é sobre essa oportunidade de acreditar que a arte, a cultura e a educação não podem ser separadas. É algo que tem que estar junto, tem que ser possível. E apenas é possível quando a gente acredita nisso, quando a gente luta por uma educação emancipatória. (Trecho do grupo focal 03, 09/03/2023).

O fato de a parceira conseguir chegar até o usuário da assistência social, da saúde ou da cultura através do Cieja CL ou promover a triangulação desse serviço é um dos pontos de destaque. A garantia dos direitos também é a maneira de acesso do Cieja CL ao bairro e é um dos pontos de sua importância no território.

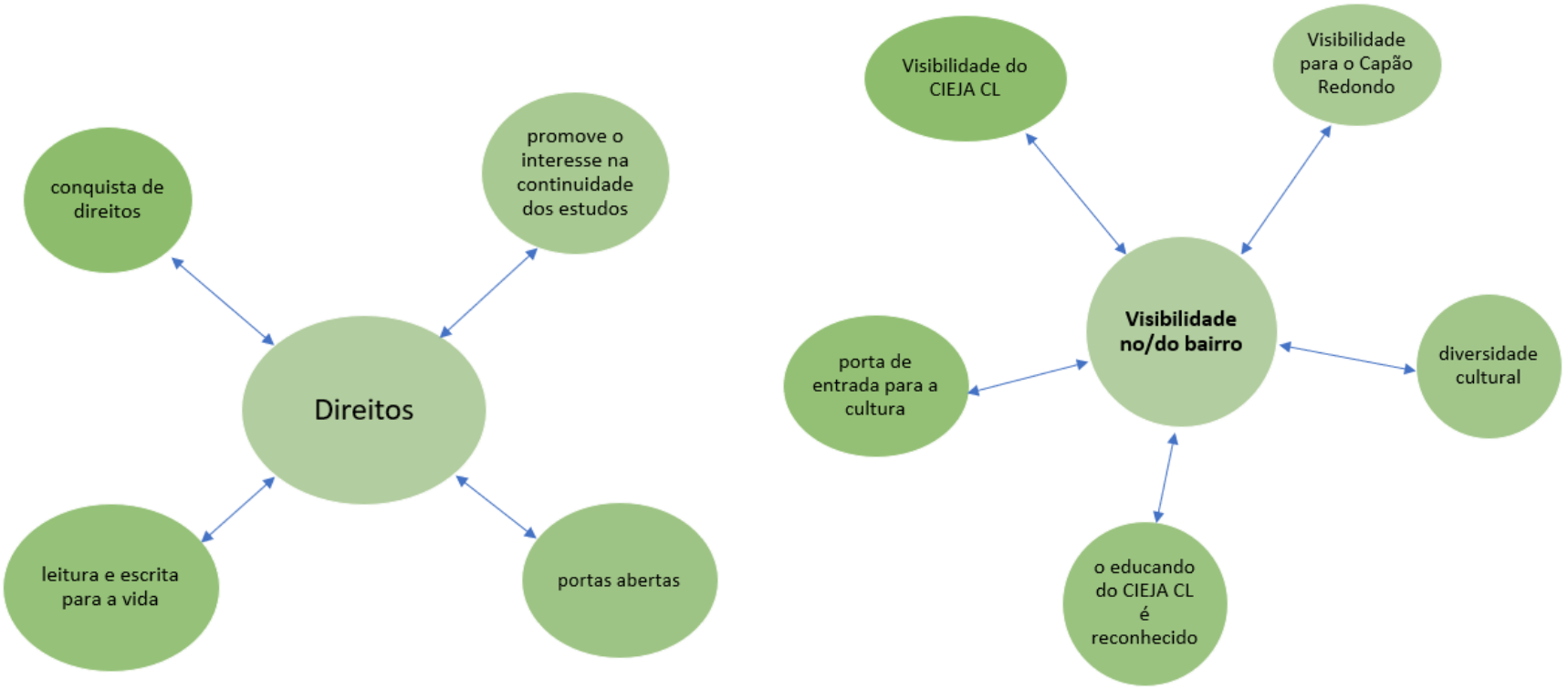
Os parceiros expuseram que, ao chegarem ao Cieja CL, têm acesso e diálogo com outros serviços do bairro, assim, veem o centro como destaque e conexão. Vale a pena destacar nesse ponto que, durante o grupo focal, e até dois meses depois, as pessoas estavam trocando telefone e estavam interessadas no projeto do outro.

A rede se mostrou “pulsante” e ativa durante o grupo focal. As pessoas pararam de conversar no grupo, diretamente vinculadas às perguntas e às respostas, e já estavam olhando para o lado, pegando telefone, querendo saber mais sobre os projetos presentes.[15]

No apanhado dos três grupos focais para a terceira questão, fica explícito a importância do Cieja CL para a conquista de direitos sociais e o trabalho em rede. Aquilo que os diferencia é que o grupo de funcionários(as), professores(as) e terceirizados(as) destaca a busca de direito e a visibilidade no e do bairro; os(as) educandos(as) destacam o aprender a ler para buscar direitos; e os(as) parceiros(as) destacam o fortalecimento da rede e o acesso a elas pelo centro.

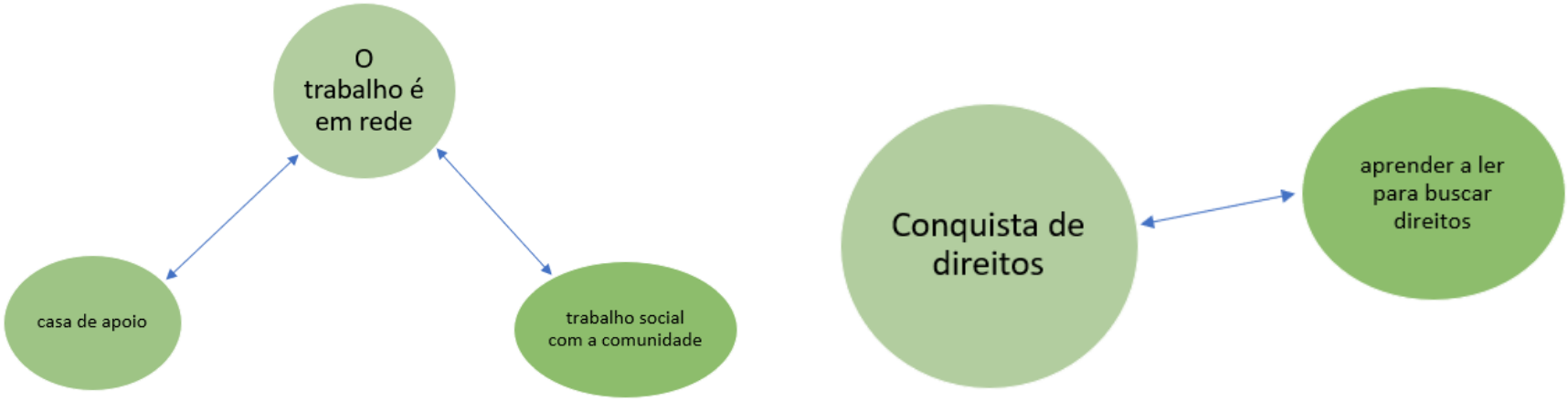
[15] Foi proposto, como ação decorrente do encontro do grupo focal 3 uma tabela de contatos para que todos pudessem ter acesso ao conteúdo de cada coletivo, assim como a possibilidade de novos encontros em outros lugares para conhecerem o território e para que os coletivos da região pudessem se conhecer.

Figura 51 – Esquema gráfico a partir do grupo focal 1 – professores(as), funcionárias(as) e terceirizadas(as) – questão-chave 3: qual a importância do Cieja CL para o Capão Redondo, o Campo Limpo e a comunidade? E para os(as) estudantes? E para os(as) professores(as), servidores(as) e terceirizados(as)? E parceiros(as)?



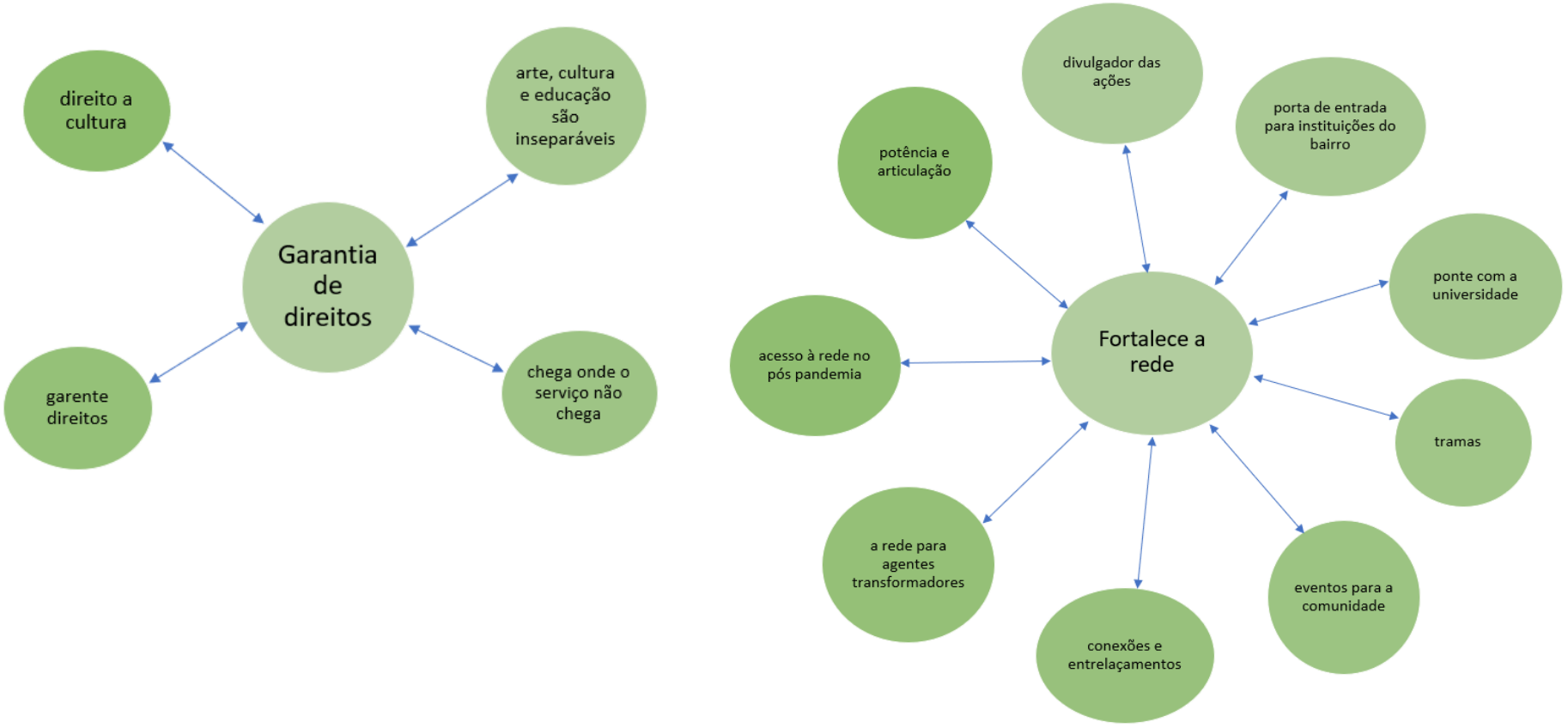
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Figura 52 – Esquema gráfico a partir do grupo focal 2 – educandos(as) – questão-chave 3: qual a importância do Cieja CL para o Capão Redondo, o Campo Limpo e a comunidade? E para os(as) estudantes? E para os(as) professores(as), servidores(as) e terceirizados(as)? E parceiros(as)?



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Figura 53 – Esquema gráfico a partir do grupo focal 3 – parceiros(as – questão-chave 3: qual a importância do Cieja CL para o Capão Redondo, o Campo Limpo e a comunidade? E para os(as) estudantes? E para os(as) professores(as), servidores(as) e terceirizados(as)? E parceiros(as)?



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

5.3 A colheita após o grupo focal

Esta subseção tem como objetivo demonstrar desdobramentos oriundos do grupo focal, entre os quais a visita às antigas dependências do Cemes CL, a organização de ações comemorativas para os 25 anos do Cieja CL, tendo os professores antigos do Cieja CL como foco, a primeira exposição da história do centro, assim como o diálogo dos esquemas gráficos compartilhados com docentes para ter a validade interpretativa do processo. Todas essas atividades foram pensadas posteriormente a partir da riqueza da discussão do grupo focal 1, de professores(as), servidores(as) e terceirizados(as), a qual despertou no grupo envolvido a vontade de conhecer a história do centro, assim como proporcionar momentos em que mais pessoas pudessem conhecê-la.

A história do Cemes Campo Limpo sempre foi tratada de forma simplificada, pelos ciejenses, devido à falta de sistematização dos documentos e de relatos de como era a maneira de trabalho daquela época. Com o estímulo da pesquisa, assim como da necessidade do planejamento de atividades comemorativas dos 25 anos, surgiu a ideia de juntar os professores mais antigos do centro[16] e realizar visita às antigas dependências do Cemes.[17] Essa atividade fez com que esses professores ficassem estimulados a pegar antigos documentos em suas casas, recordar momentos a partir de fotografias e trabalhos dos educandos.

Figura 54 – Visita do grupo de professores que entraram em 2001 às antigas dependências do Cemes CL, na Igreja Batista em Vila das Belezas



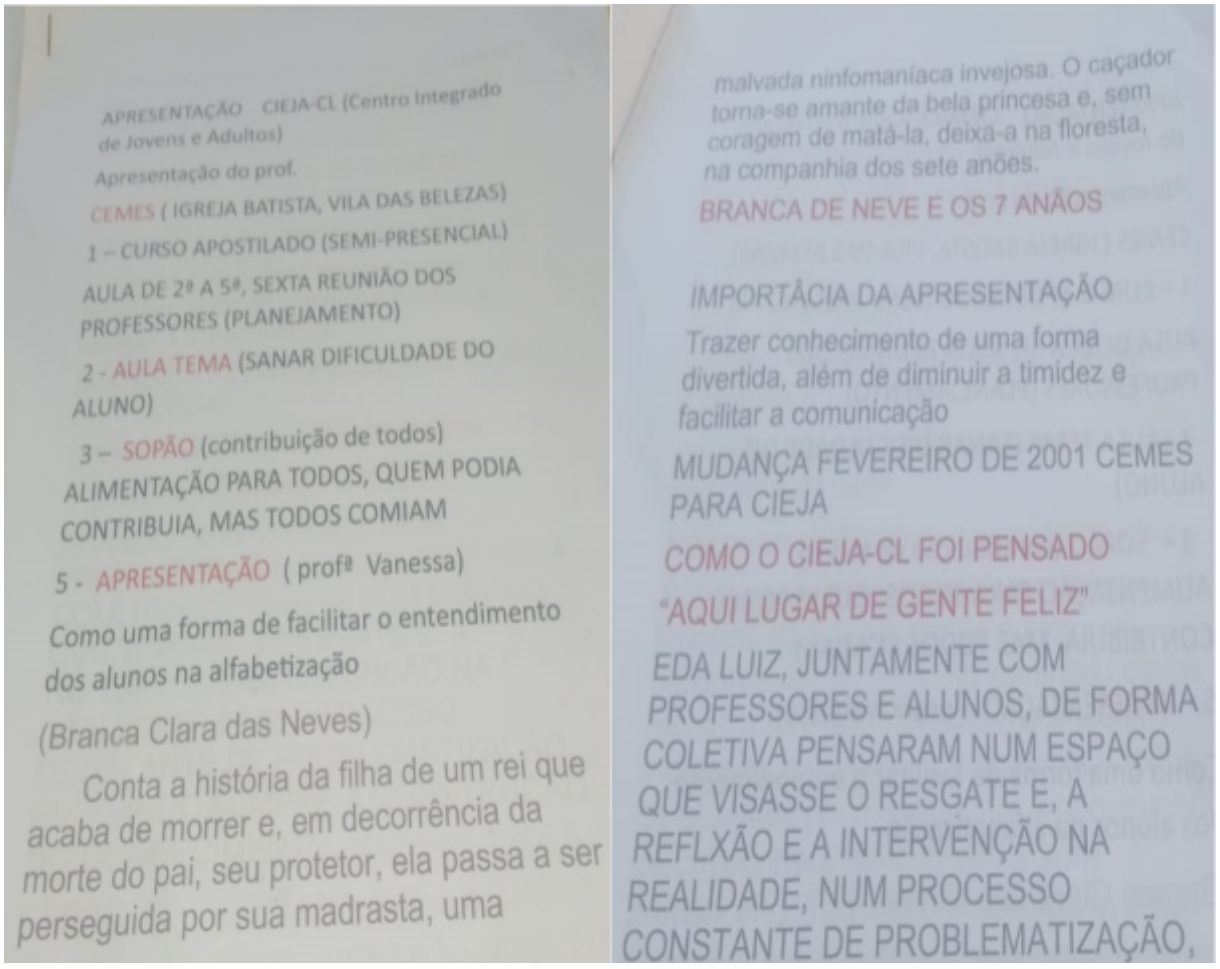
Fonte: Diego Elias (2023).

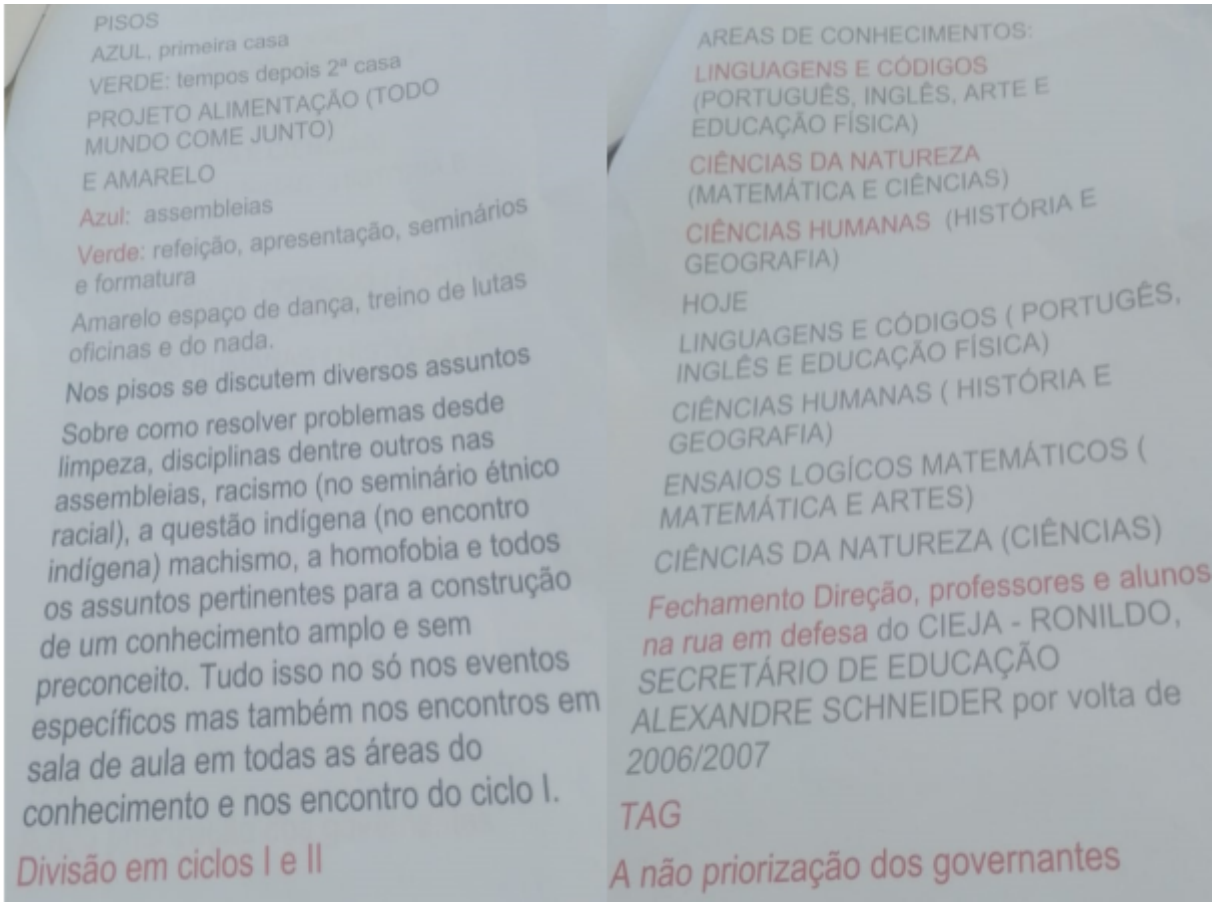
[16] Coincidentemente, os professores Alexandre, Antônio, Gabriel e Jair entraram no ano de 2001.
[17] Essa discussão está no capítulo 2.

Após a visita às dependências do antigo Cemes CL, em razão da empolgação em que os professores retornaram ao Cieja CL, compartilhada com os demais na hora do lanche, nas reuniões e nos corredores, foi sugerido pelo grupo de professores que eles conversassem com os educandos de todos os períodos para sensibilizar a comunidade ciejense para a data comemorativa do aniversário do centro, assim como contar sua história, para que todos pudessem criar identidade com a trajetória do centro.

Os professores antigos prepararam apresentações, cada um do seu jeito e a partir do recurso que tinha disponível, com discurso, exibição de fotografias, histórias de vida entrelaçadas com o desenvolvimento de sua trajetória no centro.

Figura 55 – Discurso do prof. Antônio, um dos mais antigos do Cieja CL, para a comunidade do centro nas atividades preparativas para o aniversário de 25 anos





Fonte: Antonio da Silva (2023).

Figura 56 – Prof. Antônio em conversa com a comunidade, explicando sua trajetória e a movimentação do Cieja CL ao longo dos seus 22 anos no centro



Fonte: Antonio da Silva (2023).

A partir da visita às antigas dependências do Cemes CL e da conversa com a comunidade sobre a história do Cieja CL, ocorreu o movimento de procura por

documentos e fotografias que auxiliassem a contar as histórias do centro, bem como houve a sugestão de uma exposição com o material encontrado.[18]

A exposição foi programada para acontecer durante a data comemorativa do aniversário de 25 anos. Contou com camisetas, trabalhos acadêmicos sobre o Cieja CL, apostilas, trabalhos dos educandos e muitas fotografias, que auxiliaram a demonstrar como eram ações, saídas, comemorações, pessoas que trabalhavam no centro etc. Nela, os mais velhos ficaram na sala para mediar o diálogo com a comunidade em relação ao material exposto.

Figura 57 – Visita à exposição da trajetória do Cieja CL com especial foco nas ações do Cemes CL, mediada por professores que estão no centro há 22 anos





Fonte: Acervo CIEJA CL (2023).

[18] Agradecimentos especiais ao prof. Gabriel Squara, que, em sua trajetória no centro, sempre teve a preocupação com o registro fotográfico, assim como de recontar acontecimentos.

Para as atividades do aniversário de 25 anos do Cieja CL, foi solicitado, a ex-professores e ex-funcionários, vídeos curtos, contando sua história, seu trabalho e sua função no centro, bem como com uma mensagem para a data comemorativa. Os vídeos foram exibidos nos agrupamentos durante os encontros e durante a exposição.

Essa atividade teve relevante repercussão e fez com que muitos ex-professores e ex-funcionários se reconectassem ao Cieja CL, fossem conhecidos pelos atuais trabalhadores e visitassem o centro tempos depois de sua saída.

No dia do aniversário, houve a visita de 17 ex-professores e ex-funcionários, inclusive da primeira coordenadora-geral do Cieja CL, Marilúcia Chacon, que muitos não a conheciam

Esse momento foi rico, pela troca de experiências entre todos aqueles que fazem parte do Cieja CL atualmente, em junção com as pessoas que ajudaram na trajetória do centro, para criar um levantamento histórico coletivo das atividades.[19]

Figura 58 – Coordenadores(as)-gerais do Cemes/Cieja CL (1998-atualidade)



Fonte: Professora Jaciara (2023)
Nota: da direita para a esquerda: Marilúcia Chacon, coordenadora-geral do Cemes CL (1998-1999), Dona Eda, coordenadora-geral do Cemes/Cieja CL (1999-2018), e Diego Elias, coordenador-geral atual do centro (desde 2018).

[19] Agradecimento a prof.ª Enide, que doou sua coleção de livros encadernados, álbuns de fotografias, assim como fitas de videocassete contendo o Varal cultural, uma das atividades antigas do centro, que reuniu durante os seus 12 anos de trabalho, que consistia em ações culturais e registro das atividades com os(as) educandos(as).

Após o aniversário do centro, compartilhei os esquemas gráficos do grupo focal 1 com três professoras, para saber se, no entendimento delas, aquele momento estava bem representado, assim como se elas percebiam que a conversa com o grupo focal teve desdobramentos importantes para o centro em seu processo comemorativo.

O interessante desse diálogo em específico foi identificar que todas as ações do centro geram outras reações e que estas são a partir de diálogos e das necessidades do momento. Segundo as professoras, o grupo focal foi um estímulo para a ações comemorativas do centro relacionadas à memória, assim como a constatação de necessidade de sistematizar o registro para que a experiência do Cieja CL seja entendida, defendida e compartilhada como resistência para a EJA na cidade de São Paulo.

Neste capítulo, procuramos demonstrar que a intenção de utilizar o grupo focal foi captar como o Cieja CL se estabelece no mundo. Por meio dos grupos focais, identificamos que a cultura escolar que se formou no centro representa o desenvolvimento da autonomia individual que fortalece o processo coletivo, nas relações horizontalizadas, tendo a emoção como importante elo entre as pessoas, bem como que a proposta incide diretamente em um projeto político-pedagógico territorializado de maneira alternativa.

Neste processo, é importante salientar, que as relações estabelecidas no centro foram desenvolvidas ao longo de 25 anos a partir de referenciais freirianos, fazendo com que a autonomia, os processos pedagógicos se renovem constantemente.

Conclusão - Aqui não temos ponto final e sim conquistas de uma caminhada!

> “Quando é que um grupo pode ser chamado de criativo? Quais as propostas disciplinares (a sociologia, a antropologia, as ciências organizativas) que melhor contribuem para nos desvendar os segredos da criatividade coletiva? Todos os grupos podem ser criativos ou apenas aqueles que possuem determinadas características? E quais? Que peso exercem sobre a capacidade criativa de um grupo a motivação, o profissionalismo e as neuroses de seus membros individuais? Quais são as fontes de poder e os estilos de liderança que melhor se adaptam a quem dirige um grupo criativo? Como se desenvolvem os processos informativos e decisórios no seu interior? Quais são as causas e as possíveis soluções dos conflitos que nele surgem? Como se pode avaliar, de dentro e de fora, o grau de criatividade de um grupo? Como se formam e como se dissolvem os grupos criativos? Que influência exerce sobre eles o contexto no qual operam?
>
> Se perguntas como essas, em vez de se referirem a um laboratório científico ou uma equipe cinematográfica, se referissem a um grupo no qual prevalece o trabalho executivo (um setor mecânico por exemplo, ou um escritório burocrático, ou uma corporação militar), encontrariam respostas detalhadas através de milhares de ensaios, pesquisas, manuais extraídos da experiência industrial e produzidos por peritos em ciências organizativas. Mas como se trata de um trabalho criativo, não existe qualquer conhecimento consolidado sobre a estrutura e o funcionamento do grupo que melhor possa realizá-lo. Só resta, portanto, apoiar-se no bom senso, na memória direta, em regras aproximativas transmitidas oralmente pelos encarregados do trabalho” (Domênico de Masi, 1999, p. 14)

Compor esta parte do trabalho representa uma série de conquistas, desafios percalços e a transposição dos meandros da vida: ser um homem negro, angoleiro, candomblecista, de origem de família nordestina, pai de família, Coordenador Geral de um dos lugares mais desafiadores que já presenciei. Não foi tarefa fácil.

O fim do ciclo de 05 anos de doutorado foi, ao mesmo tempo, 05 anos como Coordenador Geral do CIEJA CL. Duas experiências que foram entrelaçadas entre os tensionamentos da teoria x prática, da ação-reflexão-ação vividas no cotidiano que, muitas vezes, foi composto por muitas lágrimas e suor, trilhado em paisagens das ruas, dos morros, becos e vielas do Capão Redondo que me ensinam constantemente a pensar sobre possibilidades de uma sociedade diferente para o

amanhã que, com os exemplos, com as práticas e com os esforços de pequenas ações, somadas a tantas outras que fazem com que o TODO se fortaleça em uma rede de ações transformadoras do território e que na prática docente, gestora e como pesquisador me levaram ao esforço de registro.

Identifiquei que o caminho entre as descobertas e apoio na academia são essenciais para o desenvolvimento das práticas no cotidiano da aprendizagem, seja em espaços escolarizados ou não, assim como a prática do cotidiano tem muito a contribuir com o desenvolvimento de teorias e ações impulsionadoras da ciência e que a relação entre prática e teoria não pode se desvencilhar, para que tanto a academia, quanto a prática ganhem forças em busca de uma outra possibilidade de sociedade, do entendimento das contradições, do estudo de alternativas e da praticidade dessas tentativas para pensar um novo amanhã, mais inclusivo, que abarque o maior número possível de pessoas.

O final deste ciclo também é concomitante com outras duas datas importantes, os 25 anos do CIEJA CL e os 30 anos do Decreto que instituiu o CEMES na cidade de São Paulo.

Os 25 anos do CIEJA CL foi composto de uma série de atividades que foram influenciadas e influenciaram a pesquisa nesta fase final, desde a realização de grupos focais que estimularam os mutirões coletivos para a festividade, visita às antigas dependências do CEMES CL, na Igreja Batista Vila das Belezas, da 1ª Exposição da História do CIEJA CL, que contou com a sistematização de materiais antigos do Centro[1], somados a atualização da linha do tempo e que resultaram, todas as ações, em uma reflexão coletiva sobre a importância do CIEJA e do CIEJA CL para São Paulo na luta pela Educação de Jovens e Adultos e como resistência de um projeto político pedagógico, idealizado por Paulo Freire, e territorializado de maneira alternativa em muitas quebradas da capital. Cada uma a sua maneira leva o legado freireano adiante e o materializa com as possibilidades encontradas no momento histórico e nos lugares.

As possibilidades que viabilizaram e sustentam ainda hoje o Cieja CL têm nas redes do território do distrito de Campo Limpo/Capão Redondo, Jardim Ângela e tantos outros locais da zona sul de São Paulo, que desde os anos de 1990 tem sido

[1]Camisetas de eventos realizados ao longo da trajetória do Centro, apostilas, fotografias, livros, trabalhos de educandos, assim como vídeos de ex-funcionários, ex-gestores e ex-professores do Centro, tanto da época do CIEJA CL quanto da época do CEMES CL.

o berço de uma cultura periférica rica, plural e criativa. Cultura periférica que vai deixar suas marcas no espaço escolar, na sua paisagem, compondo os murais, os festivais literários, as oficinas e tantos outros eventos que fortalecem o pertencimento, o acolhimento e empoderamento dos sujeitos sociais igualmente periféricos que são o público para quem o Cieja faz toda a diferença[2].

A comemoração dos 30 anos do decreto 33.894, de 16 de Dezembro de 1993, que institui o CEMES na cidade de São Paulo, aponta para a necessidade de reflexões sobre as práticas pedagógicas, as ações, as semelhanças e diferenças entre os 16 CIEJA's que se complementam e fazem alternativas concretas para a oferta da EJA frente ao ensino regular e ao intenso processo de fechamento das salas nas EMEF's.

Esta pesquisa busca abrir horizontes para pensarmos sobre o projeto na cidade de São Paulo, o quanto o mesmo pode contribuir para o repensar a EJA regular, tanto no município quanto a nível Estadual e Federal, com a necessidade de adaptarmos propostas de lidar com a população jovem e adulta na perspectiva de combate a segregação social e espacial, de combate a pobreza, das contradições de nossa sociedade, promovendo propostas humanas, acolhedoras, envolvidas com e para a comunidade.

Fazer uma pesquisa envolvente, consequentemente uma escrita implicada, foram grandes desafios a serem enfrentados, parte expostos no início do presente trabalho, no qual fiz o esforço para demonstrar caminhos trilhados na educação pública na periferia da cidade de São Paulo, fazendo com que desse exercício de "perambulações" emergisse um projeto de pesquisa comprometido com as análises de um projeto político e pedagógico alternativo.

Compartilhar a necessidade de mudança tanto da cultura escolar, das redes de ensino bem como das concepções concretas sobre o espaço escolar e o seu cotidiano foram ao encontro ao nosso movimento de descoberta do Cieja Campo Limpo, bem como do projeto Cieja na cidade de São Paulo, fazendo com que ao passo da pesquisa fôsse angariando possibilidades de entendimento.

---

[2] Para pensarmos no aprofundamento das discussões sobre a formação do sujeito periférico ver o trabalho D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos**: cultura e política na periferia de São Paulo. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.8.2013.tde-18062013-095304. Acesso em: 2023-06-29.

Trazer o contexto da luta histórica da educação de jovens e adultos no Brasil em especial o papel de Paulo Freire, da pedagogia social e as contribuições geográficas foram caminhos interpretativos que se abriram a partir da interação com o tema e possibilitaram a aproximação do texto com a sua fundamentação teórica mais profunda (embora nem sempre explicitada), para que pudesse situar o assunto e colocá-lo em destaque para pensarmos para além de suas contradições, como um legado que vale a pena defender.

A partir do destaque do tema, identificamos a trajetória dos Ciejas na cidade de São Paulo, assim como um processo de resistência dentro da educação de jovens e adultos no município, em um projeto que nasce de um contexto precarizado e afirma-se na cidade, mesmo frente aos obstáculos, e se constitui como uma oferta de ensino capaz de incorporar as reivindicações históricas da educação jovens e adultos, como flexibilidade, currículo adaptado, projetos, contextualização do ensino e das aprendizagens. Sob influência direta das ações participativas contidas no decreto inicial, da gestão da prefeita Luiza Erundina, consegue até os dias atuais possibilitar avanços democráticos em seu cotidiano, no qual a participação coletiva torna-se mola propulsora do trabalho, sedimentando-se como uma cultura escolar, que faz com que o Cieja seja reconhecido e, mais que isto, que o sustente no mundo como um projeto que promove o engajamento coletivo.

Por mais que existam diferenças temporais e de envolvimento no processo histórico, os Ciejas se solidificaram na cidade como uma maneira de oferta da EJA, demonstrando, seja através de prêmios, apresentando menores índices de fechamento de sala frente ao ensino regular, ou analisando os projetos e parcerias, que os centros podem ser um modelo, um ponto de partida para pensar as formas de atendimento da EJA pelo país, tal como repensar/propor políticas públicas de inclusão e contextualização do trabalho pedagógico enquanto um Centro de EJA.

Pensando no trabalho coletivo desenvolvido no CIEJA CL, ao longo de 05 anos como gestor e durante a realização da pesquisa, ficava me questionando sobre quais eram os motivos que faziam com que o Centro funcionasse da maneira como ele funciona e uma das contribuições para esse entendimento é que sua composição reúne possibilidades construídas ao longo de sua trajetória, com orientações voltadas para um trabalho colaborativo, reflexivo, autônomo, bem como resultado direto de opções escolhidas pelo grupo (direção, funcionários,

professores, educandos e parceiros) nas assembleias que, somadas as experiências cotidianas, permitiram a formação de um grupo criativo, com práticas diferenciadas na educação de jovens e adultos no Capão Redondo que são projetadas nacional e internacionalmente.

Domenico de Masi, sociólogo italiano, consultor de grandes corporações[3], organizou um livro intitulado *"A emoção e a Regra: Os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950"*, no qual estão reunidas 13 experiências coletivas que, através das artes, das ciências, no trabalho, em grupos literários e na educação[4] construíram coletivamente maneiras inovadoras, para sua época, de enfrentar a realidade e produzir conhecimento e arte. O fio condutor de tais experiências era o ambiente criativo no qual as experiências se davam, fazendo com que o esforço individual fosse potencializado e retroalimentado pela prática coletiva, quebrando paradigmas organizacionais.

Em comparação ao CIEJA no geral e ao CIEJA CL em específico, o fato do projeto ser fundado na precariedade, na efemeridade, de sofrer diversas tentativas de fechamento, de necessitar cotidianamente de estratégias de defesa, possibilitou a criação de grupos criativos que vislumbrassem no Centro possibilidades de atuação e de reforçar sua identidade de projeto alternativo de educação.

Constatamos que estar em um sobrado alugado, constantemente modificado de maneira colaborativa e coletiva, com a liberdade criativa conquistada por Dona Eda, ao longo dos seus 20 anos, bem como as orientações paulofreirianas, transformaram o CIEJA CL em um grande laboratório pedagógico de ações coletivas que são estimuladas pela criatividade e impulsionadas pela precariedade.

Corroboramos com os argumentos de Dussel (2017, p. 109), quando aponta que é na precariedade, enquanto ruptura, que devemos mirar:

> o elogio da precariedade da escola passa por apreciá-la, cuidar dela, expandi-la, para que não se estabilize nem no efêmero nem no descartável, mas como uma condição vital de uma montagem que está sempre à beira de sua destruição, mas também em movimento, aberto, capaz de apresentar o mundo e de ajudar a criar novas montagens, imaginando outros futuros.

[3] Reconhecido pela temática do Ócio Criativo, que consiste na defesa do ócio como necessário à criatividade.

[4] As experiências são: A Casa Thonet, a Estação Zoológica de Nápoles, o Círculo Matemático de Palermo, o Instituto Pasteur, o grupo Bloomsbury, Wiener Werkstätte, Círculo Filosófico de Viena, Bauhaus, o Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, grupo da rua Panisperna, o Instituto Central de Restauração de Roma, a Escola de Biologia de Cambridge e o Projeto Manhattan em Los Alamos.

Consideramos que o CIEJA CL baseia-se na precariedade, apontada por Dussel, nas possibilidades instáveis do vir a ser, do construir, daquilo que resulta do estar a “beira da destruição”, por constantemente ter passado por episódios de quase fechamento, pela relação de acontecer em dois sobrados alugados, pelos cargos serem designados, dentre outros elementos. Todavia, é neste contexto que nasce o novo, a criatividade, a resistência para o não fechamento, o enfrentamento das adversidades, o espírito de grupo, a propaganda, o convite para fazer parte da comunidade.

As ações diferenciadas, os eventos, as saídas, as atividades em sala fazem com que o CIEJA CL, enquanto espaço escolar, esteja permanentemente sendo debatido e afirmado como ambiente de aprendizagem e que nos ajuda a repensar o espaço escolar como um:

> espaço de iguais [que] deveria convidar todos a se aproximar de novo, como nova experiência, desses objetos que habitam um encontro distinto com o mundo, e que permitem a cada um apropriar-se dele, encontrar um lugar nele, acessar suas linguagens como modos de representação das experiências humanas. (DUSSEL, 2017, p. 103)

Hutta (2020) sobre a possibilidade de análise a partir de uma cartografia do afeto e do aconchego enquanto uma cartografia do poder, elucida que o estudo afetivo é essencial para a análise do território e da territorialidade em sua dimensão simbólica, na qual medo e aconchego são vetores afetivos que ora amenizam, ora intensificam seus processos relacionais, no qual demonstra que a “força constitutiva do afeto [...] não é apenas um efeito que é sentido, é também um motivador ou bloqueador dos processo de desterritorialização e reterritorialização" (p.74).

Sobre os efeitos positivos e negativos no processo de desterritorialização ou na reterritorialização, Hutta (2020, p. 75) acrescenta que:

> podem estar ligados a qualquer coisa, por isso uma necessidade de uma cartografia de nuances que trace a afetividade atravessando registros múltiplos, incluindo subjetividades, coletividades, arranjos espaciais, bem como configurações discursivas e institucionais.

Os grupos focais apontaram no sentido do acolhimento e dos aspectos afetivos, no sentido de um corpo em afetar e ser afetado por outro e pelas ações cotidianas que foram desenvolvidos como estratégias ao longo da trajetória do CIEJA CL e que sua proposta adaptada, acolhedora e que faz sentido para a EJA tornam-se elementos essenciais perante aos problemas enfrentados pelo projeto, fazendo com que o Centro seja território de resistência e que sua comunidade, durante o processo de constituição do território, formule e reformule práticas dentro de um projeto político pedagógico territorializado com uma proposta alternativa de educação.

A propagação das histórias, o sentar em círculo, a maneira dos encontros, as atividades fora da sala de aula, os eventos, a organização dos agrupamentos produtivos, as sequências didáticas, temas gerador e o envolvimento com o território fazem com educandos com o exercício cotidiano do "ser" coletivo frente aos tensionamentos da vida, identifiquem alternativas para o processo educativo de aprendizagem, inclusive da continuidade dos estudos, em consonância com os trabalhadores do Centro e parceiros que identificam no fazer cotidiano da proposta pedagógica do CIEJA CL maneiras de pensar em mudança da realidade, tecendo diariamente os fios da rede de atuação.

Ao fim desta pesquisa, confirmamos a tese que o PPP do Cieja CL foi tecido ao longo dos 25 anos, enquanto processo de territorialização educativa coletiva e que colocou o Centro em diálogo profundo com suas geografias constitutivas (dos estudantes, da EJA/SP e dos distritos) e faz com que seus sujeitos e participantes e a própria instituição constituam elementos fundamentais de resistência às adversidades enfrentadas em sua história e sustentem o Cieja CL no mundo.

Com base na pesquisa, como sugestão da Profª Drª Iracema Santos do Nascimento, em conjunto com as pessoas que avaliaram este trabalho na banca final, pontuamos algumas recomendações para pensar e repensarmos projetos na Educação de Jovens e Adultos.

01 - Toda e qualquer proposta para a Educação de Jovens e Adultos deve ser elaborada a partir de adaptações das suas estruturas, das concepções, do ambiente de aprendizagem, do currículo, do tempo, do material, do cotidiano, da organização, das formações, do processo avaliativo, da autonomia às condições

necessárias para o atendimento das especificidades do universo do Jovem e Adulto público alvo da EJA.

02- A flutuância do público da EJA é uma constante que está diretamente relacionada às condições socioterritoriais vivenciadas por esta população, ou seja, pensar em resolvê-la é formular uma política pública para a EJA voltada a instrumentos que permitam o incentivo, a permanência e a continuidade dos estudos, assim como que tenha intersecções com outras secretarias em especial a secretaria do trabalho com planos de profissionalização (bolsa de estudos e programas de qualificação profissional vinculadas a frequência e ao término das etapas de ensino), a secretaria de cultura (com possibilidade de acesso aos espaços culturais da cidade) e a secretaria de saúde (com políticas de atendimento compartilhado com as Unidades Básicas de Saúde).

03- A realização de estudos para o levantamento de demanda para o público da EJA e a criação e instalação de outros Ciejas no município em espaços que permitam ações conjuntas com outras secretarias e que em tais espaços haja uma proposta que adapte o tempo, os ambientes de aprendizagem e o currículo ao universo da EJA.

04- Não homogeneizar o atendimento da EJA no município, assim como destacar as especificidades dos Ciejas na cidade para influenciar as outras formas de atendimento.

05- Para os cargos de SME e das DRE's que lidam diretamente com a EJA, ter a necessidade de serem compostos por um grupo de pessoas que acolham a diversidade da EJA e tenham um olhar especial as "heterogeneidades" do processo histórico dos Ciejas na cidade de São Paulo e tenham o esforço de sanar as precariedades do projeto como a lacuna formativa, especificidade curricular, profissionalização, registro histórico, melhoria das instalações prediais, que haja troca formativa entre as equipes, etc.

06- Criação de um grupo de trabalho entre secretarias para a formulação de leis, portarias, normativas e decretos para a implementação complementar da política

pública que criou os Ciejas e que foquem na profissionalização das pessoas atendidas nos Ciejas, dentro da carga curricular dos Centros, uma vez que há essa perspectiva na legislação, todavia com caráter facultativo e a mercê de parcerias efêmeras.

07- Que haja um processo de efetivação das estratégias formativas em conjunto para o atendimento das especificidades dos Ciejas no município e em seus territórios.

08- O fortalecimento do grupo dos Ciejas, assim como o estímulo para a troca de experiências entre os Centros como ação formativa e de resistência do projeto;

09 - Um comprometimento com uma educação territorializada que busque em sua prática cotidiana ações coletivas em seu entorno, que identifiquem o seu público como alvo de ações conjuntas significativas.

Capítulo: Sem compromisso… fique mais um pouco!

O objetivo deste capítulo é trazer de maneira leve e descontraída o exemplo de materiais que são citados ao longo do texto, para que o leitor fique familiarizado com a prática desenvolvida no Centro.

Nesta parte, o leitor e a leitora encontrarão planejamento, diário de bordo dos professores, diário de bordo de educando, extra-classe dos educandos, produções musicais autorais dos educandos, produções livres, fotos de outros CIEJA's, do próprio CIEJA CL, dentre outros materiais.



A herança de Dona Eda, o poema “A escola é” de Paulo Freire, uma caixinha personalizada, com a árvore e a inscrição “CIEJA Campo Limpo Lugar de cantos, encantos, cantos e encontros”; uma folha com 20 passos de como fazer acontecer e, por fim, uma caixa escrita “Obrigada CIEJA”.



Foto: Grafite- Indígena, feito em 2019 e com jogos de luzes em 2023. Esta imagem é vista à 04 km de distância, tornando-se referência para o Centro.



Foto: Visita de professores, professoras, educandos, educandas, supervisores e amigos do CIEJA CL ao assentamento Irmã Albertina do MST - Região Metropolitana de São Paulo - 2019



Gildete da Silva Malves terminou o ensino fundamental no CIEJA CL em 2016 e em 2022 volta formada como Assistente Social para agradecer ao incentivo dos ciejenses no geral.



Doação de livros no Piso Azul



Foto: Última formatura de Dona Eda como Coordenadora Geral do CIEJA CL



Foto: Olhares do Centro na pandemia - 2020



Foto: Visita coletiva do CIEJA CL ao Instituto Favela da Paz - 2017



Foto: O futuro está aqui - 2020



Foto: Formação coletiva “Territórios Negros no Centro de São Paulo” - 2021



Foto: Visita à Dona Neide na sede da Ong Vida Corrida - 2021



Foto: Prêmio pelo Projeto “Renovação do Jardim do CIEJA CL” - 2017


Foto: Aula final da pós-graduação em Matemática da UNESP de Rio Claro no CIEJA CL- 2018

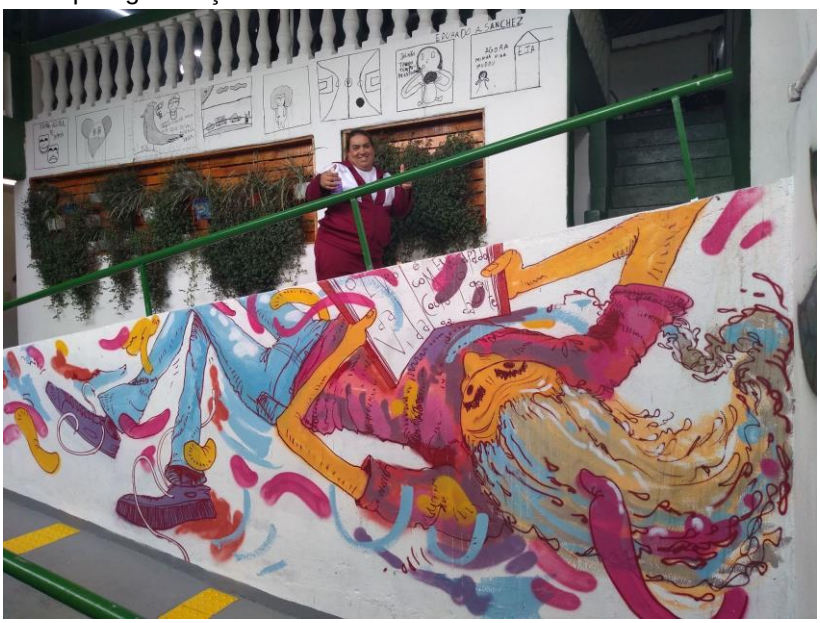

Foto: Conjunto de rampas que ligam os dois sobrados do CIEJA CL - 2020



Foto: Suzi Soares do Sarau do Binho entregando livros em forma de parceria para a comunidade ciejense - 2022



Foto: Formação coletiva na Aldeia Guarani de São Vicente - SP - 2022



Foto: Casa cheia, apresentação do teatro dos professores baseada na peça “Acorda Raimundo, Acorda!” no piso verde - 2023



Foto: Parte externa da Sala Liberdade com
grafites de tinta de terra - 2022



Foto: A sensibilidade de preservar,
acolher e progredir- Ninhos pelo Centro - 2022

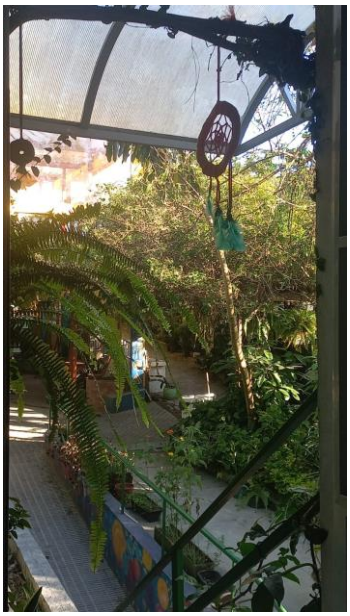


Foto: A centralidade do Jardim - 2023



Foto: Sandra Tomaz, funcionária e Educanda do Centro na Reportagem da Revista Educação - 2022

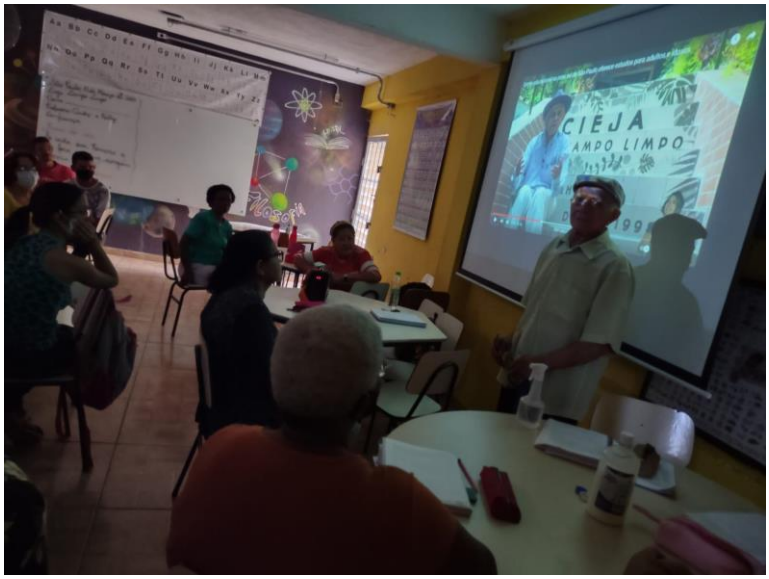


Foto: Educando mais velho do Centro, Senhor José Antonio 89 anos, assistindo junto a sua sala a reportagem do CIEJA CL que sua participação foi destaque na TV Cultura - 2023



Foto: Jardim após intervenção em mutirão - 2023



Foto: Atividade do Agrupamento de Acolhimento no ano de 2022 com a Profª Kelly, demonstrando a conquista da dignidade pela escrita com poema feito a partir de frases dos educandos. Atividade baseada no texto "Roberto sem Carlos" in: *Roberto sem Carlos*. In: Barreto, Vera (org.) Historiando. São Paulo: Centro de Estudos Vereda, 1995. p. 35. VALENTE, Décio. O analfabeto.

CIEJA CAMPO LIMPO - PLANEJAMENTO SEMANAL

Módulo I

Objetivo: Promover atividades significativas de leitura e escrita, em que o ato de ler e escrever tenha sentido para os alunos, Auxiliar o aluno a construir competência leitora do próprio nome.

Habilidades: Reconhecer as letras que compõem seu **nome**; Compreender o sistema de **escrita** e; Apreender as letras do alfabeto.

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES:

1ºDIA

CIEJA CAMPO LIMPO
SÃO PAULO, ___DE _____DE 202.
NOME: _____
PROFESSORES: _____

FRASE DO DIA
"Eu não estudei, minha família precisava de mim na roça"
Joana, 56 anos

1. Sensibilização:

LEITURA DE TEXTO:

ROBERTO SEM CARLOS (Roberto Soares)

Quando cheguei em São Paulo arranjei serviço numa oficina, perto da casa da minha tia. Estava aprendendo o trabalho e via que todos os dias meus colegas punham o nome num livro grosso que era guardado pelo dono da oficina. Ninguém me mandou assinar e eu estava achando bom porque não sabia escrever. Um dia, "seu" Osvaldo chegou perto de mim com o livro e disse: —

Roberto, a partir de segunda-feira você começa a assinar seu nome neste caderno. Todos os dias. Não esqueça. Era uma sexta-feira e eu saí de lá muito preocupado. Não queria dizer para ninguém o que estava sentindo. Em casa me veio uma ideia, que foi esta: meu primo tinha um disco do Roberto Carlos e eu fiquei pensando em copiar o Roberto do disco até sabê-lo de cor. Pelo menos ia escrever meu primeiro nome. A letra R eu já sabia e assim foi fácil achar o Roberto. Só que eu não sabia onde acabava o nome Roberto e acabei decorando ROBERTO CARLOS. Todos os dias eu escrevia no livro: ROBERTO CARLOS. Meu patrão começou a me chamar de Roberto Carlos e os meus colegas também. Não sabia como explicar que eu era só Roberto. Mudei de nome mas resolvi meu problema.

Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/eja1a4mod1e2.pdf

Você já vivenciou algo parecido?

Como você reagiu diante da situação?

Como você resolveria a situação do Roberto se estivesse no lugar dele?

Quando você aprendeu a assinar seu nome, adulto ou criança? O que sentiu?

Digam frases que representem os sentimentos despertados pela falta de ser alfabetizado.

(Escrita de frases coletivas na lousa, tendo o professor como escriba)

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES:

2ºDIA

CIEJA CAMPO LIMPO

SÃO PAULO, ___DE _____DE 202.

NOME: _____

PROFESSORES: _____

FRASE DO DIA:

"Eu tinha vergonha de pedir a almofadinha de tinta para colocar meu dedão."

Cecília, 89 anos

1. Entregar aos educandos um modelo de RG, para que desenhem o próprio rosto e assinem no espaço indicado.



2. Explicar para os educandos a importância da assinatura e que é única e individual.
3. Solicitar que os educandos apresentem seus RG's a sala.
4. O professor deverá verificar se algum aluno ainda está com o RG original desatualizado, seja por conta do "Não alfabetizado" ou por ter modificado a assinatura depois que entrou no CIEJA-CL. Caso haja desatualização sugerir atualização de RG no Poupatempo mais próximo.

3ºDIA

CIEJA CAMPO LIMPO
SÃO PAULO, ___DE _____DE 202.
NOME: _____
PROFESSORES: _____

FRASE DO DIA:

“Quem lê enxerga, quem não lê é como se fosse cego”

Eulália, 80 anos

1. Retomar as frases ditas pelos educandos no primeiro dia de aula e coletivamente montar um poema que será exposto com os RG’s no dia da mostra Cultural.
2. Ensaio para a apresentação na Mostra Cultural dos módulos I e II.

4ºDIA

CIEJA CAMPO LIMPO

SÃO PAULO, ___DE _____DE 202.

NOME: _____

PROFESSORES: _____

FRASE DO DIA:

“Meu sonho é saber ler e escreve”

Alunos CIEJA-CL

Mostra Cultural.

Apresentação de poemas, danças, músicas e atividades realizadas ao longo do ano.

Homenagem ao CIEJA CL

Eu quero prestar a minha homenagem

ao Colégio CIEJA

e todos aqueles amigo que estuda junto comigo,

parabéns para todos os professores

que recebeu a gente de braços abertos
por tudo que por mim já fez,

pela minha professora Diana,

professora Rita agradeço ao senhor
e aos amigos que aqui conquistei,

também ao Diego que é meu diretor.

Aos amigo que aqui conquistei,

também ao Diego que é meu diretor
É neste dia quatro de maio se comemora mais um aniversário

são vinte e cinco anos de existência
muito obrigado aos professores
e aos alunos que estuda comigo
estudando no CiEJA eu sigo muito obrigado aos professores e aos aluno que estuda comigo
Muito obrigada aos professores e aos aluno que estuda comigo

Música composta e gravada em estúdio pelo educando Jonildo Santos, com 2 meses de CIEJA CL, em comemoração aos 25 anos de CIEJA CL. 2023.

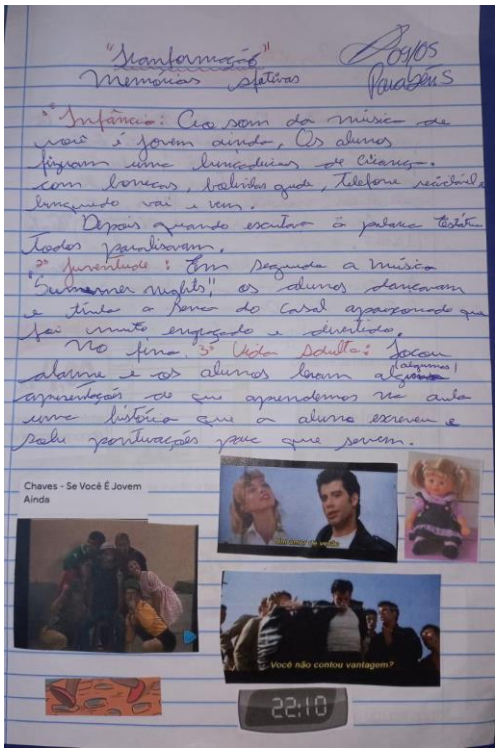
Sobrando experiência

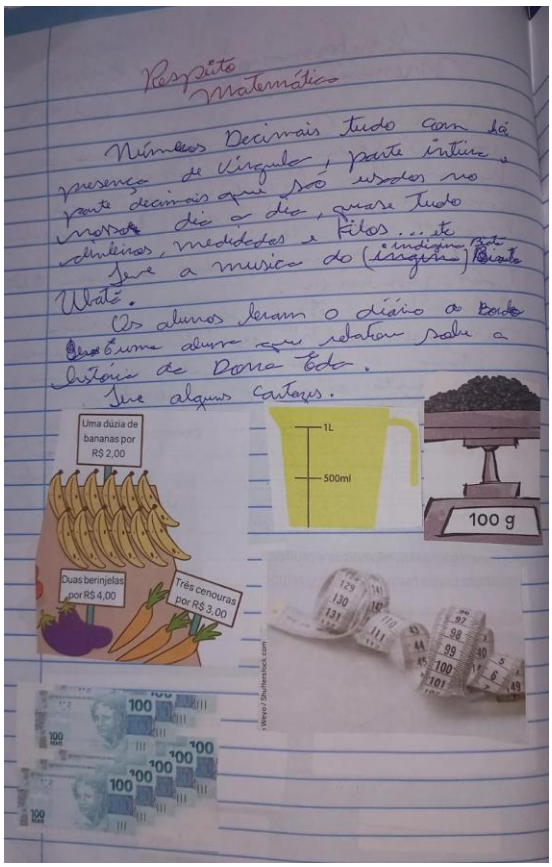
Sobrando experiência
faltando conhecimento
desperdiçando as chances
aproveitando os momentos
vendo os outros somando
e eu sempre diminuindo
voltei pra escola, estou estudando
até cantando e o povo me aplaudindo.
Os aplausos, os abraços, os apertos de mãos
encheram de energia o meu coração
os abraços, os apertos de mãos
encheram de energia o meu coração
quando pensei que era o fim
eu estava apenas começando
deixando o tempo passar por mim
os outros fazem dia eu planejando.
Fiz uma música de brincadeira de cordel,
juntei tudo e fui rimando.
Cantei na escola, me aplaudiram
e eu não estava acreditando.
Os aplausos, os abraços, os apertos de mãos
encheram de energia o meu coração
os aplausos, os abraços, os apertos de mãos
encheram de energia o meu coração
Eu nunca me senti assim em outro lugar
Como foi bom pra mim voltar a estudar
é na escola que se aprende a lição
o B - A - BÁ
estou até fazendo música com história pra contar
aplausos, os abraços, os aperto de mãos,
encheram de energia o meu coração,
os aplausos, os abraços, os apertos de mãos,
encheram de energia o meu coração
televisão, novela, futebol e bar tiravam todo o meu tempo
e não me deixava estudar.
Só faltava um incentivo a alguém pra me orientar
e só o conhecimento faz você multiplicar
os aplausos, os abraços, os apertos de mãos,
encheram de energia o meu coração
os aplausos os abraços os apertos de mãos,
encheram de energia o meu coração

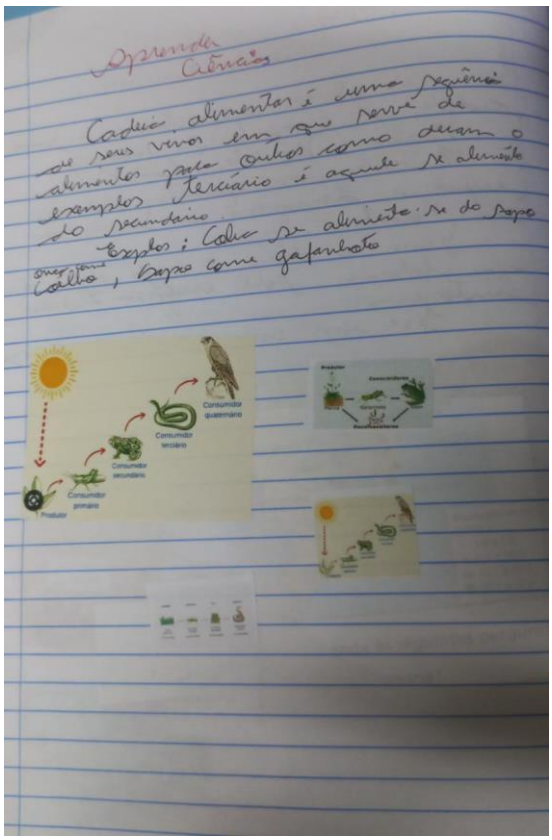
Cordel composto e musicado por Francisco Miguel, mais conhecido como Chicão do São Luiz, educando que terminou o ensino fundamental em 2017, se descobriu cordelista no CIEJA CL, com vários cordeis sobre o cotidiano do Centro e até os dias atuais retorna para declamá-los.

Obs: É comum produções autorais dos educandos (as) em formato de poesia, de cordel, de crônica etc., falando sobre o CIEJA CL, aos aprendizados e aos anseios futuros.









Extraclasse confeccionado por educanda, do agrupamento de transformação (em matemática) que voluntariamente abordou e ilustrou os conteúdos apresentados pelas outras turmas na apresentação de final de rodízio.



A linha do tempo do CIEJA CL atualizada 1998-2023 - Diego Elias (2023).

A seguir um pouco da construção do nosso 17º Seminário Étnico Racial[1] ocorrido no dia 20/10/2022 e suas ações prévias:



Atividade pré 17° Seminário Étnico Racial: Vídeo-conferência com o Prof. Dr.Salloma Salomão sobre a Diáspora negro-africana realizada no PEA (formação dos professores) – 12/08/2022. Fonte Diego Elias (2022)



Atividade pré 17° Seminário Étnico Racial: Palestra/Apresentação da pesquisa Bailes Black em São Paulo da autoria de Igor Valvassori. – 04-10-2022.Fonte Diego Elias (2022)

[1] Informações contidas no PPP do CIEJA CL 2022.

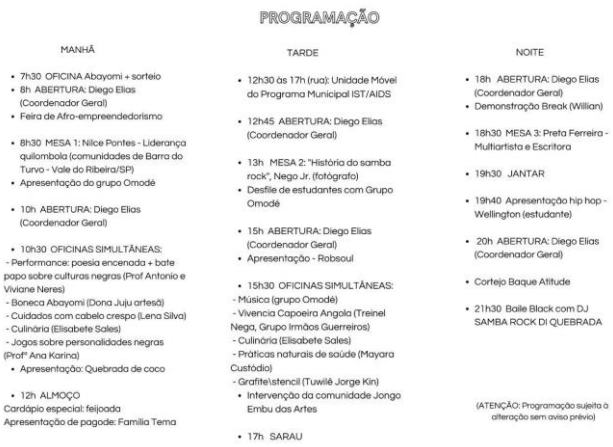




Atividade pré 17° Seminário Étnico Racial: Oficina de Escalda Pés – 08/10/2022. - Fonte: Gabriel Squara/2022



Folder sobre o 17º Seminário Étnico Racial – frente



Folder sobre o 17º Seminário Étnico Racial – verso




Oficina de Capoeira Angola com Trenel Nega (GCAIG) e a Roda de Samba com a Família TEMA - Fonte: Gabriel Squara/2022




Oficina de grafite e o piso verde cheio de expectadores para as atividades. Fonte: Gabriel Squara/2022




Desfile feito com as roupas e acessórios confeccionados pelas nossas estudantes e o cortejo do grupo de maracatu Baque Atitude. Fonte: Gabriel Squara/2022



O desfecho da noite com a vivência do grupo Samba Rock Di Quebrada

Fonte: Gabriel Squara/2022

Sessão de fotos CIEJA's da rede municipal da secretaria municipal de educação

O objetivo desta sessão é trazer para o leitor deste trabalho um pouco do "Viver nos espaços dos CIEJA's visitados durante a pesquisa, assim como o meu desejo de mostrar o trabalho de servidores e servidoras empenhados em fazer o melhor para o atendimento da população jovem e adulta da cidade[2].

[2] As fotos foram pensadas para trazer a discussão que os CIEJAs, em sua maioria, estão em locais que foram adaptados ao longo dos anos para melhor atender o seu público. Todavia, essas adaptações fizeram com que houvesse influência direta na plasticidade pedagógica do vir a ser do cotidiano tão rico em projetos inovadores, característica fundante dos Centros. As visitas foram feitas em sua maioria durante as férias, no período de pandemia e neste período há limpeza, reformas, etc, fazendo com que os espaços não estivessem arrumados como para o atendimento normal, assim como em atividades pedagógicas ou simplesmente para trocar algum tipo de informação ou visita pelo grupo de professores. Agradeço aos gestores e gestoras, companheiros e companheiras de luta pela EJA que abriram suas "casas" para que esse registro fosse possível.

- **CIEJA Clovis Caitano Miquelazzo (Visita Janeiro de 2021)**



Foto: Frente do CIEJA Clovis Caitano Miquelazzo



Foto: Sala Multiuso



Foto: Sala de aula



Foto: corredor

- **CIEJA Paulo Emilio Vanzolini - (Visita Janeiro de 2021)**



Foto: Frente do CIEJA Paulo Emílio Vanzolini



Foto: Secretaria



Foto: Sala de aula

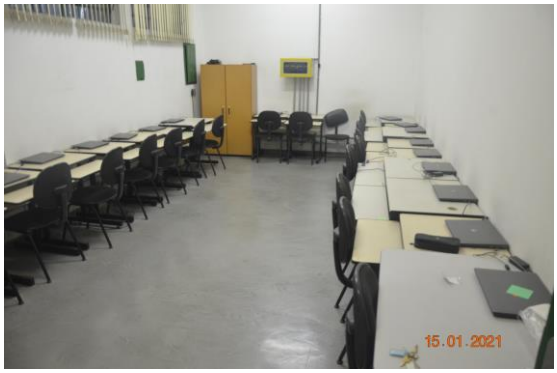


Foto: Sala de Informática

- **CIEJA Butantã - (Visita Janeiro de 2021)**



Foto: Frente do CIEJA Butantã



Foto: Pátio



Foto: Secretaria

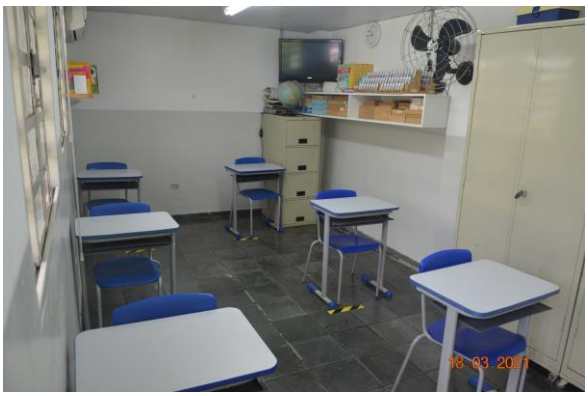


Foto: Sala de aula

- **CIEJA Itaquera (Visita Março de 2021)**



Foto: Frente do CIEJA Itaquera



Foto: Pátio



Foto: Sala de Recursos Multifuncionais



Foto: Sala de aula

- **CIEJA Rosa Kazue Inakake de Souza, Profa. (Visita Março de 2021)**



Foto: Frente do CIEJA Rosa Kazue **Inakake de Souza, Profa**



Foto: Sala de aula



Foto: Corredor

- **CIEJA Santana/Tucuruvi (Visita Setembro de 2022)**



Foto: Frente do CIEJA Santana Tucuruvi


Foto: Sala de artes


Foto: Corredor de entrada


Foto: Sala de Aula.

- **CIEJA Rose Mary Frasson (Visita Maio de 2019)**



Foto: Frente do CIEJA Rose Mary Frasson



Foto: Sala de aula

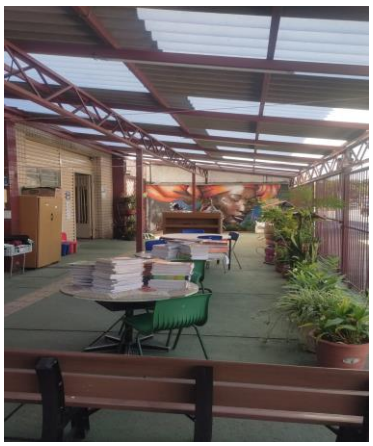


Foto: pátio na entrada



Foto: Espaço de leitura

- **CIEJA Perus I - (Visita Agosto de 2019)**



Foto: Frente do CIEJA Perus



Foto: Sala de aula Marielle Franco



Pátio de entrada



Foto: Foto: Corredor

- **CIEJA Lélia Gonzales** **(Visita Março de 2018)**



Foto: Frente do CIEJA Lélia Gonzalez



Foto: Sala de aula



Foto: Jardim



Foto: auditório multiuso

- **CIEJA Francisco Hernani Alverne Facundo Leite (Visita Setembro de 2018)**



Foto: entrada do CIEJA Francisco Hernani Alverne Facundo Leite



Foto: Sala de aula

Referências bibliográficas

12º SEMINÁRIO Étnico Racial do Negro na Educação do Cieja Campo Limpo. 29- 06-16. São Paulo: Canal Diego Elias, 10 ago. 2016. 1 vídeo (5 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TiOLS4YRpXE. Acesso em: 6 jun. 2022.

ABELHANDO MUNDO AFORA. Jataí (Tetragonisca angustula). *Abelhando Mundo Afora*, 2020. Disponível em: https://www.abelhandomundoafora.com.br/jatai. Acesso em: 6 fev. 2023.

ANDRADE, Édison Prado de. **A educação familiar desescolarizada como um direito da criança e do adolescente**: relevância, limites e possibilidades na ampliação do direito à educação. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.48.2014.tde-10112014-111617. Acesso em: 2020-12-02.

ANDRADE, Manuel Correia de. A questão do território no Brasil. São Paulo-Recife: Hucitec-IPESPE, 1995. 135 p.

AR DESENVOLVIMENTO HUMANO. São Paulo: Ar Desenvolvimento Humano, [2023]. Disponível em: https://ardesenvolvimentohumano.com.br. Acesso em: 28 fev. 2023.

ARAÚJO, Marcelo Claudio. *Winnie Mandela lutou de forma aguerrida contra Apartheid*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 12 jul. 2018. Disponível em: https://www.palmares.gov.br/?p=51277. Acesso em: 13 fev. 2023.

ASSIS, Tatiane de. Um canto para Moa do Katendê. *Piauí*, São Paulo, 18 ago. 2022. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/um-canto-para-moa-do-katende/. Acesso em: 13 jan. 2023.

AUGUSTO Cerqueira. *Revista Literária Pixé*, 2019. Disponível em: https://www.revistapixe.com.br/augusto-cerqueira. Acesso em: 13 fev. 2023.

BAITZ, R. A implicação: um novo sedimento a se explorar na geografia? *Boletim Paulista de Geografia*, n. 84, p. 25-50, 2017. Disponível em: https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/726. Acesso em: 28 jan. 2023.

BEISIEGEL, C. R. Estado e educação popular: um estudo sobre a educação de adultos. São Paulo: Ática, 1982.

Bondía JL. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev Bras Educ [Internet]. 2002 Jan;(19):20–8. Available from: https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003. Acesso em 24/02/2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, [2023a]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 9 abr. 2023.

BRASIL. *Decreto nº 11.129, de 30 de junho de 2005*. Institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem; cria o Conselho Nacional da Juventude – CNJ e a Secretaria Nacional de Juventude; altera as Leis nº s 10.683, de 28 de maio de 2003, e 10.429, de 24 de abril de 2002; e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2005. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11129.htm. Acesso em: 9 abr. 2023.

BRASIL. *Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006*. Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Proeja, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2006a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5840.htm. Acesso em: 9 abr. 2023.

BRASIL. *Lei nº 10.172, 9 de janeiro de 2001*. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2001. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm#:~:text=LEI%20No%2010.172%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202001.&text=Aprova%20o%20Plano%20Nacional%20de,com%20dura%C3%A7%C3%A3o%20de%20dez%20anos. Acesso em: 2 fev. 2023.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 2 fev. 2023.

BRASIL. *Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006*. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Brasília, DF: Presidência da República, 2006b. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11274.htm. Acesso em: 2 fev. 2023.

BRASIL. *Lei nº 4.024, 20 de dezembro de 1961*. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1961. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4024.htm. Acesso em: 9 abr. 2023.

BRASIL. *Lei nº 5.692, 11 de agosto de 1971*. Brasília, DF: Presidência da República, 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1° e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm#:~:text=LEI%20No%205.692%2C%20DE%2011%20DE%20AGOSTO%20DE%201971.&text=Fixa%20Diretrizes%20e%20Bases%20para,graus%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20providências. Acesso em: 9 abr. 2023.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 2 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. *Brasil Alfabetizado*. Brasília: MEC, [2023b]. Disponível em: https://alfabetizacao.mec.gov.br/pba. Acesso em: 2 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Parecer CNE/CEB nº 11, de 10 de maio de 2000*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, DF: MEC/CNE/CEB, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf. Acesso em: 2 fev. 2023.

CAETANO, Bruna. Tula Pilar: conheça a trajetória da poeta dos saraus periféricos de São Paulo. *Brasil de Fato*, São Paulo, 12 abr. 2019. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2019/04/12/tula-pilar-conheca-um-pouco-da-vida-e-obra-da-poeta-dos-saraus-perifericos-de-sp. Acesso em: 27 dez. 2022.

CALIMAN, Geraldo. **Pedagogia social**: seu potencial crítico e transformador. Revista de Ciências da Educação – UNISAL, Americana/SP, Ano XIII, n. 23, p. 341-368, 2º Semestre, 2010. Disponível em: https://www.revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/article/view/73. Acesso em: 20 mar. 2022.

CARDEAL, Catharina Castro; VIEIRA, Larissa Ribeiro Cabral. Neurociência como meio de repensar a arquitetura: formas de contribuição para a qualidade de vida. *Cadernos de Graduação* − Ciências Humanas e Sociais, Unit, Aracaju, v. 6, n.3, p. 55-70, mar. 2021. Disponível em: https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/9980/4428. Acesso em: 5 jan. 2023.

CARLOS, A. F. A. **A cidade.** São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. **Espaço - tempo na metrópole.** Editora Contexto, São Paulo, 2001.

CENTRO DE DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO POPULAR DE CAMPO LIMPO. *Portal do CDHEP*. São Paulo: CDHEP, [2023]. Disponível em: https://www.cdhep.org.br. Acesso em: 2 fev. 2023.

CENTRO INTEGRADO DE EDUCÇÃO DE JOVENS E ADULTOS CAMPO LIMPO. Projeto Político Pedagógico 2022. São Paulo: Cieja CL, 2022.

CENTRO PAULA SOUZA. *Sobre o Centro Paula Souza*. São Paulo: Centro Paula Souza, [2023]. Disponível em: https://www.cps.sp.gov.br/sobre-o-centro-paula-souza/. Acesso em: 29 set. 2020.

Claval, P. "A geografia cultural: o estado da arte". In *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ. 1999. p.55-97.

COBERTURA mostra cultural: "Minha Comunidade. Minha Vida. Nossa História, Nossa vida. Nosso futuro": Escola Estadual Hugo Lacorte Vitale 27/11/2010. São Paulo: Escola de Notícias, 20 nov. 2019. 1 vídeo (4 min).

COMPLETO: Luiza Erundina: 30 anos do Governo Popular Democrático em S.Paulo - Cedem/Unesp 29/03/19. São Paulo: Cedem Unesp, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=31Q-n46z5CU. Acesso em: 26 fev. 2023.

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS, 2., 1958. *Educação*. Distrito Federal: Associação Brasileira de Educação, 1958. Disponível em: http://cremeja.org/a7/acervo-digital/fundo-osmar-favaro/educacao-popular-i/campanhas/ii-congresso-nacional-de-educacao-de-adultos/. Acesso em: 13 mar. 2023.

CRUZ NETO, O.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M. Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS. 13., ABEP, 2002, Ouro Preto. Disponível em: https://gtfhufrgs.files.wordpress.com/2018/05/4-grupo-focal-texto-4.pdf. Acesso em 22/02/2023.

CURRÍCULO Paulista, MMR e Inova Educação. São Paulo: Canal TV CPP, 23 ago. 2019. 1 vídeo (10 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FT1VgftAkOY. Acesso em: 13 mar. 2023.

DAMIANI, Amélia Luísa. As contradições do espaço: da lógica (formal) à (lógica) dialética, a propósito do Espaço. In: CARLOS, A. F. ODETTE, S. (Org.). Espaço no fim de século: a nova raridade. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2001. P. 48-61.

_____. Espaço e Geografia: Observações de Método - Elementos da obra de Henri Lefebvre e a Geografia; - Ensaio sobre Geografia Urbana a partir da Metrópole de São Paulo. Livre-docência. Universidade de São Paulo, 2008.

DANTAS, Vera Lúcia. LINHARES, Ângela Maria Bessa. Círculos de Cultura: problematização da realidade e protagonismo popular. II Caderno de Educação Popular em Saúde. Ministério da Saúde, 2011. p. 73 - 80. Disponível em: http://www.edpopsus.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/texto-2-4-cc3adrculosde-cultura.pdf. Acesso em 30/03/2023.

DAYRELL, *J.* A Escola como Espaço Sócio-Cultural. In: *DAYRELL*, J. (org.): Múltiplos Olhares: Sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, *1996.*

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos**: cultura e política na periferia de São Paulo. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.8.2013.tde-18062013-095304. Acesso em: 2023-06-29.

DEWEY, John. *Experiência e educação*. Tradução Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1971. (Coleção Cultura, Sociedade e Educação, v. 15).

DI PIERRO, Maria Clara. Descentralização, focalização e parceria: uma análise das tendências nas políticas públicas de educação de jovens e adultos. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 2, p.321-337, jul./dez. 2001.

DE MASI, Domenico. A emoção e a regra: os grupos criativos na Europa 1850 a 1950. Tradução de Elia Ferreira Edel. Rio de Janeiro: Olympio, 1999.

DUARTE, Diego Elias Santana. Novos caminhos a partir de Frantz Fanon. *Revista Geografia em Atos*, Unesp, Presidente Prudente, n. 12, v. 5, p. 158-165, jul. 2019. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/6575/pdf. Acesso em: 10 jun. 2022.

DUARTE, Diego Elias Santana. *Sarau do Binho vive!* Identidades alteradas e o sarau como processo de identificação periférica. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) – FFLCH, USP, São Paulo, 2016. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-08032016-141025/pt-br.php. Acesso em: 13 maio 2021.

DUSSELI, I. Sobre a *precariedade da escola*. In J. Larrosa (ed.), Elogio da Escola. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. pp. 87-111.

ELSAS, Vanessa Porfírio de Faria. EJA: entre a reprodução e a educação popular. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 4., 2012, São Paulo. *Anais* [...]. São Paulo: Associação Brasileira de Educadores Sociais, 2012. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092012000200037&lng=en&nrm=abn. Acesos em: 2 mar. 2023.

ESCOLAS TRANSFORMADORAS. *Escola Pluricultural Odé Kayodê (GO)*. São Paulo: Ashoka Brasil, [2023a]. Disponível em: https://escolastransformadoras.com.br/escola/escola-pluricultural-ode-kayode/. Acesso em: 13 jan. 2023.

ESCOLAS TRANSFORMADORAS. *Sobre*. São Paulo: Ashoka Brasil, [2023b]. Disponível em: https://escolastransformadoras.com.br/o-programa/sobre/. Acesso em: 13 jan. 2023.

ESCOLAS2030. *O programa*. São Paulo: Ashoka: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo : Itaú Social, [2023]. Disponível em: https://escolas2030.org.br/o-programa/. Acesso em: 13 jan. 2023.

FERRÉZ. O que é 1dasul??? *Blog Ferrez Escritor*, São Paulo, 4 jun. 2005. Disponível em: http://blog.ferrezescritor.com.br/2005/06/o-que-1dasul.html. Acesso em: 26 ago. 2020.

FESTIVAL percurso realiza maior terreiro do mundo na zona sul de SP. *Margens*, São Paulo, 2018. Disponível em: https://margens.com.br/2018/11/13/festival-percurso-realiza-maiorterreirodomundo-na-zona-sul-de-sp/. Acesso em: 24 ago. 2020.

FÓRUNS EJA BRASIL. *Histórico do Mova-Brasil*. [*S. l.*]: Coordenação Na cional do Mova-Brasil, 2005. Disponível em: http://forumeja.org.br/node/1194. Acesso em: 3 jan. 2023.

FÓRUNS EJA BRASIL. Relatório-síntese do Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos (Eneja/Rio). *Informação em Rede*, São Paulo, ano 3, n. 22, nov.-dez. de 1999. Disponível em: http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/doc_eneja_rio_1999.pdf. Acesso em: 6 abr. 2023.

FREIRE, Ana Maria Araújo & MENDONÇA, Erasto Fortes. **Direitos Humanos e educação libertadora** - Gestão Democrática da educação Pública na cidade de São Paulo. 1 edição. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1996a.

FUNDAÇÃO CENTRO TECNOLÓGICO DE HIDRÁULICA (org.). *Caderno de bacia hidrográfica*: córrego Morro do S. São Paulo: Siurb/FCTH, 2016. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/infraestrutura/sp_obras/arquivos/MORRO_S_DIGITAL_ALTA.pdf. Acesso em: 9 fev. 2023.

Gadotti M, organizador. **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo (SP): Brasília: Cortez; 1996.

GIARDINI, Eliane. *Eliane Giardini no curta Acorda Raimundo... Acorda!!!* [*S. l.*]: Fã Clube Eliane Giardini, 27 set. 2015. Disponível em: https://faclubedaeli.blogspot.com/2013/04/eliane-giardini-no-curta-acorda.html?view=sidebar&m=1. Acesso em: 1 fev. 2023.

GIROTTO, Eduardo D. **Atlas da rede estadual de educação de São Paulo**. Curitiba: Ed. CRV, 2018.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Quadros geográficos**: uma forma de ver, uma forma de pensar. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 2.

GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere, v. 2 — Antonio Gramsci: os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Ed. e trad. de Carlos N, Coutinho. Coed. de Luiz S. Henriques e Marco A. Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e Identidade**: a rede "gaúcha" no Nordeste. Niterói: EdUFF, 1997.

HAESBAERT, Rogerio. Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste. Niterói: Eduff, 1997.

_____. **Da Desterritorialização à Multiterritorialidade.** In: Encontro de Geógrafos da América Latina, X, 2005, São Paulo. Anais. USP. p. 6774-6792.

_____. Territórios Alternativos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. 186 p.

_____. O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 400 p.

HALL, Stuart. Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**, p. 101-131. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural . 4 ed. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. **Espaços de esperança**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HOSOKAWA, Elder. *Da colina "rumo ao mar"*: Colégio Adventista Brasileiro, Santo Amaro, 1915-1947. 2001. Dissertação (Mestrado) − Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

HUTTA, J. S. (2020). TERRITÓRIOS AFETIVOS: CARTOGRAFIA DO ACONCHEGO COMO UMA CARTOGRAFIA DE PODER. *Caderno Prudentino De Geografia*, *2*(42), 63–89. Recuperado de

https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7883. Acesso em: 23/04/2023.

HYPÓLITO, Álvaro M. (2011). Estado gerencial, reestruturação educativa e gestão da educação. *Revista Brasileira De Política E Administração Da Educação*, *24*(1). https://doi.org/10.21573/vol24n12008.19239. Acesso em 22/05/2022.

INDABA. *In*: WIKIPEDIA, a enciclopédia livre. San Francisco: Wikimedia Fundation, [2023]. Disponível em: https://pt.frwiki.wiki/wiki/Indaba. Acesso em: 31 dez. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pnad Contínua – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019*. Brasília: IBGE, 2019. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html. Acesso em: 2 fev. 2023.

INSTITUTO MARIELLE FRANCO. *Quem é Marielle Franco?* Rio de Janeiro: Instituto Marielle Franco, [2023]. Disponível em: https://www.institutomariellefranco.org/quem-e-marielle. Acesso em: 27 dez. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Mapa do Analfabetismo no Brasil*. Brasília: Inep, 2002. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/estatisticas-e-indicadores-educacionais/mapa-do-analfabetismo-no-brasil. Acesso em: 2 fev. 2023.

INSTITUTO OLGA KOS. *Sobre nós*. São Paulo: IOK, [2023]. Disponível em: https://institutoolgakos.org.br/sobre-nos. Acesso em: 23 jan. 2023.

INSTITUTO PAULO FREIRE. *Projeto Mova-Brasil*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, [2023]. Disponível em: https://www.paulofreire.org/programas-e-projetos/projeto-mova-brasil. Acesso em: 2 jan. 2023.

LIVE − Ciejas na Cidade de São Paulo. São Paulo: Dieja/Coped/SME-SP, 9 dez. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yE5Y77ZIg6g. Acesso em: 1 ago. 2022.

LUCK. Heloisa. **A Gestão Participativa na Escola**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. Série Cadernos de Gestão.
Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 63-78, jan./abr. 2008.

MATHEUS, Tiago Luis Corbisier; OLIVEIRA, Letícia Daidone. Saberes locais sobre formação de jovens em vulnerabilidade social na região de M'Boi Mirim e

proximidades. *Pro-Posições*, v. 29, n. 2, p. 185–209, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1980-6248-2015-0154. Acesso em: 13 fev. 2023.

MELO, Alexandre de. Quem foi Nelson Mandela? *Cult*, São Paulo, 18 jul. 2022. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/quem-foi-nelson-mandela/. Acesso em: 13 fev. 2023.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Regulação das políticas educacionais na América Latina e suas consequências para os trabalhadores docente**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 26, n. 92, p. 753-776, out. 2005.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Declaração Mundial sobre Educação para Todos (Conferência de Jomtien – 1990)*. Jomtien: Unesco, 1990. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990. Acesso em: 1 abr. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Integrated Centre for Adult and Youth Education (Cieja), Brazil*. [*S. l.*]: Unesco, 21 jun. 2017. Disponível em: https://uil.unesco.org/case-study/effective-practices-database-litbase-0/integrated-centre-adult-and-youth-education-cieja. Acesso em: 2 fev. 2023.

PAIVA, V.P. Introdução. História da Educação Popular no Brasil: educação popular e educação de adultos. São Paulo: Edições Loyola, 2003

PATARRA, Ivo. O governo Luiza Erundina: cronologia de quatro anos de administração do PT na cidade de São Paulo, de 1989 a 1992. Geração, São Paulo, 1996.

PEZÃO, Marco. *Nóis é ponte e atravessa qualquer rio*. São Paulo: Reza Brava, 2013.

PIRES, Carolina Maingué. *Morre Padre Jaime Crowe, um 'profeta' na luta pelos direitos humanos*. [*S. l.*]: Ponte, 21 fev. 2023. Disponível em: https://ponte.org/morre-padre-jaime-crowe-um-profeta-na-luta-pelos-direitos-humanos/. Acesso em: 26 fev. 2023.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política. Navegador Político - Lideranças Políticas. Luiza Erundina de Sousa. São Paulo: Neamp/PUC-SP, [2023]. Disponível em: https://neamp.pucsp.br/liderancas/luiza-erundina-de-sousa. Acesso em: 25 fev. 2023.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993.

REDAÇÃO RBA. Graffiti contra Enchente: projeto lança documentário sobre transformação em Taboão da Serra. *Rede Brasil Atual*, São Paulo, 3 dez. 2021. Disponível em: https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/graffiti-contra-enchente-documentario-taboao-serra/. Acesso em: 13 fev. 2023.

ROSA, Erica Aparecida Capasio; BARALDI, Ivete Maria. Escolas inovadoras e criativas e a educação matemática: caminhos possíveis para a inclusão escolar. *Bolema*: Boletim de Educação Matemática, v. 35, n. 70, p. 549–566, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1980-4415v35n70a01. Acesso em: 2 fev. 2023.

SACOLÃO DAS ARTES. *Atados*, [2023]. Disponível em: https://www.atados.com.br/ong/sacolao-das-artes. Acesso em: 2 fev. 2023.

SANTINHO, Evandro *O dualismo de novo tipo no processo de expansão das escolas técnicas do Centro Paula Souza no Estado de São Paulo no período de 2004-2016*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1020633. Acesso em: 26 fev. 2023.

SANTOS, Milton. Território globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **A natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008

_____. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton [et al]. Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 13-21.

_____. O espaço do cidadão. – 7. ed., 2. Reimpr. – São Paulo: Edusp, 2014.

SÃO PAULO (Cidade). *Decreto nº 28.302, de 21 de novembro de 1989*. Institui o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo junto â Secretaria Municipal de Educação, e dá outras providências. São Paulo, SP: Prefeitura do Município de São Paulo, 1989. Disponível em: http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-28302-de-21-de-novembro-de-1989#:~:text=Institui%20o%20Movimento%20de%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o,Educa%C3%A7%C3%A3o%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20providências.&text=Novembro%20DE%201989-,Institui%20o%20Movimento%20de%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20de%20Jovens%20e%20Adultos%20da,Educa%C3%A7%C3%A3o%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20providências. Acesso em: 26 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). *Decreto nº 32.930, de 30 de dezembro de 1992*. Dispõe sobre a criação do Centro Municipal de Ensino Supletivo, e dá outras providências. São Paulo, SP: Prefeitura do Município de São Paulo, 1992. Disponível em: http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-32930-de-30-de-dezembro-de-1992. Acesso em: 26 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). *Decreto nº 33.073, de 23 de março de 1993*. Dispõe sobre criação de Centro Municipal de Capacitação e Treinamento, e dá outras providências. São Paulo, SP: Prefeitura do Município de São Paulo, 1993a. Disponível em:

http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-33073-de-23-de-marco-de-1993. Acesso em: 26 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). *Decreto nº 33.894, de 16 de dezembro de 1993*. Dispõe sobre diretrizes para atendimento a educação de jovens e adultos, e dá outras providências. São Paulo, SP: Prefeitura do Município de São Paulo, 1993b. Disponível em: http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-33894-de-16-de-dezembro-de-1993. Acesso em: 26 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). *Decreto nº 35.456, de 30 de agosto de 1995*. Altera e amplia o plano de diretrizes básicas para atendimento a educação de jovens e adultos, e dá outras providências (institui Projeto Teleducar). São Paulo, SP: Prefeitura do Município de São Paulo, 1995. Disponível em: http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-35456-de-30-de-agosto-de-1995. Acesso em: 26 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). *Decreto nº 43.052, de 4 de abril de 2003*. Cria os Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos – Ciejas. São Paulo, SP: Prefeitura do Município de São Paulo, 2003. Disponível em: http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-43052-de-4-de-abril-de-2003. Acesso em: 26 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). *Decreto nº 45.942, de 1º de junho de 2005*. Cria o Centro Municipal de Capacitação e Treinamento, Unidade II, Itaim Paulista. São Paulo, SP: Prefeitura do Município de São Paulo, 2005. Disponível em: https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-45942-de-1-de-junho-de-2005. Acesso em: 26 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). *Decreto nº 53.676, de 28 de dezembro de 2012*. Regulamenta a Lei nº 15.648, de 14 de novembro de 2012, que estabelece diretrizes para o funcionamento dos Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos – Ciejas na Rede Municipal de Ensino do Município de São Paulo. São Paulo, SP: Prefeitura do Município de São Paulo, 2012a. Disponível em: https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-53676-de-28-de-dezembro-de-2012. Acesso em: 26 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). *Educação de Jovens e Adultos* – EJA. São Paulo: PMSP, [2023a]. Disponível em: https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/educacao-de-jovens-e-adultos-eja/formas-de-atendimento/. Acesso em: 13 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). *Lei nº 11.229, de 26 de junho de 1992*. Dispõe sobre o Estatuto do Magistério Público Municipal, e dá outras providências. São Paulo, SP: Prefeitura do Município de São Paulo, 1992b. Disponível em: http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-11229-de-26-de-junho-de-1992#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Estatuto%20do,Municipal%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAncias.&text=%2F1991%20%2D%20EXECUTIVO)-,Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Estatuto%20do%20Magist%

C3%A9rio%20P%C3%BAblico%20Municipal%2C%20e%20d%C3%A1,lhe%20s%C3%A3o%20conferidas%20por%20lei. Acesso em: 26 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). *Lei nº 15.648, de 14 de novembro de 2012*. Estabelece diretrizes para o funcionamento dos Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos – Ciejas na Rede Municipal de Ensino do Município de São Paulo. São Paulo, SP: Prefeitura do Município de São Paulo, 2012b. Disponível em: https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-15648-de-14-de-novembro-de-2012#:~:text=Estabelece%20diretrizes%20para%20o%20funcionamento,do%20Munic%C3%ADpio%20de%20S%C3%A3o%20Paulo. Acesso em: 26 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). *Lei nº 17.623, 20 de agosto de 2021*. Autoriza o Poder Executivo a oferecer matrículas de Ensino Médio nos Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos – Cieja, nas condições que especifica e dá outras providências. São Paulo, SP: Prefeitura do Município de São Paulo, 2021. Disponível em: https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-17623-de-20-de-agosto-de-2021#:~:text=Autoriza%20o%20Poder%20Executivo%20a,especifica%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAncias. Acesso em: 26 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). *Prefeitura entrega serviços do CAPS II Infantil Campo Limpo*. São Paulo: PMSP, 8 maio 2016. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/noticias/?p=217543. Acesso em: 3 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. *Centros Educacionais Unificados − CEUs*. São Paulo: PMSP, [2023b]. Disponível em: https://ceu.sme.prefeitura.sp.gov.br/. Acesso em: 2 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. Conselho Municipal de Educação. Câmara de Ensino Fundamental e Médio. *Parecer CME nº 10/02 - CEFM*. São Paulo: CME, 2002. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjN3t-xuJj-AhVMlJUCHdqtA8sQFnoECBcQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.prefeitura.sp.gov.br%2Fcidade%2Fsecretarias%2Fupload%2Fparecer10_02_1251480164.doc&usg=AOvVaw2duEJX0LdErbZkuVl4wjZB. Acesso em: 13 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. Conselho Municipal de Educação. *Parecer CME nº 151/2009*. São Paulo: CME, 2009. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/educacao/cme/Parecer_CME_151-09.doc. Acesso em: 13 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. Conselho Municipal de Educação. *Parecer CME nº 234/12*. São Paulo: CME, 2012c. Disponível em: https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/parecer-cme-no-234-2012/. Acesso em: 13 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. *Ciejas na cidade de São Paulo*: identidades, culturas e

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. *Proposta de Formação* − Edital NTF/2019. São Paulo: SME/Coped/NTF, 2019. Disponível em: https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2019/11/NTF_ArquivoPortal_20191113_ID10403.pdf. Acesso em: 1 ago. 2022.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria Regional de Educação de Campo Limpo. Comunicado nº 60, de 15/06/2016. *Diário Oficial da Cidade de São Paulo*, São Paulo, SP, ano 61, n. 111, p. 34, 17 de junho de 2016a. Disponível em: https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/Portals/1/Files/29522.pdf. Acesso em: 8 jul. 2022.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. *Escola OnLine*. São Paulo: SME, 2023d. Disponível em: https://eolgerenciamento.prefeitura.sp.gov.br. Acesso em: 8 jul. 2022.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. *Escola OnLine: escolas por tipo*. São Paulo: SME, 2023e. Disponível em: http://eolgerenciamento.prefeitura.sp.gov.br/frmgerencial/NumerosCoordenadoria.aspx?Cod=000000. Acesso em 18 out. 2020.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. *Escolas*. São Paulo: SME, [2023c]. Disponível em: http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/School#/. Acesso em: 13 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. *Instrução Normativa SME nº 53, de 30 de dezembro de 2022*. Reorganiza o Projeto Formação da Cidade, destinado aos docentes das unidades educacionais da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, e dá outras providências. São Paulo, SP: SME, 2022a. Disponível em: https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/instrucao-normativa-secretaria-municipal-de-educacao-sme-53-de-30-de-dezembro-de-2022. Acesso em: 26 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. *Portaria SME nº 9.032, de 4 de dezembro de 2017*. Estabelece normas complementares para o funcionamento dos Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos − Ciejas, nos termos do contido na Lei nº 15.648/12, regulamentada pelo Decreto nº 53.676/12, alterado pelo Decreto nº 54.531/13. São Paulo, SP: SME, 2017. Disponível em: http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/portaria-secretaria-municipal-de-educacao-sme-9032-de-4-de-dezembro-de-2017. Acesso em: 26 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. *Portaria SME nº 3.926, de 12 de julho de 2022*. Constitui Grupo de Trabalho – GT – Ensino Médio nos Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos − Ciejas da

Rede Municipal de Ensino de São Paulo. São Paulo, SP: SME, 2022b. Disponível em: https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/portaria-secretaria-municipal-de-educacao-sme-3926-de-12-de-julho-de-2022. Acesso em: 26 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. *Portaria SME nº 7.834, de 30 de novembro de 2016*. São Paulo, SP: SME, 2016b. Disponível em: https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/portaria-secretaria-municipal-de-educacao-sme-7834-de-30-de-novembro-de-2016. Acesso em: 13 jul. 2022.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. *Programa São Paulo é uma Escola*. São Paulo: SME, 2005b. Disponível em: http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/16808.pdf. Acesso em: 1 jul. 2022.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. *Retratos da EJA em São Paulo*: história e relatos de práticas. São Paulo: SME/Coped, 2020b. 146 p. Disponível em: https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/educacao-de-jovens-e-adultos-eja/publicacoes-eja/retratos-da-eja-em-sao-paulo/. Acesso em: 13 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambient. Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz. *Sobre a Umapaz*. São Paulo: PMSP, 28 fev. 2020c. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/umapaz/sobre_a_umapaz/index.php?p=243. Acesso em: 13 fev. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). Subprefeitura Ermelino Matarazzo. *Cieja* – Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos. São Paulo: PMSP, 26 jan. 2010. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/ermelino_matarazzo/noticias/?p=6772. Acesso em: 22 jun. 2022.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **CIEJAs na cidade de São Paulo : identidades, culturas e histórias.** – São Paulo : SME / COPED, 2020. 192 p. Disponível em: https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/06/LIVRO_CIEJAs-na-Cidade_WEB.pdf. Acesso em: 13 out. 2022.

SERPA, Angelo. Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica. *Geousp* – Espaço e Tempo, São Paulo, n. 15, p. 21-37, 2004. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123865/120044. Acesso em: 2 fev. 2023.

Silva R. da (2009), **O direito à educação sob a perspectiva da pedagogia social**. Livre Docência, São Paulo, USP. (2009b)

SILVA, Roberto da . Outras educações possíveis. In: Moacir Gadotti; Martin Carnoy. (Org.). **REINVENTANDO PAULO FREIRE**: a práxis do Instituto Paulo

Freire. 1ed.São Paulo: IPF/Lemann/Stanford Education, 2018, v. 0, p. 305-317.

SILVA, Roberto da. As bases científicas da educação não-formal. In: ***Pedagogia social.***[S.l: s.n.], 2009.

SILVA, Winnie Gomes da. Biofilia e práticas educativas em áreas verdes. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), 5., 2018, Campina Grande. *Anais* [...]. Campina Grande: Realize, 2018. Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/46626. Acesso em: 5 jan. 2023.

SINGER, Helena. Cieja Campo Limpo: escola transformadora de estruturas e trajetórias. *Urbânia*, v. 1, p. 14-20, 2014.

SINGER, Paul I. . Um governo de esquerda para todos. Luiza Erundina na prefeitura de São Paulo (1989 - 1992). São Paulo: Brasiliense, 1996.

SOARES, Leôncio José Gomes. As políticas de EJA e as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos. RIBEIRO, V. M. (Org.). In: Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras. Campinas: Mercado das Letras, Ação Educativa, 2001.

SOARES, Leôncio José Gomes. O surgimento dos Fóruns de EJA no Brasil: articular, socializar e intervir. In: RAAAB, alfabetização e Cidadania – políticas Públicas e EJA. Revista de EJA, n.17, maio de 2004.

SOUZA, Ana Inês (Org.). **Paulo Freire: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

SPOSITO, Maria Encarnação B. **Reflexões sobre a natureza da segregação espacial nas cidades contemporâneas**. Revista de Geografia, Dourados, n° 4, 1996, p. 71-86.

TOLEDO, Luiz Fernando; BIAZZI, Renato. Cerca de 60 mil alunos estudam em 'escolas de lata' em São Paulo. *G1*, São Paulo, 1 abr. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/04/01/cerca-de-60-mil-alunos-estudam-em-escolas-de-lata-em-sao-paulo.ghtml. Acesso em: 28 jan. 2023. Acesso em 25/08/2020

TORRES, Carlos Alberto; O'CADIZ, Maria Del Pilar; WONG, Pia Lindquist. *Educação e democracia*: a práxis de Paulo Freire em São Paulo. São Paulo: Cortez: IPF, 2002.

UNIÃO POPULAR DE MULHERES DE CAMPO LIMPO E ADJACÊNCIAS. *Sobre nós*. São Paulo: UPM, [2023]. Disponível em: https://uniaopopmulheres.org.br/quem-somos/. Acesso em: 23 ago. 2023.

VILLAÇA, Flávio. A segregação urbana. In: _____. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001, p. 141 - 156.

WILLIANS, Raymond. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1ª Edição, 1969.

ZUSMAN, Perla. La Descripción en Geografia: un método, una trama. Boletim de Estudios Geográficos, n. 102, 2014, P. 135-149.

Anexo - 01

Carta a Paulo Freire!

Boa tarde querido Paulo Freire, *Paulinho*, permita-me a intimidade pois não nos conhecemos em vida, mas sinto-me tão próximo de ti pelas ideias pela origem, pelos ideais, pela escrita, pelos resultados que deixastes em vida.

Paulinho, estamos no ano de dois mil e vinte e três colhendo as sementes que você plantou na cidade de São Paulo. Sementes do mova, do movimento de alfabetização de uma escola democrática, pensada para o amanhã de uma escola que vê a individualidade do sujeito que propõe o diálogo, a harmonia, a beleza, a boniteza de ser um espaço diferente, um espaço de aprendizagem.

Muita coisa mudou de 1997 para hoje. Desde da sua morte a educação de jovens e adultos se expandiu pelo Brasil inteiro, muitos avanços foram possíveis pela luta na e da EJA, mas permita-me dizer sobre o projeto em questão, Os Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos na cidade de São Paulo, em especial o CIEJA CL.

Diretamente do Capão Redondo, um dos lugares mais perigosos do século vinte, onde havia mais assassinatos do que em zonas de guerra nos anos noventa.

Os prédios chegaram, as grandes lojas, os shoppings, mas ainda vejo na rua a exclusão desse povo. Esse povo que tem CEP, que tem cor, que tem gênero, que tem raça

Esse povo sofrido, maioria preta, pobre, periférica e nordestina, de homens e mulheres que batalham o dia inteiro, a vida inteira e que foram excluídos pela pobreza e pelo processo migratório do

mundo das letras e do mundo dos
números e que são passados ainda hoje para trás nas relações trabalhistas ou nas negociações do dia a dia.

A força desse projeto chamado de centro integral de educação de jovens e adultos
é uma esperança ainda, não tem todas as soluções, mas é um afago no coração pra nós sermos surpreendidos para um novo amanhã. Essa carta é breve
porque fica assim o diálogo, comemorado nos 30 anos do projeto CEMES/CIEJA, nos 25 anos do CIEJA CL e nos 34 anos do Mova, um pouco do que nós queremos do amanhã.

Aqui faço a analogia da Rosa dos Ventos, que independente de qual direção ou de onde nós queremos chegar
nos mostra que temos que partir do primeiro passo na construção do chegar no objetivo, no abraço da transformação, no abraço do movimento, o passo da interação. E as rosas dos ventos nos traz isso. Utilizaremos essa analogia na comemoração dos vinte e cinco anos do CIEJA CL. Porque a rosa dos ventos para a direção de quem chega nesse lugar significa um novo rumo de vida, um novo processo
em busca da autonomia, da emancipação, na cidadania, em uma inclusão na sociedade.

Quero expressar que sou seu eterno aprendiz, da maneira como utiliza a linguagem, o carinho, as belezas dos gestos, a indignação com a realidade atual e o compromisso com o amanhã.

Esse trabalho dedico a ti, esta tese contribui um pouco mais para lembrança do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos na cidade e para a relevância do CIEJA CL, que faz uma ligação importante
com movimentos de alfabetização, da cultura, das artes e com outros movimentos que colocam em destaque as relações do ambiente escolar do futuro, do sonho, do desejo de transformação.

Só tenho lhe agradecer por essa vereda, por esse caminho, pelas palavras e pelo carinho. Asè

Anexo 02-

	Tabela Grupo Focal 01 - Servidores, Funcionárias terceirizadas e Professoras (es), do CIEJA CL 2023							
	Nome	**Idade**	**Função no CIEJA CL**	**Horário de trabalho**	**Como conheceu o CIEJA CL**	**Ano que entrou no CIEJA CL**	**Onde mora**	**Especificidade da escolha**
1	Antônio da Silva	63	professor de Linguagens e Códigos	Manhã (1º e 2º períodos)	Uma colega que trabalhava na escola de origem, fez o convite para conhecer o CEMES, quando ele chega encontra os colegas que já se conheciam, por terem trabalhado juntos em outra escola.	2011	Piraporinha	Um dos professores mais antigos, pelo fato de ser negro e de ter fundado o Seminário Étnico Racial em 2004 no Centro;
2	Eliete Barreto de matos	31	Assistência de Vida Escolar (AVE)	Manhã e tarde (1º, 2º e 3º períodos)	Através da contratação da empresa SPDM, na escolha, ouviu dizer de uma outra AVE que tinha trabalhado no CIEJA Perus, que o projeto CIEJA era muito legal, assim começou a pesquisar informações sobre o centro e fez uma visita antes para saber se realmente viria.	2022	Jardim Ângela	Das AVES é a mais antiga, negra e participativa nas ações do Centro
3	Severino Ramos Pereira de Souza (Raminho)	50	Transportador (TEG)	Manhã e tarde (2º, 3º e 4º períodos)	Na escolha de escolas na reunião inicial do TEG, como ninguém conhecia o CIEJA CL, por que na época o transporte era novo, o Centro ficou sobrando e como era novo no TEG, teve a oportunidade de escolher. Teve a sugestão do Cristiano, condutor mais antigo que trabalha no Centro há mais tempo.	2012	Barra Funda (antes Jd. Ângela)	Um dos mais participativos e articuladores do TEG, que faz mediação em todas as situações, seja educando-educando, educando-transportador, transportador-transportador, gestão-trasportador, família-CIEJA CL;
4	Rodrigo	38	Auxiliar Técnico de Educação (ATE)	Manhã e tarde (1º, 2º e 3º períodos)	Por colegas de trabalho	como aluno em 2007 e como ATE em 2021	Parque Maria Helena	Ter sido educando e a partir de ações do Centro, fez concurso público, foi trabalhar na educação e buscou o seu retorno ao Centro em forma de agradecimento;
5	Aninha		Auxiliar de Limpeza	Manhã e tarde (1º, 2º e 3º períodos) e educanda no 4º período	A esposa do primo trabalhava no CIEJA CL e disse que teria uma vaga na limpeza e era para ela tentar se candidatar;	2016	Jd Vera Cruz (Grisson)	A funcionária mais antiga da Limpeza que conhece cada canto do Centro e pelo fato de ser educanda
6	Ana Karina Manson	40	Professora de Linguagens e Códigos	Manhã (1º e 2º períodos) e 1 vez por semana 3º e 4º e 5º e 6º períodos	À convite da Beth, antiga APE que se aposentou no Centro em 2018;	2007	Horto do Ypê	Estar no grupo de professoras entre 09 à 21 anos e ser uma das professores que resgata o fazer artístico, envolvente e potente do Centro e das relações interpessoais como mote para transformar a vida das pessoas;

7	Kelly de Almeida	38	Professora Alfabetizadora	Manhã (1º e 2º períodos)	Ouviu falar do trabalho desenvolvido através de ações da comunidade Santos Mártires, mas somente quando tem contato com a divulgação do processo seletivo do Centro na sua escola e que entende que poderia se inscrever e decide tentar o processo.	2017	Jardim Ângela	Estar no grupo de professoras entre 03 à 08 anos
8	Gabriel Squara	62	professor Ciências Humanas 16 anos, atualmente é da Sala de Recursos Multifuncionais	Manhã e tarde (1º, 2º, 3º e 4º períodos) obs: possui 2 cargos	À convite de uma colega professora do Estado;	2001	Vila Prel	Estar no grupo dos professores mais antigos (21 anos) em atividade no Centro, assim como estar sempre preocupado com o registro histórico/fotográfico do Centro.
9	Rita de Cássia	33	Professora Alfabetizadora	Noite (5º e 6º períodos)	Mesmo sendo moradora antiga de uma região próxima ao Centro, mas foi no grupo de pesquidores negro na Geografia da USP (grupo composto por pesquisadores/as negros/as estando ou não vinculados a USP, ou a geografia, todavia o ser ou ter sido da geografia da Usp ser um mote agregador), no qual uma colega trabalhava no CIEJA Clovis Caitano Miquelazzo - Ipiranga e lhe disse que era um local que tinha uma prática diferente e que existiam outros pela cidade. Na internet consegue informações sobre o CIEJA CL, e começa a se interessar a partir das publicações (o livro, vídeos, reportagens), a partir deste envolvimento decide fazer o processo seletivo	2022	Santo Eduardo (bairro da cidade de Embu das Artes - divisa com São Paulo)	Ser uma professora nova, que ao chegar ao Centro, vinha em todas as atividades diferenciadas e sempre se dispunha a participar de ações com os (as) educandos (as), ter sido Auxiliar Técnica Educacional (ATE);
10	Maria Eunice (Nice)	45	Cozinheira	Tarde e noite (3º, 4º e 5º e 6º períodos)	Através de uma funcionária da limpeza, moradora do mesmo condomínio e que tinha o filho na mesma creche, onde relatou que existia uma escola que poderia levar o filho e assim terminar consigo para estudar;	Como educanda em 2008, no decorrer do mesmo ano começa a trabalhar na limpeza, em 2010 vai para a empresa da cozinha	Parque Maria Helena	Ser a funcionária mais antiga da cozinha, ter sido da limpeza e educanda do Centro;
11	Alzira (Dona Alzira)	63	Agente de Apoio (agente de vida escolar)	Tarde e noite 3º, 4º e 5º e 6º períodos	Através de uma colega Agente de apoio na qual havia trabalhado junto na escola anterior e que tinha se removido para o CIEJA CL, após este fato começou a rastrear vagas no Centro por meio do processo anual de remoção	2018	na cidade de Taboão da Serra (divisa com São Paulo)	Ser a Agente de Apoio mais antiga do Centro

Grupo Focal 02 - Educandos, Educandas e Educandxs do CIEJA CL 2023							
Nome	**Idade**	**Agrupamento**	**Horário de estudo**	**Como conheceu o CIEJA CL**	**Ano que entrou no CIEJA CL**	**Onde mora**	**Grupo pertencente no CIEJA CL**
1 Maria Isabel de Oliveira Neri	58 anos	Acolhimento	3º período	Através de um vídeo da Internet sugerido pelo Youtube, ela se emocionou ao ver o vídeo quando viu Dona Eda e eu explicando sobre a proposta de Inclusão do CIEJA CL;	2020	Jd. Umuarama	Educanda indígena, ligada a movimentos sociais Ex-militante do MST/Assentada, saiu quando veio para São Paulo, idosa no processo de alfabetização
2 Maria Elza de Ol…dos Santos	69 anos	Acolhimento	2º período	Soube pelo filho que estava no Japão que pesquisou na internet e deu as orientações para chegar	2019	Campo de fora	Idosa no processo de alfabetização
3 Claudineia	50 anos	Liberdade	2º período	Ela queria estudar de manhã, procurou informações e foi indicada junto com o irmão pela vizinhança;	2010	Vila das Belezas	Educanda negra, antiga no CIEJA CL, participa do conselho do centro e é representante de sala
4 Magno Souza	38 anos	Alegria	1º período	quando a mãe estava doente fez com que ele quisesse voltar a estudar;	2014	?	Educando negro, com Sindrome de Down, participa desde quando entrou das oficinas do Instituto Olga Kos no CIEJA CL
5 Trifon Pereira Peres	57 anos	Transformação 2º e 6º	5º período	em 2022 conheceu um amigo de 62 anos, que estudava no CIEJA CL que fez ótima indicação e viu a oportunidade de aprender português	2022	Capão Redondo	Indígena Boliviano que frequenta o CIEJA CL para aprender português;
6 Murilo	19 anos	Respeito	2º período	Jovem que foi indicado por outra escola devido a sua idade não ser considerada na respectiva série	2021	Campo do Caju (Parque Santo Antônio)	Jovem fora da idade considerada como correta pela escola (estadual) de origem que na “adequação” da turma fez o encaminhamento para o CIEJA CL;
7 Erick	34 anos	x	x	Morava em abrigo e conheceu através do projeto transcidadania	2010	Mora na zona norte, veio para demonstrar o quanto gosta do CIEJA CL e trouxe medalhas que ganhou no Futebol	Homem trans, ex-educando do CIEJA CL (2010-2017) do projeto transcidadania, fundador do primeiro time de futebol de homens trans da cidade de São Paulo

8 José Antônio de Negreiros	89 anos (fará 90 anos em 10/08/ 2023)	Confiança	2º Período	A filha estudava no CIEJA CL, quando fizeram o convite para que ele voltasse a estudar	2022	(?)	O educando mais velho do centro em 2023, 76 anos fora da escola, evangélico praticante.
9 Bernardo	15 anos	Respeito	2º Período	Durante a pandemia sofre de ansiedade e não consegue se adequar a escola regular é indicado pela escola de origem para vir tendo em vista a metodologia diferenciada.	2022	Guarapiranga	O educando mais novo do centro em 2023,
10 Crispim	50 anos (ele não sabe ao	Confiança	6º Período	Estava com vontade de voltar a estudar, fica sabendo no bairro, que havia uma escola próximo	2010	Jd Vera Cruz (Grisson)	Educando negro, participa do Conselho, já estudou em vários períodos e já participou de vários projetos
11 Givanildo	58 anos	(?)	2º Período	Estudava em uma que teve a EJA fechada por falta de alunos, fica sabendo do CIEJA CL e pelas características de flexibilidade, horário reduzido permanece nos estudos.	(?)	Jd. Comercial	Educando negro, que já foi do período noturno e gosta muito das atividades diferenciada que o centro promove.
12 Yasmin (?)	19 Anos	Respeito	2º Período	com 15 anos engravidou, passava mal na escola, estava em depressão havia perdido a mãe recentemente e o pai não dava atenção, precisava conciliar o horário da creche do filho com os estudos, em uma escola do lado de sua casa fez a indicação para o CIEJA CL	2023	Jd. Ângela	Ascendência nipônica, estudante que parou os estudos por causa da grávidez e por causa de filho pequeno, necessita de horário da matutino para conciliar com os cuidados da família;
13 Jonas	18 anos	Transformação	2º	tinha dificuldade na leitura e escrita e na escola que estudava, não conseguia acompanhar a turma, a questão do horário que chegava tarde em casa, a madrinha de crisma indicou		Vila Clélia	educando de outra escola que tinha dificuldade de acompanhar os estudos, assim como tinha dificuldade de horário

Tabela Grupo Focal 03 - Redes de parceiros[1] tendo o CIEJA CL como centralidade/ponto nodal no território do Capão Redondo - 2023

Nome	Coletivo/ Instituição que faz parte	História de vida/História no território	Como/quando conheceu o CIEJA CL	Vínculo com o CIEJA CL	Faz parte de qual Rede	Abrangência da relação com o CIEJA CL
1 Janaína	Universidade Cruzeiro do Sul	Psicóloga - faz questão de vir ao CIEJA CL para construir propostas significativas de estágios;	através de articulação com uma colega do curso de psicologia que já havia ministrado palestra e feito parceria para estágio de 2022	Oferecimento de estágio de psicologia	Universidade	Disponibilizar alunos do curso de pedagogia das Unidades de Santo Amaro e Liberdade que moram no Capão Redondo ou aqueles/as que queiram fazer estágio em uma escola transformadora no Capão Redondo;
2 Patrícia Godoy	Instituto Olga Kos	Arte educadora, pedagoga, responsável pelo setor de memória do IOK	2012, foi a primeira parceria do instituto que conheceu o trabalho e quis investir nos projetos	Realizar oficinas de arte e dança para pessoas com deficiência	Ong's	No território do Capão Redondo, Campo Limpo, Santo Amaro/Cidade de São Paulo;
3 Nataly	SASF Capão Redondo 03	Psicóloga	2022, conheceu através de uma usuária a partir de uma discussão do seu caso pelo serviço,	Atendimento compartilhado de usuários	Assistente Social	Território Capão Redondo
4 Douglas	SASF Capão Redondo 01/ Maracatu Ouro do Congo	Pedagogo/	2018, na faculdade de pedagogia	Atendimento compartilhado de usuários	Assistente Social	Território Capão Redondo
5 Claudio	DIEJA/SME	Professor/formador	2019, logo quando chega na secretaria, vem ao CIEJA CL no seminário étnico racial	Hierarquia responsável pelo EJA na SME	EJA na SME	Cidade de São Paulo
6 Carol	Escolas 2030	Pedagoga, reside na zona oeste e é a primeira vez na zona sul; obs: não conhecia a zona sul e ficou encantada com a potência no território, esboçou a vontade até de morar por aqui, pois sentiu-se acolhida por pessoas que fazem a diferença no território	Conheceu o CIEJA Perus, ouviu falar muito bem, depois que entrou no Escolas 2030, viu que o CIEJA CL fazia parte, tentou vir para conhecer, mas foi apenas nesta roda de conversa que veio pela primeira vez;	Acompanha o grupo de Escolas transformadoras do programa que o CIEJA CL faz parte	Instituições internacionais que observam projetos transformadores no Brasil e no mundo;	cidade de São Paulo, Brasil, Global;
7 Bruna Chung	Escolas 2030	Nasceu no Rio de Janeiro e hoje mora em São Paulo obs: não conhecia a zona sul e ficou encantada com a potência no território, esboçou a vontade até	Por documentário apresentado pelo professor Elie Ghanem/USP, mas somente em 2022, veio ao CIEJA CL a partir do Fórum das Escolas 2030, no dia que estavam lideranças de várias partes do Brasil para conhecer o espaço;	Acompanha o grupo de Escolas transformadoras do programa que o CIEJA CL faz parte	Instituições internacionais que observam projetos transformadores, no Brasil e no mundo;	cidade de São Paulo, Brasil, Global;

[1] Agradeço imensamente a rede de parceiros do CIEJA CL, se fôssemos convidar todos que fazem parte, que mantemos vínculos e relações, não seria possível organizar na sala de oficina, teríamos que fazer um fórum, todavia para a pesquisa fiz o convite para aqueles e aquelas que poderiam exemplificar o tipo de relação em rede que o centro desenvolve há 25 anos, por isso como acredito na potência deste trabalho, aos nossos parceiros que não puderam vir, ou que não receberam o convite, sintam-se representados (as) nesta iniciativa. Outra ressalva é que neste dia, acontecia o projeto "Feito Por Mim" e contávamos com a presença da Dona Zilda, griot da sustentabilidade, oficineira de produtos sustentáveis e integrante do coletivo dedo verde que estava expondo no piso verde para a comunidade ciejense.

		de morar por aqui, pois sentiu-se acolhida por pessoas que fazem a diferença no território)				
8 James	DIPED/DRE CL	Morador/professor/ Responsável pela EJA no DIPED/DRE CL	Conheceu o CIEJA CL em 2014 através do núcleo da DIPED falar bastante, mas depois percebeu várias coincidências de ter tido aula com parentes da Dona Eda, assim como ministrou aulas para os seus parentes;	Responsável pela EJA na Divisão Pedagógica da DIPED da Diretoria Regional de Educação do (DRE) do Campo Limpo (CL) à qual o CIEJA CL está vinculado	Rede de escolas na EJA	Território Campo Limpo/Capão Redondo/Ângela
9 Ciça Coutinho	Dirige o Núcleo de Dança Negras Falas/Ex-Sansacroma	Artiguerrilheira/performance/atriz/dançarina/pesquisadora de dança/educação	Através da companhia Sansacroma em 2012, no quadro retratos, quando a companhia faz uma mulheragem em formato de dança para Dona Eda[2]	Através do projeto Aproxima-ação tinha como objetivo aproximar as artes dos lugares, em especial das escolas, seja com oficinas, ou levar ao público para espetáculos	Arte/Educação	Território Campo Limpo/Capão Redondo/Ângela
10 Alê Moreno	Instituto Dorcas Rodrigues e Syntese Educação Corporativa	Agrônomo, educador Apoiar escolas públicas com a tecnologia da horta como caminho para aprendizagem	Em 2022 pela pesquisadora Alcielle dos Santos, que na época pesquisava sobre gestores inovadores, tendo foco Dona Eda e Diego Elias no CIEJA CL como uma parte de sua pesquisa de doutorado;	Ajudar o CIEJA CL a transformar os seus jardins para o aniversário de 25 anos;	Escolas, Ong's, Institutos	Cidade de São Paulo;
11 Mithaly Bisacchi	Instituto Dorcas Rodrigues, Syntese Educação Corporativa	Psicóloga Facilitamos processos de aprendizagem – presencial e a distância – considerando o saber da pessoa e do grupo	Em 2022 para o projeto de transformar os jardins do CIEJA CL para o aniversário de 25 anos;	Ajudar o CIEJA CL a transformar os seus jardins para o aniversário de 25 anos;	Escolas, Ong's, Institutos	Cidade de São Paulo;
12 Duda	Syntese Educação Corporativa	Psicóloga Facilitamos processos de aprendizagem – presencial e a distância – considerando o saber da pessoa e do grupo	Nesta reunião,	visita	Escolas, Ong's, Institutos	Cidade de São Paulo;
13 Mario	SESC Campo Limpo	Gerente	Nesta reunião, pois era de outro região e assumiu o cargo no SESC CL há pouco tempo e veio para conhecer a rede;	articulação de atividades	Cultura e Educação não formal, ações no território do Campo Limpo	Território do Campo Limpo com possibilidade de visualização para a cidade de São Paulo pela rede SESC;
14 Laudo	SESC Campo Limpo	Gerente adjunto	Ouviu falar bastante, mas conheceu somente nesta reunião, pois era de outro região e assumiu o cargo no SESC CL há pouco tempo e veio para conhecer a rede;	articulação de atividades	Cultura e Educação não formal, ações no território do Campo	Território do Campo Limpo com possibilidade de visualização para a cidade de São Paulo pela rede SESC;

[2] Programa Retratos - Ed. 08 - Eda Luiz - (Cia Sansacroma) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2 KcFS 0ka-Sg. Acesso em 10/03/2023.

					Limpo	
15 Renata Pitanga	SESC Campo Limpo	Programadora Cultural	Ouviu falar bastante, mas conheceu somente nesta reunião, pois era de outro região e assumiu o cargo no SESC CL há pouco tempo e veio para conhecer a rede;	articulação de atividades	Cultura e Educação não formal, ações no território do Campo Limpo	Território do Campo Limpo com possibilidade de visualização para a cidade de São Paulo pela rede SESC;
16 Eda Luiz Tia Eda, Mãe Eda, ou simplesmente Eda	Projeto Viela, Ong São Miguel Paulista, Encontro Mundial de Escolas;	Educadora e Articuladora	Em 1998 é convidada a participar do CIEJA CL	Durante 20 anos foi Coordenadora Geral do CIEJA CL	Escolas, Ong's, Institutos,	Cidade de São Paulo, Brasil, Global;
17 Binho Padial	Sarau do Binho/Riobaldo Produções	Poeta e fundador do Sarau do Binho/Riobaldo Produções	Em 2005 a Profª Socorro levou educandos do CIEJA CL no BBinho (Bar do Binho que havia o Sarau do Binho); mas a partir de 2015 quando vim trabalhar no centro que Sarau do Binho veio realizar atividades em peso;	Desenvolvimento de ações culturais conjuntas, saraus, palestras, eventos;	Movimento da Cultura Periférica, Movimento de Saraus;	ações no território do Campo Limpo, Capão Redondo, Jd São Luiz, Cidade de São Paulo, Região Metropolitana, Brasil, Global
18 Suzi Soares	Sarau do Binho/Riobaldo Produções	Articuladora Cultural e fundadora do Sarau do Binho/Riobaldo Produções	Em 2005 a Profª Socorro levou educandos do CIEJA CL no BBinho (Bar do Binho que havia o Sarau do Binho); mas a partir de 2015 quando vim trabalhar no centro que Sarau do Binho veio realizar atividades em peso;	Desenvolvimento de ações culturais conjuntas, saraus, palestras, eventos;	Movimento da Cultura Periférica, Movimento de Saraus;	ações no território do Campo Limpo, Capão Redondo, Jd São Luiz, Cidade de São Paulo, Região Metropolitana, Brasil, Global
19 Anderson Buiú	Projeto Viela	Articulador Cultural	Em medida Socioeducativa, foi convidado por Dona Eda para participar do CIEJA CL, passou 12 anos, foi o artista que iniciou o processo de grafite pelo centro;	Parceiro, pois hoje o Projeto Viela é uma extensão do CIEJA CL, em especial por ter Dona Eda hoje como coordenadora de projetos;	Ong's, Institutos, escolas	Território do Jd. Ibirapuera, Jd. São Luiz;
20 Renato Tião	Cursinho Popular do Capão	Educador na área de Matemática	2018, quando veio atuar no Cursinho Popular do Capão, que acontece no CIEJA CL desde 2017	Ações do cursinho no espaço do CIEJA CL	Movimento de cursinhos populares	Território do Campo Limpo, Capão Redondo, Jd São Luiz, Ângela;
21 Luciana Dias	CIEJA Campo Limpo/SESC Campo Limpo	Mora no Território da Piraporinha desde quando nasceu, Professora do CIEJA CL, articuladora Cultural do SESC Campo Limpo	Há muitos anos, já desenvolveu várias atividades no CIEJA CL, pelos coletivos que participou, atua como professora no centro desde 2020;	Trabalha em sala, todavia articula ações estratégias pelo Seminário Étnico Racial, atividades culturais no território e o entrelaçamento destas redes com o SESC Campo Limpo;	Movimento da Cultura Periférica	Território Piraporinha, Capão Redondo, Campo Limpo, Cidade de São Paulo;
22 Elaine Cristina	no CCI (Falta nome)	Pedagoga, articuladora comunitária;	Em 2007	Veio trabalhar no CIEJA CL na limpeza, depois trabalhou na cozinha, já auxilia na secretaria e ficou responsável pela biblioteca e por último trabalhou de Agente de Vida Escolar auxiliando educandos com deficiência;	CCI/Território do Parque Santo Antônio;	Território do Parque Santo Antônio, Capão Redondo, M'Boi Mirim, Jd. Ângela.

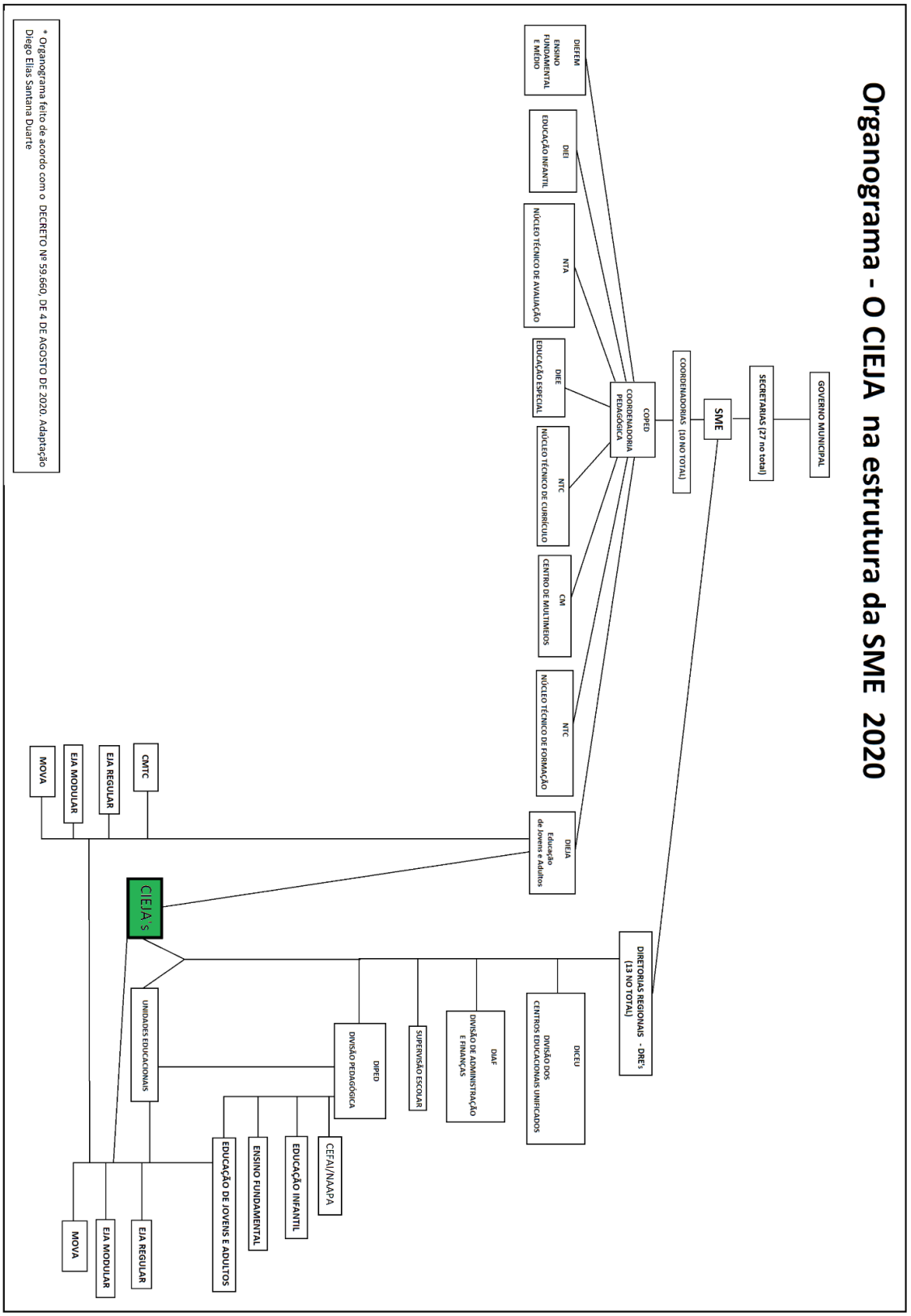
23 Dona Samira	Voluntariado	Aposentada/Voluntária/Oficineira	2010 quando inicia os trabalhos no CIEJA CL;	Agente de Apoio do CIEJA CL durante 12 anos, cuidadora dos jardins do centro, atualmente aposentada	Locais de cultura, em especial para a 3º idade;	Território Capão Redondo;
24 Luana	Faculdade Sequencial	Coordenadora do Curso de Pedagogia da Sequencial	Ouviu falar antes, pois já foi da rede, exonerou no ano passado, mas foi em 2023 que conheceu o CIEJA CL pessoalmente	Parceria com estágios, ações integradoras e a utilização do espaço da quadra	Universidade	Território Capão Redondo;
25 Lúbia	Agência Solano Trindade	publicitária	Ouviu falar antes, mas faz a visita nesta roda de conversa	A agência Solano Trindade é parceira no território para pensar atividades envolvendo a economia solidária e a alimentação orgânica	Rede da Economia Solidária;	Território Campo Limpo, Capão Redondo, Cidade de São Paulo

Anexo - 3

Periodização da EJA no Brasil	
Ano	Acontecimentos
1549	Catequização pelos Jesuítas
1824	Carta Magna que delimita a instrução gratuita para todos os cidadãos (nesta época ficaram de fora escravizados, mulheres e pessoas pobres)
1925	decreto n. 16.7821A, criação de escolas noturnas
1934	A constituição de 1934 coloca o primário para adultos
1947	Campanha da EJA com a propaganda "Alfabetização em 3 meses"
1947	Campanha de Educação de Adolescentes e adultos (CEAA)
1947	I Congresso Nacional de Educação de Adultos, com a propaganda "ser brasileiro é ser alfabetizado"
1949	A I CONFINTEA - Conferência Internacional de Educação de Adultos, em Elsinore, na Dinamarca
1958	II Congresso Nacional de Educação de Adultos (com Paulo Freire
1958 - 1961	Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA)
1960	A II CONFINTEA - Conferência Internacional de Educação de Adultos em Montreal/Canadá
1961	1° LDB uma lei N. 4.024
1963	A experiência de 40 horas de Angicos de Paulo Freire.
1963	Paulo Freire é encarregado de desenvolver o Plano Nacional de Alfabetização de adultos (PNAA)
1966	Revisão do Plano Nacional de Educação, intitulada Plano Complementar que tinha como objetivo distribuir recursos federais
1967	O MOBRAL, movimento brasileiro de alfabetização, é criado pela lei 5.379, com foco nas noções funcionais da alfabetização
Década de 1970	Expansão nacional MOBRAL - Derivação no Programa Educação Integrada - PEI, uma forma compacta do primário.
1971	A LDB, criada pela lei 5.692/71 implementa o ensino supletivo.
1972	A III CONFINTEA - Conferência Internacional de Educação de Adultos em Tóquio/Japão
1980	Paulo Freire retorna do Exílio
1985	A IV CONFINTEA - Conferência Internacional de Educação de Adultos em Paris/França
1988	O MEC cria a Fundação Nacional para a Educação de Adultos (Fundação Educar)
1988	A constituição federal coloca a oferta da EJA como obrigatória
1989	Paulo Freire é nomeado Secretário Municipal da cidade de São Paulo
1990	A UNESCO declara 1990 o ano Internacional da Alfabetização
1990	Conferência Mundial de Educação para todos, afirma que toda pessoa tem o direito à educação
1996	A LDB - n. 9394/96, afirma a gratuidade e que a obrigatoriedade da oferta pelo Estado
1997	A V CONFINTEA - Conferência Internacional de Educação de Adultos em Hamburgo/Alemanha
1999	Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos no Rio de Janeiro (deu origem aos Fóruns estaduais da EJA)
2000	Aprovado o parecer 11/2000 que trata das diretrizes curriculares nacionais para a EJA
2001	Plano Nacional de Educação (PNE) criado pela Lei 10.172 que ratifica olhar para a EJA
2003	O governo federal criou o programa Brasil Alfabetizado
2004	A educação de jovens e adultos foi incorporada a SECAD (Secretaria de Educação Continuada,

	Alfabetização e Diversidade)
2005	ProJovem, instituído pelo Decreto 11.129 de 30/06/2005
2006	ProEJA, Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade EJA e da qualificação profissional, promulgado pelo Decreto 5.840 de 13/07/2006
2007	FUNDEB, Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
2009	VI CONFINTEA realizada em Belém/Brasil
2022	VII CONFINTEA realizada em Marrakesh, no Marrocos

Anexo - 04


Organograma - O CIEJA na estrutura da SME 2020
GOVERNO MUNICIPAL
SECRETARIAS (27 no total)
SME
COORDENADORIAS (10 NO TOTAL)
COPED
COORDENADORIA PEDAGÓGICA
DIEFEM
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO
DIEI
EDUCAÇÃO INFANTIL
NTA
NÚCLEO TÉCNICO DE AVALIAÇÃO
DIEE
EDUCAÇÃO ESPECIAL
NTC
NÚCLEO TÉCNICO DE CURRÍCULO
CM
CENTRO DE MULTIMEIOS
NTC
NÚCLEO TÉCNICO DE FORMAÇÃO
DIEJA
Educação de Jovens e Adultos
DIRETORIAS REGIONAIS - DRE's (13 NO TOTAL)
DICEU
DIVISÃO DOS CENTROS EDUCACIONAIS UNIFICADOS
DIAF
DIVISÃO DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS
SUPERVISÃO ESCOLAR
DIPED
DIVISÃO PEDAGÓGICA
CEFAI/NAAPA
EDUCAÇÃO INFANTIL
ENSINO FUNDAMENTAL
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
UNIDADES EDUCACIONAIS
CIEJA's
CMTC
EJA REGULAR
EJA MODULAR
MOVA
EJA REGULAR
EJA MODULAR
MOVA
* Organograma feito de acordo com o DECRETO Nº 59.660 DE 4 DE AGOSTO DE 2020. Adaptação Diego Elias Santana Duarte